



JESSICA SORENSEN

a redenção de
Callie & Kayden

Pode o amor salvá-los?

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

A Redenção de Callie & Kayden

Título original

THE REDEMPTION OF CALLIE & KAYDEN

Copyright © 2013 por Jessica Sorensen

Ediemy Williams

SINOPSE

O segredo obscuro que Kayden manteve escondido durante anos está definitivamente revelado. Pior, ele está enfrentando graves acusações. A única maneira de limpar seu nome é fazer Callie falar a verdade, algo que ele nunca iria pedir para ela fazer. Em vez disso, ele vai fazer o que for preciso para protegê-la... Mesmo que isso signifique deixar a única garota que ele já amou.

Callie sabe que Kayden vai voltar para o seu lugar escuro e quer desesperadamente salvá-lo. Mas isso significa enfrentar seu maior medo e admitir seus próprios segredos dolorosos em voz alta. O pensamento de quebrar seu silêncio é assustador, mas não tanto quanto o pensamento de perder Kayden para sempre.

No fundo do seu coração, Callie sabe que chegou o momento para ela e Kayden esquecerem a dor do passado. Com a ajuda dos seus amigos

Seth e Luke, ela tem um plano para mostrar a Kayden a vida que poderiam ter. Mas ela pode convencê-lo de que eles podem ter um novo começo juntos, ou já é tarde demais?

*Um enorme obrigado a minha agente, Erica Silverman, e minha editora, Selina McLemore.
Eu sou eternamente grata por toda a ajuda de vocês. E para todos que lerem este livro, uma
quantidade infinita de obrigado.*

Para todos aqueles que sobreviveram.

Callie

Eu quero respirar.

Eu quero me sentir viva novamente.

Eu não quero sentir dor.

Eu quero tudo de volta, mas ele se foi.

Ouçõ cada som, cada risada, cada grito. As pessoas se movendo freneticamente ao redor da sala, mas não consigo tirar meus olhos das portas de vidro deslizantes. Há uma tempestade violenta lá fora e a chuva está martelando contra as folhas secas no concreto sujo.

Luzes piscam da ambulância se dirigindo para a porta e o brilho reflete na chuva no chão, vermelho, como sangue. Como o sangue de Kayden.

Como o sangue de Kayden por todo o chão. Tanto sangue.

Meu estômago está vazio. Meu coração está doendo. Não consigo me mover.

— Callie, — diz Seth. — Callie, olhe para mim.

Eu tiro o meu olhar das portas e olho para seus olhos castanhos cheios de preocupação. — Huh?

Ele pega a minha mão e sua pele é quente e reconfortante. — Ele vai ficar bem.

Encaro-o, forçando as lágrimas, porque eu tenho que ser forte.

— Ok.

Ele deixa escapar um suspiro e dá um tapinha na minha mão. — Quer saber? Eu estou indo ver se ele já pode receber visitas. Tem sido quase uma maldita semana. Você acha que eles vão deixá-lo receber visitantes agora? — Ele se levanta da cadeira e anda pela sala de espera lotada para a mesa da recepcionista.

Ele vai ficar bem.

Ele tem que estar.

Mas no meu coração, eu sei que ele não vai ficar bem. Claro, seus ferimentos e ossos quebrados podem se curar exteriormente. Por dentro, porém, a cura vai demorar mais tempo, e me pergunto como Kayden vai estar quando eu vê-lo novamente. Quem ele será?

Seth começa a falar com a recepcionista atrás do balcão, mas ela mal diz a hora do dia enquanto se ocupa entre ligações e o computador. Não importa, no entanto. Eu sei o que ela vai dizer - a mesma coisa que ela sempre diz. Que ele não pode receber visitas, exceto sua família. Sua família, as pessoas que o feriram. Ele não precisa da sua família.

— Callie. — A voz de Maci Owens me rasga fora do meu torpor. Eu pisco para a mãe de Kayden com uma carranca no rosto. Ela está usando uma saia lápis, as unhas estão feitas, e seu cabelo está enrolado em um enorme coque no topo da sua cabeça. — Por que você está aqui? — Ela pergunta.

Eu quase lhe pergunto a mesma coisa. — Eu vim aqui para ver Kayden.

Sento-me no banco.

— Callie, querida. — Ela fala como se eu fosse uma criança, franzindo a testa enquanto olha para mim. — Kayden não pode receber visitas. Eu disse isso alguns dias atrás.

Mas eu tenho que voltar para a faculdade em breve, — eu digo, agarrando os braços da cadeira. — Preciso vê-lo antes de ir.

Ela balança a cabeça e senta-se na cadeira ao meu lado, cruzando as pernas. — Isso não vai ser possível.

— Por que não? — Minha voz sai mais nítida do que o normal.

Ela olha em volta, preocupada que eu esteja fazendo uma cena. — Por favor, mantenha a voz baixa, querida.

— Eu sinto muito, mas preciso saber se ele está bem, — eu digo. Há tanta raiva dentro de mim. Eu nunca estive tão irritada antes e não gosto disso. — E preciso saber o que aconteceu.

— O que aconteceu é que está doente Kayden, — ela responde calmamente e, em seguida, começa a levantar-se.

— Espere. — Levanto-me com ela. — O que quer dizer com ele está doente?

Ela inclina a cabeça para o lado e me dá seu melhor rosto triste, mas tudo o que posso pensar é que esta é a mulher que deixou Kayden ser espancado por seu pai durante todos esses anos. — Querida, eu não sei como te dizer isso, mas Kayden machucou a si mesmo.

Eu balanço minha cabeça enquanto me afasto dela. — Não ele não fez.

Seu rosto fica ainda mais triste e ela parece uma boneca de plástico com olhos vidrados e um sorriso falso. — Querida, Kayden tem um problema com corte faz um tempo muito longo e isso... Bem, nós pensamos que ele estava melhorando, mas acho que nós estávamos errados.

Não, ele não fez! — Eu grito. Na verdade grito. Estou chocada. Ela fica chocada. Todos na sala de espera ficam chocados. — E o meu nome é Callie, não querida.

Seth se apressa para chegar até mim, os olhos arregalados e cheios de preocupação. — Callie, você está bem?

Eu olho para ele, depois para as pessoas ao redor do quarto. Está silencioso e todos estão olhando para mim. — Eu... Eu não sei o que há de errado comigo.

Eu bobino meus calcanhares e corro para as portas de vidro deslizante, batendo meus cotovelos quando elas não abrem rápido o suficiente. Eu continuo correndo até encontrar um grupo de arbustos em torno da volta do hospital, e então caio de joelhos e vomito tudo sobre a lama. Meus ombros tremem, meu estômago dói e as lágrimas escorrem dos meus olhos. Quando meu estômago está vazio, eu caio para trás em meus calcanhares e sento-me no chão molhado.

Não há nenhuma maneira que Kayden poderia ter feito isso para si mesmo. Mas no fundo, no centro do meu coração, eu fico pensando sobre todas as cicatrizes em seu corpo e não posso me parar, mas me pergunto: E se ele fez?

Kayden

Abro os olhos e a primeira coisa que vejo é a luz. Ela queima os meus olhos e deixa minha visão distorcida. Eu não sei onde estou. O que aconteceu? Então ouço as vozes profundas, passos, caos.

Há um sinal sonoro na máquina e ela parece combinar com a batida do meu coração enquanto ele bate no meu peito, mas soa lento demais e desigual. Meu corpo está frio - dormente - como o meu interior.

Kayden, você pode me ouvir? — Eu ouço a voz da minha mãe, mas não consigo vê-la através da luz brilhante.

— Kayden Owens, abra os olhos, — ela repete até que sua voz torna-se um zumbido roendo dentro da minha cabeça.

Eu abro e fecho as pálpebras repetidamente e, em seguida, rolo os olhos de volta na minha cabeça. Eu pisco novamente e a luz se transforma em pontos e eventualmente, em rostos de pessoas que não conheço, cada uma das suas expressões cheias de medo. Eu procuro entre eles, procurando por apenas uma pessoa, mas não a vejo em qualquer lugar.

Eu aperto minha mandíbula e forço meus lábios a se moverem. — Callie.

Minha mãe aparece acima de mim. Seus olhos estão mais frios do que o esperado e os lábios franzidos. — Você tem alguma ideia do que fez a esta família? O que há de errado com você? Não valoriza sua vida?

Eu olho para os médicos e enfermeiros ao redor da minha cama e percebo que não é medo que estou vendo, mas piedade e aborrecimento. — O que...

Minha garganta está seca como areia e forço meus músculos do pescoço para se moverem enquanto engulo várias vezes. — O que aconteceu? — Eu começo a lembrar: sangue, dor e a violência... Querendo que chegasse ao fim.

Minha mãe coloca as mãos ao lado da minha cabeça e inclinase sobre mim. — Eu pensei que nós tínhamos resolvido este problema. Eu pensei que você tivesse parado.

Eu atiro minha cabeça para o lado e olho para meu braço. Meu pulso está enfaixado e minha pele é branca com manchas azuis das veias. Há um IV conectado à parte traseira da minha mão e um clipe na ponta do meu dedo. Eu lembro. Tudo.

Encontro seus olhos. — Onde está o papai?

Seus olhos se estreitam e sua voz se abaixa enquanto se inclina para mais perto de mim. — Está em uma viagem de negócios.

Eu me assusto com o seu tom profundo. Ela nunca tinha feito nada sobre a violência quando eu estava crescendo, mas acho que eu estava com uma espécie de esperança de que talvez isso fosse acabar com seu segredo e sua necessidade de defendê-lo sempre. — Ele está em uma viagem de negócios? — Eu digo lentamente.

Um homem com um casaco branco com uma caneta no bolso, óculos, e cabelo grisalho diz algo a minha mãe e, em seguida, ele sai do quarto carregando uma prancheta. Uma enfermeira caminha até um bipe da máquina ao lado da minha cama e começa a escrever alguma coisa em uma prancheta.

Minha mãe se inclina para mais perto, lançando uma sombra sobre mim, e sussurra em um tom baixo que transmite um monte de aviso, — seu pai não vai ter qualquer parte nisso. Os médicos sabem que você cortou seus próprios pulsos e a cidade sabe que você bateu em Caleb. Você não está em uma boa posição agora e vai estar em um lugar pior se tentar trazer o seu pai para isso.

Ela se inclina um pouco para trás e pela primeira vez, eu percebo o quão grande são seus olhos. Há apenas pouca cor, exceto por um pequeno anel ao redor da borda. Ela parece possuída, pelo diabo talvez, ou pelo meu pai, mas eles são meio que a mesma coisa.

— Você vai ficar bem, — ela diz. — Todos os ferimentos não perfuraram alguma coisa importante. Você perdeu muito sangue, mas eles fizeram uma transfusão de sangue.

Eu pressiono minhas mãos na cama, tentando sentar-me, mas meu corpo está pesado e meus membros fracos. — Quanto tempo eu estive fora?

— Você já esteve fora por um par de dias. Mas os médicos disseram que é normal. — Ela começa a dobrar o cobertor em torno de mim, como se eu fosse de repente seu filho. — Eles estão mais preocupados com o porquê de você se cortar.

Eu poderia ter gritado - gritado para o mundo que não foi eu que fiz tudo isso. Que foi meu pai, que ele e eu tínhamos causado os danos. Mas, quando olho ao redor do quarto, percebo que não há ninguém aqui que realmente se importa. Estou sozinho. Eu tinha me cortado. E por um segundo eu meio que

esperava que fosse o meu fim. Que toda a dor, ódio e sentimentos de se sentir inútil, finalmente, terminariam, depois de 19 anos, iriam embora.

Ela dá um tapinha na minha perna. — Tudo bem, eu vou estar de volta amanhã.

Eu não digo nada. Apenas rolo, fecho os olhos e a boca e me deixo voltar para o conforto da escuridão que eu tinha acabado de sair. Porque agora, é melhor do que estar na luz.

CAPÍTULO 1

#62 Não quebre

Callie

Eu passo muito tempo escrevendo no meu diário. É quase como uma terapia para mim. É extremamente tarde da noite e eu estou totalmente acordada, temendo voltar para o campus amanhã de manhã e deixar Kayden para trás. Como é que eu vou deixá-lo, e seguir em frente? Todo mundo fica me dizendo que eu tenho que fazer isso, como se fosse simples como descartar uma roupa. Eu nunca fui boa em descartar roupas, no entanto.

Estou no quarto acima da garagem, sozinha, escondida na solidão com apenas a minha caneta e caderno. Eu suspiro enquanto olho para a lua e, em seguida, deixo a minha mão se mover através do papel quase por conta própria.

Não consigo tirar a imagem da minha mente, não importa o quão duro eu tente. Toda vez que fecho meus olhos, vejo Kayden, deitado no chão.

Sangue cobre seu corpo, o chão, as rachaduras, e as facas que o cercam. Ele está machucado, sangrando, rachado em pedaços.

Para algumas pessoas ele provavelmente parece que não pode ser reparado. Mas eu não posso pensar assim.

Certa vez eu estava despedaçada, destruída pela mão de outra pessoa, mas agora sinto que estou começando a me reconectar. Ou pelo menos me sinto assim. Mas quando encontrei Kayden no chão parecia que parte de mim se estilhaçou novamente. E mais de mim se partiu quando sua mãe me disse que ele fez isso para si mesmo. Ele cortou a si mesmo e provavelmente vem fazendo isso há anos.

Eu não acredito.

Não posso acreditar. Não quando eu sei sobre seu pai. Eu apenas não posso.

Minha mão para e eu espero mais por vir. Mas isso é tudo o que parece que eu preciso escrever. Deito-me na cama e olho para a lua, perguntando como eu deveria seguir em frente na vida, quando tudo o que é importante para mim está imóvel.

* * *

— Tire essa triste carranca do seu rosto, garota. — Seth está segurando meu braço enquanto nós andamos no jardim do campus.

Está frio. A chuva cai das nuvens sombrias e as calçadas estão cobertas de poças escuras. Há praticamente um rio correndo pelos telhados dos edifícios históricos que encerram o campus. A grama está molhada sob meus tênis e o clima sombrio combina com o meu humor. As pessoas estão correndo para as classes e eu só quero gritar, abrandar e esperar que o mundo me apanhe!

— Estou tentando, — eu digo, mas a minha carranca ainda permanece.

É a mesma carranca que tem estado no meu rosto desde que achei Kayden ao longo de um par de semanas atrás. As imagens ferem minha mente e meu coração como cacos de vidro. Sei que parte disso é culpa minha. Eu sou aquela que deixou Kayden descobrir sobre Caleb. Eu nem tentei negar quando ele me perguntou. Parte de mim queria que ele soubesse e parte de mim estava contente quando Luke tinha me dito que Kayden deu uma surra em Caleb.

Ele me cutuca com o cotovelo e contrai seu aperto quando eu tropeço em meus pés. — Callie, você precisa parar de se preocupar o tempo todo. — Ele me ajuda a obter o equilíbrio. — Eu sei que é difícil, mas estar sempre triste não é uma coisa boa. Não quero que você volte a ser a garota triste que eu conheci.

Eu paro de andar e piso direto em uma poça. O frio da água enche meus sapatos e absorve através das minhas meias. — Seth, eu não vou voltar a ser daquele jeito. — Deslizo meu braço para fora do seu e envolvo minha jaqueta firmemente em torno de mim. — Eu simplesmente não consigo parar de pensar em como... Ele parecia. Está preso na minha cabeça. — Está preso na minha mente. Eu não queria deixar Afton, mas minha mãe me ameaçou, dizendo que se eu falhasse no semestre ela não iria me deixar ficar em casa na pausa de Natal. Eu não tenho para onde ir. — Eu só sinto falta dele e me sinto ruim em deixá-lo lá com sua família.

— Não teria importância se você tivesse ficado. Eles ainda não iriam te deixar vê-lo. — Seth afasta seu cabelo loiro dourado dos seus olhos castanhos, me olhando com simpatia enquanto as gotas da chuva escorrem da sua cabeça para o rosto. — Callie, eu sei que é difícil, especialmente quando eles disseram que ele fez isso para... Quando ele fez isso para si mesmo. Mas você não pode quebrar ainda mais.

— Eu não estou quebrando. — A garoa da chuva, de repente muda para uma chuva torrencial e nós corremos para o abrigo das árvores, protegendo nossos rostos com os braços. Afasto as mechas úmidas do meu cabelo castanho para fora do meu rosto e enfio atrás da orelha. — Eu simplesmente não consigo parar de pensar nele. — Eu suspiro, enxugando a chuva do meu rosto. — Além disso, eu não acredito que ele fez isso para si mesmo.

Seus ombros caem enquanto ele puxa as mangas da jaqueta preta para baixo. — Callie, eu odeio dizer isso, mas... Mas e se ele fez? Eu sei que poderia ter sido o pai dele, mas e se não foi? E se os médicos estão certos? Quero dizer, eles não o mandariam para lá sem nenhuma razão.

Gotas de chuva escorrem pelos nossos rostos e meus cílios vibram contra elas. — Então, se ele fez, — eu digo. — Isso não muda nada. Todo mundo tem segredos, assim como eu. — Eu seria hipócrita se julgasse Kayden por se auto-machucar. — Além disso, eles não o mandaram para lá. O hospital o transferiu para que ele pudesse ser assistido enquanto se cura. Isso é tudo. Ele não tem que ficar lá.

Seth me oferece um sorriso simpático, mas há piedade em seus olhos. Ele se inclina para frente e me dá um beijo rápido na bochecha. — Eu sei, e é por isso que você é você. — Ele se move para trás de mim, se inclinando de lado, e estende seu cotovelo para entrelaçar com o meu. — Agora vamos, ou iremos nos atrasar para a próxima aula.

Suspirando, eu vinculo me cotovelo com o dele e nós saímos para a chuva, caminhando em direção da nossa classe.

— Talvez possamos fazer algo divertido, — Seth sugere enquanto abre a porta do edifício principal do campus. Ele me guia para o calor e deixa a porta se fechar atrás de nós. Ele solta meu braço e sacode a frente da sua jaqueta, enviando pingos de chuva em todos os lugares. — Como ir ver um filme ou algo assim. Você estava morrendo de vontade de ver... — Ele estala os dedos

algumas vezes. — Eu não me lembro como se chama, mas você falou sobre ele antes das férias.

Eu dou de ombros, agarrando o meu rabo de cavalo e apertando para que a água escorra para fora da extremidade. — Eu não consigo me lembrar. E realmente não me sinto no clima para assistir um filme.

Ele franze a testa. — Você precisa parar com esse mau humor.

— Eu não estou de mau humor, — eu digo e massageio a mão sobre meu coração. — O meu coração só dói o tempo todo.

Seus ombros se levantam e descem enquanto ele suspira. — Callie, eu...

Eu levanto minha mão e agito minha cabeça. — Seth, sei que você sempre quer me ajudar e eu te amo por isso, mas às vezes os machucados fazem apenas parte da vida, especialmente quando alguém que você se preocupa está machucado também.

Ele arqueia as sobrancelhas pelo meu deslize. — Ok então, vamos ir para a aula.

Concordo com a cabeça e o sigo até o salão. Minhas roupas estão molhadas da chuva e há água nos meus sapatos. Mesmo que esteja frio e a água encharque minhas roupas e o meu corpo, isso me faz lembrar de uma belo tempo cheio de beijos mágicos e eu preciso me segurar a isso. Porque, por enquanto, é tudo o que eu tenho.

* * *

O tempo se arrasta. Classes estão terminando, envolvendo-se para o inverno. Eu estive olhando para o meu livro de Inglês por tanto tempo que parece que meus olhos estão sangrando e as palavras parecem idênticas. Esfrego os olhos com meus dedos, fingindo que o quarto não cheira a maconha e que Violet, minha companheira de quarto, não está deitada na cama à minha frente. Ela tem estado assim nas últimas horas. Eu estaria preocupada que ela poderia estar morta, mas ela continua resmungando incoerentemente enquanto dorme.

No meio do meu estudo para o exame de Inglês, eu tenho que escrever um ensaio. Entrei para um clube de escrita criativa no início do ano, e, no final dele, eu tenho que criar três projetos: um poema, um conto, e um pedaço de não-ficção. Tanto quanto amo escrever, estou lutando com a ideia de colocar a

verdade no papel para que outras pessoas possam ler. Tenho medo do que possa acontecer se eu realmente me abrir. Ou talvez seja porque parece bobagem escrever um artigo sobre a verdade da vida quando Kayden está em uma instituição vivendo a verdade. Tudo o que digitei até agora foi: “*Onde as folhas vão por Callie Lawrence.*” Estou incerta de onde eu vou com isso.

A chuva de mais cedo congelou em flocos de neve macios que navegam a partir do céu e folhas prateadas de gelo brilham em todo o jardim do campus. Eu bato meus dedos no topo do meu livro, pensando sobre minha casa e como há provavelmente três ou quatro pés de neve e como o carro da minha mãe provavelmente está preso na garagem. Eu posso imaginar o caminhão que limpa a neve rodando nas ruas da cidade, e meu pai treinando dentro do ginásio porque é muito frio para ficar lá fora. Kayden ainda está no hospital sob supervisão porque acham que ele tentou se matar. Tem sido algumas semanas desde que aconteceu. Ele ficou inconsciente por um bom tempo pela transfusão de sangue e pelas lacerações ao seu corpo. Em seguida, ele acordou e ninguém podia vê-lo, porque ele é considerado "alto risco" e "Sob vigilância" - palavras da mãe de Kayden, não minhas.

Meu celular está na minha cama ao lado de uma pilha de folhas de estudo e uma variedade de marcadores. Eu pego-o, disco o número de Kayden, e espero pela sua mensagem de correio de voz.

— Ei, aqui é Kayden, estou muito ocupado para atender essa chamada agora, então por favor, deixe uma mensagem e poderá ter sorte que eu vá ligar de volta. — Há sarcasmo na sua voz enquanto ele acha que está sendo engraçado e eu sorrio, sentindo tanto sua falta que perfura meu coração.

Ouçõ uma e outra vez, até que eu consiga ouvir a dor escondida em seu sarcasmo, aquele que carrega seus segredos.

Eventualmente, eu desligo e pulo de volta na minha cama, desejando que eu pudesse viajar de volta no tempo e não deixar Kayden descobrir que foi Caleb que me estuprou.

— Deus, que horas são? — Violet senta-se em sua cama e pisca os olhos injetados para o relógio de couro em seu pulso. Ela balança a cabeça e afasta seu cabelo preto-vermelho para fora do seu rosto. Ela olha para fora da janela cheia de neve e, em seguida, olha para mim. — Quanto tempo eu estive fora?

Eu dou de ombros, olhando para o teto. — Eu acho que, tipo, dez horas?

Ela joga o cobertor de si mesma e sai da cama. — Porra, eu perdi minha aula de química.

— Você tem química? — Eu não queria que soasse tão rude, mas o choque dela ter pego a classe de química vem através da minha voz.

Violet e eu dividimos um quarto por três meses, e pelo que posso dizer, ela gosta de festa e gosta de caras.

Ela me dá um olhar sujo enquanto desliza seu braço através da manga da sua jaqueta de couro. — O quê? Você acha que eu não posso me divertir e ser inteligente?

Eu balanço minha cabeça. — Não, não é isso que eu quis dizer. Eu só...

— Eu sei o que você quis dizer, o que você pensa de mim, e o que todo mundo pensa. — Ela pega sua bolsa do balcão, fareja sua camisa, e encolhe os ombros. — Mas um conselho: Talvez você não devesse julgar as pessoas pela aparência.

— Eu não estou, — eu digo a ela, sentindo-me mal. — Sinto muito se você acha que eu te julguei.

Ela recolhe o celular da mesa e joga-o em sua bolsa, então se dirige para a porta. — Escute, se um cara chamado Jesse vier por aqui, você pode fingir que não tem me visto durante todo o dia?

— Por quê? — Eu pergunto, sentando-me.

— Porque não quero que ele saiba que eu estive aqui. — Ela abre a porta e olha para trás sobre seu ombro. — Deus, você tem sido um pouco difícil recentemente. Quando te conheci, pensei que você fosse meio capacho. Mas ultimamente, você tem sido uma espécie de mal-humorada.

— Eu sei, — eu digo em voz baixa, com meu queixo dobrado para baixo. — E eu sinto muito. Acabei de ter uma semana ruim.

Ela faz uma pausa na porta, olhando-me de novo. — Você... — Ela desloca o peso, parecendo desconfortável. Tudo o que ela está tentando dizer parece ser difícil para ela. — Você está bem?

Concordo com a cabeça e algo cruza sobre seu rosto, talvez dor, e por um segundo eu me pergunto se Violet está bem. Mas então ela dá de ombros e sai, batendo a porta atrás dela. Eu libero um suspiro alto e deito-me na cama. A

necessidade de enfiar o dedo na minha garganta e tirar os sentimentos pesados do meu estômago está me matando. Droga. Eu preciso de terapia. Pego meu celular sem sentar-me e disco o número do meu terapeuta, também conhecido como Seth, e meu melhor amigo no mundo todo.

— Eu te amo até a morte, Callie, — diz Seth quando atende a chamada depois de três toques. — Mas acho que estou preste a ter sorte, então é melhor que seja importante.

Eu enrugo meu nariz enquanto o calor sobe meu rosto. — Não é... Eu só queria saber o que estava acontecendo. Mas se você está ocupado, eu vou deixá-lo em paz.

Ele suspira. — Eu sinto muito, saiu muito mais rude do que planejei. Se você realmente precisar de mim, eu posso totalmente conversar. Você sabe que é minha primeira prioridade.

— Você está com Greyson? — Pergunto.

— Claro, — ele responde com humor em seu tom. — Eu não sou um homem-puta.

Um riso desliza através dos meus lábios e eu estou espantada com o quanto me sinto melhor só de falar com ele. — Eu prometo que estou bem. Estou apenas entediada e estava à procura de uma fuga do meu livro Inglês. — Enfio o livro para fora da cama e rolo para o meu estômago, sustentando-me em meus cotovelos. — Eu vou deixar você ir.

— Você está realmente, realmente bem, certo?

— Estou cem por cento bem. Agora vá se divertir.

— Oh, confie em mim. Eu estou planejando isso, — ele responde e eu rio, mas meu estômago dói. Eu começo a desligar quando ele acrescenta, — Callie, se você precisa sair com alguém, você poderia chamar Luke... Vocês meio que atravessaram a mesma coisa. Quero dizer, sentem falta de Kayden e realmente entendem.

Eu mordo minhas unhas. Eu passei um tempo com Luke, mas ainda fico desconfortável com homens, exceto Seth. Além disso, as coisas estão estranhas entre Luke e eu, porque não falamos oficialmente sobre o que aconteceu com Kayden. É o elefante branco na sala, o maciço, triste, com o coração partido elefante. — Eu vou pensar nisso.

— Bom. E se você fizer isso, certifique-se de perguntar sobre o que aconteceu ontem na classe do Professor McGellon.

— Por quê? O que aconteceu?

Ele ri maliciosamente. — Basta perguntar a ele.

— Tudo bem... — Eu digo, sem saber se realmente quero. Se Seth acha que é engraçado, em seguida, há uma boa chance do que aconteceu poder envergonhar-me. — Divirta-se com Greyson.

— Você também, baby girl, — ele diz e desliga.

Eu clico em DESLIGAR e percorro os meus contatos até chegar no número de Luke. Meu dedo paira sobre o botão LIGAR por uma eternidade e então eu amarelo e deixo o celular cair sobre a cama. Eu me levanto e deslizo sobre meus Converses - manchados com tinta verde - porque eles me fazem lembrar de um momento feliz na vida. Eu fecho meu casaco, coloco o meu celular no bolso, e pego meu diário e vou para fora.

Está mais frio do que um freezer, mas ando sem rumo pelo campus vago antes de finalmente tomar um assento em um dos bancos. Está nevando, mas os galhos das árvores criam um dossel acima da minha cabeça. Abro meu diário, puxo a parte superior do meu casaco por cima do meu nariz, e começo a rabiscar meus pensamentos, derramando meu coração e alma nas folhas de papel em branco, porque isso é terapêutico.

Lembro-me do meu décimo sexto aniversário, como gosto de adicionar. Está lá, trancado em minha cabeça sempre que eu precisar dele, embora eu não use-o muitas vezes. Foi o dia em que aprendi a dirigir. Minha mãe sempre tinha sido realmente estranha sobre deixar meu irmão e eu, perto qualquer lugar próximo ao volante de um veículo até que tivéssemos idade suficiente para dirigir. Ela disse que era para nos proteger de nós mesmos e dos outros motoristas. Eu me lembro de pensar como era estranho, ela querer protegernos, porque havia tantas coisas, enormes - coisas que mudaram nossas vidas e ela nunca nos protegeu. Como o fato do meu irmão ter estado fumando maconha desde que tinha quatorze anos. Ou o fato de que Caleb me estuprou no meu próprio quarto quando eu tinha doze anos.

Lá no fundo, eu sabia que não era culpa dela, mas o pensamento sempre passou pela minha mente: Por que ela não tinha me protegido?

Então, aos dezesseis anos, eu finalmente consegui sentar no banco do motorista pela primeira vez. Eu estava apavorada e minhas mãos suavam tanto que eu mal podia segurar o volante. Meu pai também estava no caminhão e eu mal conseguia ver por cima do painel.

— Não podemos por favor apenas dirigir o carro da mamãe? — Eu pergunto ao meu pai enquanto giro a chave na ignição.

Ele afivela o cinto de segurança e balança a cabeça. — É melhor aprender no cão grande em primeiro lugar, depois dirigir em um carro vai ser um pedaço de bolo.

Eu afivelo meu próprio cinto de segurança e limpo as palmas das mãos suadas na frente da minha calça jeans.

— Sim, mas eu mal consigo ver sobre o volante.

Ele sorri e me dá um tapinha no ombro. — Callie, eu sei que a condução é assustadora, como a vida. Mas você é perfeitamente capaz de lidar com isso; caso contrário eu não iria deixá-la fazer isso.

Eu quase quebrei e disse a ele o que aconteceu comigo em meu décimo segundo aniversário. Eu quase disse a ele que eu não poderia lidar com isso. Que eu não poderia lidar com qualquer coisa. Mas o medo me assombrou e eu apertei o acelerador e dirigir o caminhão para frente.

Acabei atropelando a caixa de correio do vizinho e provando que meu pai estava errado. Eu não tive permissão para dirigir nos próximos meses e estava feliz por isso. Porque para mim a condução significava que eu estava crescendo e eu não queria crescer. Eu queria ser uma criança. Queria ter 12 anos de idade e ainda ter a emoção da vida e garotos, beijos e paixões na minha frente.

— Foda-se, está congelando aqui fora.

Minha cabeça se vira ao som da voz de Luke e eu rapidamente fecho meu diário. Ele está a poucos passos de mim com as mãos enfiadas nos bolsos da sua calça jeans e o capuz da sua jaqueta azul escura puxado sobre sua cabeça.

— O que você está fazendo aqui? — Eu pergunto, deslizando minha caneta na espiral do diário.

Seus ombros sobem e descem enquanto ele encolhe os ombros e, em seguida, se senta ao meu lado. Ele estica as pernas para frente e cruza os

tornozelos. — Eu recebi uma ligação aleatória de Seth me dizendo que eu deveria vir aqui e checar você. Que você poderia precisar ser animada.

Meu olhar varre o jardim do campus. — Às vezes eu me pergunto se ele tem câmeras de espionagem por todo o lugar. Ele parece saber de tudo, sabe.

Luke balança a cabeça em concordância. — Ele sabe.

Devolvo o aceno de cabeça e, em seguida, ficamos em silêncio. Flocos de neve caem em frente dos nossos rostos. Eu me pergunto por que ele está realmente aqui. Será que Seth disse a ele que eu precisava ser checada?

— Você quer ir à algum lugar? — Luke descruza os tornozelos e senta-se em linha reta. — Eu não sei quanto a você, mas eu poderia realmente sair deste lugar.

— Sim. — Eu nem sequer hesito, o que me surpreende. Será que isso quer dizer que eu estou começando a resolver meus problemas de confiança?

Ele sorri genuinamente, mas há intensidade em seus olhos; algo que estava sempre lá. Eu costumava me sentir intimidada por ele, mas agora eu o conheço. Além disso, acho que ele se esconde por trás de algo, talvez medo, solidão, ou a dor da vida.

Enfio meu diário debaixo do meu braço e nós começamos a nos levantar. Nós caminhamos pelo pátio do campus, indo em direção ao desconhecido, mas eu acho que está tudo bem por enquanto. Eu vou saber para onde estou indo quando chegar lá.

CAPÍTULO 2

#22 Tome uma decisão que te assuste

Kayden

Sempre que fecho meus olhos, tudo o que vejo é *Callie. Callie. Callie. Callie.* Eu posso quase sentir a suavidade da sua pele e cabelo, seu gosto, sentir o cheiro do seu xampu. Eu sinto falta dela pra caralho que mal não consigo respirar às vezes. Eu gostaria de poder dormir para sempre, apenas para que eu pudesse agarrar a única coisa que me faz feliz. Mas, eventualmente, tenho que abrir os olhos e encarar a realidade que coloquei à mim mesmo.

A tortura.

Os machucados.

O que resta da minha vida.

Eu provavelmente não mereço pensar sobre Callie, não depois do que fiz, depois que ela me encontrou... Assim. Ela sabe meu segredo agora, o mais escuro que tenho escondido dentro de mim desde que era criança, o que é a maior parte de mim. A pior parte é que ela não ouviu isso de mim. Ela ouviu da minha mãe.

É o melhor, no entanto. Callie pode continuar vivendo sua vida e ela pode ser feliz sem ter que lidar com os meus problemas. Eu vou ficar aqui e manter meus olhos fechados e me apegar a memória dela o tanto que eu puder, porque isso é o que me mantém respirando.

Eu nunca tive medo da morte. Meu pai começou a bater a merda fora de mim quando eu era jovem e uma morte precoce sempre meio que pareceu inevitável. Então Callie entrou em minha vida e minha aceitação de uma morte precoce foi destruída. Eu tenho medo da morte agora, algo que percebi depois que cortei meus pulsos. Lembro-me de ver o sangue pingando no chão e, em seguida, olhar para a faca ensanguentada na minha mão. Toda dúvida e medo

tinham lavado através de mim e eu me arrependi. Mas já tinha sido feito. Enquanto eu estava deitado no chão, tudo o que podia ver era o rosto triste de Callie quando ela ouvisse a notícia de que eu estava morto. Não haveria ninguém para protegê-la do mundo se eu fosse embora. E ela precisava de proteção, merecia mais do que ninguém. E eu era um fodido que não podia mais dar isso.

Cerca de duas semanas após o incidente, fui transferido para a clínica Brayman, que não é muito melhor que o hospital. É localizado ao longo do lado da cidade, perto de um depósito de lixo e um parque velho. O quarto é vazio, com paredes brancas simples, sem decorações e um piso de linóleo manchado. O ar cheira um pouco menos esterilizado, mas o odor do lixo deriva para meu quarto às vezes. Estive aqui por apenas alguns dias e não tenho certeza de quando vou estar pronto para sair ainda. Eu não sei sobre um monte de coisas.

Estou deitado na cama, o que faço muito, olhando pela janela, me perguntando o que Callie está fazendo agora. Espero que algo divertido que a faça feliz e sorrir.

Está quase na hora do meu check-up, então eu lentamente sento-me na cama, colocando minha mão sobre meu lado onde está costurado. A faca milagrosamente não perfurou os meus órgãos e foi realmente o menos grave das minhas lesões. Tive sorte. Isso é o que todos me diziam. Eu também tenho sorte de não ter cortado quaisquer artérias principais no meu pulso.

Sorte. Sorte. Sorte.

A palavra continua se repetindo ao redor, como se todo mundo estivesse tentando me lembrar de como a vida é preciosa. Não acredito em sorte embora, e nem tenho certeza se acredito que sobreviver significa que tenho sorte.

Várias vezes, enquanto estava no hospital, pensei sobre dizer a alguém o que realmente aconteceu, mas estava tão dopado em analgésicos que não consegui limpar a minha cabeça o suficiente para tentar algo. Quando o nevoeiro no meu cérebro finalmente clareou, vi qual era a situação. Eu tinha chutado o traseiro de Caleb, eu era considerado instável, e as cicatrizes no meu corpo levantaram preocupação com auto-mutilação. Eu estaria indo contra

meu pai e perderia, como sempre perco. Não havia nenhum ponto em dizer a ninguém o que realmente aconteceu. As pessoas só veem o que querem.

A enfermeira entra no meu quarto com uma prancheta na mão e um alegre sorriso em seu rosto. Ela é mais velha, com cabelos loiros e a raiz escura, e sempre tem uma marca de batom vermelho em seus dentes.

— Como está hoje, hun? — Ela pergunta em voz alta, como se eu fosse uma criança. É o mesmo tom que os médicos usam comigo, porque eu sou o garoto que tentou cortar os pulsos e, em seguida, esfaqueou-se com uma faca de cozinha.

— Eu estou bem, — respondo e tomo as pequenas pílulas brancas que ela me oferece. Eu não sei para que elas são, mas acho que são algum tipo de sedativos, porque cada vez que engulo uma, fico dentro e fora de consciência. O que é bom. Ela entorpece a dor, e isso é tudo o que eu tenho sempre quis.

Dez minutos após as pílulas irem na minha garganta, a sonolência me assume e me deito na cama. Estou prestes a adormecer quando o cheiro familiar de perfume caro queima em minhas narinas. Eu aperto meus olhos fechados. Não quero falar com ela e fingir que está tudo bem e que o meu pai não me esfaqueou. Eu odeio fingir que ela não sabe e que está preocupada comigo.

— Kayden, você está acordado? — Ela pergunta em um tom sedado, o que significa que está chapada com alguma coisa.

Ela cutuca meu braço com a ponta da unha e o gesto é áspero e arranha minha pele. Aperto os olhos e cruzo os braços, desejando que ela raspasse mais forte, cortasse a pele e apagasse tudo o que estou sentindo.

— Kayden Owens. — Sua voz sai aguda, é como unhas em um quadro-negro. — Escute, eu sei que você não quer ouvir isso, mas é tempo de ajeitar suas coisas. Levante-se, comece a comer melhor, e prove aos médicos que você está bem para voltar para casa.

Eu não digo nada e não abro meus olhos. Acabo ouvindo o meu batimento cardíaco. Thump, thump. Thump, thump.

Sua respiração acelera. — Kayden Owens, eu não vou deixar você arruinar a reputação desta família. Agora concerte essa bagunça. — Ela pega o

cobertor e arremessa-o de cima de mim. — Levante-se, vá para a terapia, e prove que você não é uma ameaça para si mesmo.

Minhas pálpebras gradualmente se abrem e viro minha cabeça em direção a ela.

— E sobre o papai? Ele ainda é uma ameaça para mim?

Ela parece como merda, círculos escuros sob seus olhos e está usando uma quantidade pesada de maquiagem para tentar encobri-lo. Usando um vestido vermelho extravagante, com joias e um casaco de pele, sua elaborada fachada para esconder a sua vida feia. — Seu pai não fez nada de errado. Ele só estava chateado com o que você fez.

— Você quer dizer por eu ter batido a merda fora de Caleb, — Eu esclareço enquanto pressiono minhas mãos na cama, me esforçando, e inclinndo-me contra a cabeceira.

Seus olhos ficam frios. — Sim, eu quero dizer isso. Entrar em brigas é inaceitável. Você tem sorte de que Caleb está bem. Embora ele ainda estar decidindo se vai prestar queixas. Seu pai está tentando fazer um trato com ele.

— O quê? — Parece como se mil agulhas afiadas deslizassem debaixo da minha pele. — Por quê?

— Porque nós não vamos deixar você arrastar a reputação desta família para o ralo com a sua vida patética. Estamos tentando manter tudo tão tranquilo quanto pudermos.

— Então você está subornando-o com dinheiro, — eu digo através dos dentes cerrados. Porra. Eu quero bater em alguma coisa dura, enfiar meu punho em uma parede de metal, dividir meus dedos, e vê-los sangrar. Não quero que meu pai cuide disso. Eu não quero lhe dever nada.

Ele vai cobrar para o resto da minha vida. Porra. Esta situação está tão confusa.

— Sim, com dinheiro, — ela se inclina e pega um compacto de maquiagem da sua bolsa. — O suado dinheiro do seu pai, o que você deve ser muito grato.

— Vamos deixar Caleb prestar queixa. — Eu honestamente não me importo mais.

Quase cada parte de mim morreu e o que ainda está vivo está apenas esperando até a próxima incisão.

— Eu não dou à mínima. Seria melhor do que deixar o papai pagá-lo.

Ela verifica seu reflexo, apertando os lábios, e, em seguida, fecha o compacto. — Você é tão ingrato. — Ela caminha em direção à porta, os saltos altos estalando contra o linóleo sujo. — É a criança mais frustrante no mundo. Seus irmãos nunca me deram problemas assim.

Isso porque eles escaparam durante a tempestade e foram para o tornado. — Eu não sou uma criança. — Eu giro de lado e fecho meus olhos. — Eu nunca fui realmente uma criança.

Os cliques dos seus saltos param. Ela espera, como se esperasse que eu dissesse alguma coisa ou ela mesma fosse dizer, mas então o barulho volta novamente e logo ela está no corredor. Eu deixo a dormência da pílula escapulir para o meu corpo e me arrastar para o escuro.

A última coisa que vejo antes de ficar inconsciente são os mais belos olhos azuis que eu já vi, e uma garota com cabelos castanhos. A única garota que já possuiu meu coração e eu me agarro a imagem com todas as forças que tenho. Caso contrário, eu provavelmente perderia a vontade de respirar.

Callie

— Eu tenho uma pergunta rápida, — digo a Luke. Estamos de pé em frente à entrada para uma pequena pista de gelo, se preparando para irmos patinar sobre o gelo, algo que nós dois nunca fizemos, (que admitimos um ao outro no caminho até aqui). Não está muito cheio, mas existem alguns casais que patinam de mãos dadas e uma menina recebendo aulas no centro. — O que aconteceu na classe do Professor McGellon?

Luke balança a cabeça enquanto passa a mão sobre seu raspado cabelo castanho. — Será que Seth te contou isso?

Curvo-me para apertar o cadarço do meu patim. — Ele mencionou no telefone que eu deveria perguntar.

Ele revira os olhos quando eu me levanto. — Você realmente quer saber?

Hesito na nota de advertência em seu tom, mas decido ser um pouco teimosa e aceno com a cabeça. — Sim. Eu acho.

— Eu fui pego fazendo... Algumas coisas em sua classe. — Ele sai da pista e mergulha a ponta do patim para baixo, assim a lâmina corta o gelo. — Com uma garota.

Seth e sua necessidade de me empurrar para fora da minha zona de conforto. Eu estou corando, mas ajo como se fosse apenas por causa da temperatura gelada, acrescentando um arrepio no meu corpo. — O professor flagrou vocês?

Ele avança para a frente e os joelhos oscilam quando ele gira em direção ao meio da pista, onde uma menina está girando em círculos com as mãos acima da sua cabeça. — Não, Seth.

Eu aperto a parede e deslizo no gelo, decidindo que é provavelmente melhor mudar de assunto antes que meu rosto pegue fogo. — Então, isto é o que as pessoas fazem para se divertirem? — Com minhas mãos para o meu lado e minhas palmas planas, eu tento manter meu equilíbrio enquanto deslizo meus pés em toda a pista.

Luke tem as mãos estendidas para o lado de si mesmo, e seus joelhos dobrados enquanto ele patina em ziguezague. — Isso é o que me foi dito, — ele diz e se agarra a parede quando tropeça.

— Quem diria isso? — Eu me seguro à parede por suporte, meus joelhos começam a tremer e permaneço lá brevemente para permitir que as pobres pessoas atrás de mim possam patinar.

Ele sorri enquanto seus pés fazem um movimento circular contra o gelo. — Por uma garota quente que fiquei na outra noite. Ela insistiu que precisávamos patinar no gelo.

Eu inalo uma respiração profunda e luto contra outro rubor através do meu rosto. — Por que você não a trouxe para cá, então?

Ele solta uma risada. — E qual seria a diversão nisso? Eu gosto de sair com você, Callie. É relaxante. — Ele empurra seus pés ao longo do gelo e tenta patinar para trás, mas tropeça e bate os pés na parede. Sua mão se atira para frente e ele agarra a borda de plástico.

— Você está bem? — Eu seguro uma risada enquanto seus olhos se abrem.

— Você acha isso engraçado? — Ele se equilibra em seus pés e, em seguida, com muito pouca coordenação, patina em minha direção com os joelhos batendo juntos e os braços arremessando para o lado.

Eu seguro uma risada, movendo os pés para dentro e para fora, indo para trás, para ficar longe dele. — Eu pensei que os jogadores de futebol deveriam ser coordenados.

Seus lábios se curvam em um sorriso e ele pisca para mim. — Na grama, Callie. Um jogador de futebol não precisa gastar muito tempo no gelo.

— Como cerca de um estúdio de balé, — Eu provoco. — Eu ouvi que às vezes vocês gostam de rodopiar e apontar seus dedos no... — Eu aponto o dedo para o ar e rio.

Ele balança a cabeça, rolando sua língua em sua boca para forçar um sorriso de volta. — Sabe, o Kayden estava certo sobre você. Você pode ser meio arrogante quando quer.

Meu coração afunda para o meu estômago e o rosto de Luke cai. Nós dois ficamos ali, imóveis, e os meus pensamentos se dirigem para Kayden.

Eu tropeço para o portão para me sentar em um banco. — Eu acho que preciso de uma pausa. Não me sinto muito bem nisso, — eu digo, mudando de assunto.

— Nem eu. — Luke patina para a saída, derrapando contra o gelo enquanto me segue para fora da pista. Ele toma um assento ao meu lado no banco e estica as pernas para frente.

Por um tempo, apenas olhamos para os outros patinadores, observando-os rirem, sorrirem, caírem, e se divertirem. Parece que eles estão tendo um grande momento, e eu os invejo. Quero me divertir também, mas com Kayden. Eu o quero aqui comigo.

— Então, você já ouviu falar dele? — Luke pergunta casualmente, olhando para o outro lado da pista de gelo.

Eu olho para ele, franzindo minha testa. — Quem? Kayden?

Ele acena com a cabeça uma vez sem fazer contato visual. — Sim.

Eu solto um suspiro e sopro na frente do meu rosto em uma nuvem de fumaça acinzentada. Mesmo que seja uma pista coberta, ainda é tão frio como

está lá fora. Eu tenho o meu casaco e luvas, juntamente com o capuz sobre a minha cabeça, e ainda assim estou congelando até os ossos. Ou talvez o frio seja a partir da direção da conversa.

— Não, — eu murmuro, prendendo meu olhar sobre um jovem casal patinando lado a lado. Eles parecem felizes e se eu olhar por tempo suficiente, posso alterar os seus rostos para o do Kayden e o meu. — Eu não ouvi qualquer coisa, exceto as últimas fofocas da minha mãe.

Luke se inclina e segura o cadarço de um dos seus patins. — E qual é a última fofoca?

Eu engulo o caroço enorme na minha garganta. — É que Kayden está em uma instalação sob vigilância.

Ele inclina a cabeça para o lado e olha para mim. — Porque eles acham que ele fez isso para si mesmo? — Não há insinuação em seu tom. Ele sabe o que eu sei: que o pai de Kayden é um monstro maligno que poderia ter esfaqueado seu filho.

Eu tentei falar com minha mãe sobre isso, mas ela me disse que não era da nossa conta. Ela está com raiva dos Owens porque Kayden bateu em Caleb. Eu deveria ter dito a ela o porquê... Eu queria, mas às vezes querer não é suficiente.

Quando finalmente tomei coragem de ir dizer a ela, foi logo após a mãe de Kayden ter me dito que ele se cortou. Minha mãe estava sentada na mesa da cozinha comendo uma tigela de cereal enquanto lia o jornal.

— Mãe, eu tenho que te dizer uma coisa, — eu digo, tremendo a partir da cabeça aos pés. Eu tinha acabado de entrar, então finjo que era por isso, mas realmente era por causa dos meus nervos.

Ela olha para cima do seu cereal, segurando a colher dentro da tigela. — Se é sobre Kayden, eu já sei.

Sento-me à mesa em frente a ela. — Eu sei o que você provavelmente já ouviu falar, mas acho que ele não fez isso para si mesmo.

Ela mexe o cereal com a colher e linhas se formam em torno dos seus olhos. — O que você está falando, Callie?

— *Eu estou falando... Estou falando sobre o que aconteceu com Kayden. — Eu cruzo os braços sobre a mesa e fecho minhas mãos em punhos. — E por que ele está no hospital.*

As linhas desaparecem dos seus olhos enquanto ela franze a testa. — Oh, eu não me importo com isso. Estou falando sobre o que ele fez com Caleb.

Meu coração se aperta ao som do nome de Caleb e queria gritar com ela por dizer isso. — Isso não foi culpa dele.

Ela balança a cabeça e agarra sua tigela quando se levanta.

— *Olha, eu sei que você se preocupa com ele, Callie, mas ele obviamente tem um temperamento ruim. — Ela caminha até a pia e coloca a tigela na mesma. — Você precisa ficar longe dele.*

Eu me empurro para trás da mesa e meus joelhos tremem. — Não.

Ela se vira e a frieza em seus olhos me fazem lembrar do motivo que eu não poderia dizer as coisas a ela, porque ela sempre olharia para o assunto com seu próprio ponto de vista. — Callie Lawrence, não fale comigo desse jeito.

Eu balanço a cabeça, recuando em direção à porta. — Eu vou falar assim quando você estiver errada.

Seus olhos se arregalam, chocados. Eu nunca tinha falado com ela desse jeito. — O que há de errado com você? Será que é porque você esteve pendurada em torno de Kayden? Eu aposto que é por isso.

— *Algumas semanas atrás, você estava tão feliz que estávamos juntos, — eu digo, segurando a maçaneta da porta.*

— *Isso foi antes de eu saber do que ele é capaz, — ela diz. — Eu não quero que você saia mais com ele. E, além disso, você deveria estar do lado de Caleb em tudo isso. Ele tem sido parte dessa família há mais tempo.*

Um vento frio passa pelo meu corpo, ainda quente de raiva rasgado dos meus dedos do pé e chegando a minha boca. — Você nem sabe a história toda! E nem se importa o suficiente para perguntar! — Eu não tinha certeza do que estava me referindo mais, mas não fico tempo suficiente para descobrir. Abro a porta dos fundos e corro para fora na neve.

Ela não me segue e eu não fico surpresa. Eu nunca esperaria nada mais dela.

— *Terra para Callie. — Luke acena uma mão na frente do meu rosto e eu vacilo. — Você ouviu o que eu perguntei? Sobre Kayden?*

— Sim. — Eu pressiono meus lábios, passo o dedo através dos cadarços, e começo a desata-los. — Isso é o que todo mundo está dizendo, que ele se cortou.

Agarrando entre a lâmina e a parte inferior do patim, ele o tira, depois atira para o lado, e estende os dedos dos pés. — Você não acredita nisso, não é?

Parte de mim acredita, sempre que penso sobre aquela noite quando Kayden e eu tivemos relações sexuais, havia todos aqueles cortes frescos em seus braços. Eu não pensei sobre isso na época, mas elas poderiam ter sido marcas de ferimentos auto infligidos. Mas não acredito que ele esfaqueou a si mesmo.

— Eu acho que pode ter sido o pai dele. — Dizer isso em voz alta muda tudo, faz com que seja real, verdadeiro. Estou sem fôlego, não só por causa da ideia do pai de Kayden esfaqueá-lo, mas porque Kayden não disse nada e dói pensar sobre o que seu silêncio poderia significar. Eu sei que a dor faz com que esse tipo de caminho silencioso seja bom.

Luke tira seu outro patim, então relaxa de volta no banco e cruza os braços. — Sabe, eu me lembro quando éramos crianças, Kayden costumava dormir na minha casa o tempo todo. Eu sempre pensei que era estranho, porque ele queria ficar na minha casa e não na dele. A minha era um maldito buraco de merda e a minha mãe era fodidamente louca. Eu não entendia, até a primeira vez que fiquei na casa dele.

Eu quero saber por que ele acha que sua mãe é louca, mas a tensão em seu queixo indica que não devo perguntar. — O que aconteceu?

Ele retira as luvas, e coloca-as no bolso da sua jaqueta. A intensidade em seus olhos castanhos carrega a gravidade que ele está prestes a me dizer. — Eu quebrei um copo. Não de propósito, mas ainda sim a porra do copo foi quebrado e isso é tudo o que importava. Eu me lembro que quando aconteceu, Kayden surtou. Nós tínhamos dez e eu não o entendia. Era um maldito copo, certo?

Ele exala alto e eu noto que suas mãos têm um ligeiro tremor. — De qualquer forma, Kayden entrou em pânico e gritou para eu pegar uma vassoura do armário de armazenamento. Então eu fui pegar, mas não estava no armário de armazenamento. Então eu comecei a procurar em todos os lugares e, finalmente encontrei no armário do corredor. Neste ponto, eu pude

ouvir gritos vindos da cozinha. — Ele faz uma pausa e seus músculos da garganta se movem enquanto engole em seco.

Eu percebo que as minhas próprias mãos estão tremendo e meu coração martelando dentro do meu peito. — O que aconteceu? Quando você voltou para a cozinha?

Ele olha para o outro lado da pista. — Kayden estava no chão e seu pai estava de pé acima dele, com seu joelho dobrado, como se estivesse se preparando para chutá-lo. Kayden tinha sangue por todas as mãos, porque ele estava rastejando através dos cacos tentando pegá-los. Ele tinha um enorme corte no rosto e havia um pedaço do copo na mão do seu pai. — Ele faz uma pausa. — Kayden negou que seu pai fez algo com ele, mas eu pude entender tudo.

Eu respiro pelo nariz e outra vez, lutando contra as lágrimas. — Alguma vez ele lhe disse a verdade?

— Sobre aquele dia? — Ele balança a cabeça. — Mas houve uma vez que eu estava lá e ele entrou em uma enorme discussão com seu pai e ele lhe bateu na minha frente, então depois disso o gato estava fora do saco.

Eu mexo meu pé para fora dos patins, fecho os olhos e deixo meus pulmões se expandirem enquanto o ar frio enche-os. — Você já se sentiu culpado por não dizer nada?

Ele fica quieto por um tempo longo, e quando eu abro meus olhos, ele está me observando. — Todo o maldito tempo, — ele diz com fogo em seus olhos.

Há um momento em que Luke e eu estamos ligados por uma peça de fio que está desgastado, fino e muito frágil. Então ele fica de pé, recolhe seus patins pelo cadarço, e caminha para o armário onde estão os nossos sapatos. Eu o sigo, agarrando meus patins antes de levantar do banco. Nós colocamos nossos sapatos e caminhamos para a sua caminhonete, não falamos nada, permitindo que a culpa se infiltre em nossos corpos já aquecidos. Ele liga sua caminhonete velha maltratada, mas para quando está prestes a empurrar a alavanca da engrenagem.

— Talvez devêssemos ir vê-lo, — ele diz e empurra a marcha para frente na estrada. Ele gira o volante para a direita e aumenta o aquecedor antes de sair

para fora da vaga de estacionamento. — Eu tenho apenas mais uma aula antes das férias de Natal, mas posso faltar. Já fiz a prova final.

— Mas eles não estão deixando ninguém vê-lo, exceto a família. — Eu lembro-o, dobrando meu braço e inclinando-o para trás. — Pelo menos é isso o que minha mãe me disse quando eu liguei para ela ontem. Disse que Maci disse a ela que não estão permitido visitantes, com exceção dela e que ele não pode nem mesmo falar ao telefone.

Seu olhar fixa em mim quando ele para a caminhonete na saída e depois olha para os dois lados na rua vazia. — Você acredita nela?

Eu puxo o cinto de segurança para baixo e coloco-o, e então meus ombros levantam e caem. — Eu não sei. Maci Owens é um monte de coisas, mas por que ela mentiria sobre isso?

— Para encobrir o que realmente aconteceu. — A caminhonete ruge quando ele entra na estrada principal que está escorregadia por causa da neve. Está tarde, o céu é cinza, e os postes de luz que revestem a rua destacam os flocos que caem do céu.

Eu estou prestes a dizer que sim, vamos dirigir até a rodovia e voar em direção a Afton. Eu estava pensando em voltar em poucos dias de qualquer maneira, mas depois o meu celular começa a tocar "*Hate Me*" do Blue October.

Eu franzo a testa. — É a minha mãe. — Eu pego o meu celular do meu bolso e olho para a tela brilhante. Considero brevemente em deixar ir para correio de voz onde ela poderia falar a ele sobre como está chateada por Kayden ter batido em Caleb. Mas dar uma porta aberta para uma conversa unilateral é como manhã de Natal para ela e tenho esperança de ouvir algo importante.

Eu pressiono ATENDER e levo o celular à minha orelha. — Olá.

— Oi, querida, — ela canta e meu rosto afunda imediatamente. — Como você está?

— Tudo bem. — Eu ignoro o olhar de questionamento de Luke e presto atenção à estrada.

— Você não soa bem, — ela responde e depois suspira. — Callie, você não vai volta a ficar deprimida novamente, não é? Porque achei que a faculdade estava curando isso.

— Eu nunca fiquei deprimida, — eu respondo categoricamente. — Apenas quieta.

Ela suspira exageradamente e eu cerro os dentes. — Olha, querida, eu só quero que você saiba que Caleb provavelmente vai prestar acusações contra Kayden pelo que ele fez.

— O quê! — Exclamo, assustando Luke o suficiente para que ele salte e desvie a caminhonete um pouco e derrapa os pneus no meio-fio, fazendo com que a caminhonete balance. Ele rapidamente recupera o controle e eu abaixo minha voz e pressiono o meu dedo no meu ouvido para ouvir melhor enquanto me inclino em direção à porta. — Que fodida coisa é essa que você quer dizer com ele ir prestar queixa?

— Callie Lawrence, não use esse tipo de linguagem comigo, garota, — avisa. — Você sabe o quanto eu não gosto da palavra com F.

— Desculpe, — eu peço desculpas. — Mas por que Caleb vai prestar queixa? Eles bateram ambos um no outro.

— Não, Kayden bateu em Caleb sem motivo, — ela diz. — Caleb apenas se defendeu.

— Ele não bateu nele sem motivo. Ele bateu por minha causa.

As palavras deslizam para fora como veneno e eu engasgo com cada sílaba.

Há uma extensa pausa. — Callie, o que você quer dizer com ele ter batido em Caleb por sua causa? Por que ele faria isso?

Meus ombros caem quando a vergonha e humilhação inunda meu corpo, e me lembro da sua capacidade limitada de compreender as coisas.

— Não é nada. Eu só estou chateada e dizendo coisas sem sentido. Isso não significa qualquer coisa.

Ela faz uma pausa de novo e eu me pergunto se, por uma fração de segundo, ela está contemplando as minhas palavras num nível mais profundo. — Callie, há algo que você queira me dizer?

Quando respiro de novo, é ensurdecador e juro que o mundo todo pode ouvi-lo e eles sabem do meu segredo. — Não, mãe.

— Ok, então. — Ela parece desapontada, como se eu fosse lhe falar o segredo trancado em uma caixa dentro de mim. Mas só Kayden tem a chave

para isso. — Bem, eu só quero que você saiba no caso de vir à tona. Eu sei que o melhor amigo dele está na mesma faculdade que você e não quero que você tenha que ouvir isso por fofocas.

Eu balanço minha cabeça. — Tudo certo.

— Eu vou falar com você mais tarde, Callie.

— Tudo bem tchau.

Nós desligamos e eu agarro o celular na minha mão, estrangulando a vida fora dele. Minhas mãos começam a suar e eu não consigo parar de pensar em Kayden. Ele fez isso por mim. Ele fez isso por mim. Eu preciso salvá-lo. — Eu acho que nós deveríamos ir para Afton.

Quando Luke olha para mim, existem linhas em sua testa e suas mãos estão segurando o volante apertado. — Sério?

— Sim. — Eu levanto os meus quadris e deslizo o celular no bolso do meu jeans. — Minha mãe disse que Caleb vai apresentar queixa contra Kayden.

Ele mantém um pouco da sua atenção na estrada, enquanto entra no estacionamento na frente do meu dormitório. — Você está brincando comigo?

Eu fecho o meu casaco e coloco minhas luvas. — Não, e preciso corrigir isso... de alguma forma. É minha culpa que isso aconteceu, para começar.

Ele estaciona perto da frente do prédio, põe a mão sobre a marcha, e empurra-a para o parque. As peças de rádio e do motor rangem. Eu me pergunto se ele sabe por que Kayden bateu em Caleb naquela noite, se Kayden alguma vez disse a ele.

— Tudo bem, é um negócio. — Luke olha para a residência McIntyre em nossa frente. É o mais alto prédio de residência na Universidade Wyoming e só de olhar, eleva-se acima dos outros. — Você quer ir hoje à noite ou amanhã?

Eu agarro a maçaneta da porta e puxo-a. — Amanhã. Eu gostaria que Seth viesse também, se estiver tudo bem.

Ele balança a cabeça e estende a mão para o maço de cigarros no console. — Isso é bom, desde que vocês não se importem em irem nesta coisa. É um pedaço de merda, mas o carro de Seth nunca vai chegar à Afton com toda a neve.

Abro a porta. — Ele vai ficar bem com isso, tenho certeza. — Eu balanço meus pés sobre a borda do assento, me preparando para saltar para fora.

— Callie, — Luke me chama. — Existe alguma maneira de nós podermos corrigir isso? Fazer com que Caleb não preste queixa? Sabe, se ele fizer, Kayden vai ser suspenso da equipe. Ele provavelmente nunca irá jogar novamente. E provavelmente vai ficar suspenso da faculdade. Além disso, ele pode ter que ir para a prisão ou pagar uma enorme multa de merda que ele não pode pagar sem a ajuda do seu pai. — Ele faz uma pausa, franzindo sua testa. — Eu realmente quero ter certeza de que está tudo bem com ele... Às vezes, quando as pessoas batem tão fundo, elas se vão... — Sua voz fica mais suave, como o peso de uma folha caindo. — Tipo como a minha irmã.

A gravidade da situação aperta meu peito enquanto pulo para fora, agarrando a porta por apoio. Lembro-me que Luke tinha uma irmã. Ele nunca disse como ela morreu, mas depois do que ele disse, me pergunto se foi suicídio.

Pressionando a palma da mão para a dor lancinante no centro do meu coração, eu me viro em direção ao carro. — Eu vou tentar. Só tenho que descobrir como. — Eu já sei como. A grande questão é, eu posso fazer isso? Eu posso finalmente dizer isso em voz alta, confrontá-lo, ameaçá-lo, deixá-lo tão aterrorizado que ele vai fugir para bem longe. Posso dizer a minha mãe, pai e irmão? Posso confiar neles para acreditarem em mim e estarem ao meu lado?

Eu tenho tanto poder? Eu tenho tanta coragem?

No final, sei que vou ter que responder a essas perguntas e tomar uma decisão que me assustou nos últimos seis anos da minha vida, mas talvez seja a hora de enfrentá-lo.

Talvez seja a hora de parar de estar tão assustada.

CAPÍTULO 3

#46 Transforme-se

Kayden

Estive aqui já faz seis dias, quase uma semana, mas parece muito mais tempo. É apenas depois do almoço e estou no meio da minha sessão diária de terapia individual, que é melhor do que o grupo - eu não me incomodo em falar com qualquer um. Estou sentado no meu quarto em uma cadeira de metal desconfortável. Meu corpo dói como o inferno e não consigo parar de apertar os cortes abaixo da atadura no meu pulso. Está nublado lá fora e trovões e relâmpagos rugem e iluminam o quarto com um brilho prateado.

— Diga-me como você se sente, — diz o terapeuta.

Ele diz isso toda maldita vez. E cada maldita vez eu lhe dou a mesma resposta.

— Eu me sinto bem, — eu respondo e aperto a liga de borracha no meu pulso uma e outra vez, até que a pele por dentro da atadura comece a arder.

Isto é o que eles me deram para ajudar com a minha automutilação, como se uma minúscula liga pudesse substituir uma vida de cortes, golpes, ossos quebrados, e a dor da vida.

O nome do meu terapeuta é Dr. Montergrey, mas ele me disse para chamá-lo de Doug porque o seu nome profissional o faz sentir-se velho. Mas ele é velho, bem em seus sessenta anos, com cabelo cinza e um monte de rugas ao redor dos olhos. Doug põe o dedo na ponta do seu nariz e ajusta seu óculos, emoldurado enquanto ele lê sobre as notas que tem sobre mim. Eu até posso imaginar o que elas dizem: uma ameaça para si mesmo, irritado, irracional, pouco cooperativo, auto prejudicial.

Ele anota algumas notas e, em seguida, olha para mim. — Olha, Kayden, eu sei que às vezes é difícil falar sobre como nos sentimos, especialmente quando

temos tanto ódio e raiva acontecendo dentro de nós, mas pode ser útil falar sobre isso.

Eu estico o elástico novamente e a pressão é coberta por um barulho ensurdecido de trovão. O quarto se ilumina e a borracha se parte ao meio, os pedaços caem ao chão. Eu fico olhando para eles enquanto esfrego meu pulso inchado. Ainda tenho um curativo em um deles, o que fiz os cortes mais profundos. O outro está começando a curar e em breve haverá apenas cicatrizes. Mais cicatrizes. Um dia, me pergunto se as cicatrizes vão possuir cada parte da minha pele.

Doug enfia a mão dentro do bolso da sua jaqueta marrom e pega outra liga de borracha, uma mais grossa e é vermelho escuro. Eu pego-a, colocando no meu pulso, e começo a sacudi-la novamente. Doug rabisca algumas notas, fecha o caderno, e depois coloca suas mãos no topo do caderno.

— Sabe, quanto mais tempo você ficar em negação, mais tempo eles vão mantê-lo aqui. — Ele aponta em volta do quarto. — É isso que você quer?

Eu paro de sacudir a liga de borracha, dobro os braços, e me inclino para trás no banco com as pernas esticadas para frente. — Talvez.

Eu sei que estou sentindo uma dor na bunda e não sei o porquê. Sinto-me amargo por dentro, indignado de estar aqui. Eu sinto tudo e talvez esse seja o problema. Eu cerro os punhos e espeto minhas unhas em minhas mãos, que estão dobradas ao meu lado para que o terapeuta não as veja.

— Eu só não quero estar aqui, — murmuro. — Mas é foddidamente difícil, sabe?

Ele se inclina para frente com interesse. — O que é difícil?

Eu não tenho nenhuma ideia de onde estou indo com isso. — A vida. — Eu dou de ombros.

Suas sobrancelhas grisalhas se unem debaixo do óculos. — O que é difícil sobre sua vida, Kayden?

Esse cara não entende, o que pode se tornar mais fácil. — Sentimentos, tudo.

Ele parece perplexo enquanto reclina na cadeira e tira seu óculos. — Sentir emoções? Ou a dor na vida?

Porra. Talvez ele tenha entendido. — Ambos, eu acho.

A chuva bate contra a janela. É estranho está chovendo em vez de nevando e pela manhã o chão vai estar uma pegajosa bagunça.

Ele limpa as lentes dos óculos com a parte inferior da sua camisa e, em seguida, desliza-o de volta em seu nariz. — Você nunca se deixa sentir o que está dentro de você?

Eu considero o que ele disse por um tempo longo. Ouço um grito vindo de fora e em algum lugar nos salões uma pessoa está chorando. — Eu não tenho certeza... Talvez... Nem sempre.

— E por que isso? — Ele pergunta.

Eu penso em todos os chutes, socos, os gritos, e como, eventualmente, eu apenas afoguei tudo para fora, desliguei, e morri por dentro. — Porque é demais.

É uma resposta simples, mas cada palavra traz mais significado do que qualquer coisa que eu já disse. É foddidamente estranho falar sobre isso em voz alta. A única pessoa que eu já falei sobre isso foi Callie e escondi algumas coisas, para não deixá-la ver como feio e fodido eu sou por dentro.

Ele remove uma caneta do bolso da sua jaqueta e sua mão rapidamente se move pelo papel enquanto ele rabisca algumas notas. — E o que você faz quando se torna demais?

Eu deslizo o dedo sob o elástico e estico e solto contra meu pulso, em seguida, faço novamente com mais força. Ele rompe de novo e eu balanço minha cabeça enquanto pego os pedaços em minha mão. — Acho que você sabe o que eu faço, que é por isso que continuo quebrando essas malditas ligas de borracha.

Ele mastiga a ponta da sua caneta enquanto me avalia. — Vamos falar sobre a noite em que você entrou em uma briga.

— Eu já te disse sobre aquela noite milhares de vezes.

— Não, você me contou o que aconteceu naquela noite com suas próprias palavras, mas você nunca me explicou como você se sentiu quando tomou essa decisão. E emoções sempre têm um papel importante nas coisas que fazemos.

— Eu não sou um fã disso, — Eu admito, curvando-me para trás na cadeira.

— Eu sei disso, — ele responde com confiança. — E gostaria de chegar ao fundo do porquê.

— Não, você não gostaria disso, — digo, arrastando minha unha até o interior da palma da minha mão para acalmar a batida do meu coração acelerado. — Ninguém quer ouvir sobre isso. Confie em mim.

Ele deixa cair a caneta em cima do caderno que está em seu colo. — Por que você acha isso?

— Porque é a verdade. — Eu enfio minhas unhas mais profundo em minha pele, até sentir o calor e o conforto do sangue. — Eu tenho 19 anos de idade e tudo o que está feito está feito. Não há nenhum ponto em tentar me salvar. Quem eu sou e o que eu faço vai continuar para sempre assim.

— Eu não estou tentando salvá-lo, — ele promete. — Eu estou tentando curá-lo.

Eu corro meu dedo ao longo de uma fina cicatriz na palma da minha mão, que foi colocada lá quando meu pai me cortou com um caco de vidro. — O quê? Curar isto? Isso fodidamente não vai levar a lugar nenhum.

Ele posiciona a mão sobre o coração. — Eu quero curar o que está aqui.

Normalmente eu não reajo em tais situações. Caso contrário, eu vou acabar sentindo coisas que não quero, e então vou ter que tirar do meu corpo apenas para não ter que lidar. Mas não posso aqui. Eles não vão me deixar em qualquer lugar perto de qualquer coisa afiada, especialmente lâminas de barbear. Minha barba está extremamente grande porque não tenho raspado.

— Isso está ficando muito sentimental para mim, — eu digo e agarro os lados da cadeira para empurrar-me para cima.

Ele levanta a mão, sinalizando para que eu volte a sentar. — Ok, nós não temos que falar sobre seus sentimentos, mas quero que você responda uma coisa para mim.

Eu fico olhando fixamente para ele enquanto me sento de novo na cadeira. — Isso depende do que é.

Ele bate a caneta contra o caderno enquanto pensa. — Por que você foi à festa naquela noite?

— É sempre a mesma pergunta.

— Porque é uma questão importante.

Eu balanço minha cabeça enquanto meu pulso acelera tanto com raiva e medo, eu não posso dizer. — Eu fui lá para bater em Caleb Miller. Você sabe disso.

— Sim, mas por quê?

— Por quê? — Eu estou ficando irritado, frustrado e chateado, e a raiva serpenteia através das minhas veias debaixo da minha pele.

— Por que você queria batê-lo? — É como se ele estivesse preso na repetição e quero que ele cale a boca.

Meu coração acelera dentro do meu peito como uma britadeira maldita e tudo o que eu quero é algo afiado ou áspero - qualquer coisa que possa acalmar meu pulso. Estou olhando ao redor em pânico, procurando alguma coisa, mas o quarto está limpo. Eu não posso fazer isso. Eu não posso fazer isso. Porra!

— Porque ele machucou alguém. — Minha voz sai profunda e desigual, me fazendo parecer fraco e patético.

Ele se ajeita na cadeira à minha frente. — Alguém que você se importa?

— Obviamente. — Eu balanço minha cabeça, irritado. Meu coração ainda está batendo muito alto e eu mal consigo pensar direito.

Ele levanta as sobrancelhas. — Alguém que você ama?

Meu pulso acelera ainda mais, errático e sem uma batida clara. Eu sinto o pulsar sob todos os machucados e cicatrizes no meu corpo. Amar? Eu amo Callie? Eu posso? — Eu acho que nem mesmo sei o que é o amor.

Parece que ele encontrou ouro trancado dentro da minha alma. — Você pode responder apenas mais um pergunta para mim?

Eu jogo minhas mãos no ar exasperado. — Faça o que diabos você quiser. Você já está perguntando.

Ele pergunta: — Você acha que merece o amor?

— Eu já te disse que nem sei o que é, — murmuro e ele espera que eu lhe dê mais informações.

O que ele quer de mim? Que eu diga a ele que meu pai bateu a merda fora de mim? Que minha mãe é um zumbi viciado em drogas? Que a única troca de amor que cheguei a ter foi com Daisy e que parecia como plástico e tão falso quanto as coisas podem ser.

Ele escreve algumas notas, em seguida, clica a ponta da caneta e enfia no bolso antes de fechar seu caderno. — Eu acho que nós fizemos alguns progressos hoje. — Ele verifica seu relógio e então fica de pé, pegando seu casaco da costa da cadeira. — Continue assim, e talvez você possa receber visitas que não sejam apenas familiares.

Eu me inclino para trás na cadeira. — Não tenho certeza se quero receber visitas, — Eu murmuro.

Ele não parece me ouvir. Quando alcança a porta, desliza o braço pela manga do casaco, assegura o cinto em torno da sua cintura, e enfia a mão no bolso. — E Kayden, continue usando estes, não importa quantas vezes eles quebrem. Você sempre pode conseguir um novo. — Ele joga uma liga para mim e eu pego-a sem esforço. Por um segundo estou de volta no campo, correndo e pegando a bola, livre.

Eu desejo estar lá, fixo e remendado. Mas ao contrário da liga de borracha, eu não tenho certeza se isso pode ser corrigido facilmente.

Callie

— Eu não posso acreditar que sua caminhonete não tem um leitor de CD, — Seth diz com o braço estendido na minha frente enquanto mexe com o volume do aparelho de som. Ele está usando um casaco, com as mangas empurradas para cima, e jeans skinny. — Ou uma conexão iPod. Eu juro que estou tendo flashbacks com mullets, calças de lycra, e cabelo crespo.

— Eu acho que você voltou um pouco longe demais. — Luke tem o capuz puxado sobre a cabeça e uma faixa de couro em seu pulso que tem a palavra redenção escrito nela. Me pergunto se isso significa algo para ele ou se ele acredita na redenção. Eu me pergunto se acredito nisso. Ele estende seu braço na minha frente e abre o porta-luvas. — Volte para a era das fitas Stereo 8^{1}.

Eu me assusto com o quão próximo ele está, mas, em seguida, libero a tensão, recusando-me a voltar para aquele lugar. Fecho a minha jaqueta, porque está frio aqui dentro, devido ao fato de que eles continuam abrindo as janelas para fumar.

É início da manhã, o sol está beijando a terra, e a auto-estrada é um perigo por causa da tempestade da noite passada, por isso temos que dirigir devagar. Existem alguns carros presos nos montes de neve na faixa de terra no centro do tráfego e algumas pessoas pararam em rampas, porque devem ter ficado com muito medo de dirigir. Luke e eu não ligamos para isso embora. São as condições em que crescemos.

Seth dá um tapa na mão de Luke para afastá-la do porta-luvas e olha para mim, incrédulo, mas eu solto uma risada. — Não, as fitas Stereo 8 estavam na década de oitenta.

— Antes de oitenta, — Luke corrige. — Elas desapareceram por meados da década.

Eu rio porque eles estão brigando por algo tão ridículo e eu estou cansada e nervosa, minha cabeça está em um lugar muito estranho. — Vocês estão brigando como um casal de velhos.

Assim que eu digo isso, quero puxá-lo de volta, porque não tenho certeza de como Luke vai reagir. Quando olho para Luke, ele parece perfeitamente bem. Ele dá de ombros e então enfia a mão no porta-luvas e tira uma fita rotulada com "*Vamos ficar chapados*".

— Seja como for, — ele diz e coloca a fita no tocador. — Contanto que eu seja o cara do relacionamento, está tudo bem.

Seth revira os olhos. — Seja como for, você seria totalmente minha cadela e você sabe disso.

É isso aí. Eu não posso segurar por mais tempo. Meu corpo cai para frente enquanto cubro minha boca e meus ombros tremem enquanto rio na minha mão. — Oh meu Deus, eu não posso acreditar que você acabou de dizer isso.

— Sim, você pode. — Seth dá um tapinha na minha costa. — Não seria eu, se eu não dissesse a primeira coisa que viesse à minha cabeça.

Ele está certo. Seth é franco e engraçado, e ele diz totalmente o que quer dizer. E eu o amo por isso. Limpo as lágrimas dos meus olhos, e, em seguida,

dou um beijo rápido na bochecha. — Obrigado por me fazer sorrir, — eu digo.

Ele sorri. — A qualquer hora, querida.

Luke balança a cabeça, mas há um sorriso em seu rosto, assim eu sei que ele não está ofendido. Eu gosto de Luke. Ele não é crítico e parece aceitar tudo. Eu quase me inclino para abraçá-lo e, em seguida, percebo o quão estranho é porque ele não me assusta. O que isso significa?

Porcaria. O que isso significa?

"Come on Eileen" do Dexy's Midnight Runners, explode nos alto-falantes. — Isso é tão anos oitenta, — Seth diz e começa a estala seus dedos das mãos e balançar a cabeça. Ele realmente começa a entrar no ritmo, sacudindo os quadris e dançando para frente e para trás. — Venha Callie, você sabe que quer dançar. Isso vai fazer você sorrir ainda mais.

Eu sorrio de orelha a orelha. — De jeito nenhum.

O ar frio enche o carro quando Luke abre a janela. Acende o isqueiro e, em seguida, o cheiro de fumaça de cigarro flui através do ar.

Seth se mantém dançando enquanto enfia a mão no bolso do moletom com capuz e tira o maço de cigarros. Com o canto do meu olho, vejo Luke balançando a cabeça enquanto chupa a ponta do cigarro.

Ele dá uma longa tragada, e, em seguida, abre seus lábios e uma trilha fina de fumaça escapa da sua boca. Seth começa a empurrar os quadris freneticamente enquanto aperta o isqueiro e leva-o até a ponta do cigarro. O papel enrola e fica preto quando o fogo se arrasta pelo papel. O carro começa a balançar quando o refrão começa e ambos os caras realmente entram no ritmo. A fumaça queima meus pulmões e o frio provoca arrepios em todo meus braços. Eu experimentei quase todos os detalhes do momento e decido experimentar tudo.

— Oh bem, que se dane. — Eu começo a levantar os meus ombros para cima e para baixo no ritmo e Seth sorri para mim.

— Essa é minha garota, — ele diz e sopra uma nuvem de fumaça pelos lábios.

Nós dois começamos a fazer uma coisa engraçada com nossas mãos e Luke ri, aumentando o volume da música. Por um segundo eu me transformo em uma dançarina. Quando chega ao refrão da música de novo todos nós respiramos fundo e cantamos as letras no topo dos nossos pulmões. Eu levanto minhas mãos sobre minha cabeça e fecho os olhos. Vai dar tudo certo.

Vai dar tudo certo. Kayden, vai dar tudo certo.

Porque eu estou aqui, dançando, sorrindo e sentada entre dois caras, e se isso pode acontecer, então tudo é possível.

Kayden

Eu estive na clínica por uma semana agora e hoje deve ser um dia realmente bom. Doug me informou que eu posso receber visitas fora da família e que eu posso fazer alguns telefonemas ao longo do dia. Quando ele me dá tempo para fazer a ligação, no entanto, eu não sei para quem ligar. Meu primeiro instinto é ligar para Callie, mas não falei com ela desde que tudo aconteceu e não tenho certeza se ela quer falar comigo depois de encontrar-me daquele jeito. A ideia de descobrir isso assusta a merda fora de mim. Além disso, estou tentando manter minha distância e protegê-la de mim, porque a última coisa que ela precisa é da minha instabilidade e cabeça fodida.

Eu disco o número de Luke e me inclino para trás na cama, observando a tempestade fora da minha janela enquanto o telefone toca.

— Kayden? — Diz ele, parecendo confuso. Há uma música da década de oitenta tocando no fundo e eu posso ouvir um monte de risadas.

— Como vai? — Parece tão estúpido eu dizer isso. Há uma longa pausar e, em seguida, alguém começa a cantar muito alto e realmente fora do ritmo. — É Seth que está no fundo?

— Sim. — Ele hesita novamente. — Você está bem?

Eu puxo a liga com meu dedo. Ela estica e bate no meu pulso, e envia uma picada através do meu braço. — Sim... Por que Seth está aí com você?

— Porque... Estamos na caminhonete. — Ele parece em conflito. — Estamos indo para Afton, para ver você na verdade.

Eu estico a liga de borracha contra meu pulso mais algumas vezes, mas não está acalmando a ansiedade torcendo dentro de mim. — Quando você diz isso, você quer dizer...

— Quer dizer que é, Seth, eu e... — Ele faz uma pausa. — E Callie.

O canto para, assim como a música.

— Com quem você está falando? — Callie pergunta.

Quando ouço sua, voz eu juro por Deus, meu coração para. Aperto a liga e envolvo-a em torno do meu pulso até que esteja apertado e cortando a circulação. Eu fico olhando para a lama no chão do lado de fora e os bancos de neve em torno do estacionamento na maior parte.

— Umm... — Luke se esforça para encontrar as palavras.

— Você pode dizer a ela, — eu digo, porque se eles estão vindo aqui, em seguida, eu vou ter que encará-la em breve.

— É Kayden, — ele diz a ela e, em seguida, fica quieto.

— Oh... — Ela parece perplexa e eu não a culpo. — Posso... Posso falar com ele?

— Espere, — diz Luke e depois pergunta para mim: — Você quer falar com Callie?

— Eu... — Eu nunca chego a descobrir a minha resposta, e é uma porcaria porque estou morrendo de vontade de saber como me sinto. Minha resposta teria revelado a verdade sobre o meu medo e o quão ruim vai ser quando ela estiver aqui. Mas, como sempre, minha mãe aparece no momento certo e rouba tudo de mim.

— Nós precisamos conversar. — Seu queixo está levantado, como se ela fosse melhor que todos no prédio e está transportando uma mochila em seu ombro. — Agora.

— Eu tenho que ir. — Eu desligo, sabendo que estou sendo um fracote esquivando-me dos meus sentimentos. Eu solto a liga e volto para minha cama, colocando os pés sobre ela. Estou usando calça de pijama xadrez e uma camisa velha azul que tem buracos. Estou usando essa roupa desde que estive aqui e está ficando velha.

Ela solta a mochila no pé da cama e, em seguida, posiciona as mãos nos quadris. — Você precisa melhorar e dar o fora daqui. E fazer a nossa família ficar bem de novo.

Eu cuidadosamente me curvo para frente, porque se me mover muito rápido meu corpo dói. — E o que você sugere que eu faça, mãe, porque os médicos parecem pensar de forma diferente. Eles acham que eu preciso ficar aqui e me curar.

— Eu não dou a mínima para o que os médicos pensam. — Ela abre o zíper da mochila com um puxão. — O que me importa é que você vista algumas roupas normais, faça todos pensarem que você se sente melhor, e, em seguida, volte para casa para que possamos começar a planejar o que vamos fazer se Caleb Miller presta acusações.

— Eu poderia alegar insanidade mental. — O sarcasmo escorre pela minha voz. — Talvez eles acabem me mantendo aqui em vez de enviar-me para a cadeia.

Seu rosto fica vermelho e ela levanta a alça da sua bolsa em seu ombro. — Você acha isso engraçado? Talvez eu devesse mandar o seu pai vir aqui e falar algum sentido para você.

Não importa o quanto eu tente, sou enviado diretamente de volta para o lugar onde estou deitado no chão, sangrando até a morte e completamente pronto para aceitá-la. Eu esfrego a mão no meu rosto e depois digo com os dentes cerrados, — Eu vou ver o que posso fazer.

Ela sorri e parece fora de lugar, como se fosse a vilã mal prestes a executar seu plano maligno. Ela beija minha bochecha e posso sentir o cheiro de vinho em seu hálito. Em seguida, ela se move para trás e esfrega o polegar na minha bochecha. — Eu sujei você com batom. — Ela afasta sua mão e sorri novamente. — Vamos trabalhar para tirá-lo daqui. — Ela dá um tapinha na minha perna e, em seguida, sai do quarto, deixando a porta aberta. Eu ouço-a falar algo para um dos médicos e, em seguida, uma enfermeira fecha a porta.

Eu pego uma camisa térmica de manga comprida para fora da mochila, que está preenchida com jeans, camisas e meias, e passo-a pela minha cabeça, então pego um par de jeans, pronto para colocar meu traje de gala e mentir para o mundo, assim como eu tenho feito toda a minha vida.

CAPÍTULO 4

#67 reencontre algo que você pensou que tinha perdido

Callie

Chegamos em Afton tarde da noite, quando a lua é um orbe no céu escuro e a nevasca é um véu na frente da caminhonete, tornando-se difícil de ver. Nós deveríamos ter chegado na hora do jantar, mas Seth nos fez parar e entra em um McDonalds. Mas foi meio a culpa de estarmos tão empolgado e até entramos em problemas com o gerente.

Eu acho que todos nós estávamos evitando alguma coisa. Mas o que é, eu ainda estou tentando descobrir. Depois de uma longa viagem, desgastante, Seth e eu nos deslocamos para a garagem e caímos na cama sem falar com a minha mãe. O lugar tem uma das mais forte memórias em minha cabeça, e quando entrei, quase cai quando me lembrei de como me sentir quando Kayden me tocou, me beijou, tornou-se uma parte de mim.

— Estou chateado, — afirma Seth enquanto ficamos cara a cara na cama em nossos pijamas. O aquecedor cantarola em segundo plano e o brilho da lâmpada destaca os pontos com gesso nas paredes.

Ele finge pensar. — Eu estava totalmente ansioso para conhecer a sua mãe.

Eu aperto suavemente seu braço. — Seu mentiroso. Você está tão feliz por ela estar dormindo.

Ele ri e então rola de lado, apoiando-se em seu cotovelo. — Eu sei. Eu desejei, mas pelo que você me diz sobre ela, ela não vai ser uma grande fã da minha personalidade colorida.

Sento-me na cama, tiro o elástico do meu cabelo, e, em seguida, refaço meu rabo de cavalo. Eu deixo meus braços caírem no meu colo e mastigo meu lábio, pensando no amanhã e em ver Kayden.

Seth toca meu lábio inferior e minha reação inicial é vacilar, mas estou trabalhando com isso e me mantenho sob controle. — Um centavo pelos seus

pensamentos?

— Não é nada. — Eu suspiro e deito na cama de lado.

— Eu só estou querendo saber como vai ser quando... eu vê-lo novamente.

Ele considera isso enquanto afasta a franja do rosto. — Vai ser como a primeira vez que eu decidi que iria falar com você. Você tem que pensar em Kayden como um gato arisco. Se disser alguma coisa errada, ele pode fugir.

— Você pensou em mim como um gato arisco?

— Um gatinho arisco. — Ele sorri e pisca para mim. — Você parecia ir perfurar meus olhos com suas garras no momento em que me aproximei.

Eu afofo o travesseiro e enfio minhas mãos debaixo da minha cabeça. — E se eu disser algo errado, embora, e ele ficar chateado?

Ele destrava o relógio ao lado da cama e rola para o lado para configurar o alarme. Em seguida, ele gira para seu quadril e me encara. — Você não vai.

Eu levanto minhas pernas para cima e deslizo-as debaixo dos cobertores.

— Como você pode ter tanta certeza?

Ele sorri e toca a ponta do meu nariz com seu dedo. — Porque ele se abriu para você primeiro, o que significa que você já disse as coisas certas. Então tudo o que tem a fazer é ir lá amanhã e ser você mesmo.

— Eu espero que você esteja certo. — Eu desligo a lâmpada, e o quarto fica escuro. A luz pálida do luar filtra através da janela.

— Eu realmente espero que você esteja.

— Eu sempre estou, querida, — ele diz, e, em seguida, aperta minha mão. — Só não pense demais.

Fecho os olhos e me agarro ao pensamento de que amanhã irei vê-lo, vivo, e não sangrando no chão. Talvez então eu possa finalmente, tirar a imagem horrível da minha cabeça.

Kayden

É meados de dezembro, o início da pausa de Inverno. Se eu não estivesse aqui, estaria indo para casa, provavelmente com Callie e Luke.

É estranho saber que ela provavelmente está dirigindo para a cidade agora, apenas chegando em casa, tão perto de mim, e ainda assim tão distante, quase inacessível, desde que estou preso aqui e ela está lá fora.

Eu estive secretamente coletando ligas e tenho cinco no meu pulso. Doug não sabe disso. Eu fico fingindo que as quebrei até ter uma coleção. A espessura de mais de uma arde e instala no interior cada vez que eu espeto-a contra meu pulso. Eu preciso resolver um monte de coisa, porque minha mãe apareceu hoje à noite e esteve aqui por mais de uma hora tentando resolver as coisas com o médico e tentando fazer Doug me liberar.

Eles estão perto da porta tendo uma conversa sobre mim, como se eu não estivesse aqui. É realmente mais um argumento do que uma conversa.

— Mas nós vamos vigiar ele o tempo todo. — Minha mãe conversa movendo as mãos e ela tem unhas longas. Toda vez que diz algo ela balança os braços e quase animadamente fura os olhos do médico.

Doug anota algo em seu caderno amarelo e lê através das suas anotações. — Olhe, Sra. Owens, eu sei que isso deve ser difícil para você, mas eu não acho que seja saudável para Kayden deixar a instalação ainda. Na verdade, eu aconselho contra isso.

Minha mãe bate o pé no chão e cruza os braços enquanto olha para baixo, como se Doug fosse um pequeno pedaço, insignificante de merda. — Olha, eu entendo o que você aconselha, mas eu prefiro não tomar o conselho de um médico que obteve o seu doutorado em uma faculdade de baixo orçamento.

— Eu obtive meu doutorado pela Berkley, — ele diz, puxando uma caneta do bolso.

Seu olhar se derrama sobre ele e ela eleva as sobrancelhas. — Sério? Então, por que você está aqui?

Doug fica calmo enquanto equilibra o caderno em seu braço e escreve algo nele. — Eu poderia estar perguntando a mesma coisa.

Eu acho que gosto de Doug naquele momento e sorrio para mim mesmo enquanto mexo o dedo sob as ligas e lanço-as contra o interior do meu pulso, deixando a queimadura acalmar-me. Estou sentado no canto do quarto, não aonde durmo normalmente, mas um maior com um monte de mesas e cadeiras espalhadas. As paredes são de tijolos e rachadas com a velhice, mas é

mais reconfortante do que branco maçante do meu quarto. Algumas pessoas almoçam aqui, mas eu escolho comer no meu quarto, porque há sempre muita coisa acontecendo, como brigas, gritos e choros.

Minha mãe passa a unha contra o peito de Doug. — Não se atreva a insinuar qualquer coisa.

— Eu não estava, — diz Doug simplesmente, estremeando enquanto aperta o local onde minha mãe o perfurou com a unha. — Parece apenas que você está muito ansiosa para assumir que Kayden pode sair daqui, quando está claro que ele está não estável.

Eu examino as cicatrizes em meus braços e o curativo em meus pulsos. Eu continuo arranhando as cicatrizes que estão por baixo do curativo, e é por isso que não cura. Mas é um fodido hábito e eu não consigo quebrá-lo.

— Ele está perfeitamente estável, — minha mãe insiste. Há uma ligeira calúnia em seu discurso e me pergunto se o médico pôde ouvi-lo. — E é o certo, já que eu sou a pessoa que o colocou aqui.

Levanto-me, atordoado. — Você fez isso? Eu pensei que fosse o hospital?

Ela me olha com aborrecimento. — Eu coloquei você aqui para o seu próprio bem. Você precisava ser vigiado por um tempo, mas agora... Você já esteve aqui há pouco mais de uma semana e é hora de seguir em frente e resolver suas coisas.

Ou me manter longe do meu pai. — Então eu quero sair, — eu digo, atravessando a sala. — E quero voltar para a faculdade, não para casa.

— Você não pode, — ela responde secamente. — É pausa de Natal.

— Ok, então talvez eu queira ficar aqui. — Eu volto para a cadeira e sento-me.

Atiro minha cabeça para frente e esfrego meus templos com meus dedos. — Foda-se. — Eu não tenho ideia do que fazer. Eu não quero estar nesse maldito quarto mais, mas sair significa enfrentar o mundo, eu, meu pai e Callie.

— Se Kayden quer ficar aqui, — Doug interrompe. — Então ele pode ficar.

— Eu tenho certeza como o inferno que ele não vai pagar pela conta, — minha mãe diz venenosamente. Ela abre a bolsa e pega as chaves do carro. —

Eu estou assinando a papelada amanhã de manhã e, em seguida, você vai voltar para casa, isto é, a menos que você queira desembolsar do seu próprio dinheiro.

Ela agarra as chaves em suas mãos e sai pela porta, levando a minha esperança com ela. Pergunto-me por que ela está fazendo isso. Por que ela tinha me colocado aqui por pouco mais de uma semana e de repente me quer fora. Tem que haver alguma coisa acontecendo. Seja o que for, não quero ir para casa. Se eu for, há um boa chance do meu pai terminar o que começou.

Doug suspira quando retorna a caneta no bolso, e então ele vira para mim. — Bem, isso não foi tão bom.

— Nunca é com ela. — Eu levanto as mangas da minha camisa de mangas longas e descanso os braços sobre os joelhos. — É uma perda de tempo brigar contra ela em qualquer coisa. Ela sempre vence.

Ele pega uma cadeira no canto e posiciona-a na frente da minha. Ele não se preocupa em tirar o paletó, o que significa que ele provavelmente não vai ficar por muito tempo. — Será que ela vence as brigas com o seu pai? — Ele pergunta enquanto abaixa-se na cadeira.

Aviso aparece em toda a minha cabeça. Eu sei o que fazer.

Mentir.

Mentir.

Mentir.

— O que você quer dizer com isso? Que brigas?

Ele cruza a perna sobre o joelho e a parte inferior da sua calça sobe. Ele está usando meias com caretas de smiley sobre elas. — Sua mãe e seu pai nunca brigam?

Eu balanço minha cabeça, porque é a verdade. Eles realmente não brigam, porque minha mãe é do tipo sim-querido de pessoa. — Não, não realmente.

Suas sobrancelhas se levantam e tenho a sensação de que eu poderia ter dito algo errado. — Kayden, como o seu pai é?

Meus dedos se empurram para dentro automaticamente e as unhas cortam minha pele. — Ele é... Ele é um pai. Um pai normal.

— Você tem um bom relacionamento com ele? — Ele questiona. — Porque acho meio estranho ele não ter te visitado nem uma vez.

— Nosso relacionamento é bom. — Minha garganta parece inchada. — Ele apenas trabalha muito.

Sua mão se move através do papel enquanto ele escreve algo em seu caderno e então prossegue a conversa com cautela. — Ele já bateu em alguém da sua família?

É a oportunidade perfeita para contar tudo: sobre a minha vida, sobre a dor, sobre a indignidade. Mas parece que é traição e eu percebo que sou basicamente o fantoche do meu pai. É uma assustadora e desconcertante conclusão, como se as cordas que me ligam a ele tivessem acabado em nós. — Eu não sei.

— Você não sabe? — Ele parece cético. — Você tem certeza?

Eu aceno minha cabeça enquanto olho para o chão na minha frente. Há uma mancha rosa sobre ele e um monte de linóleo louco e quebrado. — Eu realmente não sei.

Ele me avalia, em seguida, pega um cartão do bolso da frente e estende a mão para mim com ele entre os dedos. — Eu quero ver você na segunda-feira. Meu endereço do escritório fica atrás. — Ele vira o cartão e me mostra onde o endereço está escrito com sua caligrafia. — Meu número também está na parte frontal. Se você precisar conversar sobre qualquer coisa, você pode me ligar a qualquer momento.

Eu pego o cartão, percebendo o que o seu pedido significa, que é se comprometer com mais do que apenas uma visita. Significa abrir portas, que estão trancadas há muito tempo, onde estou enfrentando todos os demônios lá dentro. Significa dizer tudo, até mesmo sobre o meu pai. E depois? E se eu realmente fizer? Então o que acontece com a minha família? Minha mãe? Meu pai? Eu me importo? Eu não sei. Eu não sei de nada. Acho que sou a pessoa mais fodida e confusa que já viveu.

Doug arrasta a cadeira de volta para o canto e depois enfia seu caderno debaixo do braço enquanto se dirige para a porta. — Eu quero vê-lo algumas vezes durante as férias de Natal, e depois vamos encontrar um terapeuta em Laramie quando você voltar para faculdade.

A respiração acelerada escapa dos meus lábios enquanto aperto minha mão em torno do seu cartão e dobro-o ao meio. Eu recebo um corte do papel e momentaneamente a calma agita dentro de mim. — E se eu não quiser?

Ele me oferece um sorriso positivo. — Você quer, caso contrário teria apenas dito não.

Eu não digo nada e é um acordo silencioso. Eu vou ver um terapeuta em Laramie. Isto é, se eu conseguir voltar para a faculdade.

Merda. De repente me lembro do problema maior. Eu tenho mais problemas do que apenas lidar com o meu pai. Como o inferno eu vou sair dessa bagunça? Deixar meu pai comprar Caleb? Em seguida o quê? Dever por toda vida? E esconder os segredos da nossa família para sempre.

Doug sai do quarto e eu deixo minha cabeça cair em minhas mãos. Arrasto os dedos pelo meu cabelo rudemente e puxo com força pelas raízes. Pela primeira vez, desejo que as coisas fossem fáceis. Que eu pudesse relaxar.

Respirar.

Realmente, o que eu quero é Callie.

Callie

Eu acordo cedo na manhã seguinte, antes que o sol tenha se levantado completamente sobre as curvas das montanhas. Eu dormi terrivelmente ontem à noite, me virei para um lado e para o outro, incapaz de me sentir confortável. Mantive-me tendo sonhos onde eu corria para a casa de Kayden e encontrava sangue no chão e as facas, mas ele não estava lá. Eu procurei por toda casa, mas tudo o que eu continuava encontrando eram pilhas e pilhas de folhas secas. Eu acordei pingando de suor e acabei vomitando no banheiro.

Estou acordada na cama, e Seth está roncando ao meu lado, em seu sono. Eu ouço-o respirar até que não posso ficar parada por mais tempo e, em seguida, levanto-me e pego meu diário da minha bolsa. Sento-me no peitoril da janela improvisado com vista para a entrada de automóveis nevado. O carro da minha mãe está enterrado em um pé de neve e a caminhonete do meu pai tem correntes sobre os pneus.

Eu puxo meus joelhos para cima e coloco meu diário sobre eles antes de pressionar a ponta da caneta no papel.

Eu sonho que estou de frente pro meu bolo antes de Caleb me levar para meu quarto. Quando sopro as velas e faço um desejo, desejo ter o aniversário mais feliz e o melhor do mundo, e o desejo torna-se realidade. Caleb nunca aparece naquele dia para sair com o meu irmão, e eu começo a brincar de esconde-esconde com as outras crianças. Eu rasgo o papel presente e sorrio para os meus presentes.

Ultimamente, no sonho, em vez de fazer um desejo para mim mesmo, eu faço um desejo para Kayden. Desejo que ele nunca tivesse me conhecido e que nunca soubesse o meu segredo.

Desejo que ele nunca tivesse qualquer razão para bater em Caleb e que ele nunca acabasse no chão, sangrando até a morte.

Eu desejo a felicidade em um mundo cheio de tristeza.

Há sempre tanta dor e eu desejo tudo o que ele queira.

Claro, desejos são apenas desejos, só esperando por uma partícula de luz em um campo escuro.

Quando analiso o meu desejo para Kayden, fico apavorada com o que significa. Se eu estou disposta a ser destruída e perder minha infância em troca da remoção da sua, em seguida, o quão profundo são os meus sentimentos por ele? E eu estou pronta para lidar com eles?

Faço uma pausa para pensar sobre o que escrevi e depois vejo um vislumbre da minha mãe saindo pela porta lateral da casa enquanto caminha através da neve em direção à garagem. Eu deixo a caneta de lado e ela cai no chão.

Olho para Seth dormindo na cama e então entro em pânico, me levanto em um salto, pego meu casaco e celular, e corro para a porta. Ela está chegando ao topo da escada quando fecho a porta.

— Oh, você está acordada. — Ela rodeia seus braços em torno de si mesma e salta para cima e para baixo enquanto treme.

Eu deslizo meus braços nas mangas do casaco e puxo meu cabelo do colarinho. — Sim, eu estava me preparando para descer.

Minha mãe olha para as montanhas e o céu está tingido de rosa ao nascer do sol e reflete em seus olhos. — Você acordou cedo.

Seu cabelo castanho sopra na brisa enquanto ela olha para mim. Mesmo que só tenha se passado cerca de um mês desde que eu a vi, ela está mais envelhecida, mas isso pode ser porque ela esteja em seu pijama e seu cabelo e maquiagem não estão feitos. — Eu não me lembro de você ser fã de levantar-se cedo.

Eu dou de ombros, fechando meu casaco e, em seguida, puxo o capuz sobre minha cabeça e rodeio meus braços em volta de mim e tremo. — Eu dormi na caminhonete durante a viagem até aqui, — eu minto. — Então não estava muito cansada.

Ela me olha mais com ceticismo. — Quem lhe deu uma carona até aqui?

Fico atenta para responder. — Hum, Luke.

— Luke quem?

— Luke... Price.

Seus ombros endurecem e ela enrola seu robe mais apertado em torno de si mesma. — Amigo de Kayden?

Eu aceno. — Sim.

Ela estala seus dedos inquietos contra seus quadris, apertando o queixo e olhando para a porta da garagem, tentando ver através da janela fosca. — Callie, eu não te quero em torno de Kayden.

O vento aumenta e flocos de neve picam na minha pele enquanto rodam em torno de nós em um turbilhão. O vento uiva contra meus tímpanos e o reflexo da luz do dia causa desconforto nos meus olhos.

— Por quê? — Eu pergunto, balançando meu corpo para tentar me manter aquecida.

— Porque eu não quero que você tenha qualquer associação com Kayden. — Ela olha para mim e eu vejo ódio em seus olhos. Ou talvez medo. — Ele obviamente tem um temperamento ruim e até mesmo o seu pai disse que era um problema quando ele estava na equipe.

— Eu duvido que meu pai disse isso, — Eu discordo. — Ele sempre gostou de Kayden. E além disso, você falou com a mãe de Kayden.

— Não por escolha. — Há julgamento em seus olhos, como se ela estivesse se sentindo culpada por se afastar de Maci Owens pelo erro de Kayden. Se for

esse o caso, ela iria culpar-se se eu dissesse a ela o que aconteceu comigo?

Eu escondo minhas mãos nas minhas mangas e enfio meu queixo dentro da gola da minha jaqueta. Estou usando calça de pijama, o tecido é fino e o ar frio escorre facilmente para dentro. — Podemos entrar e falar sobre isso? Está frio aqui.

Ela olha para a porta do quarto em cima da garagem novamente e, em seguida, redireciona sua atenção para mim. — Seu amigo está lá dentro? A pessoa que... — Ela abaixa a voz e os cílios vibram contra as rajadas de flocos de neve em torno de nós. — A pessoa que gosta de homens?

Eu suspiro, viro de lado, e me espremo entre ela e o corrimão sem proferir uma resposta. Felizmente, ela me segue e Seth está fora de perigo. Pelo menos por enquanto.

Quando entro na cozinha, aquela noite choca contra meu peito, a noite em que Jackson estava à mesa, comendo torta e Caleb me atormentado com o meu segredo. A noite que Kayden descobriu quem me quebrou. A noite em que ele deixou-me chorar e, em seguida, deslizou para fora da minha vida tão facilmente como se fosse feito de areia.

Vou até o armário e tiro uma tigela e uma caixa de cereais. Coloco a tigela sobre o balcão e abro a caixa quando a minha mãe entra, deixando o ar frio e a neve entrarem com ela. Ela fecha a porta e depois escorrega suas botas ao lado da mesma e caminha ao redor da mesa, atravessando a cozinha até chegar em mim.

— Eu estava indo fazer o café da manhã. — Ela abre a gaveta à cima do forno, que mantém as panelas.

Balanço minha cabeça enquanto derramo o cereal na tigela. — Tudo bem. Eu não estou com fome o suficiente para comer um grande café da manhã.

Ela inclina o braço para o seu lado e verifica meu pequeno corpo. — Você parece está perdendo peso novamente.

Eu olho para as minhas pernas curtas e minha cintura fina escondida sob meu pijama. — Eu só estou estressada.

— Estressada com o quê? — Ela pergunta. — Sobre a escola? Ou com o que aconteceu com seu amigo?

Eu não posso me segurar. É muito e isso está me irritando. — Oh, agora ele é meu amigo, mas quando você descobriu antes, você estava tão animada que éramos um casal. Na verdade, acho que você disse a todos da maldita cidade.

— Cuidado com a língua. — Ela amarra seu robe rosa e afasta o cabelo do seu rosto. — Callie Lawrence, você não vai falar comigo desse jeito. — Ela se vira e estende o braço na direção do armário que mantém toda a sua medicação por prescrição. — Esta é a minha casa e enquanto estiver aqui você vai seguir as minhas regras.

Eu fecho a caixa de cereal, mexendo minha tigela. — Eu tenho 18 anos e posso ser amiga de quem eu quiser.

Ela pega um dos frascos maiores e lentamente se vira para me encarar com a mão sobre a tampa. — Mesmo aquele que bateu no melhor amigo do seu irmão.

Eu cavo minhas unhas na bancada de granito enquanto a dor dos últimos seis anos sufoca meu oxigênio. — Isso é tudo o que importa? Caleb? — Seu nome causa gosto tóxico na minha boca.

Ela luta para desenroscar a tampa do frasco, pressionando contra sua mão enquanto aperta a tampa com os dedos. — Callie, Caleb tem sido parte desta família desde que ele tinha seis anos idade. Você sabe que seus pais mal falam com ele. Nós somos a única família que ele tem.

— Eu não dou a mínima para Caleb! — Grito e meus pulmões quase entram em combustão. Mas me sinto bem. Realmente, realmente bem. Eu pressiono minha mão no meu peito, calmamente soltando a bancada, e endireitando meus ombros. — Eu vou sair para tomar café da manhã com Seth.

Seus olhos ficam amplificados e seus lábios começam a se abrirem em protesto, mas o olhar no meu rosto a acalma. Ela fecha a boca e desliza a tampa para fora do frasco. — Tudo bem, se divirta. — As pílulas chocalham enquanto ela derrama duas na palma da sua mão.

Coloco o cereal de volta no armário e a tigela na pia, e me apresso para a porta de trás. Corro em frente da entrada e acelero para chegar à garagem de dois andares. Quando abro a porta, fico surpresa em encontrar Seth sentado

na beira da cama, acordado e usando uma camiseta vermelha e um par de jeans escuros.

— Você está acordado, — eu digo, fechando a porta.

Ele ajeita seu cabelo com os dedos. — Eu acordei quando você correu para fora como se houvesse um incêndio. O que estava acontecendo?

Eu tiro meu casaco, embolo-o, e atiro-o na cama. — Eu vi minha mãe chegando e não queria que você tivesse que lidar com ela.

Ele conecta o relógio em seu pulso enquanto pega seus sapatos que estão no pé da cama. — Callie, não importa quantas piadas eu faça, posso lidar com sua mãe. — Ele desliza o pé em seu sapato. — Confie em mim, se eu posso lidar com minha própria mãe, então posso definitivamente lidar com a sua.

Eu franzo a testa enquanto afundo à beira da cama. — Mas você não fala com sua mãe desde que disse a ela sobre Greyson.

Ele dá de ombros, se inclinando até seu sapato e prendendo o cadarço em um nó. — Ela vai superar isso. Só vai levar algum tempo, assim como aconteceu quando disse a ela que eu era gay.

Eu pulo de volta na cama e estendo meu braço sobre a minha testa. — Como você decidiu que valia a pena dizer aos seus pais e o que não valia?

Ele fica em silêncio por um tempo e então ouço seus passos quando ele caminha para o meu lado da cama. Ele levanta o braço da minha cabeça e olha para mim. — Se você está me perguntando se eu acho que você deveria dizer a seus pais sobre o que aconteceu com Caleb, então a resposta é sim. Eu acho que você deveria.

Ele solta meu braço e eu me inclino em meus cotovelos. — Como você pode ter tanta certeza? — Minha boca se afunda para o cenho franzido. — Ela poderia ficar brava comigo. Ou ela poderia se odiar tanto quanto eu... Me odiava.

Seth escova minha franja dos meus olhos com os dedos. — Callie, se ela odiar a si mesma por um tempo, então ela vai odiar a si mesma por um tempo. Você tem carregado esse fardo nos últimos seis anos e já é hora de outra pessoa tirar um pouco desse peso de cima de você.

— Eu não tenho certeza se posso, — eu sussurro, agarrando-me a dor surda dentro do meu peito. — Há tanta coisa... tanto na aceitação quando dizer a verdade.

— Quando você vai aceitar que é real?

Concordo com a cabeça, olhando para o céu claro lá fora. A luz do sol está irradiando as casas do outro lado da rua. A luz solar é uma rara ocorrência em Afton, mas talvez seja um sinal de que nem tudo é escuridão. Essa luz existe, mesmo nos mais escuros cantos.

Ele se move para trás enquanto eu me sento e vou até a minha bolsa que está em cima de uma cadeira perto da porta. — Eu estava pensando que poderíamos sair para tomar café da manhã. Há um café na cidade que tem as melhores panquecas do mundo. — Eu pego uma blusa roxa da bolsa e um par de calças jeans.

— Eu pensei que iríamos ver Kayden primeiro, — diz Seth, mandando mensagens para alguém em seu celular.

— Mas ele não pode receber visitas. — Aperto minhas roupas contra meu peito e caminho para o banheiro para me trocar.

— Sim, ele pode. — Seth define seu celular em seu joelho e toma uma respiração profunda. — Eu recebi uma mensagem de Luke dizendo que Kayden receber visitas, como também está deixando a clínica hoje.

Eu paro no meio do quarto quando a realidade me alcança. Embora eu nunca tivesse admitido isso em voz alta, eu me perguntava se eu iria ir ver Kayden novamente. Que talvez ele nem sequer existisse e que tudo o que tinha acontecido entre nós era apenas imaginação da minha cabeça, tentando forçar minha mente a prosperar novamente. — Deveríamos esperar que ele saia e, em seguida, ir vê-lo? — Eu fico olhando para a porta do banheiro aberta.

Ouçó um guincho do colchão quando Seth se levanta da cama e aparece na minha linha de visão. — Eu acho que nós deveríamos ir buscá-lo. Luke disse que a mãe dele, supostamente, vai levá-lo para casa, mas ele acha que devemos ir buscá-lo e levá-lo para algum lugar.

Eu levanto meu queixo para cima e encontro seus olhos. — Como sequestrá-lo?

Seth ri de mim e seu rosto fica vermelho e os olhos cheios de água. — Ele tem 19 anos de idade, Callie. Nós não vamos sequestrá-lo se ele quiser ir.

— Mas ele não deveria estar sendo vigiado?

— O Quê? Na casa dos pais dele? Com o pai dele?

Eu liberto uma respiração instável dos meus pulmões. — Mas me preocupo que nós poderíamos estar fazendo mais mal do que bem... Fugindo.

Seth se aproxima de mim, colocando as mãos sobre meus ombros, e fixa os olhos nos meus. — Você quer saber o que eu acho? Acho que você está com medo.

Eu abraço as minhas roupas mais apertadas contra o meu peito, porque preciso me agarrar a algo. — Do quê?

— De ouvir toda a história sobre aquela noite. Eu acho que você está com medo da verdade.

— Mas o que é exatamente a verdade? — Pergunto.

Seth dá um sorriso torto e balança suavemente meus ombros. — Isso é o que você tem que descobrir, porque é preciso.

Ele está certo. Eu tenho medo de tudo o que aconteceu naquela noite e ter que admitir que a culpa é minha. Eu tenho medo de saber que Kayden estava realmente tentando se matar, tentando me deixar sozinha no mundo. Que ele vai me deixar mais uma vez, e eu preciso dele como preciso de ar.

— Onde vamos levá-lo, embora? — Eu pergunto. — Minha mãe deixou muito claro que não quer ele aqui.

Um sorriso diabólico se espalha por seu rosto. — Você deixa isso comigo. Tudo o que você precisa fazer é trazer sua bolsa e dizer a sua mãe que vai ficar fora por um par de dias.

Minhas sobrancelhas se unem. — Você não vai me dizer aonde estamos indo?

Seu sorriso se alarga e suas mãos deixam meus ombros e descansam ao seu lado. — É chamado de uma viagem surpresa na estrada, Callie.

Eu arrasto a minha mão pelo meu rosto. — Você acha que é uma boa ideia, considerando tudo?

— Não, mas eu nunca fui de tomar as ideias sábias, — diz ele. — Eu acredito em decisões irracionais, fugazes que mantêm a vida interessante. E a vida precisa ser interessante, porque temos apenas uma para viver.

Eu sorrio e quase parece real. — Você é o mais sábio... Eu quero dizer, a pessoa mais irracional e fugaz que eu já conheci.

Ele envolve seus braços em volta de mim e me abraça em um apertado abraço. Eu deixo cair as minhas roupas no chão e abraço-o de volta. Eu não me encolho. Eu não entro em pânico. Eu só aprecio. Porque Seth está em casa. E espero que um dia Kayden esteja também.

Nos abraçamos por um tempo e, em seguida, soltamos um ao outro. Eu pego minhas roupas e vou para o banheiro. — Tudo bem, vamos pegá-lo.

Eu digo, sabendo que não vai ser assim tão fácil. Porque se encontrar com algo que você perdeu raramente é, especialmente quando não se tem certeza do que exatamente você está encontrando.

CAPÍTULO 5

#41 Coma um monte de panquecas

Kayden

Minha mãe veio me buscar na manhã seguinte, assim como prometeu. Eles pararam de me dar meus remédios então eu me sinto esgotado e perfurado por dentro, como se cacos de vidro estivessem perfurando através da minha corrente sanguínea.

— Você está pronto para ir para casa? — Ela pergunta quando entra no meu quarto. Há algo em seu tom que eu não gosto, um aviso talvez do que me espera em casa.

Há um momento em que eu penso em dizer a Doug o que realmente aconteceu. Pelo menos estou finalmente sentindo isso no meu peito. Mas então penso no que significa, o que eu vou ter que admitir. Cada soco, cada pontapé, uma infância repleta de torturas memórias. Vou ter que sentir isso e não tenho uma faca ou navalha para desligar.

— Sim, — eu finalmente respondo enquanto dobro um par de jeans e coloco-o na mochila.

Ela parece aliviada e horrorizada. — Bom.

Ela passa alguns minutos conversando com o médico perto da porta, recolhendo os papéis que lhe dão com um olhar moderado e tolerante em seu rosto. Eu recolho a última das minhas coisas do armário ao lado da minha cama. Meus pontos foram tirados, mas ainda há alguma dor quando torço meu pulso, embora os médicos asseguraram-me que eu vou estar em recuperação completa, eventualmente, e provavelmente serei capaz de jogar futebol novamente na próxima temporada.

Eu não posso nem olhar para tão longe, porque não tenho ideia do que está diante de mim. Acusações criminais? Meu pai? Faculdade? Callie? Talvez nada.

Fecho a minha mochila e jogo-a sobre o meu ombro, decido não pensar sobre meu futuro por enquanto. Tudo o que preciso me concentrar é em passar pela porta e, em seguida, a minha atenção pode ir para o carro.

Minha mãe e os médicos desapareceram, assim caminho para fora do quarto. O destino leva o assunto em suas próprias mãos, no entanto. Estou no meio do quarto quando o destino entra em uma forma pequena, com grandes olhos azuis e cabelo castanho. Ela parece menor do que a última vez que a vi. Sua cintura está um pouco mais fina, e ela tem olheiras sob seus olhos, como se não conseguisse dormir muito bem.

— Callie, — eu digo, largando minha mochila no chão.

Ela agita os dedos, torcendo-os na sua frente, seu olhar vira quando ela ver a bandagem no meu pulso. — Oi, — ela diz em sua voz pequena enquanto encontra meus olhos. Seu cabelo está amarrado e mechas moldam seu rosto.

Eu não posso me parar. Eu sorrio como um idiota estúpido, mas então rapidamente franzo a testa. — Você não deveria estar aqui.

Ela suga uma respiração afiada. — Seth, Luke e eu decidimos vir te buscar... Achei que Luke lhe disse ao telefone que estávamos chegando.

— Sim... Mas ainda significa que você não deveria estar aqui. — Eu sei que soou duro, mas não posso me parar. Eu honestamente achei que ela realmente não iria aparecer e agora que ela apareceu... Eu odeio deixá-la me ver neste tipo de lugar.

Seus olhos se alargam como se eu tivesse lhe batido e me sinto o maior imbecil. Ela dá um passo em minha direção e eu aperto minhas mãos em punhos para me impedir de tocá-la, correr os dedos através do seu cabelo, beijar seus lábios. — Luke e Seth acham que deveríamos ir a uma viagem na estrada.

— Uma viagem na estrada? — Eu digo, incrédulo. — Agora?

Ela encolhe os ombros, como se não tivesse ideia do que fazer ou dizer. Eu opto por deixá-la fora do gancho, porque ela não precisa estar de pé em uma instalação olhando para um cara que quase se cortou e deixou seu pai quase espancá-lo até a morte.

— Olha, Callie. — Eu pego minha mochila e balanço a alça sobre meu ombro. — Eu não posso ir a uma viagem com você. — Eu sinto o pulsar sob

o curativo e me concentro nisso, em vez do brilho em seus olhos e seu lábio inferior tremendo. — Eu não posso realmente ir a qualquer coisa com você agora. — Eu dou um passo em sua direção e, em seguida me inclino para o lado. — Eu vou falar com você depois, ok?

É a coisa mais estúpida que já saiu dos meus lábios, mas precisava ser feito. Ela merece algo melhor do que o pedaço quebrado de merda que eu sou.

Callie

Eu estou do lado de fora da porta do seu quarto, me remexendo nervosamente enquanto espero para entrar e ver Kayden. Sua mãe está no quarto com ele e não quero entrar até que ela saia. Eu não sabia o que dizer ou se devo dizer alguma coisa quando entrar. Não há nenhuma palavra mágica que tornará mais fácil, e é aterrorizante.

O corredor está repleto de pessoas, conversas e caos, é desconcertante e acrescenta fogo aos meus nervos agitados. Eu tenho escrito nesses dias no meu diário sobre o que eu gostaria de dizer a ele quando o visse. *Estou feliz que você esteja bem. Sinto muito. Obrigado.* O último que pensei foi que eu sempre me sentir culpada, mas não consigo tirar isso da minha cabeça.

— Você parece como se fosse vomitar, Callie. — A voz de Seth interrompe meus pensamentos. Ele está de pé em frente ao corredor, ao lado de Luke, com os braços cruzados atrás dele enquanto parece preocupado comigo.

— Será que precisamos pegar um balde para você ou algo assim?

Eu balanço minha cabeça. — Não, eu estou bem. Além disso, onde você iria encontrar um balde?

Os cantos da sua boca se levantam e em três passos largos ele atravessa o corredor e para em minha frente. — Você sabe que ele está bem, certo? Ele ainda é Kayden, só um pouco surrado do que provavelmente precisa, mais do que qualquer coisa.

— Sim, eu acho. — Cruzo os braços sobre o peito e, em seguida, descruzo-os, incapaz de segurar a ansiedade.

Ele rodeia os braços em volta de mim e me puxa para um abraço. — Apenas respire fundo e solte.

Concordo com a cabeça e sugo o ar pelo nariz e deixo-o escapar por entre os meus lábios, exatamente como ele instruiu. Mas quando a porta se abre, o meu peito contrai junto com meu coração, quando Maci Owens sai do quarto. Ela está vestida como se estivesse indo a um jantar chique e parece ridículo para mim. Seu cabelo está feito em um coque arrumado e ela está usando delineador pesado e batom. Ela está usando um vestido azul marinho e saltos altos pretos. Meus sentimentos escuros em direção a sua roupa e aparência pode serem decorrentes ao fato de que ela está aqui e não parece nem um pouco chateada.

Seus saltos altos clicam no chão quando ela sai ao lado de uma das enfermeiras. Ela tem seu celular em uma mão e um par de luvas de couro na outra. Ela passa por mim e me cumprimenta com um sorriso falso. Ela ainda está provavelmente chateada sobre como eu reagi quando ela tentou me dizer que Kayden se cortou.

Eu mantenho o meu olhar fixo no dela enquanto ela caminha pelo corredor, e em seguida, Seth me cutuca com o cotovelo e eu desvio meu olhar e olho para ele. — Huh?

Ele acena com a cabeça para porta. — Pare de se preocupar com ela e entre.

Eu olho para Luke. — Talvez você devesse ir primeiro.

Ele balança a cabeça rapidamente. — Eu acho que ele preferiria vê-la primeiro.

Eu não tenho certeza se ele está certo, mas decido ir. Eu inspiro em preparação e, em seguida, entro no quarto. Eu sempre pensei que os quartos de hospital eram os quartos mais deprimentes que existiam, mas este com facilidade é muito pior. As paredes são limpas, o piso é desonroso, e a cama é feita ordenadamente para o próximo paciente.

Kayden está em pé no meio do quarto com uma mochila sobre seu ombro. Na minha cabeça eu estava imaginando que ele estaria em uma cama, parecendo impotente e com medo. Ele está mais alto do que me lembro e levanto instantaneamente minha cabeça para encontrar seus olhos cor de esmeralda. Seu cabelo marrom está um pouco maior e bagunçado, pendurado sobre as orelhas e nos olhos, e parece que ele não raspou sua barba, pois seu rosto está sujo.

Há uma outra cicatriz na bochecha e um curativo no pulso, com uma série de ligas de borracha. Seu corpo parece sólido, mas a sua expressão parece frágil.

— Callie, — ele diz, parecendo atordoado e um pouco chateado por me ver. Sua mochila cai do seu braço e bate no chão.

— Oi. — Parece a coisa mais ridícula que eu poderia dizer, mas é a primeira palavra de aparece em minha cabeça.

Os cantos dos seus lábios começam a se levantarem em um sorriso, mas, em seguida, desaparece e eu questiono se realmente vi. — Você não deveria estar aqui, — ele diz.

Meu coração aperta, em nós, a ligação com tanta força começa a murchar em pedaços. Eu não sei o que fazer ou dizer, então digo a ele sobre a viagem. Ele não fica feliz e de repente está saindo, passando por mim com apenas um olhar. Então estou sozinha, incapaz de me mover ou respirar. Tudo o que posso pensar é que este é o fim de tudo. O fim para a minha felicidade.

Depois de ficar em pé no meio do quarto por uma eternidade, Seth finalmente entra. Ele se aproxima de mim como se eu fosse um gato arisco e eu olho para as minhas unhas, perguntando-me se ele acha que eu vou arranhá-lo.

— Ei. — Ele enfia as mãos nos bolsos e caminha cautelosamente até que esteja na minha frente. — Você quer ir tomar café da manhã? A primeira porção de panquecas é pela minha conta.

Eu amo que ele não pergunta o que aconteceu. Se eu tivesse que falar provavelmente iria desmoronar em pedaços minúsculos, que iriam ficar presos nas rachaduras sujas do chão. Concordo com a cabeça e ele rodeia o braço em volta de mim e me leva para fora, segurando-me apertado.

O restaurante está lotado e cheio de vozes das pessoas que apreciam seus cafés da manhã com suas famílias. Barulho de pratos na cozinha e o ar cheira a café e waffles. Luke veio com a gente, mas ele foi distraído por uma das garçonete atrás do caixa, praticamente desde que entramos pela porta. Eu me pergunto se ele fez isso de propósito, para distrair-se do que aconteceu na clínica. Luke realmente tentou perseguir Kayden depois que ele correu para

fora do quarto, mas voltou minutos depois, parecendo chateado, mas nunca disse o que aconteceu.

— Você sabe o que eu acabei de perceber? — Seth aponta um garfo para mim enquanto mastiga um bocado de panquecas. — Isso precisa ser adicionado à nossa lista.

Olho para a pilha de panquecas mal tocadas no prato à minha frente. — O quê? Coma panquecas?

Seus músculos do pescoço se movem para cima e para baixo enquanto ele força um grande bocado de panquecas para baixo. — Não, coma um monte de panquecas.

Eu pego a garrafa de xarope de morango que está na bandeja, à extremidade da mesa. Pressiono o polegar para abrir a tampa, inclino a garrafa, e encho as panquecas de xarope vermelho. — Isso não parece significativo o suficiente para a lista.

Seth apunhala o garfo em suas panquecas, balançando a cabeça.

— De jeito nenhum. Todo mundo deveria se sentar e apreciar as panquecas pelo menos uma vez na sua vida. — Ele empurra uma grande quantidade em sua boca e, em seguida, fecha os olhos e respira profundamente. — Especialmente estas malditamente boas. Eu juro que estou tendo um *foodgasm*. (N/T: food: comida, orgasm: orgasmo)

Um riso foge da minha boca e ele abre os olhos parecendo feliz. É a primeira vez que mostrei um sinal de vida desde que deixei a instalação. — *Foodgasm*? — Pergunto.

Ele acena com a cabeça e engole sua comida com um gole forte.

— Os *GASMS* dos Campeões.

— Campeões do quê?

— Da vida.

Eu não consigo parar de sorrir enquanto dou mais uma garfada de panquecas e encho minha boca. — Tudo bem, podemos adicioná-lo à lista e então grifa-lo, porque estamos fazendo isso agora.

Ele sorri de orelha a orelha, então pega um guardanapo e limpa o xarope dos seus lábios. Seus dedos circulam o copo de leite na sua frente e ele envolve

os lábios em torno do canudo e toma um gole. Ele define o vidro para baixo, limpando a boca com a manga da sua camisa, e depois se inclina para trás na cabine e estica seus braços sobre a parte traseira do assento. Ele me observa comer com uma expressão de ansiedade em seu rosto.

Eu encho minha boca de panquecas e depois olho para ele. — O quê?

Seus ombros se movem para cima e para baixo enquanto ele encolhe os ombros. — Eu só estava me perguntando se você queria falar sobre o que aconteceu.

Eu estendo a minha mão para a manteiga no meio do mesa ao lado de um prato cheio de torrada e uma tigela cheia de pacotes de geléia.

— Com Kayden? — Eu pergunto e ele concorda. Pego a faca e deslizo através da manteiga, tirando uma fatia fina sobre a lâmina. — Nada. Eu apenas estou confusa. Isso é tudo.

— Você parecia que iria chorar, — ele diz. — E Kayden, bem, ele parecia chateado quando saiu. Quero dizer, ele praticamente correu para longe de mim quando eu disse oi.

Eu passo a manteiga em todas as panquecas e fica uma bagunça com o xarope. — Eu só não me aproximei dele como um gato arisco. Eu joguei a ideia de viagem rápido demais e ele se apavorou. Pelo menos eu acho que foi isso que aconteceu.

— Então, ele só decidiu ir para casa da mãe e do pai dele. — Seth abaixa as mãos a partir da parte de trás da cabine e descansa os cotovelos em cima da mesa. — Por que ele faria isso?

Eu divido a pilha das panquecas na metade enquanto inclino meu cotovelo sobre a mesa e descanso meu queixo na minha mão. — Talvez ele ainda não esteja pronto para admitir a verdade em voz alta.

— Estamos falando sobre você ou ele agora?

— Eu não tenho certeza.

Eu continuo a demolir minhas panquecas com meu garfo, tentando descobrir o que poderia estar passando na cabeça de Kayden. Se seu pai fez isso com ele, então talvez possa ser medo, mas por que medo de mim? Eu penso sobre o curativo em seu pulso e nas ligas de borracha.

Eu deixo a faca cair sobre a mesa. — Seth, por que alguém teria ligas de borracha em seu pulso?

Ele dá de ombros quando a garçonete caminha até a mesa com a conta. Ele pega dela e lhe dar um sorris.

— Obrigado por ter vindo. — Ela enrola uma mecha do seu cabelo loiro em torno do seu dedo enquanto sorrir e tenta deslumbrá-lo. — Eu espero que você volte.

Seth balança a cabeça, levando a mão ao bolso para pegar a sua carteira. — Por mais que eu ame as panquecas, eu provavelmente não vou voltar. — É a sua tentativa educada de dar um fora na garçonete.

Ela faz um beicinho e leva a conta e o cartão de crédito de Seth quando ele oferece a ela. — Bem, tudo bem então. — Ela me perfura com um olhar de morte, e depois pisa para fora em seus saltos rosa, combinando com seu uniforme de garçonete.

— Sabe, eu estou começando a me perguntar sobre o sexo feminino. — Seth observa enquanto define sua carteira em cima da mesa. — Sempre procurando amor nos lugares errados.

— Eu estou incluída nessa lista? — Eu saboreio meu suco de laranja e, em seguida, coloco o copo vazio de volta na mesa.

Ele revira os olhos como se fosse a coisa mais ridícula que tivesse ouvido. — Absolutamente não, querida. Você só precisa de uma melhor maneira para abordá-lo. — Ele brinca com o relógio, torcendo-o ao redor e em torno do seu pulso. — Por que você fez essa pergunta sobre as ligas de borracha?

Eu círculo meus dedos em torno do meu pulso e giro meu braço. — Porque Kayden tinha um grupo inteiro em seu pulso.

Seth batuca os dedos sobre a mesa e, em seguida, franze sua testa. Ele pega seu celular do bolso e passa o dedo ao longo da tela antes de digitar algo.

— O que você está fazendo? — Eu pergunto, pegando minha bolsa.

Ele levanta um dedo enquanto desliza o dedo na tela. — Só um segundo.

Eu tiro algumas notas de dólar e coloco-as sobre a mesa, em seguida, coloco minha carteira de volta na bolsa. Olho a garçonete sobre o balcão, que

está sussurrando algo para outra garçonete. Ambas olham para mim como se eu fosse o diabo.

— Acho que elas pensam que eu sou sua namorada, — eu digo, voltando para a cadeira.

Seth olha para elas, então dá de ombros e começa a ler a tela novamente. — Então, foi realmente errado ela dar em cima de mim.

— Eu acho que sim. — Eu dirijo minha atenção para a enxurrada de neve lá fora. Está em toda parte, branca e gelada, parecendo completamente inofensiva enquanto brilha sob o sol. É uma falsa inocência, porém, porque as estradas geladas aqui têm causado muitos acidentes e tomado muitas vidas.

Seth dá um tapa sobre a mesa e o gelo no vidro treme enquanto eu pulo, assustada. — Eu sabia que soava familiar, — ele murmura. Balançando a cabeça, ele coloca seu celular em cima da mesa. — Eu sei para o que são as ligas.

— Para quê? — Sento-me no meu lugar.

Ele se inclina para o meu lado da mesa e pega a minha mão. — É uma forma de tratamento utilizado para as pessoas que se cortam.

Eu já sabia que Kayden poderia ter se cortado, mas agora parece verdadeiro. Eu deslizo a minha mão de Seth e dobro os braços sobre meu estômago enquanto me enrolo. — Não me sinto bem.

— Callie, ele vai ficar bem, — ele me tranquiliza e busca a minha mão novamente.

Eu recuo, balançando a cabeça enquanto me levanto. Sinto a queimadura no meu estômago e a dor enquanto uma contusão se forma. — Preciso usar o banheiro.

Antes que ele possa responder, eu me levanto e corro pelo café, batendo em uma das garçonetes no meu caminho. Eu derrubo a bandeja da sua mão e me sinto mal, mas não tenho tempo para me desculpar.

Enquanto passo pelo balcão, onde Luke está sentado, eu ouço-o me chamar, — Callie... O que há de errado?

Eu não respondo. Eu preciso tirá-lo. Agora. Eu preciso me livrar desse sentimento na boca do estômago. Eu bato minha mão contra a porta e

arremesso-a. Eu corro para a cabine mais próxima e caio de joelhos. Começo a enfiar meu dedo na minha garganta, quando de repente eu vejo Kayden deitado no chão. Desamparado. Ele precisa de ajuda. Ele precisa de alguém que possa ajudá-lo. Isso me bate com força, como um chute no estômago, o que eu preciso fazer.

Talvez eu possa mudar esse desejo que estou sempre sonhando, um onde eu apago tudo o que aconteceu comigo no meu décimo segundo aniversário. Eu posso não ser capaz de tirar a dor do passado de Kayden, mas talvez eu possa ajudar com sua dor futura. Eu só preciso ser forte.

Retiro o dedo da minha boca e é uma das coisas mais difíceis que eu já tive que fazer. Estou tremendo e suando, sento-me contra a parede, deixando minha cabeça cair para trás. Então apenas fico lá. Não me sentindo bem, mas sabendo que é o melhor.

CAPÍTULO 6

#35 Ande, não corra

Callie

Seth e eu temos passado muito tempo no café, em parte porque Seth acha que precisa comer panquecas o tempo todo e em parte porque estamos evitando tomar café na minha casa, pelo resultado do primeiro encontro entre minha mãe e Seth. Foi desajeitado desde o início.

— É bom conhecer você, Seth. — Minha mãe estende a mão e Seth educadamente aperta.

Ela estava usando um avental branco sobre um vestido floral, parecendo muito 1960. A cozinha cheira a canela e as panelas rangem no fogão.

— É bom conhecer você também. — Seth solta sua mão e leva uma quantidade excessiva tempo olhando as luzes de Natal amarradas ao redor do topo das paredes e os bonecos de renas de Natal em todas as prateleiras e balcões. — Você gosta de decorar, hein?

Minha mãe vira os ovos na panela, em seguida, pega uma tigela de mistura do balcão e começa a bater a massa. — Oh sim, eu amo os feriados. Eles são muito divertidos. E você?

Seth ergueu as sobrancelhas para ela, puxando uma cadeira da mesa. — Se eu gosto dos feriados? Não, não realmente. — Ele se senta e eu me junto a ele, lendo a mensagem que recebi de Luke.

Luke: Você ouviu falar dele?

Eu: Não... você?

Luke: Não, eu passei na casa dele, no entanto.

Eu: Ele está bem?

Luke: Eu não sei. O irmão dele me atendeu, disse que não tinha o visto. Eu acho que ele estava bêbado, no entanto.

Eu: Mandei várias mensagens para ele. Ele nunca respondeu.

Luke: Eu tenho certeza que ele está bem. Ele provavelmente está apenas resolvendo alguma coisa.

Resolvendo algo? Sozinho. Naquela horrível casa.

— Callie, você me ouviu?

Tiro a atenção do meu celular e olho para minha mãe e Seth, que estão olhando para mim. — Huh? — Eu digo.

As sobrelhas de Seth se unem por trás das lentes dos óculos que ele estava usando, não para corrigir sua visão, mas porque estão na moda. — Você está bem? — Ele pergunta.

Eu balanço a cabeça. — Eu estou bem.

— Para quem você está mandando mensagens? — Pergunta minha mãe, unindo a tigela com um batedor.

Eu rapidamente fecho a tela e escondo o celular debaixo da mesa. — Ninguém.

Minha mãe solta o batedor no balcão e a massa se espalha por todo lado. — Você estava mandando mensagens para Kayden, não estava? Eu não posso acreditar, Callie. Eu disse que não queria que você tivesse qualquer contato com ele depois do que aconteceu - depois do que ele fez com Caleb.

Seth olha para mim com espanto em seus olhos e eu encolho os ombros, balançando a cabeça, tentando não chorar. — Não é Kayden, — Eu digo à minha mãe novamente.

— Mesmo que fosse, eu acho que Callie tem idade o suficiente para decidir com quem ela fala, — Seth entra na conversa com calma. — Na minha opinião, ela é uma excelente juiz de caráter. — Ele diz com atitude e não dar qualquer chance a minha mãe e o clima agradável entre eles se desfez logo ali. — Mais do que a maioria das pessoas, que parecem perder o tempo com o que não presta.

Ela não compreende a profundidade das suas palavras, mas o seu tom arrogante foi o suficiente para ela decidir que não gostava dele, algo que ela me disse mais tarde, quando me puxou de lado.

— Ele é rude, — ela disse. — Será que ele fala daquela maneira com sua própria mãe?

— Ele não fala com sua mãe, — eu digo e foi outra jogada contra ele.

Depois disso, decidi que seria melhor mantê-los separados, porque Seth não iria ficar quieto se minha mãe dissesse algo ridículo e minha mãe nunca iria parar de dizer coisas ridículas.

Eu estive em casa por quase uma semana. O tempo parece se mover em câmera lenta. Cada hora parece dias e dias parecem meses.

Natal está apenas a quatro dias de distância e minha mãe continua tentando me fazer gastar o tempo fazendo compras e embalando presentes com ela. Eu faço o máximo que posso, mas cada vez que ela traz Caleb à tona, eu esvazio por dentro.

Mesmo durante a nossa viagem para o shopping, que tive que ligar para Luke ir me buscar.

— Eu não tenho certeza se estou com fome, — Eu digo a Seth enquanto derramo o xarope na pilha de panquecas à minha frente. Estamos no café novamente, tendo a mesma conversa fiada depois de uma manhã muito desconfortável com a minha mãe. — Seis dias comendo a mesma coisa está me fazendo enjoar de panqueca.

Ele passa manteiga no seu pão e, em seguida, adiciona um pouco de geléia de morango. Ele está vestindo uma camisa azul com um logotipo no bolso e seu cabelo está um pouco úmido do banho antes de sairmos de casa.

— Bem, você não tem que pedir panquecas toda vez, — ele diz e define a faca em cima da mesa.

— Ou talvez você devesse pedir algo diferente para mim, — Eu respondo, agarrando alguns pacotes de açúcar da cesta.

Seth tinha feito o pedido por mim enquanto eu estava no banheiro, e eu não estava pensando em pedir panquecas.

— Eu acho que devemos comer panquecas todas as manhãs que estivermos de férias. — Ele dá uma mordida no seu pão. Farelos caem na

frente da sua camisa e ele limpa com um movimento da sua mão. — Vai ser divertido.

Eu olho para minhas panquecas enterradas em uma poça de calda. — Você tem certeza?

— Eu estou sempre certo quando digo algo em voz alta. — Ele define o pão no prato menor.

Selo meus lábios e tento não rir dele, porque Seth nunca tem certeza das coisas, assim como eu não tenho, assim como a maioria do mundo. — Tudo bem, podemos tentar comer panquecas todos os dias durante as férias. Mas se eu acabar vomitando você tem que prometer segura meu cabelo.

— Eu prometo. — Ele sorri e estende a mão na minha frente.

Eu bato a palma da minha mão contra a dele, dando um high-five. Por um momento é só eu e ele no café, talvez até no mundo. Mas o sino toca na porta e os meus olhos vagueiam instintivamente para ela.

De repente, eu me lembro que há muitas mais pessoas no mundo que precisam comer um monte de panquecas durante as férias de Natal. Kayden caminha para o café e as poucas pessoas nas mesas prontamente olham para ele. Houve rumores por aí sobre ele por toda a pequena cidade, aqueles que são horríveis. Eu luto para não bater em cada pessoa que está o olhando agora.

Ele está usando um casaco e há flocos de neve presos em seu cabelo. Ele está usando um velho par de jeans com buracos e botas em seus pés. As luzes de Natal grudadas às janelas refletem em seus olhos e os fazem parecer vermelhos em vez de verde. Seu olhar varre o lugar, mas passam por mim sem me notar, e então ele caminha até o balcão, onde uma das garçonetes mais velhas com cabelos grisalhos e uma touca higiênica na cabeça, cumprimenta-o no caixa.

— Callie, o que você está olhando? — Seth segue meu olhar e então seus olhos se alargam. — Oh.

É como se meus pés não pertencessem a mim quando me levanto da cabine. Assim que estou em meus pés, os olhos de Kayden fixam em mim. Nós olhamos um para outro de lados opostos do café e cheio de mesas, cadeiras e pessoas ao redor. Ele cruza os braços sobre seu peito e aperta os lábios antes de balançar a cabeça. Ele olha para o lado quando a garçoneite lhe

entrega um saco de papel. Eu não tenho certeza do que isso significa, mas preciso falar com ele.

— Eu já volto, — eu digo e começo a me afastar enquanto Kayden paga a garçonete.

Seth agarra minha manga e me puxa de volta. — Seja cuidadosa, Callie.

Eu aceno, mesmo não tendo certeza se ele quis dizer para ter cuidado com Kayden ou comigo. Ele solta minha manga e eu caminho em torno das mesas, com os cotovelos estendidos. Kayden está colocando a carteira no seu bolso de trás quando eu alcanço-o e o saco de papel está ao longo da sua mão. Sua mandíbula fica tensa enquanto ele agarra alguns guardanapos perto do caixa sem olhar para mim.

— Oi, — eu digo, e mais uma vez estou frustrada comigo mesmo por parecer tão boba.

— Ei, — ele murmura, empurrando os guardanapos no saco.

— Eu só... Eu só queria vir e ver como você está. — Eu respiro, porque estou tão nervosa que me esqueci de respirar.

Seus olhos se levantam para mim e eu sou tomada de volta para a frieza deles. — Eu estou bem.

— Isso é bom. — Minha garganta está encolhendo, reduzindo o fluxo de ar, e eu não sei como agir. Ele começa a ir para a porta e eu o sigo. — Kayden, espere.

Ele não faz, pressionando a mão na porta e empurrando-a para abrir. Eu sei que deveria recuar, mas não posso convencer meus pés a pararem de se movimentarem. Corro para a porta atrás dele, passando os braços em torno de mim quando o vento bate nos meus braços nus.

— Talvez pudéssemos conversar? — Eu sugiro quando ele abre a porta do Mercedes preto da sua mãe.

Ele faz uma pausa, sacudindo a cabeça, e então olha para mim. — Callie, eu tenho que ir. Tenho coisas para fazer hoje.

Eu ando pela lama e pelas poças e em torno da traseira do seu carro, não estou pronta para desistir. — Você vai ficar em sua casa?

Ele joga o saco de comida no console central e acaba caindo no banco do passageiro. — Sim, aonde mais eu iria?

A água está se infiltrando através dos meus sapatos e é frio. — Você poderia ficar comigo.

Seus olhos concentram os meus. — E o que? Sua mãe vai deixar eu ficar lá?

Hesito e é a coisa errada a fazer, mas não posso pensar em nada para dizer. — Eu não me importo com a minha mãe.

Ele balança a cabeça e avança para entrar no carro. — Callie, eu não posso ficar na sua casa, não depois de tudo o que aconteceu.

Por que parece como se ele não estivesse se referindo a minha mãe, mas sim a nossa relação? — Por favor, não fuja, — Eu imploro.

Eu já não estou pensando racionalmente. Eu corro em torno da frente do carro e abro a porta do lado do passageiro, me preparando para fazê-lo sentir-se melhor. De alguma forma. Eu só preciso descobrir como. O interior do carro cheira a ele e eu respiro seu perfume enquanto movo o saco de comida para fora do caminho, entro, e fecho a porta.

— Eu não quero que você vá.

Balançando a cabeça, ele bate à porta e ajusta o assento para trás, dando a si mesmo mais espaço. Ele encontra meus olhos e há um vazio neles. — Callie, eu nunca saí de lá. Só escapei por pouco tempo. — Ele vira a chave na ignição e o motor ruge para a vida. — Meu pai não está mais lá.

Eu balanço minha cabeça. — Onde ele está?

Ele dá de ombros, mordendo o lábio, olhando pela janela para o armazém do outro lado. — Em uma viagem de negócios, eu acho.

Quero perguntar - quero saber se ele tem alguma parte disso. — Kayden, ele fez...

— Olha, Callie, — ele me interrompe e fixa seu olhar em mim. — Eu tenho que ir. Eu não tenho nada a ver nisso.

Engulo em seco e meu interior treme. — Por favor, fale comigo, — eu sussurro, sugando as lágrimas.

Ele inala pelo nariz e seu peitoral duro levanta e em seguida, desce enquanto ele libera a respiração. Sua mão está ficando pálida enquanto ele

agarra o volante e eu juro que posso ouvir seu batimento cardíaco. — Eu... — Sua respiração acelera enquanto ele luta para falar.

Eu inclino meu cotovelo no console e coloco minha mão em sua bochecha. Ele recua, mas permanece imóvel, olhando para mim. Meu coração está batendo apaixonadamente e a adrenalina passa através do meu corpo. Eu não sei o que estou fazendo ou se é certo ou errado. Tudo o que posso fazer é esperar que vá chegar a ele.

— Você sabe que pode me dizer tudo, certo? Eu vou entender. — Ele engole duro quando escovo um dedo trêmulo sob sua bochecha. Ainda parece que ele não tem raspado. Sua pele é áspera sob meu toque. — Por Favor.

Ele balança a cabeça. — E... Eu não posso.

— Sim, sim, você pode. — Eu me inclino sobre o console, a necessidade de fechar a distância entre nós. — Eu vou ajudá-lo. — Como você me ajudou.

Seu hálito quente contra meu rosto e sua respiração acelera quando seu olhar encontra meus lábios. — Callie, eu...

Ele se inclina para mim e, em seguida, sua boca esmaga urgentemente contra a minha. Eu instantaneamente abro meus lábios e permito que sua língua deslize para dentro enquanto libero uma respiração reprimida. Eu senti falta disto, mais do que me deixo admitir. Eu preciso dele. Muito.

Eu agarro sua camisa enquanto ele segura a parte de trás do meu pescoço, me puxando para mais perto, me beijando e explorando minha boca com a língua em movimentos bruscos, quase desesperados. Sua outra mão se move freneticamente e agarra meu quadril. O console está apontando para o meu estômago, mas não me importo. Eu só quero mantê-lo me beijando para sempre. Eu nunca quero deixá-lo ir ou que ele me deixe ir. Eu preciso dele.

Mas, então, ele está se afastando, respirando profusamente, com sua mandíbula cerrada. Quando ele olha para mim, seus olhos estão frios.

— Você precisa ir... Sinto muito, Callie. — Parece que ele iria chorar. — Eu não posso estar com você.

Eu tento dizer a mim mesma que é porque ele está prejudicado, mas de repente estou de volta à escola, onde ninguém quer estar em volta da garota invisível cheia de vergonha.

— Anormal, — Daisy diz quando ando pelo corredor com a minha cabeça abaixada. — Ninguém quer você por perto.

Corro pelo corredor, segurando meus livros enquanto corro para fora. Eu continuo correndo e correndo até que estou em segurança debaixo da arquibancada perto do campo de futebol, onde ninguém pode me ver. Eu empurro o dedo na minha garganta e forço o meu almoço para fora do meu estômago. Então sento-me no chão e através das rachaduras dos assentos assisto a equipe de futebol praticar, desejando que eu pudesse ficar lá para sempre.

Minha respiração vacila enquanto saio do carro, na neve e para o ar invernal. Assim que fecho a porta, os pneus giram na lama enquanto ele sai sem olhar para trás. Mesmo sentindo vontade de ir atrás dele, me viro e caminho de volta para dentro do café com a minha cabeça baixa.

Kayden

Eu sou oficialmente o maior idiota do mundo, quando saio do estacionamento. Eu esnobei a garota mais triste do mundo, não uma vez, mas duas vezes, e em cima disso, eu a beijei. Eu sou a porra de um idiota. Posso vê-la olhando para o carro quando desço pela estrada, a cabeça abaixada, e ela provavelmente se sente como merda.

Mas é para seu próprio bem; isso é o que eu tenho que manter revelador para mim mesmo. Um dia ela vai olhar para trás, para tudo isso e ficar feliz por não ter que lidar comigo em sua vida. Meus fardos e problemas devem ser meus e só meus.

Ainda assim... Beijá-la novamente tornou um problema enorme. Eu estou distante do café, a lama nas estradas chicoteiam contra o para-brisa enquanto voou pela estrada principal com o carro da minha mãe. Meu coração está agindo estupidamente, voando tão rápido quanto posso, meus lábios estão queimando a partir da sensação dela. O interior do carro tem seu cheiro também e não consigo parar de pensar sobre o quão bem ela cheirava quando me aproximei e como me sentir ao tocá-la.

Eu nunca deveria ter saído de casa. Minha mãe estava bêbada, porém, e queria algo para comer. Eu não queria que ela dirigisse bêbada então me ofereci para ir. Mas estar em público não foi uma boa ideia. Há muitas pessoas que eu conheço, e muito julgamento. E depois Callie... Estava lá... Vê-la...

Lágrimas ameaçaram sair dos meus olhos quando a deixei para trás no café e a dor, a tristeza está me fazendo querer estacionar. Não posso deixar os sentimentos vir à tona, não quando não tenho nenhuma maneira de desligá-los. Eu vou ter que lidar com eles e não consigo. Mas meus olhos se mantêm se enchendo de lágrimas e torna-se mais difícil ver alguma coisa.

Tudo parece branco e úmido, eu não consigo me concentrar na estrada. Preciso parar que o nó apertado no meu peito aumente.

Segurando o volante, me inclino em todo o console para o porta-luvas, esperando que minha mãe tenha uma chave de fenda ou algo afiado lá dentro. Eu só preciso de uma solução rápida para desativá-los temporariamente. Continuo olhando para a estrada, procurando através do porta-luvas. Há uma pilha de papéis, um tubo de batom, e um pacote de purificadores de ar.

— Foda-se! — Não há nada afiado. Fecho o console com força, bem a tempo de ver um pequeno carro azul parado no meio da estrada, com uma nuvem de escuridão no ar.

Pressiono meu pé no pedal e meu carro derrapa. Neve e lama viram-se para o ar e o carro perde o controle e desliza para o lado. Ele para cerca de um pé antes do outro carro.

Eu bato as mãos contra o volante, acelerando um pouco para frente e dirijo para o lado. Estou perdendo o controle sobre tudo o que sinto, e vai acabar me matando.

A coisa é que eu não tenho certeza se fico aterrorizado ou aliviado com isso.

CAPÍTULO 7

#2 *Não pense tanto*

Kayden

Tem sido um pouco mais de uma semana e meia desde que fui liberado e estou fodidamente chateado. E chocado. E um monte de outras coisas que não posso classificar completamente. A última vez que a vi foi quando a deixei no café. Ela tentou me ligar e me mandou algumas mensagens desde que eu fugi para longe dela, mas nunca respondi.

Estar preso em casa é difícil, e meio deprimente, especialmente desde que o Natal foi ontem e passou despercebido. Mas é sempre assim, eu acho. Minha mãe escondeu as facas, lâminas de barbear e cada objeto afiado na casa. Se é para o benefício do meu pai ou o meu próprio, não tenho certeza. Meu irmão mais velho, Tyler, ainda está por aqui. Acho que ele perdeu o emprego e a casa, então agora está morando no quarto do andar de baixo, onde costumávamos nos esconder quando éramos crianças.

Ele também está bebendo tanto quanto minha mãe. Meu pai não apareceu em casa desde que eu voltei. Minha mãe diz que ele está em uma viagem de negócios, mas eu secretamente pergunto-me se ele está se escondendo até que possa ter certeza de que eu não vou falar sobre o que aconteceu naquela noite.

— Boa notícia, — minha mãe diz quando eu entro na cozinha.

É início da manhã, mas ela está arrumada, o cabelo está feito, e já tem sua maquiagem. Ela está sentada à mesa, bebericando café com uma revista na sua frente e uma garrafa de vinho meio vazia.

Eu vou até o armário. — Oh sim.

Ela pega a caneca de café. — Sim, mas se você considerar não ir para a cadeia uma boa notícia. — Ela toma um gole do café e, em seguida, coloca o copo de volta na mesa. — Eu acho que Caleb e seu pai chegaram a um acordo. Vamos dar dez mil dólares e em troca ele não vai prestar acusações.

— E isso é bom?

— E isso importa?

Eu abro o armário e tiro uma caixa de Pop-Tarts^[2]. — Tipo... E, além disso, como você sabe que ele não vai apenas pegar o dinheiro e ainda prestar queixa. Ele não é um cara honesto.

— Não, ele é o cara que você bateu. — Ela pega o creme e derrama um pouco em seu café. — Agora pare de argumentar. É assim que seu pai manuseou. E seja grato que ele esteja lidando com isso.

Eu involuntariamente solto uma risada. — Seja grato. — Eu gesticulo para minha lateral, que está começando a cicatrizar. — Pelo quê? Por isso?

Ela leva o copo à boca e faz uma carranca para mim por cima da xícara. — O quê? As lesões que você fez a si mesmo?

Eu bato o armário e a faço saltar. — Você sabe que não é verdade... E eu queria... Eu queria... — Eu queria que por uma vez ela admitisse que sabe, mas não se importa. Seria melhor do que fingir que nada disso existe.

Ela reduz o copo à mesa e vira uma página da sua revista, encolhendo os ombros com indiferença. — Tudo o que sei é que você cortar a si mesmo e que seu pai não estava aqui naquela noite.

— Mãe, você é tão cheia de...

Ela pressiona a mão em cima da mesa e seu corpo treme. — Kayden Owens, não vamos falar sobre isso mais. Já está sendo cuidado e nós estamos seguindo em frente porque é o que fazemos.

Eu me inclino para trás, dobro os braços para trás de mim na bancada. — Por que você está sempre protegendo ele? Você deveria proteger os seus filhos... Mas você não vai admitir o que está acontecendo.

Ela se empurra para trás da mesa, pega sua revista e café, e se apressa em direção à porta. — Sabe de uma coisa, quando se cresce tão pobre que a sua mãe tem que vender-se, pois só assim você pode ter um par de sapatos usados a partir de uma loja local de nível baixo?

Minha mãe nunca realmente falou sobre sua infância ou sobre sua mãe, por isso estou atordoado. — Não... Mas eu prefiro crescer sem bons sapatos do que crescer tendo minha bunda chutada todos os dias.

Ela balança o braço para trás e joga o copo em mim. Passando próximo à minha cabeça e se despedaçando contra a parede. Fragmentos afiados caem por todo o chão e ficam presos nas fendas do azulejo.

— Seu merdinha ingrato. Você não tem ideia do quão sortudo é. — Ela está tremendo de raiva e seus olhos estão esbugalhados.

Eu olho para ela e para os cacos no chão e, em seguida, de volta para ela com minha boca aberta. Ela nunca esteve assim antes. Ela geralmente é moderada. Mas tão rapidamente como o fogo veio, ele vai embora e as chamas e a raiva nos seus olhos se dissipam. Ela corre as mãos no seu cabelo, penteando-o de volta no lugar antes de sair e me deixar para limpar a bagunça.

Eu pego uma vassoura do armário e varro o local, jogando os pedaços na lata de lixo quando esvazio a poeira. Percebo alguns itinerário de viagem a Paris e também em Porto Rico no lixo e me pergunto se é onde meu pai foi. Esses lugares parecem mais como um período de férias, no entanto, do que uma viagem de negócios.

Enquanto coloco a vassoura para longe, penso naquela noite, a raiva incontrollável nos olhos do meu pai, e o sentimento de não conhecer a superfícies no meu peito.

O que vai acontecer comigo? Como posso me adaptar à vida em que pensei que eu tinha caído para a morte? E eu já tenho uma vida para me adaptar de novo?

Minha mãe pode fingir que está perfeitamente bem, que eles vão pagar Caleb e ele vai ficar de boca fechada - mas tenho as minhas dúvidas e não ficarei nem um pouco surpreso se ele pegar o dinheiro e ainda sim prestar acusações.

Eu continuo a analisar os meus planos enquanto vou para a sala e sento-me no sofá em silêncio. Eu pego meu celular do meu bolso e olho para a tela com o dedo pairando sobre o botão LIGAR. Eu quero fodidamente muito ligar para Callie. Porque sinto como se ela pudesse me ajudar, deixar-me saber algumas das respostas, dá-me uma razão para viver novamente.

— Ei, cara. — Tyler tropeça para dentro e fecha a porta com o cotovelo. Ele tem um saco de papel marrom com uma garrafa dentro em sua mão e inclina a cabeça para trás e toma um gole de tudo o que está dentro e em

seguida, enxuga seu rosto com a manga da sua camisa e empurra o saco para mim.

Eu balanço minha cabeça e guardo meu celular, levando a interrupção de Tyler como um sinal para não ligar para Callie. — Não, obrigado, cara.

Ele dá de ombros e toma outro gole antes de se jogar no sofá de couro em frente ao meu. Ele parece ter mais do que seus vinte anos e suas roupas estão esfarrapadas e desgastadas.

Ele perdeu um dos seus dentes, que, segundo ele, foi em uma briga, mas eu me pergunto se ele é um viciado em crack ou tem algo haver com todas as feridas no seu rosto. Seu cabelo marrom está cortado e ele cheira a fumaça e bebida.

— Quanto tempo você vai ficar aqui? — Ele chuta os pés para cima da mesa e há um buraco no fundo do seu sapato.

— Eu não tenho ideia. — Eu pego o controle remoto da mesa de café e aponto-o para a tela da televisão. — Eu acho que isso depende do que vai acontecer com essa coisa com Caleb.

Ele remove a garrafa de vodca do saco de papel e leva a ponta da garrafa à boca. — Sim, o que foi aquilo?

Ele toma mais um gole e, em seguida, coloca a garrafa sobre a mesa. Há uma mancha vermelha ao redor da boca da garrafa e pergunto-me se ele se machucou ou se mesmo sentiu.

Ligo a TV e começo a mudar de canais. Eu não quero falar com ele quando ele está tão bêbado que não vai se lembrar de uma palavra no dia seguinte. Mesmo que seja provavelmente errado, eu ainda tenho sentimentos amargos por ele não ter cumprido sua promessa e me deixado aqui quando eu era criança, e então ter se transformado nisso.

— Isso se chama vida.

Ele ri, incrédulo. — A vida é chamado de bater a merda fora de alguém?

— Foi a nossa vida por um tempo, — eu digo e ele se move desconfortavelmente. Eu fecho meus dedos e minha garganta, resistindo à vontade de socar meu punho na mesa à minha frente. — Eu não bati a merda

fora dele. Eu quebrei o nariz, quebrei alguns dentes, e destruí seu rosto. É isso aí.

— Sim, mas o que Caleb Miller fez para você? — Ele pressiona.

— A última vez que estive aqui, ele parecia um cara legal.

Eu aperto meus dedos de novo, empurrando-os tão duro quanto posso, até que pareça que minha pele esteja se abrindo. — Ele é um fodido idiota que fez algo que deveria estar na cadeia. O que eu fiz para ele foi menor em comparação com o que devia ser feito. — Eu me levanto porque não quero mais falar sobre isso.

Ele se vira no sofá, seguindo-me com seus olhos vermelhos. — Você não o deixou inconsciente?

Eu balanço minha cabeça enquanto abro a porta. — Não.

Eu penso no que fiz, mas descubro que ele estava apenas brincando. Sim, seu rosto parecia um blueberry irregular, mas no tempo em que a polícia me colocou na parte de trás do carro, ele estava de pé e acabando com tudo que valeu a pena.

Eu saio da casa, farto com a conversa. Eu não tenho um casaco, apenas um moletom, por isso estou com muito frio enquanto caminho em todo o quintal gelado da frente, tropeçando através da neve, com os braços na minha lateral. Ambos os carros sumiram da garagem, mas a moto está lá com a chave nela. Passo a mão ao longo do assento de couro, pensando sobre a última vez que a montei e como quase a destruí ao tentar saltar sobre uma colina. É preta, elegante, e não foi feita para saltos, mas eu estava me mostrando para um bando de meninas e acabei derrapando na sujeira e quase cometendo suicídio na estrada. Foi menor em comparação com algumas das coisas que meu pai fez comigo e até mesmo algumas das coisas que eu fiz para mim mesmo.

Rolando meu pulso e sentindo uma leve dor nos meus cortes, eu levanto minha perna sobre o assento, giro a chave e aperto o acelerador enquanto seguro o freio. O motor ruge e salta para a vida e por uma fração de segundo eu me sinto vivo. Levanto meus pés, solto o freio, e voo para fora da garagem para a estrada. Está fodidamente frio, mas poderia ser pior. É realmente um dia quente para Afton e as estradas estão claras. Eu posso lidar com isso enquanto dirijo lentamente. Eu só preciso ir a algum lugar.

Em qualquer lugar, menos aqui.

Callie

Tem sido um pouco menos de uma semana desde que vi Kayden no café. Eu mandei várias mensagens e liguei um par de vezes e sempre acabo chorando porque ele não vai responder. Eu não consigo parar de pensar no vazio em seus olhos e a raiva neles quando ele se afastou.

Seth lhe mandou algumas mensagens também, mas nunca recebeu resposta. Me mata não ter nenhum contato com ele e que ele esteja naquela casa, a sós com sua terrível família, mantendo silêncio sobre a sua vida.

Silêncio.

Silêncio.

Por que é sempre sobre o silêncio? Eu gostaria tanto que pudéssemos dizer ao mundo tudo e sermos livre das correntes que nos arrastam ao redor.

Seth e eu temos passado muito tempo longe da minha casa, pendurados no café, comendo muitas panquecas, e dirigindo pelas estradas sem destino, qualquer coisa que vá me manter longe da minha mãe. Não é como se ela fosse terrível, mas ela me mantém lembrando sobre a minha obrigação com meu irmão e Caleb, uma vez que eles são um "pacote". Mas ontem foi Natal, e ela nos obrigou a ficar em casa o dia todo. As coisas não correram muito bem e acabamos entrando em uma discussão quando ela me puxou para um canto e me disse que achava que eu não deveria sair com Seth mais.

— Ele tem uma boca muito grande, — ela disse. — E eu não gosto da atitude dele.

— Você não tem que gostar, mãe, — eu respondi. — Mas ele é meu amigo e vai continuar sendo.

Isso não passou muito bem e ela começou a me dar lições sobre a menina que ela sentia falta, aquela que não era tão rude.

— O que você está pensando? — Seth pergunta.

Nós estamos no quarto em cima da garagem. É um dia bastante agradável, a luz do sol derretendo toda neve e gelo. Eu estive analisando por um tempo,

assistindo o reflexo contra o gelo, parecendo tão perfeito, mas sei que se eu sair, vai estar frio e escorregadio, não irá realizar a perfeição.

— Você tem esse olhar estranho em seu rosto... Como se estivesse pensando em matar alguém.

Eu fico de pé ao lado da janela chuto um saco de pancadas com o meu pé descalço. Meu pai o trouxe para cá alguns dias atrás, depois que minha mãe deu a ele no Natal como uma maneira dele "ficar em forma".

— Eu só estou pensando em algumas coisas.

Ele vira uma página da revista que está lendo enquanto se estabelece em seu estômago na cama. — Como o quê?

Eu balanço minha cabeça e soco meu punho no saco, mal o movendo. Gotas de suor escorrem na parte de trás do meu pescoço e meu rabo de cavalo se solta do elástico. — Nada. Não é nada... Apenas o clima.

Ele ergue uma sobrancelha enquanto tira os olhos da revista. Ele está usando um par de jeans, uma camisa listrada e um colar de couro em volta do pescoço. — No clima?

Eu dou de ombros, girando meu quadril para o lado, e depois levanto meu joelho, achatando meu pé contra o saco mais uma vez. Ofegante, caminho até a cama, o chão de concreto frio contra meus pés descalços, e me apresso e subo no colchão. — Sim, às vezes eu gosto de analisá-lo e tudo o que poderia significar em relação à vida.

Ele vira uma página enquanto olha para mim. — Você é muito estranha garota. Sabe disso?

Concordo com a cabeça, enfiando meus pés embaixo do cobertor. — Eu disse isso algumas vezes.

Ele suspira e depois olha para minha roupa. Eu ainda tenho meus pijamas, estou sem maquiagem, e cheiro a suor. — Você está pensando em ficar vestida assim o dia todo? Eu estava esperando que fossemos sair.

Eu me inclino contra a parede, abanando a mão na frente do meu rosto, para tentar me refrescar. — Para onde?

— Em qualquer lugar, menos aqui.

— Este lugar já te entediou, hein.

Ele balança a cabeça e começa a ler a próxima página. — Não, mas este quarto sim e o fato de que você está meio fora de lugar. Você está me... Você tem estado assim desde aquele dia em que correu atrás de Kayden no café.

Ele espreita para mim através dos seus longos cílios negro. Uma mecha de cabelo cai em seus olhos, mas ele não se incomoda em afastá-la. Parece que ele está esperando que eu diga algo.

— O que há de errado? — Eu pergunto, inclinando meu braço sobre meu estômago.

Ele franze o cenho para mim quando vira para outra página e acidentalmente rasga o canto. — Você está me escondendo alguma coisa que aconteceu no café... Quando você correu para fora.

— Não, eu não estou, — eu minto, porque tenho medo de falar sobre o assunto, com medo de que Seth me diga o que significa.

Ele aponta o dedo para mim com seus olhos estreitos. — Não minta para mim, Callie. Apenas diga que você não quer me dizer. Mas não minta.

Meu rosto afunda enquanto franzo a testa. — Sinto muito. Eu realmente não quero falar a respeito disso. Vai ser muito difícil... Descobrir o que isso significa... Ter que contar como me sinto.

Ele faz uma pausa enquanto me avalia e, em seguida, seu olhar desliza para a janela onde meu diário está. — Você já escreveu sobre isso?

Eu balanço minha cabeça e limpo o suor do meu rosto com a palma da minha mão. — Eu não quero.

— Você já escreveu sobre como se sentiu naquela noite... sobre Kayden?

— Eu não fiz, — digo a ele. — E como eu disse, realmente não quero.

Ele endireita os braços e se empurra para cima da cama. Ele ajoelha-se e se aproxima de mim, até que esteja ao meu lado. — Talvez você devesse. Talvez você devesse escrever uma carta para Kayden, dizendo como você se sente, e não apenas sobre o que aconteceu, mas como você se sente sobre ele.

— Seth, eu não acho que consigo. — Eu rolo em minhas costas e encaro fixamente as manchas no teto. — Eu tenho medo do que vou acabar escrevendo... Eu tenho medo de como realmente me sinto e como ele vai

reagir. — Eu tenho medo que o que estou forçando a ficar trancado dentro do meu coração vá se soltar e eu vou ter que lidar com isso.

Ele pega a minha mão e um lado da boca se inclina para cima. — Callie, querida, eu acho que se nós dois aprendemos alguma coisa em nossas vidas é que ter medo não é a uma maneira de viver.

— Eu sei, — eu digo baixinho, percebendo o quanto estive me segurando por dentro. Desde o que aconteceu, meu peito, meus sentimentos e o meu coração foram amarrados em um nó apertado. — Mas e se eu descobrir algo que não quero?

— É melhor do que escondê-lo e reprimi-lo, não é?

Eu aperto meus lábios juntos e ouço o zumbido do aquecedor, considerando cuidadosamente as palavras. Então me obrigo a sentar-me.

— Você é um homem muito sábio, Seth.

— Bem, duh. — Ele revira os olhos e sorri. — Isso é claro para todos que me satisfazem.

Meu sorriso cresce porque, apesar de tudo o que tem por vir nessa carta quando eu anotar meus pensamentos, eu vou ter Seth e sei que ao contrário do passado, eu não vou estar sozinha.

Pego meu diário da janela e me enrolo em uma bola sobre a cama, pressionando a ponta da caneta no papel, pronta para admitir o que realmente está dentro do local mais sombrio do meu coração, coisas que eu tenho medo, mas que quero mais do que qualquer coisa na minha vida.

Uma hora mais tarde, eu ando para fora da garagem, sentindo-me mais leve, quase como se eu estivesse voando. Seth estava certo. Escrever tudo o que estou sentindo foi uma boa ideia. Eu me sinto muito melhor. É estranho porque escrevi sobre Kayden o tempo todo, mas foi diferente, na verdade, escrever para ele porque sei que um dia, se eu tiver coragem, ele vai lê-lo.

Estou indo para a garagem, onde Luke está esperando por mim em sua caminhonete, pronta para me encontrar com Seth e me afastar por um pouco. Primeiro ouço Seth, já que estou com a cabeça baixa enquanto ando, ele está

rindo sobre algo e isso me faz sorrir. É um dia ventoso, as nuvens pesadas. Não está nevando ainda, mas provavelmente estará no fim do dia.

Estou na metade do caminho, ansiosa para ficar longe de casa por um tempo, quando a porta se abre e Jackson sai.

Seu cabelo castanho está úmido e ele tem um casaco verde, jeans e um par de botas com os cadarços desfeito e se arrastando na neve. — Ei, eu preciso falar com você. — Ele desce os degraus, arrastando a mão pelo corrimão.

Eu paro e espero por ele perto da escada, puxando o capuz do meu casaco sobre a minha cabeça e colocando minhas mãos em meus bolsos. — Sobre o quê?

Ele para e eu levanto meu pescoço para olhar para cima. — Sobre a sua lealdade com esta família, — ele diz.

A brisa gelada belisca meu rosto. — Eu já sou leal a esta família.

Ele balança a cabeça e aponta o dedo para a caminhonete Chevy 1980 de Luke, estacionada no final da calçada. — Não se você for sair com ele.

— Com Luke?

— Com o melhor amigo de Kayden.

Eu começo me afastar, mas seus dedos agarram meu braço e ele aperta as unhas de forma agressiva no tecido do meu casaco enquanto eu tento me soltar do seu aperto. — Você sabia que ele estava lá naquela noite? — ele rosna. — Luke estava lá, quando Kayden bateu em Caleb e ele nem sequer tentou impedi-lo.

Eu tento puxar meu braço, mas ele intensifica seu aperto. — Jackson, me solte. — Eu dobro o cotovelo e torço o meu braço novamente e o empurro, mas ele não vai me deixar ir. — Por favor, você está me machucando.

Seus olhos estão tão gelados como a neve debaixo dos meus pés e seus dedos soltam meu braço. Eu tropeço para o lado e pressiono a mão na parede para conseguir ficar de pé. — Eu tenho sido o melhor amigo de Caleb desde que tinha seis anos, Callie, e você costumava ser amiga dele também.

Eu recuo na calçada para longe dele, estremecendo a partir do confronto. — Eu não quero mais falar sobre isso.

— Você nunca quer falar sobre qualquer coisa, Callie. — Ele inclina o joelho e se aproxima da escada sem se virar. — Você apenas desligar e vai para o seu próprio lugar estranho.

— Porque eu tenho! — Eu giro ao redor e corro para a entrada de automóveis. Aquele pequeno lugar estranho que ele está se referindo é mais minha casa do que este lugar nunca vai ser. Este lugar tem lembranças que me machucam cada vez que eu boto o pé no seu interior.

Eu caminho até a caminhonete e o ar quente que sai das aberturas me conforta. Eu escalo sobre o colo de Seth para sentar no meio deles, porque ele se recusa a "ser a cadela" e me sento. Uma vez que estou no meu assento, coloco o cinto de segurança, Luke dá ré e recua da entrada de automóveis. Meu irmão está em pé no topo da escada, observando-nos com as mãos nos bolsos.

— Qual é o problema dele? — Seth pergunta, acenando a cabeça para Jackson.

— Ele está chateado com algumas coisas. — Eu posiciono minhas mãos na frente do aquecedor para aquecê-las. Eu posso sentir o olhar de Luke e Seth em mim, mas não quero olhar para eles. Com a minha cabeça baixa, eu respiro pelo nariz para forçar as lágrimas quentes que querem derramar.

A caminhonete balança quando Luke passa por cima de um pequeno banco de neve no final da calçada, e então ele recupera a direção e estamos correndo pela rua com neve. O rádio toca pacificamente no fundo e o motor solta pequenos ruídos. Halfway está logo em frente, Seth e Luke pegam seus cigarros e abrem as janelas para que eles possam fumar. É frio e cheio de fumaça, minha cabeça está indo para um lugar muito escuro.

Eu gostaria de poder fazer isso. Eu gostaria de poder entrar em casa, quando minha mãe, meu pai e Jackson estivessem todos sentados à mesa.

Minha voz sairia normal, não trêmula, e eu finalmente lhes diria.

Eles me abraçariam, me confortariam, e me diriam que tudo ficaria bem.

Mas sei que não vai ser assim. Se passaram seis anos desde o que aconteceu e todos os anos eu passei nas sombras do silêncio, com outro peso sendo adicionado nos meus ombros. Torna mais difícil contar a verdade e o tempo torna mais difícil as pessoas entenderem.

Seth e Luke fumam seus cigarros para fora da janela enquanto nós chegamos na garagem de Luke. Flocos cinzas explodem em volta da cabine e aterrissam nas minhas roupas. Eu vi sua casa antes, quando minha mãe estava me levando de carro para a escola, mas eu nunca realmente estive lá, nem sei muito sobre sua mãe e seu pai, com exceção de que eles se divorciaram quando eram jovens. É uma casa pequena, precisando desesperadamente de uma pintura. Há alguns pés de neve no quintal e uma árvore no centro perto de um caminho que leva até a varanda da frente.

Luke para a caminhonete em um parque e vira a chave, silenciando o motor. Ele olha para sua casa enquanto remove a chave da ignição e enfia no bolso do seu moletom preto.

— Minha mãe não está, — explica. — E eu sugiro que sairmos daqui antes dela voltar.

— O que exatamente estamos fazendo aqui? — Seth pergunta, empurrando o polegar na fivela para destravar o cinto de segurança. Em seguida aperta o botão do meu, liberando o cinto da minha cintura.

— Estamos seguindo o plano, — afirma com um olhar pensativo em seu rosto, esfregando a mão no seu cabelo castanho raspado.

Seth e eu trocamos um olhar. — O plano? — Dizemos simultaneamente.

— Para sair deste lugar. — Ele vira a manivela e abre a porta com um empurrar. — Eu não sei quanto a vocês, mas estou cansado de estar aqui. É deprimente.

— Para onde estamos indo? — Eu pergunto enquanto Seth abre a porta da caminhonete e pula para fora, pisando na leve camada de neve que cobre a entrada de automóveis.

Luke salta para fora e vira a cabeça para olhar para mim, descansando sua mão em cima da porta. — Em qualquer lugar, menos aqui.

Eu olho para a sua casa, me perguntando o que há de tão ruim sobre ela. Me movo através do assento em direção à porta aberta, onde Seth está esperando por mim com a mão estendida para mim segurar. — Alguma ideia exata de para onde vamos? — Entrelaçando meus dedos com os dele, eu salto e deslizo sobre o gelo, mas Seth me pega pelo braço e me poupa de uma queda muito dolorosa.

— Em algum lugar barato, — Seth diz, me ajudando a obter o meu equilíbrio. — Eu não sei quanto a vocês, mas estou praticamente duro depois de comprar todos os presentes de Natal.

— Eu ainda não posso acreditar que você comprou todos os seus presentes de Natal no Quickie Mart, — Eu digo enquanto ele fecha a porta.

Eu toco a pulseira da máquina de cinquenta centavos que ele me deu, que tem um urso de ouro encantado sobre ela para me lembrar dos "melhores tempos", ele disse isso quando deu para mim. Ele estava se referindo ao carnaval onde Kayden e eu nos beijamos pela primeira vez e onde ele também me deu um urso de pelúcia, que nós arrumamos e colocamos uma placa escrita "*Me leve pra casa*".

— Oh, você sabe que ama o seu. — Ele sorri para mim e, em seguida, entrelaça seu braço no meu e andamos até Luke, que está na porta da frente da sua casa.

Luke abre a porta com um empurrão e se inclina para o lado para segurá-la para Seth e eu entrarmos. Nós ficamos de lado para que possamos passar pela porta sem esbarrar um no outro e Luke nos segue depois de fechar a porta.

Tenho a sensação de que algo está errado no momento em que entro. Há cortinas listradas que bloqueiam as janelas, e é muito escuro e mofado. Os sofás laranja e marrom são cobertos com um plástico e há um tapete de plástico estendido por cima de um tapete marrom desganhado. Há prateleiras nas paredes e cada uma é forrada com fileiras de figuras de animais que são coordenados pela raça. Plantas decoram as janelas e são alinhadas do menor ao maior, mas todos elas são marrons e estão mortas.

Está frio demais e eu posso ver a minha respiração soprar na frente do meu rosto e se mistura com a poeira.

— Qual é a coisa com todos esses plásticos? — Seth pergunta enquanto Luke entra em um corredor no canto de trás da sala.

Luke dá de ombros enquanto acende o isqueiro com os dedos.

— Minha mãe é insana.

Nós não dizemos outra palavra. Deixamos a sala de estar e caminhamos para o corredor. Eu observo como as paredes são vazias, não há fotos, não há imagens, não há decorações, e fica cada vez mais frio quanto mais chegamos à

parte de trás da casa. Estou ficando meio nervosa, especialmente porque o ar é muito empoeirado e está tornando-se difícil respirar. Quando chegamos ao final do corredor, no entanto, Luke abre uma porta e eu entro em um quarto espaçoso e com ar livre.

— Então, este é o meu quarto, — Luke diz, me sem jeito e, em seguida, brinca. — Vocês dois são as únicas pessoas além de Kayden que ousaram entrar nessa merda.

Viro-me em um círculo, observando a cama feita, os pôsteres de bandas pregados nas paredes, e a mesa com um computador que parece dos anos noventa. Tudo é muito limpo e muito organizado, mas não de uma forma desconfortável como na sala de estar. — Não é uma merda, — asseguro. — É o seu quarto.

Ele parece feliz com a minha resposta e os seus ombros rígidos relaxam um pouco. — Bem, estou feliz que você pense assim porque eu com certeza não penso. — Ele dá um tapinha no bolso da frente da sua jaqueta e pega seu pacote de cigarros. — Ah, e por falar nisso, é foddidamente divertido quando você xinga. — Ele não acende o cigarro; apenas mantém o pacote em sua mão, como se fosse o seu cobertor de segurança.

Seth se senta na cama - saltando para cima e para baixo um pouco - fazendo o colchão guinchar. — Então, qual é o seu plano brilhante? — Ele pergunta, cruzando a perna sobre o joelho.

Ainda segurando seus cigarros, Luke arregaça as mangas e puxa uma cadeira que está na frente do computador. Ele pressiona o botão de energia e, em seguida, senta-se na cadeira, esperando o computador ligar. Ele estende a mão e pega seu iPod ao lado do computador. Ele cantarola baixinho enquanto percorre as músicas e eu dou a Seth um olhar interrogativo.

Seth ergue as sobrancelhas e torce a cabeça para Luke. — Então, você está indo nos dizer, ou vamos ter que adivinhar?

— Vocês vão ter que adivinhar. — Luke define o iPod na mesa e a canção a "Running Away", do Hoobastank começa a tocar.

— Será que vamos ter que adivinhar por esta canção? — O rosto de Seth acende-se com entusiasmo enquanto ele endireita sua postura.

Luke balança a cabeça, abrindo um aplicativo de busca e tecla alguma coisa.
— Sim.

Seth bate o dedo no queixo, desfrutando do jogo. — Nós estamos fugindo?

Luke coloca um cigarro em sua boca e, em seguida, bate palma. — Bravo.
Na mosca.

Eu atiro um olhar confuso para Seth e ele apenas dá de ombros. — O quê?
Eu gosto de jogos.

Eu suspiro. — Eu sou a única que parece se importar que estamos falando
em fugir?

Ambos encolhem os ombros e eu ando ao redor do quarto olhando para
todos os pôsteres de Luke e para as pequenas bugigangas espalhadas ao redor.
Seth pega seu celular e começa a mandar mensagens de texto enquanto Luke
tecla algo e clica no mouse.

Há fotos em todo o quarto, algumas dele com uma mulher que se parece
muito com ele, e eu acho que é a sua mãe. Há também uma outra mulher em
algumas fotos, que é muito mais velha que Luke, e ela tem os mesmos olhos
castanhos que ele. Talvez seja a tia ou a irmã, mas eu pensei que ela era muito
mais jovem. Existem algumas fotos dele com garotas aleatórias e um punhado
onde ele está com Kayden. Eles estão de pé ao lado de um motocicleta preta e
sorrindo, eles parecem felizes. A moto tem a lateral amassada e o braço de
Kayden está raspado e sangrando.

— Ele caiu dela, — Luke esclarece. Quando me viro, ele está me
observando da mesa do computador enquanto se inclina para trás na cadeira.
— Ele estava tentando saltar sobre uma colina e acabou caindo.

— Eu acho que me lembro. — Eu olho para a foto novamente. — Foi no
ano em que ele não pôde jogar por algumas semanas porque machucou o
braço, certo?

— Sim, foi por isso. E nós perdemos três jogos seguidos por causa disso.

— Meu pai estava tão louco. — Me viro para encará-lo. — Ele costumava
reclamar durante todo o jantar.

— Oh, eu aposto. — A boca de Luke se vira para cima e eu percebo que
ele não sorri muito. — Ele costumava chutar nossos traseiros o tempo todo

nos treinos.

Pensar em Kayden faz meu coração doer. — Talvez devêssemos ir vê-lo, — sugiro.

— Eu estava planejando isso. — Luke clica com o mouse sobre uma imagem na tela e a impressora ao lado se ilumina. — Logo depois que eu planejar nossa fuga.

— Não estamos um pouco velhos demais para fugir? — Seth pergunta, tirando os olhos do seu celular. — Não é mais parecido com uma viagem na estrada, o que é algo que eu sugeri há poucos dias?

— Parece mais aventureiro quando você diz fugir, — Eu admito. — Como se estivéssemos fazendo algo escandaloso.

Os ombros de Seth se inclinam para frente enquanto ele solta um sorriso agudo. — Oh meu Deus, eu tenho sido uma má influência para você.

Minha boca se inclina em uma carranca. — O que foi que eu disse?

Ele se levanta para empurrar seu celular ao bolso. — Escandaloso. Isso é algo que eu totalmente diria. — Ele salta para trás na cama.

Eu dou de ombros e engato meu dedo do pé no tapete em minha frente, sentindo-me tola. — E daí? É um elogio ser como você.

Todo o humor evapora do seu rosto, assim como a cor de mel dos seus olhos. Em segundos ele me tem em seus braços e me abraça como se eu fosse a coisa mais importante no mundo para ele. — Jamais mude, Callie Lawrence, — ele sussurra em meu cabelo. — Prometa-me que não irá.

Eu envolvo meus braços em torno dele e defino o meu queixo em seu ombro. — Eu não vou. Eu prometo.

A impressora começa a fazer ruídos estridentes enquanto os botões brilham e Luke solta um pigarro. — Eu odeio quebrar o clima do pequeno momento de vocês, mas estou pronto para compartilhar meu plano.

Nós nos soltamos, mas ainda ficamos de mãos dadas enquanto nos viramos para ele. Ele gira na cadeira, para trás e para frente e de novo, esperando a impressora cuspir os papéis manchados de tinta. Quando ele para, pega os papéis e segura um. É uma imagem de uma casa de praia que fica perto do oceano. O céu é azul e a luz do sol reflete na água e faz com que pareça cristal.

— Você quer que a gente vá para a praia? — Seth aperta os olhos na foto, se inclinando para frente.

Luke balança a cabeça enquanto reúne os papéis e alinha-os contra a mesa. — Sim, meu pai tem uma casa de praia na Califórnia, que ele quase nunca usa e eu tenho uma chave e tudo.

— Você quer nos levar para a Califórnia? — Seth diz como se ele fosse um louco.

Luke desliga o computador, pega os papéis, e caminha em direção ao seu armário organizado com os papéis presos debaixo do seu braço. — É só, tipo, dez horas de viagem.

Seth me olha com ceticismo. — Sério? Apenas dez horas?

— Eu nunca fui para a praia, — eu admito. Quando Seth e Luke olham com espanto para mim, eu dou de ombros. — O Quê? A minha família não gosta de viajar. Meus avós ainda vivem na Flórida, mas na área central e cada vez que nós estivemos lá a minha mãe se recusou a dirigir para qualquer lugar além da loja mais próxima do supermercado. E meu pai sempre queria apenas assistir a rede de esportes.

Luke pisca enquanto balança a cabeça, e então ele começa arrancar as camisas dos cabides, algumas caindo sobre o tapete marrom, mas ele não se incomoda em pegá-las. — Bem, isso nos dá mais uma razão para irmos.

Seth balança a cabeça para cima e para baixo de acordo. — Concordo completamente. E eu poderia dizer que é um plano brilhante. Muito mais brilhante do que a viagem que eu estava planejando em uma cabine em um resort no céu.

Luke joga algumas camisas e calças em uma grande mochila azul marinho que ele pegou da prateleira de cima e, em seguida, acrescenta um par de calções listrados e um par de sandálias, depois define sua mochila em sua cama. — Eu só estou desesperado para sair daqui, cara. Isso é tudo.

Eu me pergunto do que ele está fugindo. — Quanto tempo vamos ficar fora?

O ombro de Luke se move para cima e para baixo enquanto ele fecha a mochila. — Até pausa acabar, eu acho.

Eu olho para Seth para ver se ele concorda e ele apenas balança a cabeça. — Não temos nada melhor para fazer do que sair com a sua mãe. — Ele faz uma cara de nojo. — E eu, pelo menos, não quero fazer isso.

— Sim, mas minha mãe disse que se eu não estiver aqui no ano novo... Ela vai pirar, — eu lhes digo.

— Então não diga a ela, — Seth diz simplesmente. — Mande uma mensagem enquanto estivermos na estrada.

Contemplo a ideia por uma quantidade de tempo, mais breve do que esperava. — Eu posso fazer isso.

Seth sorri e aponta um dedo para o seu peito. — Eu sou uma grande má influência e estou feliz por isso.

Luke joga sua mochila por cima do ombro, dobra os papéis ordenadamente, e depois enfia-os no bolso de trás da calça. — Prontos para pegarem a estrada? — Ele caminha em direção à porta, recolhendo as chaves do carro da mesa. — Vamos parar e pegar as coisas de vocês e então vamos atrás de Kayden.

— Mas como é que vamos chegar a Kayden? — Pergunto enquanto Seth e eu o seguimos por todo o quarto. — Ele nem sequer falou comigo quando eu fui vê-lo. E se ele não quiser ir?

Seus dedos envolvem em torno da maçaneta e ele empurra a porta do quarto. — Eu não dou a mínima para o que ele quer. Ele precisa ir e ficar longe da câmara de tortura que é conhecida como a fodida casa dele. É fodido ele estar lá. — Ele sai para o corredor e olha por cima do ombro para mim. — Além disso, vamos ser um pouco mais persistentes.

— Nós? — Pergunto, confusa. Eu tento respirar pela boca quando entro no corredor e o ar se torna asfíxiante novamente. — Como...

Ele inclina o queixo para Seth, que abre um sorriso brilhante.

— Como Seth e eu.

Meus ombros caem quando passamos para o corredor sombrio, o ar some quanto mais longe vamos. — Eu só me preocupo em estarmos fazendo mais mal a ele por levá-lo.

Luke para abruptamente. Engatando o polegar por baixo da alça da mochila, ele olha para mim e sua mochila se pressiona contra a parede de madeira. — Callie, eu conheço Kayden desde sempre, e confie em mim, aquela casa vai fazer mais mal a ele do que fugir com a gente.

— Tudo bem, — eu concordo, mas meu estômago se contorce em espinhos, preso em nós. Não porque eu quero que ele fique em sua casa, mas porque estou preocupada. Preocupada que vou fazer algo errado, acabar afastando-o novamente. Eu me preocupo que ele vai acabar deitado no chão em uma poça do seu próprio sangue.

Inesperadamente, ouvimos barulhos na porta dianteira e sons de passos enchem a casa. — Luke, — alguém grita.

O corpo de Luke endurece e sua respiração engata. — Merda.

— O que há de errado? — Eu sussurro, mas Luke não responder. Ele apenas fica ali, com as mãos moles ao seu lado e rangendo os dentes.

A mochila começa a cair do seu ombro e eu me aproximo dele e, em seguida, me afasto quando ele se vira nos calcanhares e nos faz andarmos para trás. Seth me arrasta pela blusa, fazendo eu me apressar e Luke toma passos enérgicos enquanto nos leva para seu quarto novamente e em direção a janela.

— Nós vamos ter que sair por aqui, — ele insiste enquanto destrava o bloqueio e levanta a janela. Ar percorre através do lugar e a brisa passa pelo meu cabelo e beija meu rosto.

— O quê? — Seth se inclina na janela para olhar o monte de neve lá em abaixo. — Você está louco? Vamos ficar presos na neve.

Luke balança a cabeça, recuando na mesa. — Não, nós não iremos. Eu prometo.

— Luke! — Grita uma mulher. — Eu sei que você está aqui, saia de onde você está.

— Por favor, — Luke implora com medo em seus grandes olhos castanhos, ele pega o iPod da mesa.

Eu já vi esse tipo de medo em meus próprios olhos e de Kayden. Sem qualquer hesitação, eu levanto minha perna sobre o parapeito da janela.

Os dedos de Seth envolvem em volta da minha pele quando ele me puxa pelo cotovelo. — Callie, você está louca?

Eu afasto meu cotovelo da mão dele, e antes que ele possa me pegar novamente, eu passo para cima do parapeito. Curvando-me, eu me empurro com meus dedos do pé e lanço-me para fora da janela. Quando caio no chão, minhas pernas afundam até os joelhos na neve e a umidade molha instantaneamente através do meu jeans e em meus sapatos. Segundos depois, Luke aterrissa ao meu lado. Ele não permite tempo suficiente para afundar mais profundo, ele dobra os joelhos, cai para frente, e cambaleia para baixo da colina. Ele solta sua mochila e sobe de volta até a colina, oferecendo as mãos para mim. Eu seguro-as, mesmo que a minha reação inicial é recuar. Com um puxão suave, minhas pernas estão livres e eu deslizo para fora, minha blusa subiu até meu estômago um pouco e o gelo pica minha pele.

Quando rolo sobre minhas costas e olho para a janela, os pés de Seth estão balançando para fora. Ele espreita por cima do ombro para o quarto e depois balança a cabeça. — E sobre a janela?

Luke pega sua mochila e escova a neve fora da sua pele antes de jogar a alça por cima do seu ombro. — O que tem ela? — Ele caminha em direção ao lado da casa e pisa suas botas em uma área limpa do estaleiro. — Isso não importa, deixe-a aberta. Eu só quero dar o fora daqui.

Seth suspira e, em seguida, se empurra com as mãos, ele se solta do peitoril da janela e cai na neve. Como eu, ele fica enterrado, mas levanta seus quadris e dobra seus joelhos. Ele facilmente desliza o pé para fora e se segura em suas mãos. Ele se agarra na neve com os dedos e começa levantar a outra perna, então rola o resto do caminho.

— Foda-se. — Ele vira sobre seu estômago e empurra-se para as mãos e os joelhos, ofegante da queda. — Isso não foi divertido.

— O que você acha que foi isso? — Eu pergunto, dando uma espiada sobre meu ombro para Luke, que está apertando o isqueiro e acendendo um cigarro. Ele está de pé no canto e passa sua mão através do seu cabelo enquanto murmura para si mesmo.

Seth balança a cabeça. — Eu não tenho ideia, mas tenho um sentimento de que este plano de fuga para a praia é para fugir de alguém.

Eu ofereço a Seth minha mão e ele entrelaça os dedos com os meus.

— Eu acho que é a mãe dele. — Eu puxo para seus pés e, em seguida, ele agarra meu braço enquanto andamos pela neve em direção a Luke, pisoteando a neve com nossos sapatos quando chegarmos à uma área plana, perto da esquina.

Nós não lhe fazemos perguntas, porque Seth e eu compreendemos a necessidade de segredos. Se ele quer falar com a gente, ele vai.

Sáimos para a calçada, com uma fina folha de gelo e Luke lidera o caminho para baixo da linha da cerca em direção a estrada. Quando nos curvamos ao redor da casa onde a caminhonete de Luke está estacionada, minha mão solta a de Seth. Kayden está lá e a moto da foto também, com a lateral amassada e tudo.

— Kayden. — Eu suspiro com a visão dele. Seus lábios estão azuis e ele não tem um casaco, apenas um moletom. Seu cabelo marrom está para todo o lado e as bochechas estão vermelhas brilhantes. Ele parece uma estátua de gelo congelada e meu instinto é correr para ele, assim como eu faço, meus pés se movem rapidamente, esquecendo completamente que estou de pé sobre o gelo.

Dois passos para frente, eu escorrego e meus pés deslizam debaixo de mim. Eu voou no ar como um pássaro ferido. Seth estende as mãos para me pegar, mas ele erra e eu caio para trás e bato minha cabeça contra o gelo. É severamente dolorido e eu não me levanto imediatamente. Mas não tenho certeza se é por causa da dor ou o fato de que uma vez que eu me levantar, vou ter de descobrir se ele vai fugir de mim novamente.

Kayden

Eu dirijo pela cidade pelo que parece ser para sempre, até que eu não consiga sentir meus dedos e meus lábios, como o meu interior. Então eu vou atrás de Luke, porque é melhor do que ir para casa. Por uma fração de segundos considero ir até a casa de Callie no outro lado da cidade, mas eu não consigo imaginar como seria desde que seus pais gostam tanto do imbecil que eu bati.

Além disso, eu preciso ficar longe dela. É importante que eu faça isso.

Por ela.

Eu estaciono minha moto ao lado do meio-fio, aliviado ao ver que a caminhonete de Luke está lá na frente. Mas meu rosto cai quando vejo o Cadillac da sua mãe estacionado ao lado. Eu não quero falar com ninguém e a mãe de Luke é estranha e gosta de falar sobre coisas absurdas. Ela vai querer falar também, especialmente se ela ouviu os rumores sobre mim.

Eu ergo meus dedos congelados dos guidões e levanto do assento. Então eu fico lá parado, olhando para casa, decidindo se realmente quero entrar. Não é como se Luke fosse me pressionar pelo que aconteceu, mas ainda sim o assunto estaria no ar.

Estou prestes a subir de volta na moto quando vejo Luke aparecer na parte de trás da casa com uma mochila em seu ombro. Eu começo a caminhar em direção a ele quando Callie e Seth aparecem atrás dele. Eles estão de mãos dadas e Callie parece como se estivesse lutando para atravessar o gelo. Sua atenção está focada em seus pés, mas seus olhos azuis deslizam para cima e param em mim. Eles alargam e sua mão larga a de Seth. Seu cabelo marrom flutua no vento enquanto ela começa a correr em minha direção. Eu começo a me afastar, mas ela bate em um pedaço de gelo e seus pés deslizam fazendo-a ir direto para o chão.

Em poucos passos longos, eu atravesso o jardim da frente e chego até onde ela está cheia de neve. Seu cabelo está espalhado em torno da sua cabeça e seus olhos estão enormes e brilhantes. A pele pálida e suave, que eu sei que cobre todo o seu corpo quase combina com a neve. Ela pisca para mim enquanto segura a cabeça e deixa escapar um gemido de agonia que rasga meu coração.

— Isso dói. — Seu peito sobe e desce enquanto ela suspira fazendo um beicinho.

É a coisa mais adorável de merda que eu já vi e me arremessa brevemente de voltar para aquele lugar em sua cama, onde ela estava olhando para mim e confiando em mim enquanto eu empurrava dentro dela. Mas quando estendo meu braço para ela, pego um vislumbre da cicatriz no meu braço e sou levado para o chão da minha casa e meu pai está me esfaqueando. Eu estou frio e impotente e não sei como vai acabar.

Callie coloca a mão na minha e seu calor envolve meu corpo. Eu puxo-a para seus pés, e incapaz de me parar, escorrego um braço ao redor da sua cintura e equilibro-a em meus braços. É tão bom segurá-la e eu começo a engasgar. O que diabos está acontecendo comigo?

Ela inclina a cabeça para cima e me olha com seus grandes olhos. — Oi. — Ela morde o lábio, como se estivesse constrangida por sua escolha de palavras.

Desta vez eu decido fazer melhor do que a última vez que ela disse isso para mim. — Oi. — Eu passo a mão pelo cabelo, escovando um pouco de neve.

Seus lábios formam um sorriso. — Você está bem? — Ela toca em toda a minha pele congelada e seus lábios se curvam. — Você parece congelado.

Eu não posso deixar de sorrir. — Você simplesmente caiu e bateu sua cabeça no gelo e está perguntando se eu estou bem?

Ela balança a cabeça como se não fosse uma pergunta estranha. — Será que você dirigiu sua moto até aqui? — Ela olha para moto e depois de volta para mim. — Sem um casaco?

Meus dedos cavam mais fundo em seus quadris, principalmente porque estou à procura de uma desculpa para me prender a ela. — Talvez.

Ela franze a testa. — Você tem que estar com frio.

— Não realmente, — eu minto.

— Ummm... Pessoal? — Luke interrompe, tirando Callie e eu do nosso próprio mundinho.

Eu olho para ele, puxando Callie para mais perto do meu peito. — O quê?

Luke sinaliza para sua casa onde sua mãe está olhando para nós da janela da frente que está cercada por cortinas. — Você se importaria se nós fossemos conversar em outro lugar. Eu gostaria de fodidamente sair daqui.

— Sim, é claro, cara. — Eu começo a soltar Callie, mas ela desliza a mão no meu ombro e pelo meu braço.

— Eu vou com você, — ela diz enquanto entrelaça os dedos nos meus.

Eu balanço minha cabeça e tento remover meus dedos dos dela. — De jeito nenhum. Você vai congelar até a morte.

Ela endireita os ombros e me corrige com um olhar de determinação. — Sim, eu vou.

Eu olho para Seth, que está mexendo com as cordas do capuz da sua jaqueta. — Você se importaria de me ajudar com isso?

— Claro. — Seth tira sua jaqueta e desliza seus braços para fora das mangas. — Coloque isso. — Ele estende a jaqueta para Callie e ela pega-a com um sorriso no rosto.

— Ela vai congelar até a morte, — eu digo enquanto Callie coloca os braços através das mangas. A jaqueta quase engole seu corpo minúsculo.

Seth levanta as sobancelhas, puxando as mangas da sua camisa preta para baixo, e então ele caminha em direção a caminhonete de Luke. — Ela vai ficar bem. Ela é muito mais resistente do que você acredita.

Callie fecha a jaqueta todo o caminho até o queixo e, em seguida, afasta seu cabelo da nuca do seu pescoço e puxa o capuz sobre sua cabeça. Ela olha para mim e seus olhos estão cheios de tanta vontade que não tenho certeza do que fazer com isso. Ela é geralmente tão frágil e vulnerável.

— Você tem certeza? — Eu pergunto, esperando que ela vá mudar de ideia. — Porque está frio como o inferno.

Ela dá um passo atrás de mim em direção à moto com o queixo elevado, mesmo quando suas pequenas pernas afundam profundamente na neve escondida no jardim da frente. — Absolutamente. — Um sorriso toca seus lábios vermelho e o humor se arrasta em sua voz. — Além disso, o inferno é quente.

Eu contendo uma risada e caminho atrás dela, com a neve até os meus tornozelos. — Tudo bem, se é isso que você quer.

— Kayden. — Luke grita meu nome e eu, relutantemente, me viro ao redor.

— Não faça nada estúpido, — ele diz, e por um segundo está tudo normal entre nós tudo. Ele é apenas meu amigo, não o cara que me viu deitado no chão em uma poça do meu próprio sangue e cortes em meus braços que eu mesmo coloquei lá. Ele me lança um dos seus casacos, um grosso com uma camada térmica que ele mantém na caminhonete no caso de precisar. Ele gosta de estar sempre preparado.

Pego-o e coloco-o, mesmo que eu estava gostando da dor do congelamento no meu corpo. Eu puxo o capuz sobre a minha cabeça e quando me viro Callie está sentada na moto. Ela parece bem lá, como se ela pertencesse ali, e isso me deixa desconfortável, porque eu não quero que ela pertença a mim. Eu quero que ela pertença a alguém que vá fazê-la feliz, mesmo que isso signifique que eu tenho que sofrer pelo resto da minha vida.

Eu avanço para a moto com cautela, decidindo se eu deveria colocá-la na minha frente ou atrás.

Ela desliza para trás sem olhar para mim e passa os dedos ao longo da lateral amassada. — Você caiu com ela? — Seus olhos estão enormes quando ela olha para mim.

Eu engulo o caroço do tamanho de uma rocha na minha garganta e resisto ao impulso esmagador de me inclinar e beijá-la. — Sim, foi há um tempo atrás, embora. Eu prometo que vou dirigir com segurança, especialmente com você na parte de trás... Eu nunca vou deixar que nada te machuque. — Eu me sinto estúpido por dizer isso, porque eu a machuquei muitas vezes.

Ela me dá um olhar sério enquanto diz, — Eu sei que você não vai. — Ela gira os quadris e se aproxima um pouco mais com as mãos sobre o assento. — Eu confio em você, Kayden. Mesmo que você não queira.

Ela não sabe o suficiente sobre mim para confiar tanto, mas eu posso ver em seus olhos que não adianta discutir com ela sobre isso. Eu subo e acelero o motor. Ela se inclina para frente, até que seu peito esteja pressionado contra as minhas costas e as frentes da suas pernas estão tocando as minhas. Seus braços circulam minha cintura e ela esconde o rosto nas minhas costas. É o maior contato que eu tive com alguém, uma vez que tudo aconteceu e juro que meu coração praticamente rompe e sangra no meu peito.

Desejo poder morrer ali com ela agarrada em mim, porque seria uma morte muito tranquila. Eu não estaria sozinho e vazio por dentro. Ela estaria lá comigo e ela seria a última coisa que me faria sentir e respirar.

Eu começo a entrar em pânico enquanto tento acalmar o pensamento, mas empurro para longe até onde eu não possa sentir. Eu paro de pensar tanto e acelero motor, antes de soltar o freio. Nós saímos para a estrada, apenas Callie, eu e o vento.

CAPÍTULO 8

#16 Faça que alguém te entenda, não importa o quanto for Preciso

Callie

Eu pensei que estaria mais assustada do que estou. As estradas estão congeladas e não há nada, apenas duas rodas e uma pequena quantidade de metal entre o solo e o meu corpo. Mas estou me segurando em Kayden e minha cabeça está descansando contra suas costas e estou mais feliz do que tenho estado durante todo o mês.

Deixo o fluxo de ar frio passar por mim, me enrolando nele e seguindo as curvas da estrada. Passamos pelas pessoas nos carros e nas calçadas, em frente das lojas que fazem fronteira com a estrada principal da cidade. Eles olham para nós como se fossemos loucos. Mas tudo bem. Nós podemos ser loucos juntos.

Fecho os olhos e bloqueio tudo, respirando o cheiro do ar de inverno enquanto aperto os braços em volta da cintura de Kayden. Eu sinto suas costas se moverem contra meu peito quando ele respira, como se estivesse se engasgando, mas a calma do motor é tudo que ouço. Quando a moto começa a desacelerar, eu abro meus olhos.

Nós passamos em frente ao café onde Seth e eu comemos panquecas quase todas as manhãs. Eu não me movo imediatamente. Eu não realmente quero. Kayden estaciona a moto na frente, perto das portas de entrada. Luzes vermelhas e verdes cintilam e refletem em toda a neve. O ar cheira a salsicha e café, fazendo meu estômago roncar.

— Você ainda está viva? — Kayden pergunta, virando a cabeça e olhando por cima do ombro para mim.

Concordo com a cabeça, mas não movo meu rosto longe das suas costas. Estou com medo de fazer isso e ele desapareça. — Callie? — Diz Kayden. —

Você está bem?

Meus ombros caem quando deixo escapar um suspiro e, em seguida, o solto. Inclino-me para trás e olho-o nos olhos. — Sim, eu estou bem.

Ele franze a testa e desenha uma linha em minha bochecha com o dedo. — Você parece congelada.

Eu toco meu rosto e ele está dormente, assim como meus dedos estão. — Talvez devêssemos entrar.

Kayden balança, levanta sua perna da moto e fica de pé. Eu começo a me levantar quando meu celular vibra no meu bolso. Eu pego-o e percorro minhas mensagens.

Seth: Nós vamos chegar aí daqui a pouco. Tivemos que parar em uma loja.
Eu: Por quê?

Seth: Para comprar algumas coisas.

Eu: Há algo errado?

Seth: Não... nós só achamos que vocês podem precisar de alguns minutos a sós.

Eu: Quando você vai estar aqui?

Seth: Em breve. E lembre-se: gato arisco.

— Gato arisco? — Diz Kayden.

Eu olho para ele e percebo que ele está inclinado sobre mim, lendo a tela. — Não é nada. — Enfio o celular no bolso, dobro meu joelho para cima, e levanto minha perna para descer da moto.

Kayden levanta uma sobrancelha enquanto circula os dedos ao redor do meu pulso e me ajuda a descer da moto. — Então, eles estão nos dando tempo?

Droga. Por que ele teve que ler a mensagem? Ele solta meu braço e eu abaixo meu queixo para dentro da jaqueta e enfio minhas mãos nos bolsos. — Seth está apenas sendo estranho.

Ele me olha com desconfiança e estou preocupada de já ter perdido minha chance. Mas então ele diz: — Seth não é sempre estranho?

E eu sinto que ele está me dando uma saída fácil, porque talvez ele queira alguns minutos comigo. Eu aceno. — Sim, ele é, mas não seria Seth se ele não fosse estranho.

Ele retorna o meu sorriso e, em seguida, move a mão para a minha, hesitando momentaneamente antes de entrelaçar nossos dedos, deslizando sua grande mão através da minha pequena. Eu olho para ele e seu peito incha para frente enquanto ele libera uma respiração estressada dos seus pulmões. Nós não dizemos mais nada. Apenas agarramos um ao outro, caminhando em direção à porta da frente do café, que é decorada com uma imagem de natal que prende um saco de brinquedos.

Quando entramos, percebo quão congelada estou. O aconchego do ar quente me envolve e aquece minha pele resfriada. Não está muito lotado hoje no café, mas nós ainda escolhemos uma das cabines escondida na parte de trás para obter o máximo de privacidade que podemos. Músicas de Natal tocam a partir dos alto-falantes no teto e em cada mesa têm velas brancas. É essa época do ano onde as pessoas estão felizes e tentam decorar as coisas com a magia do Natal. Quero um pouco dessa magia sobre nós.

Uma vez que estou na cabine, movo meus braços para fora da jaqueta de Seth, embolo no meu lado, e depois removo a minha própria jaqueta que estava por baixo. Estou um pouco desapontada que Kayden escolheu sentar na minha frente, mas me lembro do gato arisco, gato arisco.

Ele pega instantaneamente o saleiro e o gira entre as mãos, canalizando seu nervosismo. Fica silencioso, exceto pelo fluxo de conversas e o barulho dos copos e panelas vindo do interior da cozinha. Esforço-me para pensar em algo para dizer enquanto Kayden olha para o saleiro em suas mãos. Eu pego um cardápio da pilha sobre a mesa perto do guardanapo e começo a lê-lo.

A garçonete vem para anotar nossos pedidos. É a mesma que flertou com Seth e ela me dá um olhar sujo, como se eu fosse uma vagabunda. Seu cabelo está trançado para o lado e seu crachá diz "Jenna". Acho que me lembro dela da escola. Ela era uma série a menos que eu na escola e era amiga de Daisy McMillian.

— Ei, Kayden, — ela diz, acrescentando uma risadinha no final.

Ele olha para cima e, em seguida, empurra o saleiro para o lado. — Ei, Jenna.

— Como você está? — Ela toca seu braço com suas unhas pintadas, acariciando seus músculos como se ele fosse um cão. Eu sinto um louco impulso de esbofetear sua mão. Não gosto disso porque não sou eu quem está o tocando. — Eu ouvi que você estava envolvido em um acidente de carro ou algo assim.

Kayden revira os olhos e murmura: — Sim, ou algo assim.

Ela ri, mas as sobrancelhas se arqueiam. — Você é tão engraçado.

Kayden me olha, estendendo seu braço em direção à pilha de cardápios e eu desvio meu olhar para a mesa. Eu dobro minhas mãos entre minhas pernas e foco na lista de aperitivos.

Kayden e ela começam a conversar sobre os dias antigos na escola e como todo mundo está sentindo falta de ver Kayden jogar e sair com eles para as festas. Kayden sorri para ela de vez em quando e dói um pouco, porque ele mal falou comigo desde que o vi.

— Você sabe que ela sente sua falta, — diz Jenna, mascando seu chiclete com a ponta da caneta pressionada contra o caderno de pedidos.

Kayden olha a partir do cardápio para ela, com os olhos vidrados, um olhar perdido. — Quem?

Ela assopra uma bolha de chiclete rosa para fora do seus lábios e olha para mim a partir do canto do olho. — Daisy.

Eu me encolho ainda mais na cabine, desejando ser menor ou invisível, e posiciono a mão no lado do meu rosto, fingindo estar concentrada na lista de bebidas.

— Sim... — Kayden concentra-se no cardápio. — Eu acho que vou querer panquecas.

Eu sorrio, pensando em Seth e nosso esforço em comer panquecas e um pouco de coragem passa através de mim.

Sento-me um pouco mais reta e deixo meu cardápio de lado. — Eu vou querer panquecas também, e café.

Seu nariz se enrugando enquanto ela escreve o meu pedido e, em seguida, sorri carismaticamente para Kayden. — Você quer algo para beber?

Kayden fecha seu cardápio. — Eu vou querer uma xícara de café também.

Ela rabisca seu pedido, força um sorriso para ele, e quando vira para o balcão, ela fecha a cara para mim. Eu olho para longe dela e foco minha concentração em Kayden. Tenho coisas mais importantes para me preocupar do que Jenna e Daisy.

— Eu quero falar com você, — ele começa, olhando para as rachaduras da mesa. — Eu só não sei como.

— Você não sabe como falar comigo? — Eu não sei como tomar o que ele disse. Eu sempre pensei que era extremamente fácil falarmos um com o outro, que é por isso que eu compartilhei meus segredos com ele. — Por quê?

Ele traça os dedos ao longo dos padrões oval da madeira, levantando a outra mão e tirando o capuz da sua cabeça. Ele passa os dedos pelo cabelo e reorganiza suas mechas castanhas no lugar, afastando-as dos seus olhos e empurrando para suas orelhas.

— Porque você me viu daquele jeito. E eu nunca quis que ninguém me visse assim, especialmente você.

Eu passo o dedo nas rachaduras da mesa, sabendo que tenho que escolher minhas palavras com sabedoria. — Kayden, eu já lhe disse mil vezes que nunca vou julgá-lo e eu quero dizer isso.

— Não é sobre julgamento, Callie. — Ele olha para mim e a miséria em seus olhos coincide com o que está dentro do meu coração. — É sobre o que você merece. — Ele suspira, arregaçando as mangas da sua camisa e traçando o dedo ao longo de uma nova cicatriz correndo verticalmente no seu antebraço. — Você merece mais do que isso.

— Não, eu não mereço. — Eu penso sobre a última vez que corri até o banheiro, porque não conseguia lidar com a dor, algo que eu tenho feito por anos e anos. — Você e eu não somos tão diferentes assim.

Ele parece ainda mais sombrio quando empurra a manga de volta para baixo e cobre as cicatrizes. — Não somos nada parecidos. Você... Você é linda e incrível, a tristeza e a dor em você foram colocadas por outra pessoa. — Ele abaixa a voz e suga uma respiração. — Eu coloquei a dor em mim mesmo.

Eu mantenho a minha voz suave, me inclinando sobre a mesa. — Não, seu pai fez isso.

Ele balança a cabeça, olhando para o balcão. — Eu me cortei naquela noite.

Meu peito se comprime e meu coração se aperta. — Todos os cortes?

Ele não responde e sua mandíbula desalinhada fica tensa. Cuidadosamente, para não assustá-lo, eu deslizo minha mão sobre a mesa e coloco-a sobre a sua. — O que aconteceu não é culpa sua. É minha. Tudo começou por minha causa.

Sua cabeça se vira em minha direção e o fogo em seus olhos me faz recuar. — De forma alguma isso é culpa sua e de nenhuma maneira que eu lamento por fazer o que fiz com ele. — Seu olhar é penetrante, mas sua voz é calma. — Você está chateada por eu ter feito isso?

Eu prontamente sei a resposta real, porque sinto que cada vez que penso em Caleb apanhando uma e outra vez. — Eu gostaria de poder dizer que fiquei, porque eu não queria que você fosse o único a fazer isso, mas eu não consigo ficar. — Lágrimas começam a se reunir nos cantos dos meus olhos, mas eu forço-as de volta porque não é o momento certo ou lugar para chorar. — Eu sinto muito, Kayden. Eu sinto muito por trazer você para essa bagunça.

Ele move sua mão sob a minha e posiciona-a no topo dos meus dedos. — Você não tem nada que se desculpar... Eu sou o único que devo estar arrependido, por trazer para esta confusão. Eu não posso... Eu não posso sequer imaginar o quão difícil deve ter sido me encontrar daquele jeito.

Eu balanço minha cabeça e me concentro na batida desigual do seu pulso. Tudo é real e é difícil manter-se. — Foi só difícil, porque eu... porque pensei que você estivesse morto.

Parece que ele está prestes a se dividir dois e eu estou no mesmo lugar. Eu quero me agarrar a ele. Eu quero que ele me agarre, porque sei que se nos agarramos um ao outro, em seguida, nós podemos passar através disto juntos. Mas de repente ele está se afastando e levantando-se e eu não sei o que fazer ou dizer.

— Eu preciso ir embora, — ele diz, sem olhar para mim, mas sim para porta na parte da frente do café. — É o melhor para você... Você não merece isso... Eu não mereço você.

Tão rapidamente como eu o encontrei ele está andando para fora da minha vida. Eu vejo-o caminhar em torno das mesas e, em seguida, ele está fora do porta, deixando-me. Preciso fazê-lo entender que eu o entendo. Preciso fazê-lo

ver que ele merece ser feliz e que não vai me arruinar. Levanto-me e apresso-me em torno das mesas, sem me importar que todos estejam olhando para mim como se eu fosse louca. Pressiono minha mão contra a porta de vidro e saio para o ar frio, completamente indefesa sem minha jaqueta.

— Às vezes eu me faço vomitar, — eu gaguejo enquanto corro em direção da moto com meus pés deslizando sobre a neve.

Ele congela com um pé no chão e vira a cabeça. Seus olhos passam pelo meu corpo e eu me sinto nua e exposta. — Você o quê?

Eu pressiono meus dedos no meu nariz e balanço a cabeça, porque não consigo olhar para ele quando digo de novo. — Eu às vezes eu me faço vomitar. — Dou um momento e então deixo minhas mãos caírem para a minha lateral. — E não porque eu acho que sou gorda. É porquê... — Dou um passo em sua direção e levanto minha cabeça, para olhar para as esmeraldas em seus olhos. Eu posso ver o reflexo de mim mesmo neles e pareço tão assustada quanto me sinto. — É porque estou tentando me livrar de todos os sentimentos dentro de mim. Porque eu não posso lidar com eles.

Ele está olhando para mim, e eu quero dizer realmente olhando para mim, e tem essa conexão, esse entendimento de que somos duas pessoas machucadas, não por nós, mas por outras pessoas e estamos fazendo tudo que podemos para não quebrar em pedaços.

Eu espero pela sua reação e quando ele não se move decido fazer isso por ele. Eu caminho até ele, me aproximando o suficiente para sentir o calor do seu corpo. Então fico na ponta dos pés, jogo meus braços em volta do seu pescoço, e abraço o, orando a Deus que ele me abrace de volta, porque mesmo que seja um gesto simples na teoria, às vezes o abraço vale muito.

Seus braços continuam ao seu lado enquanto seu peito sobe e desce. Eu estou prestes a desistir, de me distanciar, e me permitir chorar, mas seus braços se envolvem em torno da minha cintura. Ele me agarra com força e me dá esperança que talvez possa haver alguma coisa ainda.

Ele me segura pelo que parece uma eternidade, aninhando o rosto no meu cabelo. Em algum momento começa a nevar, mas não nos movemos. Nós estamos congelados em um momento que nenhum de nós quer sair.

— Há quanto tempo? — Ele finalmente pergunta, seu hálito quente contra a minha bochecha.

Fecho os olhos e relaxo sob a sensação. — Desde o que aconteceu.

Seus braços apertam em torno de mim e ele segura meu corpo contra o seu. — Sinto muito.

— Não é culpa sua. — Eu carinhosamente corro meus dedos para cima e para baixo em suas costas, criando coragem para perguntar. — Kayden?

— Desde que eu tinha doze anos. — Ele lê minha mente e confia em mim o suficiente para responder.

Eu contraio meus braços em torno dele, selando-nos juntos de todas as maneiras possíveis. Talvez se eu tentasse o suficiente, nós vamos nos tornar uma só pessoa e podemos compartilhar nossa dor, em vez de cuidá-las por nós mesmos.

Kayden

Estou chocado com o que Callie me disse e no início eu não consegui compreender. Ela se faz vomitar. A minúscula Callie se faz vomitar. Mas então ela explica a razão e faz mais sentido para mim do que qualquer outra coisa na minha vida. Eu percebo o quão perfeito somos um para o outro e também como desastrosos poderíamos acabar sendo. Porque ao mesmo tempo em que nós podemos ajudar um ao outro a juntar os pedaços das nossas vidas, nós também podemos quebrar e, em seguida, não restaria nada para nos pegar quando nós desmoronássemos.

— Talvez devêssemos ir para dentro, — eu finalmente digo, embora não quero. Eu quero ficar neste mesmo lugar e me apegar a ela para sempre, mas nós vamos acabar congelando até a morte.

Ela coloca uma porção de espaço entre nós quando se inclina para longe e inclina o queixo para olhar para mim, seu cabelo caindo na frente dos seus olhos e testa. — Eu não tenho certeza se quero voltar depois de ter corrido para fora daquele jeito.

Enfio uma mecha do seu cabelo atrás da orelha enquanto suas mãos viajam até meus braços. — E se eu entrar e pegar o seu casaco enquanto você liga

para Seth, porque eu não quero que você monte na moto.

— Mas o que você vai fazer?

Eu toco seu rosto com a mão, precisando desesperadamente tocá-la tanto quanto posso. — Eu posso colocar a moto na traseira da caminhonete e, em seguida, podemos ir juntos ou algo assim.

Há um vestígio de sorriso em seus lábios. — Aonde vamos?

Devolvo seu sorriso, traçando meu dedo através do seu lábio inferior. — Onde quer que você queira.

Um olhar manhoso aparece sobre ela e, em seguida, ela fica na ponta dos pés e beija minha bochecha. — O que você acha sobre ir à praia?

Eu arqueio a minha sobrancelha e dou um olhar engraçado enquanto ela se move para trás, e então olho em volta para os montes de neve no estacionamento, perto da linha da cerca, e abaixo do telhado, onde a neve está escorregando. — Para a praia?

Ela desliza a mão pelo meu braço e coloca-a na minha. — Sim, eu vou explicar quando Seth e Luke chegarem aqui.

Eu não sei o que ela está fazendo e estou com medo de descobrir. Eu tinha um plano. Estava indo ficar longe dela, mas ela está de pé aqui e me entende muito mais do que qualquer pessoa, eu não estou pronto para deixar esse sentimento ir ainda. — Tudo bem, você liga para eles e eu vou pegar o seu casaco lá dentro.

Ela balança a cabeça e começa a tirar seu celular do bolso enquanto eu caminho para dentro do café. Algumas das pessoas nas mesas dão-me um olhar sujo quando a porta se fecha atrás de mim. Elas são, provavelmente, aquelas que ouviram a história. Fofocas se espalharam rapidamente por aqui e eu desejo poder fugir desses fodidos olhares. Da neve, da cidade, da minha casa, da vida.

Eu me apresso e pego a jaqueta de Callie, ignorando o olhar penetrante que Jenna me dá enquanto me apresso em torno das mesas e saio pela porta, aliviado quando ela se fecha atrás de mim. Jenna era amiga de Daisy e eu não quero que chegue a

Daisy que Callie e eu estamos juntos. Estou preocupado que Jenna já tenha falado com Daisy e ela vá aparecer aqui a qualquer minuto. A última coisa que eu quero é que Callie tenha que lidar com isso.

Eu imediatamente começo a rir quando vejo Callie. Eu rio tanto que até meu peito dói. — O que você está fazendo?

O céu enegrecido e neves caem das nuvens cinzentas. Callie tem suas mãos sobre os guidões da minha moto, tentando empurrá-la para frente para um abrigo fora da neve. Seus pés estão escorregando contra o gelo e ela está começando a ceder.

Eu passo por trás dela e sinto-a ficar tensa quando coloco minhas mãos em cima dela. — Você vai se machucar, — eu digo, mergulhando minha cabeça para frente e cheirando seu cabelo, lembrando da primeira vez que fiz isso. Eu tiro as mãos da moto e dou um passo para trás, guiando-a comigo.

— A neve não vai machucá-la.

Ela se inclina para trás, inclina seu queixo para cima, e olha para mim. — Tem certeza disso? Eu acho que li em algum lugar que as motocicletas não foram feitas para a neve.

Eu pressionar meus lábios em sua testa e deixo-os lá por um momento, saboreando a sensação da sua pele antes de me afastar. — Onde diabos você ouviu isso?

Ela encolhe os ombros. — Eu não sei. Em algum lugar, tipo em uma revista ou alguma coisa assim.

Balançando a cabeça, eu sorrio e estendo a jaqueta para ela colocar os braços. Tem sido muito tempo desde que sorri desse jeito que os músculos ao redor dos meus lábios doem. Ela se vira para o lado e desliza seu braço através da manga, em seguida, faz o mesmo com o outro braço.

Eu ajesto o casaco e deslizo minhas mãos em sua cintura. Pressionando meus dedos nela, eu giro em torno dela para encará-la e seus olhos se alargam. Eu pressiono meus dedos em torno do seu estômago, sem nunca tirar os olhos dela enquanto puxo o zíper até o seu queixo e sua respiração escapa para fora dos seus lábios em uma fina névoa. Meus dedos tremem quando os afasto do seu corpo, e então me inclino e beijo sua testa, fechando meus olhos enquanto inalo seu cheiro, lutando para manter meus olhos abertos.

Eu sentir falta da sua pele ao longo do último mês e tocá-la, em vez de sonhar com isso é surreal. Mas também é errado. Eu não sou a melhor coisa para ela e ela deve ter o melhor. Mais do que isso. Ela deve ter tudo e estou longe disso.

Entorpecimento drena através do meu corpo quando percebo, eventualmente, que vou ter que deixá-la ir.

— Seth e Luke estarão aqui em um minuto, — ela sussurra, agarrando o fundo da minha camisa, com o rosto pressionado em meu pescoço.

Eu não posso sentir meus dedos, meus braços, meu coração. — Ok. — Eu me sinto fodidamente impotente, mas tudo o que posso fazer é tremer e fingir que fosse apenas por causa do frio.

CAPÍTULO 9

#6 Fuja - corra para a praia

Callie

Estou confusa. Eu posso dizer que Kayden quer me segurar, mas ele continua se afastando, lutando contra a vontade de me tocar. O que nós precisamos é de uma longa conversa para que eu possa entender o que ele está pensando e o que ele quer, e que ele possa entender o que eu quero porque acho que ele não sabe. Precisamos de uma semana em uma casa de praia com muito tempo a sós, que é o que Seth e Luke estão tentando nos dar.

Mais tarde naquele dia, estamos na caminhonete de Luke, que está estacionada nos fundos de um supermercado. Está ficando escuro, mas os postes de luz iluminam a dança de neve do céu. É um dia depois do Natal, mas ainda parece e se sente como o Natal. Os prédios ao nosso redor estão decorados com várias luzes coloridas que cintilam e na calçada tem bastões de doces iluminados.

— Eu pensei que Callie estava brincando sobre isso, — diz Kayden. Eu estou sentada no seu colo com as minhas costas encostadas na porta. A janela está molhada e meu cabelo continua se esfregando ao vidro. — Mas pelos olhares sérios sobre os rostos de vocês, estou supondo que eu estava errado.

Seth contorce os ombros para frente, ele está apertado entre Kayden e Luke. Ele se inclina na frente de Luke, bate a ponta do cigarro pela janela, e as cinzas flutuam na neve.

— Por que nós sempre brincamos sobre ir à praia? — Ele se vira ao redor e se inclina contra o assento, angulando a cabeça para trás, e olhando para o céu nublado. — Será que neva constantemente aqui? Eu juro que isso não parou desde que cheguei.

— De Dezembro a Abril, — Eu esclareço enquanto os dedos de Kayden tocam o meu rosto e ele suaviza a mão sobre minha cabeça.

Eu não consigo parar de fechar meus olhos e tentar ficar em silêncio, mas um embaraçoso suspiro desliza para fora dos meus lábios. Minhas bochechas começam a corar, então eu continuo falando para distrair todos.

— Então vamos fazer isso?

— Ir à praia? Para San Diego? — Kayden pergunta, com dúvida em sua voz. Eu aceno com a cabeça e aproveito a confortável sensação da sua mão no meu rosto. — Eu não tenho certeza se posso.

Meus olhos se abrem e ele está me observando. — Por que não?

Ele balança a mão. — Há apenas coisas... Coisas que eu preciso lidar.

— Você não pode lidar com elas na praia? — Seth fica de frente no assento e abaixa os pés de volta no chão, e então ele acena a cabeça para mim. — Com esta garota bonita?

Kayden parece rasgado quando olha de mim para Seth e, em seguida, para janela. — Eu tenho que fazer algo na Segunda-feira e tenho que estar aqui.

— Podemos estar de volta na segunda-feira, — Luke entra na conversa, ligando os limpadores por causa do nevoeiro no para-brisa. — Isso vai nos dar quatro dias de liberdade e é quatro dias que não tenho que passar aqui.

Eu olho nos olhos de Kayden e vejo algo que não quero, medo

- avassalador. — Não temos que ir, — eu digo a ele, porque ele é o único que importa no momento e eu posso dizer que alguma coisa está errada.

Ele esfrega a ponta do seu polegar sobre meu lábio inferior, esfregando-o um pouco. — Você quer ir?

— Só se você quiser, — eu respondo, e paro para dar ênfase, eu me inclino e sussurro. — E você pode ir.

Ele olha para mim com uma expressão estranha, como se eu fosse uma incrível criatura única, que ninguém conhece, e então sua boca inclina-se em um pequeno, mas deslumbrante sorriso. — Eu posso ir até Segunda-feira.

Seth grita, bate palmas, e chuta os pés contra o chão enquanto grita, — viagem na estrada, aqui vamos nós!

— Graças a Deus porra. — Luke suspira de alívio. Ele aumenta o aquecedor e, em seguida, vira a alavanca ao lado do volante, movendo os limpadores. Eles se movem de um lado para o outro e repete de novo o

mesmo movimento, enxugando a neve do vidro. — Agora apenas temos que ir pegar as merdas de todo mundo.

— Eu estou bem, — diz Kayden enquanto eu coloco os pés no chão. Ele passa seus dedos pelo meu cabelo, olhando pela janela com as sobrancelhas unidas. — Eu só vou comprar algumas roupas e outras coisas quando chegarmos lá.

Nenhum de nós o pressionamos, porque é óbvio que ele não quer ir para sua casa. — E quanto a sua moto? — Luke se vira e coloca o braço na parte de trás do assento, olhando para a motocicleta de Kayden na parte de trás da caminhonete, obscurecida por uma folha de flocos de neve macios. — Você quer levá-la?

Kayden dá de ombros. — Tudo o que eu quero é não ter que ir para casa ainda. — Seus dedos saem do meu cabelo e se estabelecem no meu quadril, onde ele toca na minha pele logo abaixo da barra da minha camisa. — Assim, podemos levar ou deixa-la em algum lugar.

Luke gira em torno do assento e empurra o marcha para frente, as engrenagens rugem um pouco antes de deslizar. — Nós vamos apenas levá-la. — Ele pressiona sobre o gás, avançando a caminhonete para frente. — E você? — Ele olha para mim e depois para Seth. — Vocês precisam pegar as suas coisas?

Eu começo a abrir a boca para dizer não, mas Seth interrompe. — Eu não vou a qualquer lugar sem o meu kit.

Luke nem mesmo se incômoda em perguntar. Ele só revira os olhos e vira a caminhonete na direção da minha casa. Eu vejo as casas ao redor enquanto continuo sentada no colo de Kayden, esperando não estar fazendo nada de errado, esperando não fazer mais danos. Realmente, eu não sei se o que estou fazendo e tudo o que posso esperar é o melhor. É o pior sentimento do mundo, porque a esperança nunca foi algo bom para mim.

Eu rapidamente fico em um estado de ansiedade quando Seth e eu saímos do carro. Há quatro figuras que eu posso ver através da janela da cozinha da minha casa e eu reconheço o quarto membro de cabelos escuros que não faz parte da minha família. Minha mãe, meu pai, Jackson, e Caleb estão sentados à

mesa da cozinha enquanto eu ando até a entrada da garagem e Kayden está na caminhonete com Luke no final da entrada.

Sinto o cheiro de uma tempestade chegando, como o aroma de chuva que ataca o ar com um temporal. Mas o cheiro que sinto é como água suja que mancha a grama depois da tempestade.

— O que você está olhando? — Diz Seth, seguindo o meu olhar para a janela da cozinha. As luzes estão acesas e o interior pode ser visto claramente. Minha mãe está servindo a todos, meu pai está falando acaloradamente, e Caleb e Jackson estão rindo deles.

Eu balanço minha cabeça, enrolo a minha mão em torno do seu braço, e transporto-o até a calçada. Seth está olhando para mim como se eu tivesse perdido a minha mente, mas eu continuo andando, passo a passo até que nós estejamos dentro do quarto acima da garagem. Eu acendo a luz e fecho a porta, ofegando quando me inclino contra ela.

— Isso é tão ruim, — eu sussurro e depois corro para minha bolsa. — Nós temos que sair daqui agora.

Seth me segue em um ritmo lento e vira para pegar seu kit que está no banheiro. — O que há de errado com você, garota? — Sem fazer barulho ele pega sua colônia e lâmina de perto da pia. — Você está agindo como uma pessoa estranha.

Eu lanço minhas blusas e alguns pares de jeans em minha bolsa e, em seguida, fecho-a. — Não há... há... — Eu não consigo dizer e ele sai da porta fechando a mini bolsa que está carregando seus produtos de higiene pessoal.

— Callie, seja o que for, diga-me. — Ele coloca a bolsa menor dentro da maior, uma sobre a cama. — Está tudo bem.

— Há alguém em casa, — Eu digo aterrorizada, arrastando minha bolsa para a porta.

— Obviamente. — Ele levanta as sobrancelhas para mim e, em seguida, examina minha bolsa. — Você pegou alguns shorts ou sandálias? Vai ser um inferno de muito mais quente lá, não como estar aqui. Além disso, você não quer andar na areia usando tênis.

— Eu não possuo qualquer outra coisa, — eu digo e, em seguida, balanço rapidamente a minha cabeça enquanto abro a porta com um empurrão. —

Seth, nós temos que ir. Agora.

Está prestes a desmoronar tudo, como aconteceu da última vez.

Seth revira os olhos e joga sua mochila por cima do ombro. — Bem, mas você vai, eventualmente, me dizer por que esse pânico todo.

Ele se vira para o lado e se aperta através da entrada. Eu desligo as luzes, fecho a porta, e desço as escadas depois dele, lutando com a grande bolsa em minhas mãos. Eu deveria ter deixado algumas das minhas coisas aqui, mas estou com muito medo de que Caleb, meu irmão ou minha mãe saíam.

Corro pela porta lateral, minhas pernas quase me fazem tropeçar, mas Seth agarra meu cotovelo quando chega a mim. — Você não quer dizer a sua mãe onde você está indo?

Eu olho para a porta lateral, a luz que derrama através da janela no centro, e eu balanço minha cabeça. — Eu não acho que deveria.

Sua testa se franze, examinando meu rosto com preocupação. — Tem certeza disso? Eu sei que ela tem sido um incômodo para nós dois, mas parece que ela vai entrar em pânico se nós apenas sairmos sem dizer nada.

Meu corpo treme quando vejo Caleb se levantar da mesa e ir para o outro lado da cozinha. — Vai ficar tudo bem. — Minha voz sai alta enquanto os flocos de neve caem do céu, tocando o chão, e derretendo instantaneamente.

— Callie, eu... Por que você está tremendo? — Ele olha de volta para a casa quando a porta lateral se abre. A luz amarela inunda a escuridão, mas, em seguida, sufoca-se como uma chama quando uma figura alta aparece na porta.

É Caleb carregando um saco de lixo na mão. Ele está, provavelmente, tentando impressionar minha mãe e ela provavelmente está acreditando, porque ela sempre quer ver o que quer ver. Por que ela é tão cega?

O comportamento de Caleb não muda quando ele sai para a varanda e na neve, certificando-se de fechar a porta atrás dele para sufocar o que ele vai dizer longe minha família. — O que você está fazendo aqui fora? Destacando-se na neve?

Seu olhar corta para Seth enquanto ele desce a escada. — Você tem outro, hein? Decidiu despejar o jogador de futebol louco depois que ele chutou a minha bunda.

— Foda-se, — Seth suspira, de repente compreendendo quem é. Seus dedos agarram meu braço enquanto ele começa a me puxar para trás, um pé após o outro, a neve esmagando sob nossos sapatos.

Caleb se move para baixo da escada, reduzindo a distância entre nós com um sorriso no rosto. Seus olhos estão negros como carvão e seu rosto está escondido pela sombra criada pelo capuz sobre sua cabeça.

Às vezes me pergunto por que ele não parece se importar ou mostrar qualquer remorso pelo que fez. O que há de errado com ele? Ele é tão distorcido e quebrado que gosta de me torturar?

— Venha até aqui e o apresente, — ele grita enquanto chega ao último degrau.

— Foda-se! — Seth grita, dando passos mais longos, praticamente me arrastando para a entrada como minhas pernas minúsculas trabalhando para me manter no seu ritmo.

Minhas pernas parecem borrachas e não vão funcionar direito, por isso me mantenho tropeçando em meus pés. Eu gostaria de poder encontrar algum tipo de força suprimida dentro de mim e gritar com ele, levá-lo para baixo, jogar coisas. Fazer qualquer coisa para limpar o sorriso de satisfação no seu rosto.

Mas na sua presença ainda sou a criança que ele prendeu na cama. Que força a mão sobre a minha boca, enquanto me despedaça em fragmentos. Eu permito que Seth me puxe para a entrada onde a caminhonete de Luke está, observando Caleb através da cortina de neve. Seus olhos estão fixos nos meus e eu sinto as lágrimas começarem a escaparem. Estou chorando, fraca e quero desmoronar no chão, derreter com os flocos de neve.

— Callie, — O som da voz de Kayden me leva para a verdadeira realidade da vida e a preocupação maior.

Eu tenho mais problemas no momento para me preocupar, como deixar Kayden longe de Caleb antes que uma reconstituição daquela noite aconteça. Eu giro ao redor e solto a mão de Seth.

Kayden está na frente do para-choque da caminhonete com os seus braços cruzados. Seus olhos não estão em mim, mas sim trancados em Caleb. O rosto dele parece uma sombra quando ele fica na frente dos faróis.

Eu jogo minha bolsa no meu ombro e meus sapatos pressionam contra a neve quando corro para ele. Seus olhos não deixam Caleb enquanto me aproximo e, em seguida, ele caminha para frente, esquivando-se para o lado, fora do meu caminho. Largo minha bolsa e antes que ele possa chegar mais perto eu salto, arremessando meus braços em volta do seu pescoço, e me prendo a ele.

Cada músculo em seu corpo endurece quando entrelaço minhas pernas em volta da sua cintura, agarrando-me a ele como se eu fosse uma sanguessuga, porque é isso que preciso ser no momento, algo que ele não pode se livrar sem muito trabalho.

— Callie, — ele diz em um tom baixo, sem me segurar. — Me deixei ir.

Eu rapidamente sacudo minha cabeça. — Não, por favor, volte para a caminhonete.

Seu cabelo escova contra meu rosto enquanto ele balança a cabeça. — Callie... Eu não posso. — Ele parece estrangulado e eu realmente acredito que ele não possa ir.

— Mas você pode. — Eu respiro contra sua orelha enquanto enterro meu rosto em seu pescoço. — Por mim.

É como se eu dissesse as palavras mágicas e inesperadamente ele faz o caminho de volta para a caminhonete, lentamente, mas ele está indo.

Então eu ouço Caleb dizer: — Ah, então ela não abandonou você. Acho que ela está se transformando em uma putinha então.

— Por favor, por favor, por favor, — eu imploro quando ele começa a andar para frente.

— Por favor, não faça isso. Eu preciso de você. Eu preciso de você. Eu preciso de você. — Fecho meus olhos quando ouço uma porta se abrir e, em seguida, uma outra abertura. De repente, todo mundo está gritando.

Eu ouço a voz de Luke primeiro. — Por que você não cala essa fodida boca e volta para dentro antes que se machuque novamente.

— Oh, eu estou indo prestar queixa agora, — Caleb responde.

— O favorito e aparentemente suicida - jogador de futebol vai.

E então eu ouço a minha mãe. — Callie Lawrence, entre agora. Eu lhe disse para ficar longe dele.

Eu sinto o peito de Kayden se mover com os meus enquanto ele busca oxigênio, pisando para frente e depois para trás, como se não conseguisse se decidir para onde ir ou o que ele quer fazer.

— Callie Lawrence! — Minha mãe grita e sua voz ecoa pelas ruas e cachorros começam a latir. — É a pausa de Natal. Você deveria estar aqui com a sua família.

Mas eu estou com a minha família. Convoco cada última gota que ainda tenho de coragem dentro de mim, me empurro para trás a partir de Kayden, e com força encontro seu olhar. — Por favor, me tire daqui, — eu imploro com uma voz irregular. A raiva diminui fugazmente em seus olhos quando ele pisca para mim. — Eu não posso fazer isso sem você.

Assim que conectamos novamente e nossos corações batem juntos, erráticos e indomáveis, mas ainda juntos. E isso é tudo que importa.

É só ele e eu, protegidos dos gritos em torno de nós. Ele faz o caminho de volta para a caminhonete, me segurando, e abre a porta. Sem tirar os olhos de mim, ele sobe e fecha a porta com força. O ar quente nos envolve enquanto nos agarramos um ao outro. Segundos depois a porta do lado do motorista se abre e Seth e Luke pulam para dentro. A gritaria chega até a caminhonete, mas o barulho do aquecedor e sistema de som sufocam. Enquanto nos afastamos, eu percebo que não estou sozinha no mundo. Eu tenho uma caminhonete cheia de pessoas que se preocupam comigo o suficiente para não perguntarem o que foi toda essa confusão. Um dia eu vou dar todos os abraços que puder.

Kayden começa alisando a mão na parte de trás da minha cabeça e seu pulso está batendo através dos seus dedos. Ele continua beijando minha cabeça e murmurando que vai ficar tudo bem. Não tenho certeza se ele está falando comigo ou consigo mesmo.

Quando sinto a caminhonete chegar à estrada, eu finalmente olho para casa. Minha mãe está em pé no meio da entrada de automóveis, com neve caindo sem um casaco ou sapatos. Ela tem que estar com frio, mas seu rosto parece vermelho na luz da varanda. Meu pai se aproxima dela, usando jeans e sua camisa favorita, coçando a cabeça. E Caleb está longe de ser visto.

Eu desejo que ele fosse para sempre. Eu gostaria que ele apenas desaparecesse e minha mãe e meu pai iriam acenar para mim a partir da calçada, deixando-me viver a vida que eu deveria ter tido há muito tempo.

Kayden

Eu posso dizer que ela está preocupada comigo e tenho certeza de que, se estivéssemos sozinhos, ela me diria que não deveríamos ir à viagem. Ela acha que eu vou quebrar, mas a única vez que não estou completamente quebrado é quando estou perto dela. Pelo menos é isso que estou pensando enquanto Luke e eu esperamos por Seth e ela saírem da garagem.

Luke acende um cigarro enquanto esperamos. Nenhum de nós fala nada, ele inspira e expira após o sopro e o aquecedor abafa o frio no ar quando ele abre sua janela.

— Ok, — ele diz, enquanto inclina seu braço através da janela aberta e joga as cinzas do cigarro para fora. — Eu só quero saber uma coisa.

Eu fico olhando para a garagem em nossa frente e nos faróis iluminando as trilhas do pneu na neve. — E o que é? — Eu pergunto, não tenho certeza se quero ouvir a sua resposta.

Ele coloca a ponta do cigarro de volta em sua boca, enquanto joga o pacote para o lado. Ele suga uma respiração profunda e exala a fumaça, relaxando de volta no assento. — Valeu à pena?

— Bater em Caleb? — Eu verifico sem olhar para ele.

O cheiro de fumaça fica mais forte quando ele suga outra golfada. — Sim.

Meu olhar eleva da escada para a parte superior da garagem. A luz está acesa dentro do pequeno quarto e eu posso ver a sombra de Callie e Seth se movendo para trás e para frente à janela. Lembro-me do que Callie e eu fizemos a última vez que estávamos lá, como ela se sentiu quando eu estava dentro dela, como eu me sentir.

— Sim. — É uma pequena palavra que realmente não significa nada, mas essa faz. Na verdade, eu acho que isso significa algo mais do que estou pronto para admitir para mim mesmo.

Ele coloca o cigarro na boca de novo e o papel queima e brilha quando ele suga uma tragada profunda. — Então você está bem com tudo isso?

Eu batuco meus dedos em cima da maçaneta da porta. — Sim, eu estou bem.

Ele enrola os dedos ao redor do cigarro e remove-o a partir da sua boca, soltando uma rachada de fumaça e enchendo a cabine. — Tem certeza? Porque se você precisar conversar ou qualquer coisa, eu estou aqui.

É a conversa mais profunda que tivemos e acho que sei por que estamos tendo. A irmã mais velha de Luke, Amy, tirou a própria vida. Logo depois que isso aconteceu, ele ficou realmente despedaçado e uma vez chorou na minha frente, culpando a si mesmo, porque ele não notou quaisquer sinais.

Eu aceno. — Eu prometo que estou bem.

Luke e eu ficamos quietos até que Callie e Seth saem e eu começo a relaxar de novo. Em seguida, o estrago acontece quando a porta lateral da casa se abre.

— De jeito nenhum, — diz Luke quando Caleb sai pela porta. — Merda, Kayden...

Eu já estou saindo. Meus punhos estão apertados, a adrenalina está debatendo no meu corpo, e eu não sei o que vou fazer.

Toda emoção que senti naquela noite me consome outra vez, as boas e as ruins. Caleb me vê e adiciona combustível às chamas em fúria dentro de mim. Estou prestes a fazer algo que vai provavelmente arruinar a minha vida para sempre quando Callie se joga em cima de mim.

Ela fica me pedindo para parar, por ela, implorando. Mas Caleb continua, chamando-a de vagabunda, e eu quero matá-lo. Na verdade, eu sinto isso, a necessidade de levá-lo à morte, e por um segundo toda sensação se divide e me possui para que eu faça isso acontecer.

Então vejo Callie olhando para mim com seus lindos olhos azuis e parece que ela está prestes a chorar. Ela pronuncia seis pequenas palavras que mudam a minha vida e a minha alma cicatrizada para sempre.

— Eu não posso fazer isso sem você, — ela sussurra, me abraçando como se eu fosse sua tábua de salvação.

De repente eu sei que não posso fazer nada com ele, porque isso vai machucá-la mais do que provavelmente vai machucar Caleb. Então eu recuo e subo na caminhonete, segurando-a para não me deixar cair na escuridão.

Ninguém fala na maioria da viagem. É como se todos nós estivéssemos com muito medo de ser a primeira voz e com muito medo do que pode sair das nossas bocas.

Callie tem a cabeça apoiada no meu ombro e ela continua correndo o dedo ao longo do interior do meu pulso. Eu sei que ela pode sentir as cicatrizes curadas na minha pele e me deixa desconfortável, mas não me afasto. Se ela precisa me tocar, então ela pode me tocar.

Seu celular continua tocando Blue October's "*Hate Me*", mas ela continua recusando.

— Vai ficar tudo bem, — ela sussurra, e, em seguida, minutos depois, ela adormece, praticamente desmaia no meu colo porque não há quase nenhum espaço para se movimentar com quatro pessoas apertadas em uma única cabine de três assentos. Mas é o que temos e nós não precisamos de mais nada.

Luke leva a metade da noite, determinado a chegar lá quanto mais rápido possível. Eu me ofereço para dirigir algumas vezes, mas ele recusa toda vez. O rádio toca um pouco de Chevelle e as nuvens desaparecem quanto mais nos aproximamos do mar e as estrelas brilham no céu. Eu queria saber se é possível corrigir-me e me transformar em outra pessoa. Alguém que eu nunca conheci. Alguém que não corta a si mesmo, que não quer sentir dor sobre a emoção, alguém que pode ser digno de abraçá-la como eu estou agora.

Olho para Callie em meus braços. Seu cabelo está pendurado em sua frente e sua perna engatada sobre a minha. Uma das suas mãos está em meu colo e a outra contra o meu peito. Eu sei que preciso conta tudo, mas não sei como ela vai lidar com isso.

Ela mal me disse seus próprios segredos em voz alta, que é por isso que eu resolvi com minhas próprias mãos, porque eu bati em Caleb, e por isso que estou disposto a espancá-lo novamente em um estalar de dedos.

E eu não me arrependo do que fiz.

Eu nunca vou.

— Levante e brilhe, Bela Adormecida. — Algo pesado bate no lado da minha cabeça. Eu acordo em choque, jogando meus braços no ar.

A luz solar atinge meus olhos e eu pisco várias vezes contra o brilho. Luke está em pé ao meu lado com a porta aberta e um sorriso de merda no rosto. — Merda, eu pensei que você nunca fosse acordar.

Eu olho para a mochila que ele deve ter atirado em mim ao meu lado e, em seguida, a areia que se estende à minha frente que conecta com o oceano. O plano de fundo do céu azul brilhante que reflete na água e cega o inferno fora dos meus olhos. Eu já fui a praia antes, durante as poucas vezes que minha mãe e meu pai decidiram que seria necessário tentar sermos uma família. Sempre acabava como uma merda, com alguém ficando chateado, e a viagem era cancelada.

— Há quanto tempo estamos aqui? — Eu bocejo e pressionno meus pés no chão e saio, esticando meus braços acima da minha cabeça.

Luke se inclina para a cabine, pega a mochila, e fecha a porta, balançando as chaves em torno do seu dedo. — Tipo uns dez minutos. Callie me disse para deixá-lo dormir, mas eu não vi diversão nisso.

Estou contente que ele está sendo um idiota e não me tratando como um maníaco suicida. — Bem, obrigado, eu acho.

Ele levanta as sobrancelhas enquanto se dirige para frente da caminhonete. — Sem problemas.

A casa de praia pertence ao pai de Luke, quem eu conheci uma vez. O que eu nunca consegui entender era como seu pai conseguia pagar, e ainda não podia se dar ao luxo de pagar a mensalidade da faculdade de Luke, entre outras coisas. Eu perguntei a ele sobre isso uma vez e a única coisa que Luke fez foi dar de ombros.

Ele não gosta de falar sobre seu pai, antes mesmo dos seus pais se divorciarem. Eu o conheci apenas uma vez, quando tinha seis anos, quando Luke e eu nos tornamos amigos. Ele parecia um pouco fora de lugar, como se não soubesse o que fazer com ele próprio ou com Luke. Uma semana depois que eu o conheci, ele embalou suas coisas e saiu. Luke, provavelmente, visitou-

o, como, dez vezes desde o que aconteceu e cada vez que voltava, ele nunca falava sobre sua viagem.

E eu nunca perguntei.

O patamar de madeira salta um pouco quando caminho sobre ele, dirigindo-me para a porta lateral da casa. A tela está fechada, mas a porta por trás está aberta, de modo que o ar quente possa fluir para dentro. Eu ouço as ondas do oceano rolando contra a areia e a música se misturando com o som da risada de Callie.

— Um aviso, — Luke diz, enquanto abre a porta de tela.

— Seth já reivindicou um dos dois quartos que tem uma cama. Callie disse que vai dividir o beliche com ele, mas não há nenhuma maneira no inferno do caralho que eu vá compartilhar uma com você.

Eu entro e a porta se fecha atrás de mim. — Posso dormir no sofá. — Por mais que eu gostaria de compartilhar uma cama com Callie, abraçá-la, passar a noite com ela, é, provavelmente, melhor se eu não fizer isso, porque não tenho certeza do quão perto eu quero ficar dela ainda.

— Bom, porque eu odeio dormir no sofá. — Ele vai para o outro lado da cozinha em direção de um corredor com sua mochila pendurada em seu ombro esquerdo e eu fico sozinho no mesmo lugar.

Existem algumas banquetas em torno de um pequeno balcão e uma janela com vista para a praia. Eu tomo um assento em um dos bancos e puxo uma das minhas pernas para cima, descansando meu braço em cima do meu joelho. Me lembro que quando eu era pequeno o mar foi uma das coisas mais incríveis que eu já tinha visto. Eu estava fascinado pela maneira como as ondas tomavam e lavavam a areia, deixando a sua marca no mundo. Às vezes eu ficava na frente da borda e deixava-a bater contra meus pés, considerando tomar mais um passo e meus pés acabavam por seguir em frente. Mais um passo e ela me levaria...

— Kayden. — A voz de Callie se eleva sobre o meu ombro. Eu ouço-a se aproximar e sinto o calor do seu corpo quando ela fica bem atrás de mim. — Você está bem? — Ela coloca a mão em meu ombro e há um tremor em seus dedos.

Lembro-me da primeira vez que eu a beijei, no campo de jogos do Carnival Ride, na ponte, pressionado-a contra a rede. Ela tremia sob o meu toque e eu amei cada segundo disso, mas o odiei por me fazer sentir coisas que eu não estava preparado.

— Eu estou bem. — Eu coloco um sorriso falso no rosto e me viro. — Eu só estava pensando. — Me estico e movo sua mão do meu ombro, deslizando meus dedos nos dela enquanto me levanto.

— Sobre o quê? — Ela pergunta com uma inclinação de cabeça e mechas do seu cabelo castanho caem em seus olhos. — Sobre o que aconteceu ontem à noite... Com... — Ela se esforça para dizer o nome dele e eu rapidamente me intrometo para remover a dor em seus olhos.

— Não, não é isso. — Eu afasto seu cabelo para trás com a mão livre e em seguida, deixo-o flutuar em sua bochecha e eu desfruto da sensação da sua pele. — A última vez que estive à beira do mar.

Ela coloca sua mão sobre a minha persiste em sua bochecha. — Que idade você tinha?

— Doze. — Minha mente volta para o sentimento do oceano e o poder das ondas violentas. Eu afasto a sensação da minha cabeça. — Sabe de uma coisa? Eu realmente não quero falar sobre isso. — Solto seu rosto e trago sua mão para baixo com a minha. — O que você quer fazer hoje? — Parece estúpido perguntar quando temos tanta merda está suspensa no ar.

Mas ela apenas sorri, balançando os braços e joga junto comigo, dando-me o que eu preciso. — Nós provavelmente deveríamos ir às compras, assim você não terá que usar as mesmas roupas o tempo todo.

— Compras, hein? — Eu arco uma sobrancelha e suspiro.

— Tudo bem, vamos fazer compras.

Callie

Que coisa incrivelmente comum para fazer, eu acho que à medida que caminhamos na rua movimentada, cercada por edifícios e lojas cor de néon, com uma multidão de pessoas usando roupas de praia. Sinto-me agasalhada demais na minha blusa azul e jeans skinny. Meus tênis não são feitos para uma

calçada de areia e eu continuo desejando ter trazido minhas sandálias da maneira que Seth tinha sugerido quando estávamos embalando tudo.

Eu pensei que era uma coisa absurda a dizer, mas olhando agora para a areia em todos os lugares, eu quero afundar meus dedos nela. Estou olhando fixamente para os meus pés enquanto ando e me esquivo da esquerda para a direita através da multidão. Eu nunca fico confortável em multidões, porque eu sempre acabo sendo tocada, não importa o quão duro eu tente não ser. Mas me mantenho sendo cutucada no ombro por homens e mulheres, percebo que meu instinto interno diminuiu ao longo do tempo.

— Eu disse a você, — Seth sussurra em meu ouvido.

Eu lhe olho e ele tem um sorriso enorme no seu rosto. Seus olhos estão escondidos atrás de óculos de sol prata e ele tem uma camisa fina vermelha, jeans e sandálias. — Disse-me o quê?

— Que você se arrependeria de não trazer sandálias.

Ele estende o braço para mim e eu entrelaço com o meu, como se nós somos duas pessoas comuns, tendo um agradável passeio pela calçada. Só que não somos e lembro-me disso, quando ele abre a boca novamente.

— Você... Você quer falar sobre isso? — Ele pergunta quando passamos por uma loja exibindo uma coleção de óculos de sol na janela.

Eu balanço minha cabeça, olhando nas lojas ao meu lado, tentando não pensar sobre como eu me sentir vendo Caleb novamente, as coisas que ele me disse, ou o fato de que minha mãe ligou-me uma centena de vez e me deixou inúmeras mensagens que me recuso a verificar. — Estou bem. — Eu digo. — E apesar do fato de que eu não tenho shorts ou sandálias, eu estou curtindo o sol e a areia.

Ele sorri para mim sob o sol. — Bem, eu estou feliz. O sorriso desaparece. — Mas se você precisa conversar...

— Então eu vou falar com você. — Eu aponto para os bastões de doces pendurados sobre os postes acima das nossas cabeças. — É meio estranho ver decorações de Natal sem neve no chão.

— Na verdade, é. — Seu celular toca dentro do seu bolso e ele estende a mão para silenciá-lo sem sequer olhar para a tela.

Eu olho-o, mas ele só sorri, e eu não pressiono, devolvendo o favor de questões limitadas porque é isso que ele está fazendo por mim. Kayden e Luke estão caminhando um pouco à nossa frente, conversando e rindo. Luke se mantém checando as garotas que passam por ele, particularmente as em vestidos apertados.

— Eu não entendo como elas podem se sentirem tão confortáveis vestidas desse jeito, — eu digo enquanto Seth me empurra para o lado para me desviar em torno de um homem que está vestido como um taco e distribuindo panfletos rosa fluorescente.

— Como podem se vestirem como o quê? — Ele nos dirige para o centro da calçada.

— As pessoas. — Eu olho ao redor da rua movimentada com os meus ombros caídos. — Quero dizer, a maioria das garotas não estão vestindo nada.

Seth ri de mim e depois me puxa para mais perto. — Eu acho que você deveria tentar se vestir assim.

Meus olhos se arregalam e eu começo a entrar em pânico quando olho para o pouco tecido em quase todos. Não é como se eles estivessem nus ou mesmo em trajes de banho, mas um monte de mulheres estão usando vestidos curtos e isso me deixa inquieta.

— Seth, não há nenhuma maneira que um dia eu vou ser capaz de usar um vestido. — Eu volto para Caleb e quando ele me chamou de vagabunda. Eu sei que não deveria me incomodar, mas estou.

— Eu duvido disso, — ele assegura com certeza. — Eu acho que um dia você vai se sentir confortável em sua própria pele como todas estas pessoas estão nas delas.

Eu franzo a testa com dúvida. — Eu não penso assim.

Ele varre a rua e seus olhos pousam em uma mulher alta com cabelo louro cor de girassol que está usando um vestido de verão branco e rosa. Seu cabelo está dançando na brisa leve que cheira a sal, peixe e tudo o que está ligado ao oceano. — O que você acha de algo assim?

Eu balanço minha cabeça, respirando o ar fresco, com meu coração ainda acelerado. — De jeito nenhum.

Ele dispara um olhar mortal para mim, seus olhos castanhos escurecendo enquanto suas pálpebras se fecham rapidamente. — Por que não?

— Eu tinha doze anos da última vez que usei um vestido, — eu diminuo a voz, com minha cabeça baixa enquanto vergonha passa sobre mim. Era cor-de-rosa, tinha flores nele e eu amava girar em círculo para fazê-lo flutuar.

De repente, ele entende. — Oh Callie, eu sinto muito. — Ele pressiona um dedo abaixo do meu queixo e obriga os meus olhos se afastarem dos meus pés.

— Está tudo bem. — Eu embaralho meus pés ao longo das tábuas da ligeira ponte arqueada enquanto caminhamos sobre ela. — Você não sabia.

Ele fica quieto por um tempo e volta o olhar para os meus pés. — Que tal você apenas experimentá-lo?

Eu olho para ele, atordoada. — Eu pensei que nós tínhamos mudado de assunto.

Ele balança a cabeça com seu olhar fixo em mim. Seu cabelo loiro cintila no sol e ele está mais pálido do que a maior parte das pessoas por aqui. — Eu não quero que você pare de se mover para frente.

Eu aceno minha mão em minha frente. — Mas estamos nos movendo para frente.

Ele sorri. — Não foi isso que eu quis dizer.

— Eu sei. — Eu suspiro pesadamente, com o calor do sol beijando minhas bochechas. — Realmente não importa de qualquer maneira. Eu não possuo um vestido.

Um sorriso se expande em seu rosto e ele começa a saltar com excitação e balançar os braços. — Oh meu Deus, eu deveria totalmente comprar um.

Eu olho em volta para as vitrines das lojas. Algumas delas são lojas de roupas com manequins seminus em exposição. Outras têm bugigangas e moda praia, e há um guarda-chuva perto da próxima esquina da rua, e um homem está andando na frente dele com um short floral, uma regata, e chapéu natalino. — Seth, eu realmente não acho que consigo.

Ele me cutuca com o ombro. — Nós podemos pelo menos tentar. — Ele me empurra para o lado pelo braço e, em seguida, atravessa a rua para uma loja rosa fluorescente com margaridas pintadas na janela e vestidos

pendurados em um no deck externo. — Nós vamos comprar um e, em seguida, se sentir vontade de usá-lo você pode.

— E se eu não sentir?

— Então nós vamos ter tido o prazer de comprar um vestido.

Eu suspiro, mas não discuto e ele leva isso como um sim. Ele acelera e nós passamos através das pessoas, e eu mantenho meus ombros curvados, impedindo que ninguém me toque.

— Ei, onde vocês dois estão indo? — Luke grita da calçada com as mãos em concha ao redor da boca.

Kayden está olhando para nós como se achasse que estamos fugindo dele. Ele tem um par de jeans escuros e uma camisa preta. Seus cabelos estão pendurados sobre seus olhos e as extremidades em torno das suas orelhas e pescoço. Ele ainda tem barba em seu queixo forte e eu me pergunto quanto tempo será antes dele poder estar novamente em torno de uma lâmina.

Ele murmura só pra mim, Você está bem?

— Sim, vá comprar suas roupas, — eu grito enquanto aceno e, em seguida, Seth me puxa e damos um passo para cima do meio-fio do lado oposto da calçada. — Nós vamos encontrar vocês depois.

Luke parece confuso, mas, em seguida, encolhe os ombros e lidera a calçada com Kayden atrás dele. Eu tiro meu olhar deles e por sua vez, ao redor, tropeço no meu cadarço que desamarrou. Chuto a areia enquanto andamos em direção a loja de margarida. Há distância, posso ouvir os sons das ondas chegando na areia.

— E algumas sandálias também, — Seth acrescenta, e ele me puxa pelo braço quando tropeço em um buraco na calçada.

Concordo com a cabeça, recuperando meu equilíbrio. — Sandálias soam bem.

Nós vasculhamos as prateleiras por um tempo, mas não encontramos qualquer coisa, — Callie, primeiro um vestido digno, — Seth diz. Nós vagamos entre o calor do sol e o ar fresco do ar-condicionado. A caixa está lendo uma revista atrás do balcão e ela olha para cima antes de retornar sua atenção para a leitura.

Seth acena a mão na frente do meu rosto. — Está quente aqui e cheira como cerejas.

— Eu acho que essa temperatura é realmente normal, aqui, — eu indico.

— É só que nós viemos de um dos lugares mais frios do mundo.

Ele me lança um olhar duvidoso quando começa a folhear entre as camisas nas prateleiras. — Do mundo?

Eu vou até uma das prateleiras circulares no centro da pequena loja e passo o meu dedo ao longo dos topos dos cabides. — Ok, talvez no país.

Ele ri e eu junto-me a ele à medida que percorremos entre os cabides. Cada vez que ele aponta para um vestido, eu balanço minha cabeça e declínio. Não é como todos se eles fossem feios; é só que eu realmente não quero usar um. Eu quero ficar com minhas roupas e me manter coberta, exceto talvez os meus pés. Parece como se quando eu for colocar um vestido em seguida, vou voltar para aquele dia.

Ando até a seção de sandálias e pego um par com joias roxas bonitas na parte superior. Eu verifico o tamanho e elas são o ajuste perfeito. Estou prestes a ir até o caixa pagar quando Seth aparece com as mãos atrás das costas.

— Ok, eu acho que encontrei um, — ele diz, parando na minha frente. Ele tem um pirulito em sua boca e me pergunto onde ele conseguiu, mas não pergunto, porque com Seth às vezes ser confundida é melhor do que entender. — Mas antes de mostrá-lo a você, eu preciso que você limpe a cabeça.

— Limpar a minha cabeça. — Eu folheio uma das prateleiras segurando mais uma das sandálias.

Ele balança a cabeça, tirando o pirulito da sua boca. Seus lábios estão manchados de vermelho e assim como os seus dentes estão. — Feche os olhos e limpe sua cabeça daquele lugar que você continua indo cada vez que eu sugiro algo, porque se você fizer isso, acho que você vai adorar o que eu tenho aqui.

A loja está vaga, exceto pela funcionária, que está muito distraída pela revista. Estou contente que não há ninguém, caso contrário, eu me sentiria boba. Fecho meus olhos, inspiro pelo nariz, e depois expiro pela minha boca. — Tudo bem, tentando limpar a cabeça em menos de cinco segundos.

Ele ri de mim e, em seguida, aperta meu braço. — Basta tentar limpar sua cabeça. Limpe sua cabeça. — Eu sinto-o se mover para mais perto. — Aqui, faça isso. Imagine Kayden.

Eu abro um olho. — Eu acho que isso não vai limpar a minha cabeça. Na verdade, acho que vai nubla-la ainda mais.

Ele balança a cabeça e coloca seu pirulito de volta em sua boca. — Não, não vai. Eu prometo. — Sua voz soa engraçada quando ele rola o pirulito na boca.

Eu suspiro e fecho os olhos, imaginando Kayden e seus lindos olhos verdes. Seu sorriso incrivelmente perfeito e seus suaves, deliciosos, lábios saborosos. Sim, seus lábios, eles poderiam ser a minha parte favorita. Minha cabeça está clara. — Tudo bem, eu estou pensando nele.

— Agora pense sobre o quanto você confia nele.

— Tudo bem... — Minha mente prontamente flutua de volta para aquela noite quando eu estava sob ele, impotente, mas sem me afastar quando ele me segurou, me beijou apaixonadamente, senti da cabeça aos pés, os nossos corpos suados unidos.

Ele me levou para um lugar que eu achei que não existia e me fez sentir coisas que eu nunca soube que poderia.

— Ele não vai deixar nada acontecer com você, Callie, — Seth diz em uma voz suave que estabiliza os meus nervos. — E nem Luke e eu. Você tem três caras fortes. Você não está sozinha e você não precisa mais se esconder.

Eu entendo o que ele está dizendo e isso me oprime. Por seis anos eu me senti tão sozinha no mundo, escondendo-me no meu quarto. Mas agora estou aqui e tenho Kayden, Seth, e até mesmo Luke. Eu não estou sozinha. Eu tenho amigos.

Lágrimas começam a arder nos meus olhos e uma gota desliza pela minha bochecha.

— Você é o melhor amigo no mundo todo, — eu digo, segurando as lágrimas enquanto abro meus olhos. — E eu quero dizer isso.

— Eu sei que você quer. — Um sorriso aparece em seus lábios e ele estende os braços para frente de si mesmo, mostrando-me o vestido que ele

escolheu.

— Ta-da.

Tem tiras finas e diferentes tons de roxo, como uma espécie de tie-dye^{3}, e há uma tira ao longo da parte superior e inferior.

Parece que é feito de seda, mas não é decotado e parece que vai até meus joelhos.

Eu corro meus dedos ao longo do tecido macio e verifico o tamanho na etiqueta é correto. — Você acha que este é o único? Um para me curar do meu medo?

— Não, eu acho que você é a única que pode se curar do seu medo, — ele diz, acenando o vestido para mim. — Isso vai parecer realmente bom em você e combina com os sapatos.

Olho para as sandálias roxas em minha mão e, em seguida, para o vestido. — Sim, eles meio que combinam, — digo e ele espera que eu pegue o vestido. Finalmente, puxo o vestido da sua mão e caminho em direção do caixa.

— Você não está indo experimentá-lo? — Seth serpenteia ao redor das prateleiras atrás de mim.

Eu empilho o vestido e os sapatos em cima do balcão ao lado da registradora e de uma caixa cheia canetas com pontas peludas. — De jeito nenhum. Não até eu voltar para casa.

Ele revira os olhos e depois se afasta em direção a uma seção de calções. A funcionária leva o seu tempo levantando-se da cadeira e se dirigindo da registradora, bocejando. Em seguida, o telefone toca e ela vai em direção a ele.

— Só um segundo. — Ela levanta o dedo e se inclina sobre o telefone na mesa do canto.

Eu espero pacientemente com o meu braço sobre o balcão e minha mão no vestido. Me lembro quando eu era mais jovem e costumava usar vestidos o tempo todo. Gostava de correr e brincar usando-os e sempre acabava com os joelhos esfolados.

— Talvez você não devesse jogar bola, — minha mãe me dizia o tempo todo. Mas eu me recusava a ouvir, porque amava me sentir como uma princesa que podia praticar esportes. Gostava de correr para cima e para baixo do

campo de futebol, deixando minhas pernas minúsculas me levarem enquanto o meu vestido e cabelo sopravam ao vento. Eu era tão feliz e percebo que é provavelmente um dos poucos tempos que já me senti tão despreocupada.

A funcionária ri quando diz algo ao telefone.

— De jeito nenhum. Você está fodidamente brincando comigo? Ele não fez.

— Sim, ele fodidamente fez, — Seth murmura ironicamente e deixa cair uma pilha de roupas na bancada. A funcionária olha pra ele, enrolando o cabo do telefone ao redor do seu dedo. Seth faz um careta para ela e ela vira as costas para nós.

— Agora nós vamos ficar aqui para sempre. — Eu folheio uma seleção de colares em uma prateleira pequena perto do caixa. A maioria tem conchas sobre eles e um deles até tem uma garrafa miniatura de areia.

— Bem, eu vou apresentar uma queixa ao seu gerente, — Seth diz alto o suficiente para ela ouvir.

Eu pego o item superior que Seth escolheu: uma bermuda jeans. — Você está pensando em usar isto? — Eu digo sarcasticamente.

— Ha-ha. Você deve estar se sentindo melhor se seu sarcasmo está voltando. — Ele define um top no balcão. — E não, estes são para você.

Eu pego a regata. — Eu estou bem com isso. — Eu pego uma calcinha de renda preta e, em seguida, solto-a como se ela fosse tóxica. — Mas isso é demais.

Eu movo minhas mãos para a pilha e tento jogá-la de volta para a prateleira, mas ele bate na minha mão. — Apenas no caso, — ele diz e, em seguida, um sorriso malicioso curva em sua boca. — Como se talvez você quisesse parecer escandalosa.

Minhas bochechas ficam tão quente como o asfalto preto brilhando à luz do sol do lado de fora da loja. Mas estou sorrindo e momentaneamente me rendo. Acho que vou pegar as roupas e, em seguida, discutir com ele quando voltarmos para casa, fora da vista de qualquer um.

— Tudo bem, — eu digo e, em seguida, sorrio quando aponto para um homem que anda na rua em um par de mini shorts cor de rosa e uma camiseta.

Estou tentando agir de forma legal e controlar meu rubor, mas é difícil quando há tanta pele à mostra em todos os lugares. — Mas se eu tiver que vestir essas coisas, você tem que vestir um desses.

Ele segue para onde estou apontando e então sorri. — Feito, mas estou totalmente usando um no tom azul. O rosa não fica bem em mim.

— Deus, ele tem que estar com frio. Não é tão quente. — Eu começo a rir com a ideia de Seth neles e, em seguida, minha risada aumenta quando ele se junta. Estamos rindo histericamente quando a funcionária desliga o telefone.

Lágrimas estão deslizando abaixo das nossas bochechas e há linhas de risos temporárias em torno de nossas bocas. Nós continuamos rindo mesmo quando ela nos dá um olhar sujo, porque estamos na praia, tentando nos divertir. E rir é o primeiro passo para a diversão.

No momento em que caminhamos para fora da loja, que fica ainda mais quente, mas talvez seja por causa dos últimos itens que Seth jogou em cima da pilha. Eu tenho um saco na minha mão e Seth tem vários na sua. O sol está no seu auge e brilhando sobre todos. Mas eu me sinto terrível. Culpada. Triste. Eu estou andando sob o sol e rindo enquanto Kayden tem tanta escuridão dentro de si.

CAPÍTULO 10

#14 deixe-se ser gentil

Kayden

O sol está brilhante. Realmente muito brilhante. Talvez seja porque eu fiquei preso dentro de casa nas últimas semanas.

Ou talvez seja porque eu me sinto tão escuro por dentro. Quem diabos sabe. Eu estou tentando não pensar muito sobre isso profundamente, porque então vou ter que pensar na dor e nos sentimentos que eu não quero ainda. Talvez nunca.

Luke e eu estamos passeando pela calçada sob o sol. Nós paramos e compramos algumas roupas em uma loja local e eu também acabei comprando algo para Callie. Eu não tenho certeza de quando ou se eu vou dar a ela, mas era perfeito demais para não comprar. Um dia, talvez, eu espero.

Desde que Callie e Seth ainda não apareceram, decidimos caminhar até a praia. Luke continua verificando cada garota que passa por ele. Ele está agindo de forma estranha, até mesmo para ele. Mas ele sempre age dessa forma quando algo ruim está acontecendo em sua casa.

— Você está bem? — Pergunto enquanto atravessamos a rua na esquina onde convergem duas estradas.

Ele olha para mim com as sobrancelhas arqueadas. — Sim, por que eu não estaria? — Quando chegamos ao outro lado da rua, ele pergunta. — Você está bem?

— Eu estou bem, — eu minto, passando em torno de uma mulher que se empurra através da multidão falando muito alto em seu celular. Luke a checa também, inclinando a cabeça para que possa vê-la até que ela desapareça ao virar a esquina. — Eu só estou um pouco cansado. — É a desculpa mais estúpida que eu já dei, mas ele não pressiona.

Nós andamos o resto do caminho até a rua, sem falar e fazemos uma pausa em uma faixa de pedestres. Não há qualquer carro vindo mas nós dois apenas ficamos ali olhando para a terra, uma vez que se abre para o oceano. As ondas estão bastantes calmas e o sol batendo na água cria um reflexo ofuscante.

Eu protejo os olhos e começo a atravessar a rua. Não há também muitas pessoas, mas não quero estar por perto até mesmo do pequeno grupo que está indo em direção ao mar. Eu só não quero estar em torno de pessoas no momento. Quero estar dentro de algum lugar no escuro, porque sinto que todos sabem o que está dentro de mim pelos curativos no meu pulso e as ligas de borracha. É como se tudo o que eu trabalhei tão duro para esconder estivesse em céu aberto. Luke sabe disso. As pessoas semi-vestidas na praia sabem disso. Callie sabe disso.

— Então, o que as pessoas fazem por aqui? — Luke pergunta enquanto caminha através da areia para onde as ondas espumantes colidem com a terra e enxugam as pegadas na areia.

Eu dou de ombros, abaixando a mão dos meus olhos. — Não tenho certeza. Seu pai é a pessoa que vive aqui.

Sua mandíbula se aperta. — Sim, mas não significa que eu saiba algo sobre este lugar... Ou ele.

— Como é que você tem uma chave da casa?

— Eu não tenho uma chave.

Dou um olhar interrogativo. — Você não tem a chave?

— Não, — ele diz simplesmente.

Ótimo. Apenas o que eu preciso. Já estou enfrentando acusações se Caleb não aceitar o suborno do meu pai. E depois do que aconteceu ontem à noite, estou querendo saber o que ele vai decidir. Recebi uma mensagem da minha mãe esta manhã dizendo que o celular do meu pai estava desligado quando ela ligou para checar os negócios. Parte de mim não quer que ele aceite. Parte de mim não quer dever ao meu pai. Enquanto penso nisso, uma pitada de raiva e agonia movem-se dentro de mim e eu rapidamente sufoco, porque não sou capaz de lidar com isso sem um objeto pontiagudo para tirar esses sentimentos de dentro de mim.

— Será que vamos entrar em apuros? — Eu pergunto, mexendo com o curativo no meu pulso, descasco a fita e, em seguida, pressiono-a de novo.

— Não, — ele diz e se aproxima da beira da água. — Ele quase nunca vem aqui. E se fizer, ele não vai ficar puto. Vai ficar provavelmente feliz.

Eu termino a conversa porque sei que está o incomodando. Defino os poucos sacos de roupa no chão, me abaixo para sentar-me na areia, levanto meu ajoelho e descanso meus braços em cima dele. Luke senta-se também e ficamos lá, deixando o silêncio lavar a dor como o mar faz com a areia.

Eu provavelmente teria ficado assim se meu celular não começasse a apitar. Movo meus braços fora dos meus joelhos e pego o meu celular do bolso.

Callie: Onde vocês estão?

Eu: Na praia. Onde vocês estão?

Callie: No centro comercial procurando vocês.

Eu: Vá até o final da rua e siga em direção à praia. Nós estamos na primeira abertura.

Callie: OK

Coloco meu celular no bolso novamente e descanso para trás em minhas mãos. — Eles estão vindo.

Luke balança a cabeça para cima e para baixo enquanto olha fixamente para o horizonte. — O que nós vamos fazer hoje à noite? Eu não quero apenas ficar sentado e não fazer nada. Eu vim aqui para fazer... Alguma coisa.

— Eu acho que vou ficar. — Estico minhas pernas. — Não estou no clima para sair.

Ele pensa sobre o que eu disse, com os olhos castanhos apertados contra a luz. — Olha, — ele diz. — Eu sei que você já passou por muita coisa, mas... Mas eu acho que a última coisa que você precisa é sentar e pensar sobre isso.

— Nós não temos que sair. — A voz de Callie flutua sobre meu ombro e meu corpo imediatamente fica rígido como uma tábua enquanto as emoções correm através de mim.

Viro a cabeça e olho para ela. O sol está brilhando em seus grandes olhos azuis, que estão protegidos por seus longos cílios. Seu cabelo está amarrado e

sua pele brilha a partir do calor. Ela tem um saco em sua mão e um olhar cético no rosto. Seth ao seu lado, está carregando uma grande quantidade de sacos de papel marrom com um logotipo de uma flor roxa. Ele está olhando para o oceano com um olhar confuso em seu rosto.

Eu fico de pé. — O que você comprou? — Eu aceno em direção ao saco e forço um sorriso em meus lábios. — Alguma coisa boa?

Sua testa se franze quando ela olha para a sacola em sua mão e, em seguida, para mim. — Eu não sei.

O jeito que ela diz isso, com tanta perplexidade, me faz querer saber o que tem na sacola. Eu começo a me aproximar para provocá-la.

— Posso?

Ela balança a cabeça rapidamente e leva a mão para suas costas, suas bochechas ficando um pouco rosa. — De jeito nenhum.

Ok, agora eu estou ainda mais curioso. Eu olho para Seth procurando por uma explicação, mas ele apenas dá de ombros com indiferença. — É apenas Callie sendo Callie.

Eu não tenho certeza do que isso significa, porque Callie sendo Callie significa ela ser doce e adorável, mas ela está agindo de forma inquieta. — Tudo bem... Vocês querem ir comer alguma coisa?

Callie acena com a cabeça e não posso deixar de pensar sobre quando ela me disse que se faz vomitar. Eu não tenho certeza do que fazer com isso ou se há algo que eu possa fazer. Eu entendo maus hábitos e como eles podem te possuir.

Luke resmunga algo, se empurrando para seus pés e escovando a areia fora dos seus jeans. — Nada de sushi ou caranguejo ou qualquer coisa que seja relacionado com frutos do mar.

Um sorriso aparece em meus lábios. — Eu acho que estabelecemos que nenhum de nós gosta de frutos do mar na primeira vez que saímos juntos.

Seth levanta sua mão acima de sua cabeça e, em seguida, aponta um dedo para si mesmo. — Hum, olá. Eu tenho certeza que disse que amo sushi.

— Você disse, — Callie diz a ele e, em seguida, espreita através dos seus cílios para mim. — Foi Kayden e eu que dissemos que não gostávamos.

— Parece que foi ontem, — murmuro enquanto minha mente viaja no tempo, de volta à quando eu a conheci, quando tudo era nada. Deus, ela é incrivelmente linda em mais maneiras do que a maioria das pessoas nunca vão ser. O quão estúpido e o quão brega isso possa parecer, ela vai possuir perpetuamente a porra da minha alma ou as partes que sobraram, de qualquer maneira.

Eu não sei como ela faz isso. Como posso estar me sentindo tão fodido em um minuto e, em seguida, ela sorri e por um segundo a dor se foi. Não aguento mais isso. Preciso dela como já precisava antes. Eu preciso fodidamente dela agora antes que eu perca isso.

Eu agarro sua mão, surpreendendo-a, e levo-a comigo pela praia em direção à rua, porque no momento eu não dou a mínima para nada, apenas tocá-la. Seus sapatos prendem contra a areia enquanto ela tenta seguir meu ritmo. Eu procuro um lugar vazio, porque o que quero fazer não pode ser feito em público. Eu detecto uma lacuna entre duas pequenas lojas, uma amarela alarmante e a outra azul clara, como o sol e o céu. Elas são sombreadas por coberturas inclinadas que quase se conectam por um beco estreito.

— Kayden, o que você está fazendo? — Callie gagueja, tropeçando em seus pés, lutando para manter-se no meu ritmo.

Eu balanço minha cabeça enquanto passo através de um grupo de pessoas e sigo a trilha em direção ao litoral. — Apenas espere.

Atravesso a rua e, em seguida, quando chego à frente da loja amarela, eu ando para o lado e levo-nos para o beco entre ela e a construção ao lado. Há uma grande lixeira perto do fim e uma pilha de caixas na outra. Não é o lugar perfeito, mas a perfeição é avaliada em excesso.

— Você está bem? — Ela pergunta, sem fôlego enquanto eu nos arrasto.

Eu respiro fundo e encaro-a. Eu não dou a ela, ou a mim mesmo, tempo para reagir, enrolo minha mão em torno da sua cintura e pressiono seu pequeno corpo no meu. Ela engasga quando pressiono meus lábios nos seus, sabendo que vou provavelmente me arrepender mais tarde, quando estiver sozinho. Mas preciso dela agora.

Quando nossas bocas se unem, eu finalmente posso respirar novamente. É como se eu tivesse me afogando durante o último mês, buscando somente o ar

quando meus pulmões já estivessem prestes a estourar. Mas seu beijo me trouxe a superfície.

— Kayden, — ela murmura enquanto agarra minha camisa em seus punhos. — Oh meu Deus.

Eu deslizo minha língua dentro da sua boca e ela abre os lábios para deixar-me entrar profundamente. Eu devoro-a, percebendo o quão faminto estou. Eu puxo-a para mais perto enquanto nos pressionamos na parede, as nossas pernas se emaranham enquanto nós lutamos para manter nosso equilíbrio. A sacola cai da sua mão e estendo minha mão para o edifício.

A madeira coça minhas palmas e eu saboreio as pequenas escoriações. Mas a maior dor no meu coração se abre por beijá-la.

Ela solta um gemido quando minha mão desliza para suas costas e então para seu pescoço. O som quase me deixa louco. O pequeno beijo aquece como uma chama e meu coração vem à vida novamente. Ela abre a boca mais larga e eu deslizo minha língua, na medida em que vai, ao longo do interior da sua boca, saboreando-a, respirando-a. Suas mãos se movem em torno da minha barriga e ela se agarra a mim.

Eu quero parar com isso, mas perdi todo o controle. Movo minha mão para longe da parede e deslizo as minhas palmas em suas coxas. Espalhando meus dedos em torno das suas pernas, eu levanto-a e ela me agarra, cruzando seus tornozelos atrás das minhas costas.

Seu lábio inferior treme quando eu delicadamente mordo-o, lembro de quão inocente ela é e como sou o único que ela confia para tocá-la assim. E isso tem que contar com alguma coisa. Porque Callie é a pessoa mais impressionante, incrível, amável e amorosa que eu já conheci.

Ela confiar em mim tem que significar alguma coisa.

Callie

Eu esqueci o quão assustador é, mas igualmente maravilhoso, ser tocada por ele, sentida e realizada, quando ele está deixando de lado sua dor. No começo eu não tinha nenhuma ideia do que estava acontecendo. Um minuto estávamos falando de sushi e no seguinte ele está me arrastando para longe da praia. Eu comecei a perguntar o porquê, mas ele silenciou meus pensamentos

com seus lábios e todos os pensamentos sobre a vida, sobre tudo, desapareceram. Ele está me beijando e não se afastando, o que tem que significar algo, como se poderíamos ter apenas tropeçado para frente do nosso impasse.

Ele tem gosto de menta e necessidade, me dominando com a sua língua. Seu rosto desalinhado é como uma lixa contra a minha pele enquanto eu me pressiono em cima dele, querendo que ele me toque e aterrorizada pelo pensamento dele nunca me deixar ir. Eu afasto o pensamento definitivamente, se eu posso, então sei que ele vai ficar bem: nós estamos bem.

Ele tem que estar pensando a mesma coisa, porque ele me puxa e me pressiona para mais perto dele. Minhas pernas são como ímãs e rodeiam suas costas. Ele deixa escapar um profundo gemido gutural e eu fico chocada com as imagens que piscam em minha mente, de volta a garagem, nervosa, mas ansiosa para estar com ele em todos os sentidos possíveis. Eu quero respirar, estar viva novamente.

Abro a boca mais larga e sua língua ocupa cada polegada da minha boca. Eu estou tremendo da cabeça aos pés e só fica pior quando ele morde meu lábio, arrastando os dentes ao longo do interior do mesmo.

— Kayden, — Eu gemo e aperto os braços em volta do seu pescoço. Puxo-o contra mim e ele nos esmaga contra a lateral do prédio.

Suas mãos começam a vaguear pelo meu corpo e minhas curvas dos quadris. Sufocando o calor ardente dos nossos corpos enquanto nossas línguas derretem e retorcem juntas. Um tiro de êxtase atira-se entre as minhas pernas quando sinto sua dureza pressionada contra mim e as sensações se amplificam quando sua mão agarra meu seio. Eu esqueço onde estamos e como é difícil existir, por vezes. Eu só quero ele. Tão mal. Eu quero que ele me segure para sempre.

Mas, em seguida, seus lábios estão me deixando e ele me coloca de volta no chão, tão rapidamente como me pegou. Nós ficamos em um impasse novamente e eu tento não cair em pedaços. Meus lábios estão inchados, meus pulmões palpitam vorazmente, e em toda parte onde suas mãos me tocaram, escovando, e pastavam formigamentos, e tudo o que posso pensar é em ter mais isso com ele.

Seus olhos esmeralda estão brilhantes e ele age de forma irregular, olhando para longe de mim para a praia e para a lateral do edifício. — Eu não devia ter feito isso.

Eu balanço minha cabeça e coloco a mão em seu rosto. — Kayden, olhe para mim.

Ele pisca os olhos contra a luz do sol e, em seguida, força seus olhos a encontrarem os meus. — Callie, eu não posso estar fazendo isso. Precisamos ser... Precisamos ser apenas amigos.

— Apenas amigos? — Eu franzo a testa porque não quero ser apenas sua amiga. Mas neste momento não é sobre o que eu quero. É o que ele precisa. — Isso é o que você realmente precisa?

Ele acena com a cabeça, com sua mandíbula apertada. — Por enquanto...

Ele engole em seco enquanto enfia as mãos nos bolsos, os músculos dos seus braços magros feridos e apertados. — E isso não é sobre você. Eu prometo. — Ele não está olhando para mim, mas apenas sobre o meu ombro. — Sou eu.

Eu mordo meu lábio, considerando minhas próximas palavras com cuidado. — Tudo o que você precisar, Kayden. Estou aqui. Pode falar comigo.

Ele conclusivamente encontra o meu olhar e há algo dentro dos seus olhos que não vi desde que nos encontramos. — Eu sei disso.

Um sorriso toca meus lábios, e ousadamente, eu dou um passo à frente e entrelaço meus dedos nos seus. — Vamos pegar algo para comer, antes que Seth acabe fazendo uma birra. Ele estava reclamando nas últimas horas sobre como estar com fome.

Kayden balança a cabeça, os dedos se contraindo quando traço meu polegar através da palma da sua mão, por razões que não são claras para mim.

— Ok. — Ele finge um sorriso e eu odeio que ele esteja fingendo na minha frente. Isso significa que ele está se fechando, e não quero isso. Quero que ele confie em mim como eu confio nele. Devo muito.

Devo muito mais.

Devo tudo a ele.

Uma hora depois, nós estamos sentados no deck de um restaurante, isso é certo pelo oceano. O ar cheira a sal e há uma leve brisa que beija meu rosto e faz os fios do meu cabelo caírem em meus olhos. O sol está se pondo e o calor é um pouco mais suportável.

Existem algumas pessoas sentadas nas mesas redondas de madeira espalhadas por todo o convés, mas a maior parte está tranquilo.

Nós quatro estamos sentados em silêncio enquanto lemos os nossos cardápios. Kayden está sentado ao meu lado e seu joelho descansa contra o meu. Eu não tenho certeza se ele percebe ou não, mas não me atrevo a falar, com medo de que ele vá movê-lo e se afastar novamente.

— Então, e sobre algum sushi? — Brinca Seth, quebrando o silêncio. — Ou algum caranguejo.

Luke revira os olhos castanhos enquanto mostra os nós dos dedos. — Eu acho que estou indo para um hambúrguer.

Kayden está mordendo o lábio e eu observo-o lê o seu cardápio, fantasiando sobre sua boca de volta na minha. Ele tem sua mão escondida sob a mesa e continua sacudindo as ligas de borracha em seus pulsos mais e mais. Pelo som do estalo, tem que doer, mas não me atrevo a tentar impedi-lo. Se isso é o que ele precisa, então é o que ele precisa.

— Eu acho que vou ter o mesmo. — Kayden fecha o seu cardápio e coloca-o no centro da mesa, ao lado do ketchup e mostarda.

Ele fica em silêncio novamente e Seth começa a escrever mensagens de texto em seu celular enquanto Luke olha para a praia ao nosso lado. O garçom finalmente chega e anota nossos pedidos e traz nossas bebidas. Nós saboreamos em nossos canudos tranquilamente, com a pressão das ondas enchendo os espaços vazios dos nossos pensamentos.

— É isso aí, — Seth diz abruptamente e coloca a mão em cima da mesa. Todos nós saltamos assustados, e Kayden quase derruba sua bebida no chão.

A cabeça de Luke gira em sua direção e ele atira a Seth um olhar mortal. — Da próxima vez um fodido aviso seria bom.

Seth leva seu canudo aos lábios e bebe sua bebida.

— Desculpe, mas o silêncio de morte é enlouquecedor. — Ele define a bebida de volta a mesa e limpa os lábios com a costa da mão. — Precisamos nos divertir.

Kayden imediatamente enrijece e a liga de borracha em seu pulso estala. — Sim, acho que eu só vou voltar para casa.

Seth balança a cabeça, rasgando a embalagem do canudo em minúsculos pedaços. — De jeito nenhum. Nós não viemos para cá para ficar em casa. Viemos para nos divertir um pouco.

— Seth, eu não acho... — Eu começo.

Ele fala sobre mim, sacudindo os copos no centro da mesa. — Não. Isso não vai acontecer. Todos nós temos nossos problemas e nós temos lidado com eles, todos nós precisamos de uma pausa da vida. Então, nós estamos indo nos arrumar e ir nos divertir um pouco.

— Onde? — Pergunta Luke e move o canudo para os lábios, tomando um gole. — Tipo em um clube ou algo assim?

— Sem clubes, — Eu imploro com as mãos sobrepostas em minha frente. — Por Favor.

Seth fixa um olhar demorado em mim. — Senhorita Callie, já resolvemos isso. Clubes são divertidos. E você tem um grande e forte, Kayden, para te proteger.

Meus ombros caem e curvam enquanto penso sobre o quão longe ele foi para me proteger, ele agarra a minha mão por debaixo da mesa. É como se pudesse ler minha mente e se inclina para colocar seus lábios em meu ouvido.

— Vai ficar tudo bem, — ele diz em voz baixa, encontrando meus olhos e me dando um sorriso torto. — Se você quiser ir, podemos ir.

Eu me inclino até que haja uma porção de espaço entre nossos lábios. — Eu quero fazer o que você quiser fazer.

Seus olhos ficam enormes e sua respiração acaricia meu rosto. — Se você quiser sair, então eu também quero.

Nós nunca vamos ser capazes de chegar a uma conclusão dessa maneira e acho que Seth vê isso também.

— Então está resolvido, — diz Seth e isso me deixa meio irritada porque eu posso dizer a Kayden que quero sair. — Vamos todos e ter a porra de uma noite divertida.

Luke define sua bebida em cima da mesa e eu pego-o olhando para Kayden. Talvez eu não sou a única preocupada.

— Está todo mundo bem com isso? — Luke pergunta, mas ele está olhando para Kayden.

Kayden se inclina para longe de mim e encolhe os ombros enquanto pega seu refrigerante em cima da mesa na sua frente. — Eu estou bem, cara.

— Eu não acho... — Eu começo a protestar.

Ajustando sua bebida em cima da mesa, Kayden aperta minha mão com a sua livre, então se inclina e coloca um macio e úmido beijo na minha bochecha. — Callie, eu vou ficar bem. — Ele respira no meu pescoço enquanto seu dedo roça meu pulso. — Eu prometo... Você precisa... Você precisa parar de se preocupar comigo.

— Isso nunca vai acontecer, — eu sussurro, deixando escapar uma respiração lenta e aceno, minhas bochechas queimando por causa do beijo. Eu não quero sair, e não pelas razões que Seth pensa. Estou preocupada com Kayden. Nós não conversamos sobre o que aconteceu e ele precisa falar. Porque eu não entendo nada disso. Tudo que eu quero é ir em algum lugar e poder fazer todas as perguntas que tenho engarrafadas na minha cabeça durante os últimos meses.

Seth levanta a taça no ar para fazer um brinde. — Eu digo, a partir de agora em diante, ou pelo menos no próximo par de dias, vamos nos deixar ser gentis.

Luke solta um suspiro pesado e tolerante, estende seu braço, levando até o copo de Seth. — Enquanto nós não estivermos em casa, eu sou todo o grau de gentileza.

Kayden ainda segura a minha mão, e usando a sua livre, levanta o copo para cima. — Estou dentro.

Todos olham para mim e eu me sinto menor do que sou. Passando os dedos ao redor do meu copo úmido, eu suspiro e brindo com eles. — Tudo bem, mas sem problemas.

Seth ri. — Querida, o problema é meu nome do meio, então apenas aceite isso.

Luke bufa e até mesmo Kayden dá um sorriso. Mas eu continuo franzindo a testa porque parece que estamos fugindo de nossos problemas. Se eu aprendi alguma coisa na minha vida, é que fugir deles só permite que eles nos persigam.

— Pelo grau de gentileza, — diz Seth e brinda seu copo contra o nosso, derramando um pouco de refrigerante em cima da mesa.

— Por o grau de gentileza, — nós três falamos e os nossos copos se colidem, fazendo uma promessa que eu não tenho certeza que todos nós vamos ser capazes de manter.

Mesmo que eu gostaria de acreditar que os próximos dias serão preenchidos com risos, alegria e luz do sol, estou preocupada com a tempestade que pode chegar.

CAPÍTULO 11

#45 Não deixe que o homem te derrube

Callie

— Seth, eu acho que não posso fazer isso. — Estou me contorcendo enquanto vejo o meu reflexo no espelho. Minha pele é pálida e embora o vestido vá até meus joelhos, eu me sinto nua. As alças mal cobrem meus ombros e eu estou mostrando mais pele do que já mostrei nos últimos seis anos. As sardas na minha pele estão expostas, juntamente com a minha clavícula e tórax um pouco plano. Mesmo as sandálias nos meus pés fazem-me sentir nua. E o meu cabelo está solto, o que eu nunca fui muito fã.

— Eu pareço estranha, — digo, puxando a parte inferior do vestido para baixo. — E... Nua.

Seth balança a cabeça enquanto recua para me examinar. Seu cabelo está empurrado para o lado, com uma ligeira parte para frente. Ele tem um par de shorts e uma camisa de botão cinza com as mangas arregaçadas. — Você está linda.

Eu cruzo meus braços sobre o peito. — Eu acho que não posso fazer isso.

— Claro que você pode, — ele diz simplesmente, voltando-se para o espelho.

Eu balanço minha cabeça. — Seth, por que você está tão insistente sobre isso?

Ele está brincando com seu cabelo e faz uma pausa. Com um determinado olhar em seu rosto, ele vira as costas ao espelho e olha para mim. — Callie, eu estou insistente sobre isso pela razão que você não está. Você tem que deixá-lo ir. Eu sei que é difícil, mas você precisa seguir em frente - todos nós precisamos avançar e deixar o passado ir.

— É isso que você está fazendo? — Pergunto. — Porque parece como se você estivesse fugindo de alguma coisa.

— Eu não estou fugindo de nada. — Ele aperta o fundo do botão da sua camisa. — Eu deixei de lado no dia em que comecei a namorar Greyson. Foi como se eu tivesse sido libertado do medo do que aconteceu e eu poderia finalmente ser eu mesmo novamente.

— Mas como você esqueceu o que aconteceu? — Eu pergunto, alisando as rugas do vestido com a minha mão. — Como você não pensa sobre isso?

Ele me dá um pequeno sorriso e define as mãos nos meus ombros, olhando diretamente nos meus olhos com um fogo de determinação. — Você não se esquece. Você acaba superando. Solte. Seja o que você quer ser em vez do que eles querem que você seja.

— Mas como faço para dividir os dois, — eu digo, deixando minhas mãos caírem para o meu lado. — Porque às vezes eu sinto que eles se misturam. Como agora. Parece errado a maneira como eu estou vestida, mas não sei se é porque estou associando o vestido com o que aconteceu ou porque eu só não gosto de vestidos.

O canto de sua boca se inclina para cima e, em seguida, ele beija minha testa. — Vista-o e descubra.

Ele se afasta de mim e caminha até a sua mochila que está em uma cama de solteiro. Ele pega um frasco de colônia, tira a tampa, e encharca a sua camisa. Vou até a minha bolsa e rapidamente pego a carta que escrevi a Kayden. Eu ainda não tenho certeza do que foi revelado e estou debatendo comigo mesmo se devo fugir disso ou abraçá-lo. Talvez seja hora de encarar o inevitável.

— Oh, eu esqueci de perguntar. — Ele fecha novamente a tampa da colônia. — O que você usando por baixo desse vestido?

Eu mordo meu lábio, lutando contra o meu embaraço, porque estou usando a calcinha preta rendada que ele me fez comprar. — Nada.

— Oh, você decidiu ser ousada? — Ele diz com um largo sorriso. — Isso é ainda melhor.

Eu deixo meu lábio livre e um sorriso foge completamente. — Você sabe que não foi isso que eu quis dizer.

— Eu sei. — Ele pisca para mim. — Mas foi engraçado. — Ele coloca a colônia de volta em sua mochila. — Você está pronta para fazer isso?

Eu olho para o espelho, observando a vastidão em meus olhos, eles ocupam todo o meu rosto. Claro, eu confiei Kayden para ver tudo de mim, mas estou incerta sobre o mundo, porque é grande e assustador e está sempre mudando. Um minuto é um sentimento de estar em casa e no próximo, distante e desconhecido.

Eu submeto embora e Seth abre a porta para mim. Meus joelhos balançam enquanto caminho até a cozinha, onde Luke e Kayden estão rindo de algo na mesa. Há uma garrafa cheia com um líquido acastanhado na mesa. Quando me aproximo percebo que é uma garrafa de Jack Daniels. Há também um cigarro aceso na mão de Luke e fumaça está enchendo o ar.

Eu paro na porta, observando como os olhos de Kayden acendem toda vez que ele diz algo. Eu me pergunto se ele está bêbado, porque ele passou de triste para feliz em questão de algumas horas. Há um enorme sorriso no seu rosto e seus olhos estão um pouco vidrados.

— Já bebendo? — Seth esfrega as mãos, parecendo ansioso, oscilando em torno de mim, batendo em meu ombro. Seguro na bancada para manter meu equilíbrio e depois dou um passo para o lado para que eu esteja um pouco escondida atrás dela.

Os olhos de Kayden se iluminam quando ele me vê e então eu sei que ele está bêbado. — Sim, nós pensamos em começar cedo. — Kayden diz a Seth, pegando a garrafa e entregando-a a ele.

Seus olhos fixam em mim e estou sendo jogada de volta para toda a diversão e momentos que tivemos juntos, os que me dão esperança mesmo que as coisas pareçam sombrias no momento.

Ele sorri, se empurrando da mesa, raspando as pernas da cadeira contra o azulejo. Ele toma passos largos e irregulares enquanto rodeia em torno da mesa e Seth rouba seu assento.

O cabelo de Kayden está uma bagunça e vira-se em torno das suas orelhas. Ele tem uma camisa cinza escura e um par de jeans folgados que penduram-se em seus quadris. Ele também colocou algumas faixas de couro em seus pulsos para tentar encobrir o curativo sobre eles e seu rosto está bem barbeado, o que deixa-me preocupada, porque isso significa que ele teve que usar uma navalha.

— Ei, — ele diz, atravessando a cozinha em passos largos e em torno da área do armário.

— Ei, — eu respondo, girando em torno do balcão, assim estou de frente para ele e me pressiono na borda da bancada. Eu dou uma olhada rápida em seus braços, verificando se há machucados frescos. Tudo parece bem, só que eu não posso ver por baixo da bandagem.

Ele para abruptamente e franze a testa enquanto seus olhos preguiçosamente rolam para cima do meu corpo, demorando-se por um momento nos meus seios antes de encontrar meus olhos. — Eu acho que nunca tinha visto você usando um vestido.

Eu balanço minha cabeça com os cotovelos flexionados e os dedos agarrando a bancada. — Isso é porque eu não uso. Não por muito tempo de qualquer maneira.

Seu olhar é implacável e me faz ficar inquieta. Finalmente, seus olhos fixam nos meus e até mesmo através do mar moderado de álcool, eu posso ver que o real Kayden ainda vive no interior. — Você está linda.

— Obrigado, — eu digo em voz baixa e coloco alguns fios do meu cabelo atrás da minha orelha. — Eu acho que...

Seus lábios se pressionam nos meus e eu chupo uma profunda respiração pelo nariz quando minhas pernas começam a enfraquecerem. Sua língua quente entra na minha boca e ele tem gosto de Jack e cheira a fumaça de cigarro. Sua mão agarra minha cintura e ele me segura quando nossos corpos se esmagam juntos. Ele nos inclina para trás, nossas pernas entrelaçando, e meu coração batendo acelerado no meu peito. Minhas costas contra a bancada, mas eu não me importo. Tudo o que me importa é ele.

Minhas mãos escorregam pelo seus braços fortes e através do seu cabelo. No fundo da minha mente, uma voz racional está gritando para que eu pare, porque ele está bêbado e confuso e eu preciso pará-lo.

— O que você está fazendo? — Eu inclino minha cabeça um pouco para trás. — Eu pensei que você queria que nós fossemos amigos.

— Eu quero, — ele assegura, soando sufocado e, em seguida, seus lábios tocam os meus. Estou tentando afastar-me, mas ao mesmo tempo estou puxando-o para mim. Estou em conflito. Confusa. Eu sou uma pessoa terrível.

Seus dedos longos se espalham em torno dos meus quadris e os dedos escavam na minha pele quando ele me levanta e me coloca na bancada. Minha cabeça bate contra o armário enquanto suas mãos se movem para minhas coxas e ele abre minhas pernas. Movendo-se entre elas, seus dedos deslizam para cima das minhas pernas até que seus polegares estejam circulando a área sensível. No momento, eu esqueço onde estou e quem eu sou e abro minhas pernas mais amplas, permitindo chegar mais perto.

— Hum, eu odeio dizer isso. — A voz de Seth me dá um tapa de volta para realidade e eu me afasto instantaneamente, ofegante e batendo minha cabeça contra o armário novamente. — Tanto quanto eu amo vocês, eu prefiro não ver até onde isso vai dar. Vocês provavelmente devem se tatear mais tarde, quando estiverem sozinhos.

Kayden descansa sua cabeça no meu ombro, respirando aceleradamente, e seu corpo está tenso em minhas mãos. — Desculpe, — ele sussurra na minha clavícula e, em seguida, está se afastando, deixando-me mais exposta do que eu já estava.

Eu pisco meus olhos e ajusto o meu vestido, cobrindo minhas pernas tanto quanto for possível, e então pulo para fora do balcão. Corro minhas mãos pelo meu cabelo, tentando colocá-lo no lugar, e me esforço para não chorar com a dor perfurando meu coração.

Seth arqueia as sobrancelhas para mim. — Veja, vestidos não são tão ruins.

Eu pressiono meus lábios, porque não é engraçado, e ainda é. — Acho que não.

Minha boca se afunda e meu cenho se franze. Dói em cada parte do meu corpo. Tudo o que eu quero é estar com ele em uma situação sem stress onde podemos desfrutar um do outro, ser real, ser nós.

Seus ombros movem-se enquanto ele solta uma risada baixa e, em seguida, estende sua mão para mim. — Vamos, garota. —

Ele toca meu lábio inferior que está fazendo um beicinho.

— Não deixe que o homem te derrube. Vamos nos divertir.

Concordo com a cabeça e sigo-o para a área da cozinha e paramos ao lado da mesa pequena. Seth pega a garrafa de Jack e rodeia o braço em volta de mim, oferecendo. — Aqui, isso vai relaxar você.

Eu olho em volta, para Luke e Kayden esperando perto da porta, e então de volta para Seth. — Tudo bem. Alguém precisa dirigir.

Luke balança a cabeça, sorrindo enquanto esfrega a mão no cabelo castanho cortado. Ele tem uma camisa vermelha e um par de jeans gastos. — Eu estou tendo uma sensação de déjà vu estranho, porque tenho certeza que você disse a mesma coisa naquela noite que fomos para o clube.

— Eu disse, — eu admito, jogando meus cabelos dos meus ombros. Eu não sei se é o calor da noite ou o beijo, mas estou de repente, muito quente. — Mas o que é que vamos fazer? Pegar um táxi para todos os lugares?

Luke balança a cabeça, pegando seu celular e se levantando da cadeira. — Já cuidei disso. Um deve estar aqui dentro de cinco minutos.

Seth empurra a garrafa para frente do meu rosto e o líquido se move dentro do vidro. — Tome um gole, relaxe. — Ele se inclina, baixando a voz. — Você precisa relaxar, Callie. Você tem estado tão estressada ultimamente.

Ele está certo. Tenho estado tão estressada e quero relaxar, esquecer por um segundo sobre o peso insuportável em meus ombros. Eu pego a garrafa dele e sem qualquer preparação coloco os lábios no topo e inclino minha cabeça para trás, dando um gole longo. Meus reflexos começam a torcerem instantaneamente e eu largo a garrafa, enquanto levo minhas mãos ao meu peito.

O braço de Kayden se estende e ele pega a garrafa antes de atingir o chão. — Puta merda, — ele diz e, em seguida, fica ao meu lado para dar alguns tapinhas nas minhas costas. — Vá com calma.

Eu tusso e luto contra a vontade de vomitar. Eu não sou uma grande bebedora e costumo tomar pequenas doses. — Eu exagerei um pouco, — eu digo entre tosses, com a minha mão contra o meu peito.

Ele puxa meu cabelo para trás e a mão palma da sua mão permanece na minha bochecha. Ele continua me tocando, mas age como se não devesse.

Estou confusa e sufocando, só quero ser livre de novo. — Callie, você não precisa beber se não quiser. — Ele diz tão silenciosamente que eu mal posso ouvi-lo.

Estou melhor e endireito meus ombros. — Eu sei. E vale para você também.

Ele olha-me e, em seguida, seus músculos da garganta trabalham quando ele engole em seco. — Aqui. — Ele entrega a garrafa para Seth e corre para a porta, abrindo-a. Ele dá um passo para fora e a porta se fecha, deixando os três de nós perdidos e confusos. Não sei o que fazer ou se eu deveria segui-lo. Não tenho ideia do que ele precisa.

De repente, percebo que eu não sei muito sobre ele em tudo.

Kayden

Ela acha que eu estou bravo com ela, mas não estou. Estou com raiva de mim mesmo. Por fazer aquilo. Por beijá-la. Por tocá-la do jeito que eu fiz.

Ela merece coisa melhor. Eu não sou forte ou bom o suficiente para ficar longe dela.

Eu estrategicamente faço Luke sentar na frente do táxi comigo, assim Seth e Callie tem que se sentarem na parte de trás. Dessa forma eu posso esfriar e parar de pensar nela naquele maldito vestido. Tudo o que eu quero fazer é levá-la de volta para casa, rasgá-lo fora do seu corpo, e fazer amor com ela novamente.

Mas preciso parar de pensar sobre isso. E preciso parar de beber, porque traz para fora os sentimentos que eu estou tentando manter trancado dentro do meu coração de aço.

Luke e Seth continuam passando a garrafa de Jack entre eles e dando alguns goles com as cabeças abaixadas para que o motorista de táxi, um homem mais jovem com cabelos longos e um cavanhaque, não veja. Seth oferece para Callie algumas vezes, mas ela balança a cabeça e recusa a cada oferta. Ela não olhou para mim desde que saímos de casa e ela se mantém mexendo nas tiras do seu vestido enquanto olha pela janela. O céu está escuro e as luzes de Natal iluminam a rua, o brilho no táxi e em seus olhos. Seus olhos parecem mais triste do que estavam quando eu a conheci, se isso é mesmo possível.

Há alguma canção sentimental tocando no aparelho de som. Alguns cara cantando sobre o amor e encontro-me querendo esfaquear meus tímpanos ou pelo menos fazer alguns cortes na minha pele. Eu não quero pensar sobre amar ou o que isso significa para mim. Eu não quero pensar em nada.

Estou prestes a pedir a Luke para passar-me a garrafa quando o táxi para na frente de um prédio de tijolos da altura semelhante a de um edifício. Há uma multidão alinhada em frente a ele e a música tocando a partir de dentro pode ser ouvida todo o caminho até o meio-fio.

Luke tira algum dinheiro fora da sua carteira, entrega para o motorista, e, em seguida, abre a porta. — Vocês estão pagando pelas bebidas. — Ele pula para fora e eu balanço minha cabeça enquanto Seth desliza para fora também.

Espero por Callie, mas ela não se move. Quando finalmente me atrevo a olhar por cima do meu ombro para ela, eu acho que ela está me observando. Descanso meu braço na parte de trás do assento e meu estômago torce para que eu possa enfrentá-la.

— Está tudo bem? — Eu pergunto.

Ela traz o lábio inferior em sua boca e sacode a cabeça. — Não.

Eu luto contra a vontade de tocá-la. — O há de errado?

Ela libera o lábio e desliza para a borda do assento. — Eu não sei quem você é.

Meu queixo quase cai no chão. — O quê?

Ela solta um suspiro, balançando seus pés para fora do táxi. — Eu não sei quem você é. Não realmente, e isso dói. — Ela não diz nada mais quando sai, puxando a parte inferior do seu vestido, e juntando-se a Seth e Luke no meio-fio.

Eu não sei como me sinto sobre o que ela disse. Eu disse a ela mais do que já disse a alguém. Mas, realmente, quando penso sobre isso, eu não disse nada a todos os outros e a ela o mínimo. Minhas botas raspam contra o cascalho na estrada enquanto fecho a porta. O táxi se afasta, os pneus derrapando, e eu estou de pé na calçada.

Callie segura o braço de Seth, mas não posso dizer quem é que está segurando quem. Luke já está pegando seus cigarros e colocando um em sua boca. Nós caminhamos até o final da linha e Luke acende o isqueiro e o papel queima. As pessoas estão falando, rindo, se divertindo, mas dentro da minha cabeça tudo está girando.

Ela não me conhece.

Ela realmente não conhece.

E isso é porque eu não deixo.

De repente, me sinto como um idiota. Devo uma explicação do que aconteceu quando ela me encontrou sangrando no chão.

Eu estou preso em minha própria cabeça enquanto a fila se move para frente e nós caminhamos para o interior do edifício. Luke encontrou um clube com classificação de dezoito anos, de modo que nós não precisamos de identidades falsas para entrar. Assim que passamos pela porta, a atmosfera torna-se sufocante. Têm muitas pessoas malditas abarrotadas firmemente no pequeno lugar. O ar é sufocante, mas felizmente não é permitido fumar. A música é ensurdecadora e o chão está vibrando com isso.

Eu nunca me importei com estes tipos de lugares antes, mas de repente estou me sentindo um pouco claustrofóbico. E acho que Callie está também, porque ela está se agarrando na parte de trás da jaqueta de Seth como se sua vida depende disso enquanto ele caminha em sua frente, empurrando através da multidão. Luke desaparece na multidão completamente.

Alguém tropeça para trás do bar e derrama cerveja no chão ao lado dos pés de Callie. Quando ela pula para fora do caminho, seus dedos se soltam de Seth pela pressão e ela tenta chegar a ele de novo. Mas as pessoas estão se fechando e eu posso dizer que ela está tentando não entrar em pânico.

Eu demoro alguns passos longos e agarro sua cintura. Seu corpo fica rígido, mas eu beijo rapidamente a sua cabeça e sussurro: — Relaxe, sou eu.

Ela balança a cabeça ao ouvir o som da minha voz e os ombros relaxam. Eu me aproximo ainda mais dela até que meu peito esteja pressionado contra a parte de trás da sua cabeça, e então círculo meus braços ao redor da sua cintura e puxo-a firmemente contra mim, manobrando-nos no meio da multidão. Eu certifico-me de manter meus cotovelos levantados para que ninguém possa chegar perto o suficiente para tocá-la e quando finalmente saio da multidão e chego em uma mesa, ambos tomamos uma respiração profunda.

Meus braços relaxam em torno dela, mas eu não deixo-a ir ao andarmos para a mesa no canto, onde Luke e Seth estão sentados. Eu me inclino para o seu lado só para puxar uma cadeira para ela e ela me dá um sorriso fraco

enquanto se senta. Eu caminho para o outro lado da mesa e tomo um assento, acomodando-me, desejando não estar aqui.

— Deus, é fodidamente louco aqui, — diz Luke, despenteando seu cabelo enquanto olha em volta do bar, a multidão perto da porta, e a pista de dança em um canto. — E quente.

Seth acena com a cabeça em concordância, pegando seus cigarros que estão no bolso da frente. Mas então seu rosto se contorce e ele olha para as mesas em torno de nós. — Espere um minuto. É proibido fumar aqui?

Luke balança a cabeça, se inclinando para trás na cadeira e flexiona os músculos quando cruza os braços. — É... E isso vai me matar.

— Eu acho que é os cigarros que vão te matar, — Callie brinca nervosamente enquanto seus olhos pressionam levemente na pista de dança.

Luke atira um olhar de morte, mas, em seguida, sacode a cabeça e sorri. — Bem, se eu não posso fumar onde estou, pelo menos, posso beber. — Ele empurra a cadeira para longe da mesa e se levanta. — O que todo mundo quer?

— A coisa menos potente que existir, — diz Callie, torcendo as mãos no colo e olhando para suas unhas. Ela está ansiosa e eu quero saber o porquê. É por causa de mim, ou é outra coisa?

Seth pega o celular e começa a deslizar os dedos na tela. — Eu não falei com Greyson desde ontem. — Ele suspira. — Acho que ele pode estar chateado comigo.

Callie descansa os braços no topo da mesa. — Por quê?

Seth dá de ombros enquanto desliza os dedos pela tela do seu celular. — Porque eu posso ter dito algo sobre o nosso relacionamento.

— Como o quê? — Callie pergunta.

— Como que eu queria dar um tempo. — Ele define o celular para baixo e suspira quando Callie franze a testa para ele. — Não olhe para mim assim. Eu não quis dizer isso. Eu estava cansado, cismeiei com algumas coisas e não quis dizer isso.

Callie passa a mão na parte de cima da mesa, varrendo um pouco do sal que está nela para o chão. — Você disse isso a ele?

— Por enquanto não, — ele diz. — Mas estou trabalhando em um pedido de desculpas.

— Seth. — Ela estende a mão sobre a mesa e toca seu braço. — Desde quando você mantém essas coisas escondidas? Você nunca deve fazer isso. Não é saudável.

Ele dá de ombros, olha para mim, e então pega o braço de Callie. — Venha comigo por um minuto, — ele diz, levantando-se da mesa e puxando-a para seus pés.

Balançando a cabeça, ela segue-o sem olhar para trás, para mim. Tudo o que eu ouço são suas palavras ecoando na minha cabeça. Nunca mantenha certas coisas escondidas.

Não é saudável.

Se isso for verdade, então eu sou a pessoa menos saudável que existe. Eu sinto algo prensando dentro de mim. O que eu sou. O que eu sinto. Minha vida é o vazio que sempre me possui. Se isso não acontecer, então eu tenho que sentir os últimos anos da minha vida. Eu não posso nem pensar direito, pois os sentimentos me ultrapassam e eu me empurro para os meus pés. Apressando-me em toda a sala, caminho até o banheiro e empurro a porta. Existem alguns caras lá, então eu entro em uma das cabines e me tranco.

Pressionando minhas mãos contra meu rosto, respiro fundo e, em seguida, deslizo os dedos para meus pulsos, esticando a liga de borracha e soltando na minha pele. Eu faço isso umas e outras vezes, até que meu pulso esteja vermelho, mas ainda não me sinto melhor.

Preciso de algo - qualquer coisa - que faça isso ir embora. Olho pela cabine, à procura de qualquer coisa afiada, como a borda de metal que prende o papel higiênico. É um movimento desesperado, que pode levar ao tétano. Eu não tenho certeza se posso fazer isso. Quando levo meu pulso em direção a ele, avisto a fivela em uma das faixas de couro no meu pulso.

Vendo como melhor alternativa, eu coloco meu outro pulso acima da fivela e, em seguida, arrasto-a na minha pele, empurrando com força. A pele se abre e a dor irrompe pelo meu braço. Quando a piscina de sangue sai, sinto um cobertor de calma dentro do meu coração.

Sento-me no banheiro e sangro no chão, o sangue vermelho espirrando perto dos meus pés. Passo minhas mãos em minha cabeça abaixada, sentindo-me envergonhado e ainda gratificado, me perguntando como diabos eu cheguei a este lugar e como eu me tornei essa pessoa.

Posso controlar a compulsão de volta para quando eu tinha uns doze anos.

Foi logo depois da minha equipe ter perdido um jogo de beisebol, devido ao fato de que eu tinha rebatido para fora cada vez que eu estava no bastão. Parte de mim tinha feito isso de propósito por despeito, porque eu sabia que deixaria o meu pai zangado. E mesmo que isso machucasse, toda vez que ele ficava com raiva ele era prejudicado também, por dentro.

Eu me lembro da calma do meu pai no caminho para casa, o que me deixou nervoso. Seus dedos agarravam o volante enquanto ele dirigia o carro até a rua da nossa casa. O vento soprava e levantava muita poeira. O céu estava nublado e eu me lembro de desejar que a viagem nunca terminassem.

Mas muito breve estávamos parando na frente de casa. A grama tinha acabado de ser cortada e o garoto que cortou ainda estava limpando as pilhas de grama que o cortador teve que cuspir.

— Vá para dentro, — meu pai tinha finalmente dito e o tom baixo da sua voz significava que eu estava na merda.

Peguei meu bastão e luva e sai do carro. Com minha cabeça baixa, eu andei todo o caminho, com os meus olhos fixos em meus pés até que eu tivesse na porta da frente. Eu só olhei para cima para abri-la e, em seguida, abaixei meu olhar de volta para o chão enquanto caminhava para dentro.

Eu comecei a subir as escadas, esperando que ele tivesse me deixado ir. Mas na metade do caminho, ouvi a porta da frente se abrir e o vento entrar silenciosamente. Eu continuei andando, porém, na esperança de que de alguma forma, eu tinha conseguido me tornar invisível.

— Você quer me dizer o que diabos aconteceu? — Sua voz bateu nas minhas costas.

Eu sabia que deveria virar e falar com ele, mas eu entrei em pânico e acelerei. Este foi sempre um erro. Logo seus passos apressados estavam atrás de mim e pelo tempo que cheguei ao topo da escada, ele tinha puxado meu colarinho.

Ele me empurrou de volta enquanto descia as escadas e eu me esforcei para manter meus pés no chão, deixando o bastão e a luva deslizarem da minha mão. — Você percebe o quão sortudo é? — Ele me girou para frente dele e eu tropecei em meus sapatos e bati na parede.

— Sorte? — Perguntei, recuperando meu equilíbrio. — Como?

Eu normalmente não repondo de volta para ele, mas minha cabeça estava em um lugar estranho. Alguém na escola tinha me perguntado sobre a contusão no meu braço e eu quase disse a verdade. Que meu pai tinha me empurrado em uma das prateleiras na sala de estar porque eu tinha derramado refrigerante no chão. Mas eu tinha me acovardado e através do silêncio uma realização tinha me ocorrido. Minha vida iria ser sempre assim.

— O que você disse? — Meu pai veio em minha direção, a veia em seu pescoço saliente e seus dedos estavam brancos enquanto ele fechava seus punhos.

— Eu disse que estou cansado disso, — eu murmurei, com meu queixo inclinado para baixo. — Eu não fiz nada, apenas perdi um jogo.

O silêncio que se seguiu pela minha pequena voz foi foddidamente aterrorizante e quando finalmente me atrevi a levantar a minha cabeça eu fiquei chocado ao descobrir que seus dedos tinham se soltado e a veia tinha sumido.

Houve um breve instante em que ele quase parecia um humano e eu pensei que tinha finalmente chegado a ele. Mas, então, seus olhos ficaram avermelhados e ele deu um passo adiante. — Você sabe o que meu pai teria feito se eu tivesse perdido o jogo e, em seguida, respondido de volta para ele como você fez? — Ele parou e esperou por mim responder.

— Não, senhor, — eu disse. — Eu não sei.

Ele se adiantou e elevou-se sobre mim. — Ele teria gritado comigo em frente de todas as pessoas e me dito a verdade, porque a verdade é o que precisamos para tornar-nos melhor.

Às vezes, quando ele ficava com raiva, ele mencionava seu pai e o que fazia para ele, como se precisasse explicar sua violência. Eu me perguntei se é assim que eu iria ser, revivendo suas crenças com meus próprios filhos. A ideia me apavorava, que eu poderia me tornaria isso. Eu não queria me tornar isso e fazer ninguém sofrer.

Prendi a respiração, esperando que ele me batesse, mas seu braço continuo em sua lateral.

— Eu não entendo você, — ele disse. — Você é tão fodido. Não importa quantas vezes eu tente ensinar como se comportar, você sempre acaba fazendo merda. E então perde o jogo na frente de todos e faz-me parecer como um pai perdedor que tem a porra de um maricas como filho.

Você não merece estar lá fora. — Os músculos em seus braços se projetam e a veia em sua testa pulsa. Eu passo meus braços em volta de mim, esperando o impacto. — Você não

merece nada. Você é um pedaço de merda. E a porra de um perdedor. Você nem mesmo merece estar aqui.

Ele continuou falando e falando, rasgando cada parte minha, mas sem me tocar. Cada palavra era como um corte, uma cicatriz. Sem parar. Corte. Cicatriz. Cicatriz. Cicatriz. Eu me senti pequeno e invisível apenas como eu tinha desejado antes. Quando ele terminou, se virou e me deixou sozinho.

Lembro-me de pensar o quão pior poderia me sentir sem ter que apanhar. Na verdade, lembro-me de desejar que ele não dissesse nada e tivesse batido a merda fora de mim. Então eu poderia ter me enrolado em uma bola e desmaiado de dor. Em vez disso, a dor estava dentro da minha cabeça, no meu sangue, meu coração. Eu queria tirar isso de mim e fiz a única coisa que poderia pensar.

Eu corri até as escadas para o banheiro e encontrei a primeira lâmina que me deparei. Era uma lâmina de substituição da minha mãe. A borda era bastante afiada e tinha algum tipo de merda de loção no topo.

Não importava. Foi o suficiente. Eu coloquei a lâmina no meu braço e fiz um corte. Levou várias vezes antes de abrir a pele, mas cada arranhão foi gratificante. No momento em que o sangue escorregou para fora, eu me senti melhor. Movi meu braço em cima da pia e deixe a dor escorrer para fora.

Eu pisco com a memória se distanciando e me levanto. Eu preciso sair daqui. Agora. Eu preciso fugir desta fodida viagem na estrada e ir para casa, antes que eu fique muito apegado. Limpo o sangue do meu braço e reorganizo as ligas de borracha e as pulseiras para cobrir o corte. Corro para fora do banheiro e viro de lado para passar pelas pessoas, na porta.

Eu vou voltar para casa, pegar minhas coisas, e dirigir minha moto, de volta para aquela maldita casa onde eu pertença, porque não posso sobreviver em qualquer outro lugar.

Enquanto me empurro entre as pessoas, vejo Callie e Seth na pista de dança. Há uma música lenta tocando e ela está segurando-o, dizendo algo com a testa franzida.

Seus olhos parecem aguados sob os holofotes. Eu penso sobre o quão quebrável ela é e olho para o meu pulso, pensando o quão quebrável eu sou.

CAPÍTULO 12

#88 Não se segure. Ponha tudo para fora.

Callie

— Ok, eu acho que posso ter arruinado tudo, — é a primeira coisa que Seth diz quando a porta do banheiro se fecha. Há algumas mulheres lá, mas elas estão todas segurando latas de cervejas e não parecem se importar com Seth. Ou isso, ou elas estão tão bêbadas que estão confundindo-o com uma mulher.

— O que aconteceu? — Eu me inclino contra a pia do banheiro. — Foi algo que Greyson descobriu?

Ele acena com a cabeça para cima e para baixo. — Eu entrei em pânico.

— Eu estou familiarizada com esse termo, — digo a ele. — Mas o que te deixou em pânico?

— Foi... — Ele abaixa a voz e se afasta quando a porta abre e um grupo de mulheres entram. Uma atira um olhar sujo e ele retorna com a mesma intensidade. — Sobre nossa relação.

— Sua e Greyson?

— Sim, eu acho que estou tendo flashbacks.

As mulheres que enchem o banheiro estão ouvindo atentamente, de modo que ele agarra meu braço e me leva para a cabine de deficientes. Bloqueando a porta, ele me solta e passa os dedos pelo cabelo. Ele parece pouco à vontade, o que é estranho, porque ele raramente fica assim.

— Seth, seja o que for, por favor, diga-me, — eu digo, inclinando-me contra a parede. — Você sabe que pode me dizer qualquer coisa.

Ele faz uma careta, cauteloso. — É sobre a intimidade.

Eu fico desconfortavelmente com a palavra, como se fosse um reflexo dentro do meu corpo. — Eu aguento.

Ele balança a cabeça. — Você tem certeza?

Dou um passo em frente, endireitando os ombros. — Sim, eu sou sua melhor amiga e você pode me dizer qualquer coisa.

Ele suspira e começa a tentar andar no pequeno espaço. — Eu não posso continuar com isso... e não porque estou preocupado sobre finalmente ir tão longe. É porque eu continuo tendo flashbacks.

— Sobre o quê? — Eu mantenho minha voz calma.

Ele para de andar e seu braço cai para o lado. — Com Braiden.

Braiden foi o primeiro namorado de Seth e o cara que foi responsável por deixar a bunda de Seth ser chutada pelo time de futebol inteiro para evitar enfrentar os rumores que rondavam sobre seu relacionamento.

— Você tem sentimentos por ele? — Eu pergunto, sacudindo a trava da porta com meu dedo mindinho.

— Não, não é isso... — Ele vacila. — É... é sobre ter o meu coração quebrado novamente.

Todo esse tempo Seth pareceu tão forte, mas como todo mundo ele tem seus próprios medos e eu preciso estar lá, como ele sempre esteve por mim. Eu me aproximo e tento lhe reconfortar o máximo que posso para ajudar a aliviar a dor. — Vai ficar tudo bem. — Dou um passo para frente e coloco a minha mão em seu braço. — Greyson não é Braiden.

— Eu sei disso. — Ele suspira e coloca a mão sobre a minha. — Mas às vezes eu encontro-me voltando para o lugar onde estou deitado na sujeira e eles estão chutando a merda fora de mim.

Eu envolvo meus braços em torno dele e abraço-o, notando como me sinto segura com a proximidade. — Eu sei, mas às vezes avançar é a única maneira que podemos escapar do nosso passado, certo? Pelo menos isso é o que você está sempre me dizendo.

— Eu sei, — ele sussurra e circula seus braços em volta de mim. Ele me puxa para mais perto. — E sei que não vai acontecer nada. Greyson não é Braiden e ele me ama, mas eu continuo pensando naquele maldito dia. Eu estava tão feliz, pensando que a vida era perfeita, e, em seguida, eles apareceram, todos empilhados na parte traseira de uma caminhonete, como

um bando de robôs seguindo tudo o que o outro fazia. — Ele faz uma pausa e posso dizer que está prestes a chorar. — E eu não consigo parar de imaginar seus rostos, o ódio em seus olhos, como se estivessem me culpando por ser parte disso.

Eu fico quieta e dando todo o tempo que ele precisa para se acalmar. Seth sendo ele mesmo, não leva muito tempo para se acalmar. Ele limpa os cantos dos olhos com a ponta dos dedos e solta um suspiro.

— De qualquer forma, o que eu estava indo dizer antes de começar a chorar como um bebê, era que eu estava sentindo um pouco de medo sobre avançar e eu posso ter dito algumas coisas para Greyson que não foram muito boas.

Pego um rolo de papel higiênico e entrego um pedaço.

— Pode ser... Às vezes pedir desculpa é realmente o melhor.

Ele enxuga o resto das lágrimas com o papel e, em seguida atira-o na lata de lixo que está na parede. — Sim, mas às vezes não é.

— Mas às vezes é.

Isso faz com que ele sorria. — Olhe para você. Sendo toda sábia. — Ele coloca o braço em volta do meu ombro. — Eu acho que deve ser por todo esse tempo que você gasta em torno de mim.

Eu abro um sorriso, destrancando a porta. — Deve ser.

No momento em que caminhamos para fora do banheiro, o lugar está ainda mais cheio. Eu não gosto disso. Faz-me sentir ansiosa e envergonhada com o vestido que estou usando. Cada vez que alguém escova contra mim, eu me encolho internamente.

Eu agarro a mão de Seth enquanto ele me guia para a nossa mesa onde Luke está conversando com uma garota em um vestido preto apertado. Seu cabelo loiro está amarrado, seu decote quase fazendo seus peitos pularem para fora do vestido, e ela está sentada na minha cadeira. Quando nos aproximamos da mesa, seus olhos me avaliam e então ela olha para longe, me ignorando.

— Ei, — diz Seth antes que ela possa dizer qualquer coisa. Ele se inclina para o outro lado da mesa e pega dois copos dos oito shots que estão

circulando no meio da mesa. — Acho que Callie e eu estamos indo beber e dançar.

Luke balança a cabeça e, em seguida, começa a conversar com a garota. Eu fico atrás de Seth e ele se vira para mim, me oferecendo um copo. Eu estou distraída, e sem sequer pensar, levanto o copo e inclino minha cabeça para trás. A queimadura do álcool traz lágrimas aos meus olhos.

— Droga. — Eu amaldiçoou, empurrando o copo vazio de volta para Seth. — Eu não quero mais beber isso.

Seth ri para mim e inclina a cabeça para trás, com o copo na boca. Ele pega o meu copo e o seu e coloca-os de volta na mesa. Um acaba caindo, mas ele não se incomoda em pegá-lo. Ele segura minha mão e me puxa para a pista de dança.

— Será que realmente precisamos fazer isso? — Minha cabeça está um pouco embaçada e minhas pernas parecem borrachas. — Eu não me sinto muito bem.

Seth balança a cabeça enquanto gira ao redor, fazendo um pequeno movimento com seus quadris antes de fazer uma pose. — Você e eu precisamos relaxar.

Eu olho em volta para as pessoas ao nosso redor se esfregando umas contra as outras na batida da música sensual.

— Dançar nunca foi relaxante para mim.

Ele vem em minha direção, estalando os dedos e balançando. — Venha. Eu vi você dançando no carro quando estávamos indo para Afton.

Eu balanço minha cabeça, mas meus lábios se inclinam para cima. Eu começo a dançar com ele, não vai ser muito relaxante, mas o suficiente para que eu sinta meu humor aumentando. Quando a música muda para uma lenta, Seth se aproxima e coloca as mãos nos meus quadris. Enquanto nós balançamos no ritmo da música e com cada oscilação, um peso baseia-se em meu peito. Minha mente está de volta para quando Kayden e eu dançamos e por um momento tudo parece que vai ficar bem. Mas não está tudo bem.

Nada está. Kayden não vai falar comigo e tudo o que posso pensar é como ele parecia deitado no chão, pálido como a neve, morrendo.

Eu posso ver as fendas no seu pulso e na sua lateral. Eu posso sentir meu terror e minha preocupação se ele morrer. Como eu não quero que ele morra. Como eu preciso dele. Como eu preciso dele para sempre. Sinto um peso do tamanho de urso sobre meu peito e juro que minhas costelas estalam.

— Callie, o que há de errado? — Seth traz o dedo até minha bochecha e limpa uma lágrima que escapou do meu olho.

— Eu não quero que ele morra, — eu digo por meio de um soluço sufocado. — Eu não quero.

Seus olhos se arregalam. — Ele não vai morrer, Callie. Ele conseguiu sair vivo.

— Eu sei disso, — eu digo, sabendo que ele não vai entender.

Kayden gosta de mim de muitas maneiras. Ele vai esconder isso dentro de si até que o quebre. E se ele quebrar, eu posso não chegar à tempo. Então o quê? Eu não posso continuar vivendo minha vida sem ele, lutando através da dor todos os dias. Sentir como era perdê-lo quando o vi no chão. Eu pensei que ele estava morto e meu peito quase esmagou meu coração quando a dor bateu em minhas costelas.

Eu não posso fazer isso sem ele. Eu preciso salvá-lo e só assim podemos ser felizes juntos.

Kayden

Quando percebo que ela está chorando, eu vou até ela, empurrando qualquer um que fica no meu caminho. Ver lágrimas escaparem daqueles olhos azuis impressionantes rasga meu coração ao meio e eu já não me importo com mais nada, apenas em fazê-la se sentir melhor.

Quando ela me vê, seus olhos ampliam e ela tenta enxugar as lágrimas das suas bochechas. Seth se vira e olha para mim, então solta sua cintura e se afasta.

— Você pode lidar a partir daqui? — Ele me pergunta e eu aceno. Ele se move no meio da multidão e eu tomo o seu lugar, me posicionando na frente de Callie.

Seus dedos começam a deslizar em suas bochechas cor de rosa para limpar as lágrimas, mas eu pego sua mão e afasto-a. Pressionando minha mão livre em sua bochecha, eu traço meu polegar em cada lágrima e limpo-as.

— O que há de errado? — Eu pergunto, puxando-a para mais perto. — Será que algo aconteceu?

Ela balança a cabeça, os olhos piscando ferozmente enquanto mais lágrimas ameaçam cair. — Eu estou bem, apenas um pouco cansada.

— Callie, por favor me diga o que há de errado para que eu possa tentar torná-lo melhor.

Ela balança a cabeça e sua garganta está sacudindo enquanto ela engole. — Não é realmente... — Ela começa a chorar, seus ombros tremem com cada lágrima.

Rodeio meus braços em torno dela e puxo-a contra o meu peito. Ela esconde o rosto em minha camisa, segurando na parte inferior, e suas lágrimas passam através do tecido. Nem me atrevo a me mover, mesmo porque todos ao nosso redor estejam dançando. Passo a mão ao longo do seu cabelo.

— Shh... — Eu digo, tentando não chorar. Não sei por que, mas posso sentir sua dor, mesmo que eu não tenha nenhuma ideia da causa.

Eu tento segurar as lágrimas. Eu me concentro na ferida aberta no meu pulso e concentro-me sobre a queimadura persistente. Mas não está funcionando e logo eu sei que estou indo desmoronar.

Eu levanto-a, ela nem sequer olha para mim ou parecer atordoada. Suas pernas engatam em torno da minha cintura e os braços deslizam acima do meu peitoral e então ao redor do meu pescoço. As pessoas nos olham enquanto eu caminho através da multidão, certificando-me de manter a parte de trás do seu vestido no lugar e mantê-la coberta. Quando saio, ela se move para descer, mas eu aperto meus braços e forço-a a ficar contra mim. Agora que a tenho, não posso deixá-la ir.

Agarrado a ela, eu aceno para um táxi. O motorista olha para mim de forma engraçada enquanto abaixo minha cabeça, ainda carregando-a, e sento-me no banco de trás. — 552 na praia principal, — eu digo a ele, me inclinando para frente, levantando-me um pouco, e fecho a porta.

Ele é um homem mais velho, e eu pego-o olhando-nos algumas vezes através do espelho retrovisor. Eu levo uma das minhas mãos para cima e seguro a parte de trás da sua cabeça, enquanto a outra mantenho em sua cintura. Ela ainda está chorando e lágrimas estão deixando minha camisa úmida.

O carro se move para frente e o taxímetro começa a rodar. Eu a mantenho o quanto posso e esfrego suas costas com o meu rosto pressionado contra a lateral da sua cabeça. Já no meio caminho de casa, quando os postes da estrada principal mudam para luzes da varanda, ela levanta a cabeça e repousa o queixo no meu ombro, olhando para a parte de trás da janela.

Eu não pergunto o que há de errado e ela não me diz. Ela apenas observa as luzes cintilantes enquanto nos dirigimos para frente, sabendo que, eventualmente, vamos chegar ao final e um dos nós finalmente terá de quebrar o silêncio.

CAPÍTULO 13

#89 admita a verdade e aceite o que isso significa

Callie

A canção que toca a partir do estéreo do táxi é alegre e o cantor fala sobre amar uma garota que fugiu. Eu invejo porque ele pode admitir isso ao mundo. Eu, por outro lado, apenas percebi que posso estar apaixonada por Kayden e que não existe nenhuma maneira que eu vou ser capaz de dizer a ele. Não apenas por medo da rejeição, mas o medo do desconhecido.

Eu nunca estive apaixonada antes. Nem mesmo entendia sobre o amor. Mas percebo agora que a preocupação e a mágoa que eu tenho carregado dentro de mim pode ser apenas amor.

Eu me agarro a ele, sentindo seu peito subir e descer por baixo de mim enquanto vejo as luzes de Natal ouro, prata, vermelho e verde por toda a cidade. É a parte mais bonita do ano, mas eu nunca fui muito fã disso. Lembra-me de um tempo em que eu costumava ficar animada e corria para a árvore de Natal para abrir os meus presentes. No entanto, o Natal de quando eu tinha doze anos, apenas me lembrava do meu aniversário e o terror que veio com a memória que sempre estaria à tona.

Lembro-me do primeiro Natal depois do que aconteceu. Eu fiquei acordada em minha cama a noite toda com os olhos abertos e meu olhar fixo no teto, desejando que eu ouvisse as renas no telhado, como eu imaginava quando era pequena. Mas não havia nenhuma imaginação ou magia deixadas dentro de mim e tudo o que eu ouvi foi o silêncio de morte e os segredos que se encontravam no meu coração.

Quando ouvi minha mãe entrar em meu quarto naquela manhã, eu fingi estar dormindo.

— *Callie,* — *ela sussurrou.* — *Callie querida, acorde.* — *Ela deu em meu ombro uma pequena sacudida.* — *Querida, eu acho que o papai Noel trouxe alguns presentes para você.*

Minhas pálpebras se levantaram e eu encontrei o seu olhar. Ela estava usando um robe rosa de cetim e seu cabelo estava trançado da nuca do seu pescoço. Sua maquiagem não estava em seu rosto, mas pensei que ela parecia melhor sem elas.

— *Bom dia, — ela disse com um sorriso alegre. — Você está pronta para ir ver os presentes que ganhou?*

Eu estava exausta de ficar acordada a noite toda e rolei para o meu lado, situando minhas mãos debaixo do travesseiro. — Eu não estou com humor para presentes.

Ela colocou a mão nas minhas costas e eu pulei, pensando na última vez que alguém tinha colocado a mão em mim enquanto eu estava deitada na cama. — Callie, você está bem? Você parecia tão triste nos últimos meses.

— *Eu estou bem, — Eu disse. — Eu só estou cansada de Natal e fingir que acredito nessas coisas quando eu realmente não acredito. Não há Papai Noel, mamãe. Eu não acredito nele desde que eu tinha oito anos.*

— *Bem, é claro que eu sei disso, — ela respondeu, tirando a mão das minhas costas. — Mas não vai ter magia e diversão se não jogarmos juntos.*

— *A magia e diversão não existem, — eu disse, me afastando dela. — E eu estou cansada de jogar junto... Eu vou voltar a dormir. Estou cansada.*

Ela continuou lá por uma eternidade, inspirando e expirando, e, em seguida, finalmente, ela se levantou, o colchão subindo quando seu peso saiu.

— *Tudo bem.*

Isso foi tudo o que ela disse. Em seguida, ela saiu e as memórias dentro do quarto me assombraram novamente. Mesmo agora, eu me pergunto por que ela nunca disse nada. Ela tinha que ser capaz de dizer que algo estava errado. Um dia desses, eu vou encontrar a coragem para perguntar a ela. Eu tenho. Caso contrário, eu nunca vou saber a resposta que sempre vai me assombrar.

— *Callie. — A voz de Kayden ecoa através dos meus pensamentos.*

Eu levanto meus olhos, percebendo que cochilei. Levanto minha cabeça e olho ao redor na escuridão do lado de fora e do oceano à distância.

— *Será que eu adormeci? — Eu pisco meus olhos e, em seguida, solto seus ombros para esfregar meus olhos.*

Ele balança a cabeça, varrendo uma mecha do meu cabelo para fora do meu rosto. — Você fez, mas tudo bem.

Minhas bochechas estão molhadas e meus olhos inchados das lágrimas. — Eu sinto muito.

Seus dedos passam na minha bochecha e ele está olhando para os meus olhos, apavorado. — Eu disse que estava bem, Callie. E eu prometo que está... Eu gostei de te segurar... Isso me deixou calmo.

Eu chupo as lágrimas que ainda querem sair. — Ok.

Ele balança a cabeça e há um acordo silencioso que nós dois estamos bem no momento e que estar juntos está bem. Eu começo a sair do seu colo, mas ele agarra minha cintura e me move de lado para que eu deslize para o assento. Eu coloco meus pés no chão, confusa quando ele enfia a mão no bolso. Ele pega a carteira, tira uma nota de vinte e então inclina-se sobre o assento para entregar ao motorista.

Ele começa a se mover de volta para o banco, mas, em seguida, se inclina para o lado e agarra a maçaneta da porta.

Sacudindo-a, ele abre a porta e então pula para fora. Ele estica os braços acima da cabeça e em seguida, oferece a mão para mim. Eu seguro-a, sentindo o calor da sua pele quando ele me ajuda e não me solta enquanto fecha a porta.

Nós caminhamos para a garagem ao lado da caminhonete de Luke quando o táxi faz o caminho do cascalho e para a rua.

Uma vez que ele acelera na estrada, Kayden olha para mim.

— Você quer ir para um passeio? — Pergunta, balançando a cabeça para a Costa.

Concordo com a cabeça através de uma fungada. — Uma caminhada soa bem.

Ele me dá um pequeno sorriso e entrelaça nossos dedos. Nós andamos de mãos dadas na frente da casa e vamos para a Costa.

Areia enche minhas sandálias e é legal contra a minha pele. É difícil andar, porque elas continuam ficando presas, então eu paro, dando um suave puxão em seu braço.

— O que há de errado? — Ele pergunta, recusando-se a soltar minha mão.

Eu movo os pés para fora das minhas sandálias e curvo-me para pegá-las, engatando-as no meu dedo antes de me levantar. Ele acena em compreensão, e

depois continuamos caminhando mais profundamente na escuridão. Eu posso ouvir as ondas rolando como uma canção de ninar e o som da música deriva de uma das casas. A areia se infiltra através das rachaduras entre os meus dedos dos pés enquanto ouço cada som e sinto o frescor do ar.

— Você está com frio? — Kayden pergunta enquanto nos afastamos do alcance da água.

Eu olho para os meus braços, sentindo-me tremer no luar, eu vejo os arrepios neles. — Um pouco.

Ele suspira e depois olha de volta para casa no topo do declive da areia. — Deixe-me correr de volta e pegar uma jaqueta.

Eu balanço minha cabeça rapidamente e fortaleço meu aperto em sua mão. — Não, por favor, fique aqui. Precisamos... precisamos conversar.

Ele me olha com ceticismo e na escuridão seus olhos parecem vazios. Ele esfrega a parte de trás do seu pescoço tenso e, em seguida, abaixa-se no chão, guiando-me para baixo com ele. Ele me dá um puxão suave e me manobra para o seu colo, estabelecendo-me contra ele. Eu me inclino para trás, fechando os olhos, sentindo-me segura, sentindo que este é o lugar onde pertença.

Kayden é o único cara que me faz sentir desse jeito, mais que Seth, mais do que o meu próprio eu. Ele é tudo o que eu preciso e espero que ele se sinta da mesma forma também. Mas antes que eu possa perguntar, há algo mais que preciso saber - necessito entender.

Eu puxo uma respiração profunda e libero para fora.

— Kayden, o que aconteceu?

Três palavras pequenas, portanto, pesadas e significativas. Ele fica tenso e eu também, antes de olhá-lo nos olhos. Ele engole em seco e eu faço o mesmo. Ele respira fundo e é quase sem som, uma vez que escapa dos seus lábios.

Seus lábios se abrem e sua voz desliza para fora, meu coração quase para. — Meu pai me apunhalou.

Kayden

Não tenho ideia do por que eu digo a ela. Eu não estava planejando isso. Estava pensando em manter em segredo para sempre, assim como todo o resto.

Mas ela está sentada lá, esperando, confiando em mim o suficiente para segura-la e estar perto dela. Ela espera a verdade e eu quero dar isso a ela. Eu quero dar tudo.

— Meu pai me apunhalou. — E assim, eu quebro a caixa dentro do meu coração em mil fraturas irregulares e estilhaços.

Seus olhos se alargam e sua respiração engata na garganta. Ela está à beira de chorar de novo, então eu envolvo meus braços em torno dela e puxo-a contra mim. — Relaxe, eu estou bem agora.

Sua pele está como gelo. Eu esfrego minhas mãos para cima e para baixo em seus braços, tentando aquecê-la. Ela treme, não por causa do frio, mas pelo meu toque. Ou talvez seja a partir do choque pelo o que acabei de lhe dizer. De repente desejo poder retirar o que eu disse, porque nunca deveria ter colocado isso em seus ombros.

— Sinto muito, — eu peço desculpas. — Eu não deveria ter dito isso a você.

Suas mãos se movem entre nossos corpos e ela achata as mãos no meu peito. Se empurrando para longe de mim, ela me olha nos olhos. — Sim, você deveria ter... Você deveria ter me dito antes.

Eu balanço minha cabeça, colocando a mão em suas costas então puxo-a para mais perto. — Callie, você não precisa saber sobre esse tipo de coisas... Você tem seus próprios problemas.

Ela parece com raiva de repente, seus olhos queimam e eu me inclino para trás, preocupado que ela vá me bater ou algo assim.

— Kayden... Eu não... — Ela não consegue encontrar as palavras certas. Ela move-se, dobrando os joelhos para que esteja no meu colo. Ela coloca as mãos nos meus ombros e com um olhar firme, ela diz: — Isto é tudo culpa minha.

Eu começo a protestar, mas ela coloca a mão sobre a minha boca.

— Você nunca deveria ter batido em Caleb... Eu nunca deveria ter te deixado saber sobre ele. Se você não soubesse, então nada disso teria acontecido. Nós estaríamos em minha casa deitados na minha cama.

— Isso não é verdade, — eu digo, meus lábios se movendo contra sua mão. — É bom você ter me dito isso. Ele não pode simplesmente andar por aí vivendo a vida dele quando tomou a sua.

Ela abaixa a mão para seu colo e suspira. — Assim como o seu pai. — Ela solta um suspiro de frustração. — Será que alguém sabe?

Eu balanço minha cabeça e, em seguida, dou de ombros. — Minha mãe, mas ela sabe sobre tudo... Sobre as porradas, os socos, os chutes... Ela não se importa.

Seus olhos vagueiam para o oceano. — Isso não está certo, — ela resmunga e vira a cabeça em direção a mim. — Nós temos que dizer a alguém.

Ela começa a se levantar, mas eu cavo meus dedos em sua lateral e mantenho-a no lugar.

— Callie, não há nenhum ponto em dizer a alguém... E você... Você precisa parar de se preocupar comigo. — Minha respiração começa a tremer pelos meus lábios.

Putá merda. Esta é a coisa mais difícil que eu já tive que dizer. Mas preciso dizer isso. Preciso fazê-la entender quem eu sou, profundamente no interior.

— Eu estraguei tudo. Por um longo tempo. O que eu disse no restaurante sobre... Sobre mim mesmo me cortar... Eu estou quebrado. Eu não sei se vou ser realmente capaz de me parar... Parar de me cortar. Você precisa ficar longe de mim. Por favor, vá embora.

Seus olhos permanecem em mim, olhando para o meu rosto e me fazendo sentir perturbado por dentro. — Não.

Eu balanço minha cabeça. — Callie, você não quer...

— Sim, eu quero. — Ela coloca a mão sobre a minha boca, pressionando meus lábios enquanto desliza um dedo nas ligas de borracha no meu pulso. — Kayden, você acha que estou andando às cegas nisso, mas eu não estou. Acho que sabia há algum tempo que você... que você se cortava, mesmo antes de você me dizer.

Meu coração encolhe enquanto ela afasta a mão da minha boca. — Como?

Lágrimas escapam nos cantos dos seus olhos. — Naquela noite, quando nós... Quando você e eu... — Sua respiração é instável. — Quando fizemos sexo, eu vi que você tinha todos esses cortes em seus braços, eu pensei... O pensamento cruzou minha mente que você poderia ter colocado alguns deles lá.

— Por que você não disse nada?

— O que eu deveria dizer? Será que você se corta? Além disso, eu não queria acreditar.

Meu coração murcho torna-se uma pilha de merda de nada. — Porque é demais?

Ela balança a cabeça rapidamente. — Não, porque eu não queria acreditar que você tinha toda essa dor presa dentro de você... Eu sei que tanta dor pode fazer alguém ir muito longe...

Querer se machucar.

E neste momento alucinante que percebo uma coisa. Alguém me entende. Callie me entende. Ela entende e não tem medo de mim ou o que está dentro de mim. E apesar de não compreendê-la, eu quero isso - eu quero ela.

Como é possível, eu ter convivido por anos e anos com ela na mesma escola, e nunca ter realmente notado-a? O que teria acontecido se eu tivesse?

— Eu estou muito confuso, — eu pressiono novamente, querendo que ela compreenda plenamente. — Eu me machuquei e deixei os outros me machucarem e não disse a ninguém.

— Mas você precisa. Você precisa dizer a alguém sobre o seu pai. Mesmo se eles acharem que você se machuca, as pessoas precisam saber.

— Ninguém nunca vai acreditar em mim. Eu posso ser preso por chutar o traseiro de Caleb e então tenho as minhas malditas cicatrizes que eu mesmo coloquei no meu corpo. Ninguém vai entender isso.

— Eu não me importo, — ela responde e os dedos apertam meus ombros enquanto ela se agarra a mim. — Vamos fazê-los entender.

Eu paro e olho para ela. Como alguém como ela pode existir? Impossível, e ainda assim ela está aqui na minha frente, parecendo tão bonita como sempre

sob o brilho pálido da lua.

— Callie... Mas e sobre você e Caleb? Você não disse a ninguém sobre isso.
— Eu me sinto como um idiota por dizer isso, mas parece que precisa ser dito.

— Eu estou trabalhando nisso, — ela pronuncia e há um tremor em sua voz. — Você e eu, nós vamos trabalhar nisso... Nós não estamos indo deixar que outras pessoas nos controlem mais. — Ela parece estar falando para si mesma mais do que para mim, mas tudo bem. Eu quero que ela diga a alguém para que o pedaço de merda pare de possuí-la.

Ela olha para mim e eu posso dizer que ela está prestes a chorar. Não quero que ela chore. Quero que ela seja feliz.

— Callie, me diga o que você precisa, — eu digo e coloco uma mecha do seu cabelo atrás da orelha.

— Eu preciso que o mundo deixe de ser um lugar tão feio e cheio de dor.
— Lágrimas escorregam para fora dos seus olhos. — Eu preciso acordar e realmente acreditar que tudo vai ficar bem em vez de apenas esperar que seja. Eu quero ser uma dos sortudos que têm uma vida boa.

Concordo com a cabeça, porque é isso que eu quero para ela também. — Você ainda pode ter isso. Apenas me diga o que você precisa para ser feliz.

Ela me olha nos olhos com lágrimas escorrendo pela suas bochechas. — Você.

Eu vacilo porque ela simplesmente deixa escapar para uma pessoa que é vazia e quebrada. Eu não sei o que fazer. Eu não sei se posso lhe dar o que ela quer. Eu não entendo a necessidade ou o amor. Eu não entendo o que torna a vida inteira das pessoas. Meus lábios se partem e eu honestamente não tenho ideia do que está prestes a sair deles, mas nunca descobrir porque ela pressiona os lábios contra os meus e me silencia.

Talvez ela soubesse que não seria o que ela queria ouvir ou talvez ela só quisesse me beijar, de qualquer forma eu me afasto. Vendo culpa em seu rosto, eu digo, — Callie, você não me quer. Confie em mim. Eu não vou te levar a lugar nenhum.

Tudo o que ela faz é sacudir a cabeça e me beija novamente, segurando meus ombros como se fosse salvar sua vida. Desta vez eu não posso me parar. Ela está tremendo em meus braços e eu quero fazê-la se sentir melhor, então

eu beijo-a, lentamente no início, mas depois essa fome me assume e eu começo a beijá-la ferozmente e com toda a paixão que tenho mantido presa dentro de mim.

Nós caímos na areia. Ela está deitada em cima de mim e nossos corpos estão unidos como nossas línguas se entrelaçam. O calor dela é entorpecente e eu esqueço onde estou. É só eu e ela deitados na areia e juro que por um momento tudo vai ficar fodidamente bem. Que esta será a minha vida. Só ela e eu.

Para sempre.

E por um segundo, o pensamento não assusta a merda fora de mim.

Callie

Eu posso dizer que estou assustando-o e começo a fugir, temendo a rejeição. Mas então vejo algo em seus olhos colocados lá por anos de sofrimento e só Deus sabe mais o quê. De repente eu entendo. Kayden não pode me ama, porque ele não entende o amor. Ele entende a dor, sofrimento e decepção, mas não o amor. Sei então que não posso dizer como estou me sentindo, mas posso mostrar.

A necessidade de estar perto dele, eu reúno cada partícula de coragem que tenho dentro de mim e beijo-o. Ele me beija de volta, mas, em seguida, está se afastando. Minhas entranhas se torcem em nós, mas eu não recuo. Eu pressiono meus lábios nos dele novamente e só assim, através de uma segunda tentativa, ele está me beijando de volta.

No começo, é gentil, sua língua suave contra a minha enquanto ele me segura em seu colo. Mas de repente a gentileza se transforma em desesperado e a próxima coisa que sei é que nós estamos caindo para trás. Eu pouso em cima dele, com nossas bocas unidas e os nossos corpos perfeitamente alinhados.

Suas mãos estão em cima de mim, no meu pescoço, minhas costas. Elas deslizam para minha parte traseira e, em seguida, estão deslizando por baixo do meu vestido, cavando aproximadamente em minha pele.

Eu fico tensa com o toque intimista, mas, em seguida, lembro-me que ele já viu e sentiu tudo de mim. Eu relaxo, deixando suas mãos explorarem o meu

corpo.

Sem aviso ele nos vira para o lado e puxa minha perna por cima do seu quadril. Sua mão desliza para cima, deixando um rastro de calor ao longo da minha pele, e eu quase explodo em chamas quando seus dedos tocam sob minha calcinha.

Eu começo a tremer, de nervos, de frio, de antecipação, mas cada sentimento me deixa quando ele desliza os dedos dentro de mim. Deixo escapar um gemido embaraçoso e meu corpo se arqueia. Ele começa a mover seus dedos e faz com que pequenos choramingos escapem dos meus lábios. Sinto-me me aproximando em direção à borda, preste a quebrar e ser livre. Mas ele para abruptamente e, em seguida, está se afastando de novo. O momento começa a se dissipar e nos sujar de areia enquanto ele se senta, movendo-me com ele.

— O que você está fazendo? — Eu gaguejo, sentindo-me corada. — Há algo errado?

As pontas dos dedos escavam minha cintura e ele me segura firmemente enquanto nos levanta. A chuva de areia em nossos corpos enquanto ele envolve seus braços debaixo de mim e me segura contra seu corpo. Ele caminha em frente à praia e para a casa, comigo ligada à sua frente.

— Vou levá-la para dentro, — ele diz em voz baixa, me beijando e, em seguida, se inclinando para trás. — Antes que as coisas fiquem muito fora de controle. — Ele pressiona seus lábios nos meus e me dá um beijo delicado. — Nós não vamos querer estar na praia... No céu aberto. — Ele pressiona seus lábios nos meus, pisando no cascalho da entrada de automóveis. Ele morde meu lábio e eu tremo incontrolavelmente. Quando ele se inclina para trás, os lábios inchados. — Nós não queremos estar na areia... Pode ficar confuso.

Eu tento não corar, mas nunca fui muito boa em suprimir meu embaraço, e o meu rosto está ardente e quente.

Ele passa pela caminhonete de Luke e continua andando, levando-nos para a luz da varanda. Ele sorri enquanto nos leva para dentro e depois move um braço para tocar minha bochecha.

— Eu sentir falta disso, sabe - seu corar. É adorável.

Eu coro ainda mais, mas deixo-o continuar - não há nada que eu possa fazer sobre isso. Sorrindo, ele move meu peso para o lado, e eu aperto meus dedos atrás do seu pescoço enquanto ele abre a porta sem me colocar no chão. Nós tropeçamos para a cozinha e seus lábios encontram os meus assim que seus pés tocam o limite.

Sua mão viaja pelo meu cabelo enquanto ele me beija e caminha através da casa, batendo no canto da bancada e batendo o cotovelo contra a parede do corredor. É escuro, mas há uma lâmpada na sala de estar e também no quarto e uma trilha suave do luar filtra através das janelas.

As mãos de Kayden correm pelas minhas costas e deslizam parte debaixo do meu vestido quando ele vira a esquina e tropeça através da porta para o quarto onde Seth e eu estamos dormindo.

— E se eles voltarem? — Eu pergunto, sem fôlego, e os meus lábios parecem contundidos de todos os beijos.

Kayden ajusta o braço, segurando meu traseiro e eu posso sentir sua dureza pressionada contra mim. Tudo o que há entre nós é sua calça jeans e minha calcinha.

— Nós vamos trancar a porta... a menos que... A menos que você não queira fazer isso. — Sem me soltar, ele inclina um braço, fecha a porta, e empurra o bloqueio.

Eu amo que ele pergunte. Eu amo-o ainda mais do que quero fazer isso. Eu quero estar com ele. Eu posso estar com ele. Apenas alguns meses atrás, a ideia parecia fora de alcance, inexistente, impossível. Mas agora, com ele, tudo dentro de mim mudou e meu coração e alma não são mais tão sombrios. Ele é minha luz e espero um dia que eu possa ser a sua.

Eu movo meus lábios em direção a ele. — Eu quero estar com você.

Ele não diz mais nada. Seus lábios colidem com os meus. Ele começa a andar novamente enquanto suas mãos desviam da minha cintura, os dedos mergulham para dentro e deixam caminhos de calor sufocante na minha pele. Ele abaixa-nos na cama, senta-se um pouco, e empurra a mochila de Seth para fora.

Em seguida, ele manobra seu corpo sobre o meu, e nossos lábios se reconectam com um choque de estática. Quando sua língua entra na minha

boca, eu puxo seus cabelos em meus dedos e oriento seu rosto para mais perto, querendo tudo dele.

— Callie, — ele geme, suas mãos se movendo no meu estômago. Seus dedos pastam ao longo da minha pele e enviam uma bobina de calor entre minhas pernas.

Minhas costas se curvam para ele enquanto saboreio a sensação da sua língua na minha. Se eu pudesse desejar alguma coisa, seria poder sempre me sentir desta forma, completamente e alegremente consumida por outra pessoa.

Não, não apenas por outra pessoa. Por Kayden.

Minhas pernas se movem, então estou aberta para ele, e seu peso pressiona em cima de mim. Ele está segurando a si mesmo com o braço apoiado para o lado da minha cabeça e sua outra mão se move para cima do meu vestido, até que ele atinja a borda do meu sutiã. Por um segundo sinto desconforto dentro de mim, mas me lembro que este é Kayden e ele nunca vai me machucar - apenas me proteger - não importa o quanto lhe custar.

Seus dedos se esgueiram sob o vestido e meu seio e mamilo prontamente endurecem. Meus joelhos se contraem em torno da sua cintura quando seu polegar escova meu mamilo. Minha cabeça cai para trás, deixo escapar um gemido e Kayden começa mover seus quadris contra mim. Ele faz isso uma e outra vez, os nossos corpos se conectam e colidem.

Há paixão em cada movimento e eu esqueço onde estou. Só existo neste momento e cada outro momento em minha vida está morto. Minhas unhas cavam em seus ombros quando me sinto subindo em direção às estrelas fora da janela e segundos depois eu caio de volta à terra. Ofegando em voz alta, eu estico meus dedos enquanto ele se acalma.

Então, ele está sentado e agarrando o meu braço. Movendo-se para fora da cama, ele me puxa para cima assim eu estou sentada na beirada da cama e ele está em pé na minha frente. Ele segura o fundo do meu vestido, e com um movimento rápido, ele puxa-o sobre a minha cabeça. Meu coração pula dentro do meu peito quando meu cabelo cai aos meus ombros. Ele se inclina em cima de mim e sua mão desliza para cima das minhas costas para o fecho do meu sutiã. Meu peito sobe e desce enquanto ele abre o fecho e meu sutiã cai dos meus ombros.

Eu estou sufocando-me novamente, mas sussurrando para o meu coração se acalmar enquanto seguro sua camisa. Sua respiração torna-se instável quando deslizo minha mão em seu peitoral e puxo-o para meu corpo, então estou em pé na sua frente e puxo sua camisa para cima. Uma das minhas mãos repousa acima do seu coração, batendo contra a minha palma sem firmeza.

Eu engulo em seco, tocando a cicatriz em sua lateral, ainda se curando, e traço um caminho em torno dela. Lágrimas picam em meus olhos quando penso sobre como ela chegou lá, o que ele passou, o que deve ter acontecido.

— Callie... — Kayden diz e conecta um dedo embaixo do meu queixo para que eu olhe para ele. Ele abaixa a mão e seus dedos circulam meu pulso. Levando minha mão até seus lábios, beija o interior do meu pulso e me arrepio com toque delicado da sua respiração. — Eu estou bem.

Não, você não está. Eu quero dizer. Seu pai te esfaqueou e você tomou todo o peso disso. Você não pode estar bem.

Ele solta minha mão e inclina-a para trás do seu pescoço. Com um puxão suave, ele desliza sua camisa o resto do caminho e ela cai no chão ao lado do meu vestido e sutiã. Seu cabelo está uma bagunça e seus lábios estão vermelhos por me beijar tão rudemente. Meu olhar se move para enfrentar as cicatrizes. A maioria delas são pequenas, mas algumas não. A maior é uma em seu peitoral e parece grossa.

— Eu caí em cima de uma vassoura, quando meu pai me bateu, — ele explica em uma voz solene, como se não significasse nada. Como se fosse algo que apenas aconteceu e ele seguiu em frente, esqueceu.

Eu quero chorar por ele. Passo meu dedo ao longo da cicatriz, sentindo o solavanco e imaginar o quão doloroso deve ter sido. — Kayden, eu...

Ele me silencia com seus lábios enquanto caía sobre mim e estabelece-nos de volta para a cama. Depois que sua língua saboreia cada polegada da minha boca, ele se afasta novamente. — Eu sei que você quer que eu fale sobre isso com você, e eu vou, mas agora isso é o que eu quero. — Ele pressiona seu dedo na minha bochecha e minhas pálpebras tremulas se fecham. — Você é tudo o que eu quero agora.

Seu toque leva meu corpo a loucura de maneiras que eu nem sabia que eram possíveis. Aceno a cabeça, querendo que ele me tenha por agora.

Há um leve sorriso em seus lábios quando ele beija minha bochecha e em seguida, levanta os quadris de cima de mim. Ele desliza seu jeans para fora e, em seguida, sua cueca antes de deslizar minha calcinha pelas minhas pernas e puxar para fora também. Ele pega uma camisinha da sua carteira antes de jogar seu jeans para o lado, e então se estabelece sobre mim com os braços descansando ao lado da minha cabeça, me olhando nos olhos.

— Você sabe, se precisar de alguma coisa de mim, se for para parar ou diminuir ou simplesmente conversar, estou aqui, — ele diz, tentando acalmar meus nervos, que estão uma bagunça, embora eu tenha feito isso com ele antes.

— Eu sei. — Eu inspiro e expiro e quase digo que o amo ali mesmo, porque segurar isso é quase insuportável.

Eu não faço embora e, em seguida, ele está me beijando e deslizando para dentro de mim. Não dói tanto quanto a primeira vez que fizemos sexo e minhas pernas se abrem mais à vontade para ele se mover dentro de mim. Eu aperto minhas mãos em sua volta e agarro-o enquanto meu corpo começa a tremer novamente, aquele em que estou livre, aquele em que ele e eu pertencemos um ao outro.

Eu começo a suar e os músculos dos seus braços e peitoral se flexionam quando ele acelera seus movimentos. Todos os pensamentos saem da minha cabeça. Eu gostaria de poder me agarrar a este momento, segurá-lo em minhas mãos e mantê-lo comigo para sempre, porque, então, a minha vida seria completa, sem fôlego, real.

Seria perfeito.

Kayden

Eu não tenho controle quando se trata dela. Estou rapidamente aprendendo isso. Sempre que ela olha para mim, eu juro que ela rouba outro pedaço da minha alma. Ao contrário da maioria das pessoas, ela não se importa se é danificada. E uma vez que nos beijamos, tudo vai embora. O quebrado, sem alma e vazio Kayden que existiu desde a primeira vez que seu pai o bateu não existe mais. Ela é minha dona e eu não quero nada mais do que estar com ela.

Eu levanto-a e levo-a para o quarto, porque o que quero fazer com ela não pode ser feito na praia sem as coisas ficarem confusas. Eu beijo-a por tanto tempo quanto posso, esfregando-me contra ela e, em seguida, assisto fascinado quando ela vem. Eu preciso de mais, então me levanto e trago a comigo, tiro sua roupa. Então ela tira a minha e eu posso dizer que ela está olhando para as cicatrizes e pensando sobre como elas foram colocadas lá. Quando tiro a minha camisa, seu olhar se concentra na maior que está no centro do meu peitoral.

— Eu caí em cima de uma vassoura, quando meu pai me bateu, — eu digo a ela e nem mesmo sei o porquê.

Odeio falar sobre isso, mas de repente quero que ela saiba porque vai me fazer sentir melhor e o peso nos meus ombros vai ser um pouco menos pesado.

Parece que ela está prestes a dizer algo que poderia arruinar o momento, então eu pressiono meus lábios contra os dela e roubo ambas das nossas respiração e vozes. Eu caio sobre ela, segurando o meu peso, observando o quão pequena e indefesa ela é debaixo de mim.

Eu termino de tirar o resto das nossas roupas e, em seguida, ela está debaixo de mim, parecendo tão apavorada como eu me sinto, com os olhos enormes e sinto o pequeno tremor do seu corpo cada vez que ela respira.

— Você sabe, se precisar de alguma coisa de mim, se for para parar ou diminuir ou simplesmente conversar, estou aqui, — eu digo, tentando acalmar seus nervos. E é verdade. Eu pararia se ela me pedisse. Eu faria qualquer coisa por ela.

Ela não diz nada e eu deslizo para dentro dela, sentindo o seu calor e desejando que eu pudesse apenas ficar lá e senti-la. É calmante, aterrorizante, perfeito de tantas maneiras malditas que eu não me deixei sentir, exceto quando estou com ela, e quando estou com ela, sentir coisas não é tão difícil.

Eu descanso meus braços ao lado da sua cabeça e balanço dentro dela.

Suas pernas caem abertas e as mãos apertadas em volta de mim enquanto eu pressiono mais profundo dentro dela, sabendo que nada nunca vai se comparar a isto. Eu empurro dentro dela, olhando com admiração para seus olhos vidrados e sua cabeça inclinada para trás. Seu corpo começa a se arquear

contra o meu e nós colidimos um no outro enquanto eu levo-a ainda mais. Ela morde o lábio inferior e o pescoço se curva para frente, suas unhas perfurando minha pele. Eu odeio como fodidamente gosto disso, mas não posso me parar. Mesmo com ela debaixo de mim, ainda está lá, escondendo-se dentro de mim, o desejo de dor em vez dos sentimentos.

— Kayden, — ela geme e perde-se em meus movimentos.

Ela se agarra a mim, a nossa pele úmida, a nossa respiração irregular, comigo ainda dentro dela. Minha cabeça está inclinada para baixo e sua respiração bate na minha bochecha enquanto seus dedos se pressionam pelas minhas costas. Quando obtenho o controle de mim mesmo novamente, beijo sua bochecha e, em seguida, começo a me afastar, mas ela aperta as pernas em volta da minha cintura e me mantém no lugar, recusando-se a deixar-me deslizar para fora dela.

Eu me inclino para trás e olho-a nos olhos, procurando o que há de errado. — Você está bem?

Ela balança a cabeça, com uma expressão engraçada em seu rosto. — Eu apenas não estou pronta para te deixar ir ainda.

Um sorriso se forma em meus lábios. É genuíno e não como a maioria dos meus sorrisos são. Eu beijo-a profundamente com toda a paixão que tenho em mim.

— Dê-me alguns minutos, — eu digo e movo o meu quadril para o lado. — E eu vou estar de volta no jogo.

Desta vez, ela me libera e eu deito de costas, com o braço por trás da minha cabeça enquanto olho para o teto. Estou muito ciente das minhas cicatrizes no momento e como cada uma se sente de alguma forma menor. Estou começando a perceber alguma coisa... Algo que eu não tenho certeza se quero perceber. Ela me faz sentir melhor e me pergunto se isso significa que eu deveria estar com ela. Eu não quero que signifique isso, apesar de tudo. Eu quero que ela seja feliz.

Puxando o lençol sobre ela, ela gira sobre seu quadril e escova meu cabelo para fora do meu rosto. — Sobre o que você está pensando?

Ela pergunta, pastando um dedo entre as minhas sobrancelhas e sobre a linha de preocupação.

Eu inclino minha cabeça para o lado e encontro o seu olhar. — Você realmente quer saber?

Ela balança a cabeça, abaixando a mão para seu quadril, e meu olhar traça sua figura magra. — Eu sempre quero.

Eu giro para o lado, assim nós estamos cara a cara. — Estou pensando que você deve me deixar.

Sua respiração torna-se irregular. — Você quer que eu vá?

Eu rapidamente coloco a mão em seu quadril. — Não pense por um segundo que eu quero que você vá. Eu nunca quero que você vá. Eu quero você aqui comigo... Mas eu não quero que você esteja comigo. Eu quero que você seja feliz, se isso faz algum sentido.

Ela considera o que eu disse, mordendo o lábio inferior, e tudo o que quero fazer é me inclinar para frente e mordê-lo também, mas iria contra todo o meu propósito de tentar deixá-la ir.

— Eu entendo o que você está dizendo, — ela diz. — Mas eu não concordo com isso. Você é a única pessoa... — Seu lábio inferior treme e ela respira fundo. — Você é a única pessoa que me faz sentir inteira.

— Você não sabe disso. — Eu continuo tentando afastá-la. — Poderia facilmente ter outras pessoas lá fora.

Ela balança a cabeça. — Não há... Ninguém, e eu não quero que tenha.

— Callie, — eu digo baixinho e coloco a minha mão sob sua bochecha, esfregando um dedo através da sua marca de nascença no seu templo. — Eu não sou bom para você. Você merece coisa melhor. — Sinto algo perfurar profundamente dentro do meu peito por dizer a verdade em voz alta. Mas precisava ser dito.

— Não há nada melhor, — ela pronuncia baixinho, olhando para o pé da cama, piscando as lágrimas. — Você só precisa perceber isso.

— Eu só quero que você seja livre... De todas as minhas merdas e da minha fodida vida complicada.

— Eu não quero ser livre. Eu só quero estar aqui. Contigo. Eu... Eu não me importo com a porra da sua vida complicada ou os seus problemas. Eu só quero você... e eu quero que você seja feliz. Você merece ser.

Porra. Ninguém nunca me disse isso. Eu nem sei o que é felicidade. Eu não consigo me controlar mais. Cada uma das minhas cicatrizes estão latejando e eu preciso dela para silenciá-las. Eu me inclino e agarro a parte traseira da sua cabeça, trazendo seus lábios para os meus, e beijo-a com tanta intensidade que rasga minhas cicatrizes à metade. Eu viro-nos, pressionando suas costas na cama enquanto corro minha mão em seu seio. Ela treme, movendo as pernas para cima, então eu fico entre elas. Beijo-a ardentemente, beliscando seu lábio enquanto toco-a em todos os lugares.

Quando finalmente me afasto, mal posso respirar enquanto trilho beijos em sua mandíbula, seu pescoço, sua clavícula. Pasto meus dentes ao longo do seu pescoço e sugo sua pele suave enquanto suas pernas se enrolam em torno da minha cintura. Minha cabeça se inclina para baixo e seus quadris se contorcem quando eu traço um círculo ao redor do seu mamilo antes de sugá-lo em minha boca.

Ela solta um gemido sexy, puxando meu cabelo com os dedos. Eu chupo com força, precisando de mais dela, antes de viajar para o outro seio. Eu acaricio minha língua ao longo dele também, até que eu não aguento mais.

Inclino-me para trás e pego outro preservativo. Segundos mais tarde, estou de volta dentro dela, desejando que as coisas fossem ser sempre assim. Apenas ela e eu, sem sons e o peso do mundo. Sem as fodidas complicações da vida.

CAPÍTULO 14

#10 Em frente a verdade e deixa-a ir

Callie

Nós fazemos amor inúmeras vezes ao longo da noite e então finalmente eu coloco uma camisa de Kayden e ele coloca sua cueca de volta.

Em seguida, nos deitamos na cama e descansamos. Nas primeiras horas da manhã Luke e Seth tropeçam para dentro da casa, bêbados e fazendo muito barulho. Segundos depois, Seth começa a sacudir a maçaneta e empurrar a porta.

— Callie Lawrence, deixe-me entrar, — ele diz, batendo na porta.

Então eu ouço Luke dizer, — Não ponha o cabelo em meu queixo, meu grande queixo. — É seguido por uma série de risos e, em seguida, ouço barulho de vidro quebrando.

Olho para Kayden, que tem seu braço em volta de mim e está brincando com o meu cabelo. Ele sorri para mim enquanto descanso meu rosto em seu peitoral.

— Eles estão bêbados, — ele diz. — E eu estou supondo que Luke provavelmente deixou alguma garrafa cair no chão, no estilo clássico do Luke.

— Ele faz muito isso?

— No passado, sim. É como se ele se esquecesse de como usar as mãos ou algo assim.

Eu rio contra seu peitoral e ele beija o topo da minha cabeça.

— Devo deixá-lo entrar? — Pergunto.

— Não, — Kayden responde. — Deixe-os ficar lá fora e irritarem um ao outro.

Eu rio enquanto Seth continua batendo na porta. Ele faz isso mais um pouco antes de desistir e a casa fica quieta. Mesmo que as últimas horas

tenham sido incríveis, eu ainda tenho uma tonelada de perguntas na ponta da minha língua, mas estou preocupada com as consequências se eu lhe perguntar.

— Diga-me o que você está pensando? — Ele repete o meu início de palavras, torcendo uma mecha do meu cabelo em torno do seu dedo.

Espio-o, observando as pequenas cicatrizes em seu rosto, e não posso acreditar como as pessoas não percebem. — Eu estou pensando que você deve contar a alguém sobre o seu pai.

Ele congela e a mecha do meu cabelo cai do seu dedo. — Callie, eu não posso fazer isso. Ninguém vai acreditar em mim.

Com minhas mãos espalmadas sobre seu peitoral, eu me empurro para cima e balanço a minha perna sobre ele. — Sim, eles vão. Nós apenas temos que encontrar a pessoa certa.

Ele balança a cabeça, engolindo duro e olha para a lua através da janela. — Eu não posso.

Eu coloco minhas mãos em seus ombros e fixo-o no lugar. — Sim você pode... E sabe o porquê... — Eu paro, porque o que estou prestes a dizer é provavelmente a segunda coisa mais difícil que eu já disse a alguém. A primeira é quando eu realmente disser para alguém. — Porque eu vou dizer a alguém também.

Seus olhos fixam os meus e ele avalia meu rosto com grande preocupação. — Você está indo contar a alguém sobre Caleb?

Meu coração bate aceleradamente contra o meu peito, quase me matando. — Eu vou, se você quiser.

É simples assim, pelo menos a teoria na minha cabeça é. Eu prometo contar a minha família se ele contar a alguém sobre seu pai, alguém que vá fazer algo sobre isso. Embora, quando na verdade dizer essas palavras para o mundo, vai ser complexo, complicado, difícil, prejudicial, doloroso, vergonhoso... Eu poderia escrever uma lista no meu diário de como será e não teria páginas o suficiente.

— Callie, eu acho que isso é bom, — ele incentiva. — Você deve dizer aos seus pais.

— Mas eu vou contar se você contar a alguém sobre o seu pai. — Eu sei que é chantagem, mas é tudo o que eu tenho no momento. — E você precisa dizer - nós precisamos dizer.

Suas sobrancelhas se unem. — Você está realmente me chantageando?

Meus ombros caem enquanto me inclino para baixo, sentindo-me como a pessoa mais terrível do mundo. — Eu só estou fazendo isso porque eu am... Me preocupo com você. — Meus olhos se arregalam com a palavra que quase escorrega para fora.

Eu sei que ele percebe, mas finge que não. Ele permanece calmo debaixo de mim. — E o que você acha que vai acontecer se nós contarmos a alguém?

Lágrimas estão se formando em meus olhos e uma rola no meu rosto, escorregando pelo meu queixo e caindo sobre ele. — Liberdade.

Eu tento forçar o resto das lágrimas de volta, mas a parede ao meu redor está desmoronando rapidamente e logo eu perco todo o controle sobre as minhas emoções. Eu começo a soluçar, novamente. Ele provavelmente vai começar a pensar que isso é tudo o que eu faço.

Ele me puxa contra ele e eu enterro meu rosto em seu peito com minhas mãos em seus ombros. Lágrimas borram minha visão enquanto encaro a parede ao meu lado.

— Tudo bem, eu vou fazer isso... Eu vou dizer a alguém... Eu acho, — ele diz tão baixinho que os sons das minhas lágrimas caindo quase abafam suas palavras. — Mas só por você. Eu só estou fazendo isso por você.

Eu não tenho certeza se gosto da sua resposta. Eu não quero que ele faça isso por mim. Eu quero que ele faça isso por si mesmo, porque quero que ele saiba a grande pessoa que é. Aquele que salvou a garota esquisita-gótica-satânica que todo mundo tinha medo de se aproximar. Aquele que conseguiu quebrar suas paredes indestrutíveis. O tipo de pessoa que pode remendar uma pessoa novamente.

A pessoa que eu estou me apaixonando.

Kayden

Eu não posso acreditar no que estou ouvindo. Ela quer que a gente conte a alguém. Confessarmos juntos. Dizer os nossos segredos obscuros para o mundo e deixar eles fazerem o que quiserem com isso. Isso me assusta mais do que qualquer coisa que eu já ouvi, até quando ela quase disse que me ama.

Ela parou rapidamente, como se tivesse medo de dizer, mas é o suficiente para que eu possa dizer que significa muito para ela. E como significa para mim.

Eu sei disso. Não é como quando eu e Daisy dizíamos um para o outro. Era apenas uma palavra entre mim e ela que não significava nada apenas era parte do script. Se Callie disser isso, então sei que significa que ela me ama e eu não sei como lidar com isso. Amor, Amor... Amor. O que fodidamente essa palavra significa?

Eu não tenho a menor ideia e eu não gosto do quão entusiasmado meu coração fica quando as palavras praticamente saíram dos seus lábios, como se estivesse estado esperando silenciosamente por essas palavras saírem dos seus lábios e trazê-lo à vida novamente.

Não importa como eu me sinto, no entanto. Ela me disse que vai contar se eu contar e não importa o quanto eu não queira dizer merda nenhuma, está acabado uma vez que ela diz. Porque eu colocaria minha dor e vergonha de lado para liberta a sua. Eu me apunhalaria no coração se isso significasse que sua vida seria mais fácil.

Ficamos deitados na cama por um tempo, ouvindo o estrondo do oceano contra a Costa. Há pássaros grasnando fora da janela e alguém está roncando na sala de estar. Eu seguro-a, enquanto ela adormece, desejando que as coisas fossem assim sempre. Eu poderia apenas ficar aqui com ela e estar em paz comigo mesmo e com a vida.

Mas todos os nervos do meu corpo estão perturbados e a adrenalina está correndo através de mim com mais força do que as ondas lá fora. Eu estou ansiando por uma navalha ou algo afiado porque tirei os malditos elásticos dos meus pulsos. Eu tento me beliscar mil vezes, e então finalmente apunhalo minhas unhas em minha pele. A dor e os sentimentos continuam a se construir como as ondas lá fora.

Eu fico pensando sobre quando usei a navalha de Luke para finalmente raspar a barba rala no meu rosto e mesmo que eu quisesse, resisti à vontade de

cortar minha pele, porque eu não conseguia parar de pensar sobre o beijo que dei em Callie no beco.

Desta vez, porém, eu não consigo desligá-los. Isso está me consumindo, o precisar, a compulsão, o desejo ultrapassando para tirá-lo da minha cabeça e do meu corpo.

Finalmente, eu não aguento mais. Eu me espreito por debaixo de Callie, certificando-me de que ela ainda esteja dormindo, e então levanto seu braço e coloco-o debaixo da sua cabeça. Movendo meu corpo para o lado, eu fujo de debaixo dela e, em seguida, delicadamente coloco sua cabeça sobre o travesseiro.

Ela incoerentemente murmura algo enquanto se vira para o lado e enfia as mãos abaixo da sua bochecha. Eu fico lá por um momento, certificando-me de que ela volte a dormir e então caminho tranquilamente em frente o quarto para o banheiro no canto. Eu ligo a luz e fecho a porta.

A bolsa de Callie está no balcão, e embora eu odeie a ideia de cavar através dela, eu preciso de uma navalha. A única outra alternativa é bater meu punho em algo e vai fazer barulho e eu poderia quebrar alguma coisa.

Eu vasculho sua bolsa até que me deparo com uma pequena bolsa na parte inferior. Eu pego-a e deixou escapar um suspiro de alívio quando vejo uma navalha no meio da sua bolsa menor de maquiagem. Eu tiro-a e passo meu dedo ao longo da lâmina superior, testando a nitidez. Ela se parece muito com a primeira que eu usei: rosa, com uma tira de algo no topo. Mas é mais nítida, e sei que vai me acalmar.

Eu decido onde é o melhor lugar para fazer o corte, um lugar onde ela não vai notar. Finalmente, deslizo o curativo para baixo e coloco a navalha no meu pulso, não em uma veia, mas para o lado onde já existe uma coleção de cicatrizes. Minha cabeça está inclinada para baixo e eu estou quase pronto para fazer o primeiro corte, quando ouço a porta abrir.

Eu congelo. Ninguém jamais chegou na hora que eu estava fazendo isso. E o pior é que é Callie. Eu nem sequer tenho que olhar para saber que é ela. Eu posso sentir o cheiro do seu xampu e posso ouvir o som da sua respiração irregular.

— Kayden. — Sua voz é assustadoramente calma, não o que eu estava esperando.

Porra. Merda. Caralho. Eu não quero olhar para cima porque, então, vai ser real e ela vai ser capaz de ver o quão fraco eu realmente sou. Além disso, ela vai me fazer parar. E eu nunca tive que parar quando estava quase lá. Eu não sei como meu corpo ou mente vai reagir.

Seus pés se movem pelo chão enquanto ela se aproxima de mim. Eu ainda tenho a minha cabeça inclinada para baixo, os dentes mordendo minha língua com força. Seus pés descalços aparecem na minha linha de visão e depois suas pernas e, em seguida, minha camisa cobre seu corpo pequeno.

— Kayden, — ela repete, parecendo tão fodidamente acalma que é inquietante.

Eu ainda tenho a navalha alinhada na minha pele e cada músculo e veia abaixo se distorce em nós.

— Callie, basta sair e fechar a porta. Eu estarei fora em um minuto.

Há uma longa pausa e eu acho que talvez ela esteja, na verdade, considerando isso.

— Não, — ela diz com firmeza. — Eu não vou.

Minha mão treme e meu coração bate brutalmente dentro do meu peito. Eu não quero brigar com ela, mas estou entrando em pânico e meus sentimentos estão me controlando.

— Callie, eu juro por Deus, se você se importa comigo, você vai virar-se e caminhar de volta para o quarto.

Ela dá mais um pequeno passo, reduzindo o já limitado espaço entre nós. — Eu me importo com você e é por isso que não estou indo embora.

Minha cabeça se levanta e a raiva explode dentro de mim, chamas rasgam através do meu corpo. Estou prestes a arruinar tudo, mas eu não posso me parar.

— Basta dar o fora!

— Não. — Determinação queima em seus olhos. Ela nem sequer parece com a Callie que eu conheço. Ela parece forte e confiante. — Não vou te deixar fazer isso.

Eu me inclino em direção a ela com a navalha ainda pressionada contra a minha pele e noto seu olhar fixo nela. — Se você sabe o que é bom para você, você vai sair. Não consegue ver isso... Eu não preciso de você. Agora saia.

Sua mão se estende e ela afasta a lamina do meu pulso, seus minúsculos dedos agarram com firmeza. — Eu entendo. Você quer parar o que diabos está sentindo e esta é a única maneira que você conhece. E porque eu entendo isso, não vou deixar. Se você chegasse quando eu estava... Quando eu estava tentando... Quando eu estava tentando me fazer vomitar, eu iria querer que você me parasse, mesmo sabendo que eu iria tentar argumentar e tentar justificar isso com você. Seus dedos se erguem enquanto ela tenta pegar a navalha da minha mão.

— Eu não vou deixar!

Por um breve segundo suas palavras param o desejo incontrollável de esfaquear a navalha profundamente em minha pele, mas depois eu entro em pânico novamente. Eu afasto meu braço da sua mão, pronto para gritar com ela e provavelmente dizer palavras que marcam sua vida. Mas quando movo meu braço, ela estremece e rapidamente puxa sua mão de volta para ela. Seu dedo está cortado pela navalha e seu sangue está gotejando no chão, perto dos seus pés.

Eu não dou a mínima para a navalha ou em me livrar das minhas emoções. Eu jogo a lâmina na pia. — Callie, eu sinto muito. Eu não tive a intenção de fazer isso. — Eu fodi as coisas novamente.

Ela está segurando seu dedo e o sangue derramando para fora e seu rosto se contorce de dor. Ela olha para mim através da sua franja e eu me preparo para o que ela vai dizer: rejeição, ódio, raiva. Mas então ela não diz nada. Em vez disso, ela se move em minha direção e a próxima coisa que eu sei, ela pula em mim, engatando as pernas ao redor da minha cintura e fixa-se a mim.

Então ela envolve seus braços em volta do meu pescoço e pressiona sua testa ao lado do meu pescoço, exatamente onde meu pulso está latejando. Eu fico tenso, mas, em seguida, um sentimento tranquilo corre através do meu corpo. Meu coração acelera ainda mais quando ela me abraça, confiando em mim inteiramente. Eu nunca tinha experimentado nada parecido, especialmente no meio de um dos meus ataques de pânico e não sei o que

fazer comigo mesmo, exceto ficar lá com minhas mãos sem vida em minha lateral.

— Callie... — eu digo, mas ela me cala quando me puxa para beijá-la e rodeia seus braços no meu pescoço.

— Vai ficar tudo bem, — ela sussurra entre cada toque dos seus lábios. — Eu prometo.

Eu não entendo completamente o que ela está prometendo, ou talvez eu entenda e simplesmente não estou pronto para admitir isso ainda. De qualquer forma, eu acho que estou calmo o suficiente para sair do banheiro.

Volto para a cama e nos deito lá. Ela se recusa a me soltar mesmo quando nos coloco no colchão. Ela cruza os tornozelos atrás da minha cintura, prendendo-me e tornando impossível para mim escapar.

Mas tudo bem. Pela primeira vez na minha vida eu estou contente o suficiente para querer isso.

Callie

Eu tive um daqueles momentos em que sabia que cada coisa que fiz importava, da maneira que eu respirava, ao tom da minha voz.

Honestamente, estou aterrorizada e fora da minha mente. Eu senti ele se levantar, mas não achei que era algo grave, até que de repente entendi. Isso me tirou o sono e fui até lá, sabendo que estava prestes a entrar em algo que poderia me quebrar, assim como eu fiz quando tinha doze anos. Desta vez as coisas terminariam de forma diferente, porque eu seria forte e o salvaria, assim como ele me salvou.

Ele está chateado sobre isso, o que é compreensível, mas isso não acontece, quer dizer, eu não desistir e, eventualmente, termina bem.

Bem, menos o fato de que eu cortei meu dedo, algo que é dolorosamente lembrado assim que abro meus olhos.

O sol está brilhando através da janela e o céu pintado em tons de rosa e laranja contrastante. Meu dedo está latejando e percebo que eu nunca limpei-o. Há sangue na minha mão, no braço, na cama, e no peito de Kayden onde eu estou descansando minha mão.

Sento-me, segurando meu dedo em minha mão, e pisco os olhos até que o quarto entre em foco. Eu ainda estou usando a camisa de Kayden e cheira a sua colônia. Inclinando meus pés para fora da cama, eu deixo-o dormindo enquanto caminho para o banheiro.

Meu cabelo está emaranhado e há círculos escuros sob meus olhos. Eu me sinto exausta, ligo a torneira e estremeço quando a água quente corre sobre o machucado, lavando o sangue seco da noite passada. Eu descanso meus cotovelos no balcão e deixo a minha cabeça cair para frente, mantendo a minha mão debaixo da água.

— Você está bem? — Kayden pergunta e eu viro minha cabeça, assustada.

Ele está de pé na soleira da porta, com sua cueca, e na luz brilhante da manhã todas as suas cicatrizes estão muito distintas contra os contornos do seu peitoral e músculos abdominais.

— Eu estou bem. — Desligo a água e pego uma toalha, em seguida, pressiono-a em meu dedo. — Eu só me esqueci de lavá-lo ontem à noite. Isso é tudo.

Ele dá um passo para dentro do banheiro e eu fico tensa, ele estende sua mão para a toalha. Ele levanta-o e leva meu dedo até seu rosto, examinando-o. — Me desculpe, eu te machuquei, — ele diz.

Eu balanço minha cabeça. — Você não me machucou. Foi minha culpa... e valeu a pena.

Quando ele olha para mim, parece horrorizado, mas, em seguida, o olhar desaparece e ele leva minha mão aos seus lábios. Ele coloca um beijo em meu dedo e, em seguida, move a boca para beijar minha mão. Ele continua fazendo um caminho de beijos em meu antebraço e todo o caminho até a dobra do meu braço, e então se vira para cima, dando um banho em minha pele com beijos suculentos até atingi o topo do meu ombro. Ele dá um carinhoso chupão e rola sua língua ao longo da minha pele. A sensação da sua respiração zelosa dirige um arrepio pelo meu corpo e eu coloco a mão em seu ombro para me manter em pé.

— Você é a pessoa mais incrível que eu conheço, — ele sussurra em meu pescoço. — Você realmente é.

Eu quase começo a chorar. — Assim como você.

Seus lábios se abrem novamente e ele ataca meu pescoço, sua língua saboreia o gosto da minha pele e seus dentes se arrastam suavemente. Minha cabeça distraidamente cai para o lado, porque é tão bom e mergulho meus dedos para baixo, agarrando-o e tento manter o equilíbrio em minhas pernas. Sua boca começa a avançar para o arco do meu pescoço, para o local onde os meus pulsos palpitam, em seguida, para a linha da minha mandíbula, o canto da minha boca. Seus lábios úmidos amortecem minha pele e me fazem suspirar.

É como se nós estivéssemos trancados em uma caixa, protegidos do mundo e dos nossos medos. Não podemos manter nossas mãos afastadas um do outro. Há muitos problemas em torno de nós, mas tudo o que eu consigo pensar é nele.

Quando nossos lábios se juntam, ele nos vira para o lado e nos leva em direção à cama. Talvez seja loucura, com tudo que esteja acontecendo, em estarmos tão absortos um com o outro, em vez de trabalhar em nossos problemas. Talvez um dia vamos olhar para trás e saber o que estávamos pensando. Ou talvez nós vamos nos lembrar do dia em que decidimos fugir da dor nos braços um do outro.

Nós caímos na cama, nossas pernas se entrelaçam. Ele está em cima de mim, a camisa já está fora, e eu traço meus dedos ao longo do seu peitoral firme, sentindo o calor da sua pele e a dança do seu coração dentro do seu peito. Ele se inclina entre as minhas pernas e a camisa que estou vestindo sobe ao longo do meu estômago. Seus dedos acariciam minha pele logo abaixo do meu umbigo e faz cócegas, mas é tão esmagadoramente bom ao mesmo tempo. Meus joelhos se levantam quando o calor espiral descende entre as minhas coxas e eu contemplo o quão rápido eu vim em apenas um curto período de tempo e quanto estou gostando do seu toque.

Seus dedos tocam o topo da minha calcinha, e ele começa a guiá-las até os meus joelhos. Eu ainda estou dolorida das outras vezes que tivemos relações sexuais nas últimas vinte e quatro horas, mas não há nenhuma maneira que eu estou indo detê-lo. Isto vale completamente à pena. Quando minha calcinha alcança meus pés, eu chuto-a para fora e, em seguida, suas mãos deslizam pelos meus braços e ele me puxa, então eu estou sentada. Com um rápido puxão, ele empurra a camisa sobre a minha cabeça e joga-a no chão.

Meu coração bate loucamente enquanto eu aproveito o momento. Eu estou nua na sua frente. Mais uma vez.

Eu.

Callie Lawrence.

Toda vez que penso sobre isso, torna-se uma vitória para mim.

Eu começo a deitar-me, enquanto ele tira sua cueca, então rapidamente agarra meus pulsos e me puxa para ele. Se senta e me puxa pela cintura. Eu suspiro quando ele se deita e define-me em cima dele, com uma das minhas pernas em cada lado dos seus quadris.

Antes que eu possa responder à brusquidão, seus dedos se espalham em torno das minhas costas e ele está levando meu seio à sua boca. Ele chupa-o repetidamente até que eu grite e minhas pernas se apertem contra ele, e então sua boca sai do meu seio e ele se abaixa contra a cama com um olhar faminto em seus olhos que faz minha pele se arrepiar.

Ele empurra seus quadris para cima e me penetra. Eu choramingo novamente, mordendo meu lábio enquanto minhas mãos procuram algo para me segurar. Como se lesse minha mente, ele segura minhas mãos e leva-as para seu ombro, onde eu aperto com força e agarro-o enquanto ele se move dentro de mim com força uma e outras vezes, até que eu esteja perto de explodir.

Em seguida, ele pressiona a palma de sua mão nas minhas costas e me puxa até seus lábios. Com um último impulso, ele desliza sua língua dentro da minha boca e me beija apaixonadamente, levando cada pensamento da minha cabeça e o meu corpo treme fora de controle, subindo antes voltar novamente.

Quando eu volto para baixo, ofegante e suada, penso sobre como é bom. E não apenas o sexo.

A conexão.

O contato.

O fato de que estou aqui. Com ele. E estou bem. Mais do que bem.

Acho que talvez seja hora de dizer. Conseguir a minha liberdade de volta. Porque eu mereço ter isso. Eu mereço estar aqui neste momento.

Kayden

— Se você pudesse ter um desejo, qual seria? — Callie pergunta, traçando um dedo em movimentos circulares ao longo da palma da minha mão.

É tarde e o sol está levantado e sorrindo no quarto. Seth e Luke não despertaram ainda; pelo menos é o que acho, determinado pelo silêncio na casa. Sua cabeça está relaxada no meu braço, a perna engatada por cima do meu estômago, e sua mão está descansando sobre o meu coração.

— Que nós pudéssemos ficar assim para sempre, — eu respondo com sinceridade.

Sua cabeça se inclina para cima e ela encontra meus olhos. — Isso é realmente o que você iria querer?

Concordo com a cabeça, correndo os dedos pelo seu cabelo macio que cheira como morangos. — Absolutamente. É tão pacífico.

Suas bochechas começam a corar e eu me pergunto o que ela está pensando. — O que faríamos se ficássemos aqui para sempre?

Isso é foddidamente bonito como o inferno, seus pensamentos sujos estão fazendo-a corar.

— O que você quiser, — eu digo com uma pitada de riso na minha voz.

Ela inclina o rosto para baixo contra o meu peito e pressiona um beijo no local, deslizando sua língua para fora. — Eu gostaria de fazer apenas algo como isto.

Eu rio debaixo da minha respiração e meus pulmões doem porque meus músculos estão trabalhando muito mais do que no mês passado. — É tudo o que você gostaria de fazer? Porque suas bochechas rosadas estão sugerindo o contrário. — Eu paro meu dedo em sua bochecha e ela estremece. Eu amo como ela reage ao meu toque, e ainda assim odeio isso ao mesmo tempo porque mostra o quanto eu afeto-a. — Ou será que você tem outra coisa em mente?

Ela fica quieta por um tempo e, em seguida, finalmente olha para mim, seus grandes olhos azuis. Suas bochechas ainda estão rosa e seu cabelo cobrindo seu rosto e ombros. — Eu não tenho mais nada em mente, — ela diz. — Eu só estava me perguntando.

Ela está mentindo, mas eu deixo passar. Afastando seu cabelo do seu rosto, eu movo-o para trás da sua orelha. Estou prestes a dizer que provavelmente devemos levantar-nos quando há uma batida na porta.

— Hum... Eu estive esperando tanto tempo quanto eu pude, — diz Seth através da porta. — Mas em algum ponto eu tenho que entrar e pegar as minhas coisas.

Callie se empurra para cima de mim e começa a se ajoelhar, com o lençol apertado contra seu peito. Eu pego a borda do lençol e puxo-o para baixo, em seguida, escovo meu dedo sobre seu mamilo. Ela treme e sinto-me gratificado quando ela me dá um sorriso tímido, recuando para fora da cama, nua.

Ela procura por suas roupas, tentando cobrir seu corpo com suas mãos. Ela é tão pequena, magra, frágil. Eu não posso deixar de pensar sobre quando ela disse que se obrigou a vomitar-se e acho que talvez precisamos falar sobre isso, já que estamos falando tanto sobre os meus problemas.

— Callie, por favor, — Seth implora, soando rouco e de ressaca. — Eu realmente preciso pegar minhas coisas.

— Só um segundo. — Callie agarra um par de shorts e uma camisa de uma das bolsas que Seth estava carregando ontem. Ela me dá outro sorriso reservado antes de ir para o banheiro.

— Você vai deixá-lo entrar quando estiver vestido? — Ela pergunta, eu deslizo minha cueca de volta.

Eu olho-a. — O que você está fazendo?

Ela penteia os dedos pelos cabelos. — Eu vou tomar banho. Eu tenho areia nos meus cabelos da noite passada.

Um lento sorriso se espalha por meus lábios. Eu sei que tenho sido meio intenso demais com ela e ela provavelmente está dolorida como o inferno, mas não posso me parar.

Quando imagens dela no chuveiro, a água quente escorrendo pelo seu corpo, cabelo, mamilos, aparecem na minha cabeça, eu decido que preciso tomar um banho com ela. Além disso, tudo é perfeito agora e eu quero me agarrar a isso tanto quanto puder, até temos que voltar para a vida real e os nossos problemas.

— Sim, eu também. — Eu me levanto da cama e ela me dá um olhar perplexo da porta do banheiro.

Ela não entende o que estou dizendo e eu não esperava que ela entendesse. Ela é inocente e doce e sua mente não vagueia instantaneamente para as minhas palavras sujas como Daisy faria.

Eu ando em sua direção, amando que ela esteja mordendo o lábio. — Você parece perdida, — eu digo, enquanto acaricio seu braço.

Seu olhar passa pelo meu peitoral e por um segundo me sinto constrangido. — Isso é porque eu estou. Você quer tomar banho primeiro? Eu posso esperar, você quer?

Eu sorrio e é real, não falso. Tocando a ponta do dedo no seu lábio inferior, eu levo minha outra mão até seu quadril nu. — Eu estou dizendo que vou tomar banho com você.

Ela solta um suspiro assustado e eu estou preocupado que a empurrei um pouco longe demais. Em seguida, seu rosto fica rosa, enquanto seus olhos percorrem rapidamente sobre meu corpo e ela mastiga o lábio inferior. Ela não diz qualquer coisa quando encontra meus olhos e posso dizer que ela está curiosa.

— Não se preocupe. — Eu abaixo meu dedo do seu lábio. — Vai ser divertido. Tudo molhado e escorregadio.

Seus olhos se ampliam enquanto meus dedos envolvem em torno dos seus quadris e eu levanto-a. Ela solta uma risada e eu sorrio enquanto nos levo para o banheiro.

— Espere um minuto, — ela diz, se afastando quando estou a ponto de beijá-la. — Nós precisamos deixar Seth entrar. Ele vai ficar chateado.

A contragosto, eu ando de volta para a porta do quarto e destravo o bloqueio. Então corro de volta para o banheiro, ainda carregando Callie, que continua rindo toda vez que meus dedos tocam seu estômago.

Quando fecho a porta do banheiro com um chute, eu grito: — Seth, você pode entrar.

Então pressiono meus lábios nos seus e beijo-a até ficarmos sem ar. Então nos separamos, com a respiração irregular, e seus dedos estão escovando a

minha nuca.

Eu olho em volta, pronto para ligar o chuveiro. — Espere, onde está o chuveiro?

Ela aponta por cima do meu ombro para canto da parede que é moldado com uma porta estreita. — Eu acho que é para lá.

— Isso não é um armário?

Ela encolhe os ombros. — Eu não penso assim. Se for... — Seus olhos vagueiam em torno da pia e ao redor do banheiro. — Então acho que não há um chuveiro.

Segurando sua bunda para manter seu peso, eu ando pelo espaço e ao virar a esquina. Há uma pequena seção com prateleiras vazias. Eu viro à esquerda, porque é o único lugar para ir. Há o vidro fosco das janelas na parede e o mar fica à direita. Há também uma banheira oval enorme no canto em um pódio retangular que é moldado por uma escada.

Callie faz uma carranca. — Não há chuveiro? — Ela tenta não sorrir.

— Isso é péssimo. Eu estava seriamente me aquecendo com a ideia.

Dou um tapinha suave na parte de trás da sua perna e ela guincha e se agarra em mim. Eu faço o meu caminho de volta para a banheira sem defini-la para baixo e ligo a torneira.

— O que você está fazendo? — Ela pergunta, observando o fluxo de água enquanto eu inclino minha mão e verifico a temperatura.

— Tomando um banho. — Eu amo secretamente o fato de que há uma banheira e não um chuveiro. As possibilidades do que poderíamos fazer nesta grande banheira são infinitas.

Ela se agita nervosamente, seu corpo endurecendo enquanto ela cautelosamente olha a água enchendo a banheira. — Nós estamos indo tomar banho juntos? — Seu nariz se enrugou e eu estou prestes a dizer que não temos, se ela não quiser, quando ela diz: — Então nós estaríamos meio que sentados na sujeira um do outro.

Eu engasgo um riso e depois passo para cima da escada. — O quão sujo você acha que eu estou?

De vez em quando ela tem este olhar conivente em seus olhos e está aparecendo em plena forma. — Eu não sei. — Ela dimensiona seu corpo para cima do meu. — Os caras são conhecidos por suas imundícies, não são?

Eu belisco sua perna novamente e ela salta, deixando escapar uma risada. O movimento me envia para frente e eu tropeço na banheira, deslizando sobre a parte inferior. Eu tento pousar tão suavemente quanto posso para que ela não se machuque e acabo batendo meu cotovelo no canto da banheira e água espirra em todos os lugares. Ela está rindo enquanto eu me esforço para sentar-nos na água, com ela me montando.

— Oh, você acha isso engraçado?

Eu sento-me, ainda segurando sua cintura, meus dedos se aprofundam em sua pele molhada. Gotas de água estão escorrendo pelo seu corpo, seu cabelo, sua pele macia e é ainda melhor do que eu jamais poderia ter imaginado. Nós continuamos lá por um tempo, ouvindo a água encher a banheira, olhando um para o outro, esperando que o outro falasse.

— Callie, eu tenho que perguntar... — eu massajeio seus ossos do quadril com meu polegar. — Sobre a coisa de se fazer vomitar.

Ela para de respirar, mas não se afasta. — Estou trabalhando nisso.

Deixo escapar um suspiro profundo através do meu nariz.

— Você é muito magra... Por fazer isso.

— Eu disse que não é sobre isso.

— Eu sei que não é sobre isso, mas independentemente disso, está deixando você magra demais e eu odeio a fodida ideia de que você esteja se machucando.

Eu estou sendo hipócrita, mas é importante que ela saiba como eu me sinto porque ela sempre me diz como se sente.

— Talvez eu devesse falar com alguém, — ela diz, em conflito. — Embora eu esteja melhor.

— Falar com alguém seria bom. — Eu fecho meus olhos e tomo um pouco de coragem. — Eu estive... Eu estive conversando com um terapeuta na clínica. Tanto quanto eu odeio a porra clínica e a razão pela qual eu estava lá,

ele parece ser um cara legal. — Eu mudo meu peso quando a água fica mais alta. — Eu vou continuar falando com ele.

— Isso é bom, — ela diz, procurando por algo em meus olhos. — Talvez você devesse dizer a ele sobre o que seu pai fez.

Meus dedos perfuram mais fundo em sua pele. — Eu não tenho certeza se ele é a pessoa certa.

— Então, quem é?

Ela tem um ponto. Para quem eu iria dizer? Minha mãe? Meu irmão?

Depois disso, as únicas pessoas que eu conheço não sabem o que diabos fazer com a informação.

— Talvez eu pudesse.

— Você vai, — ela insiste e passa a mão pelo meu cabelo molhado, afastando-o do meu rosto. — E eu vou com você.

Estou cauteloso e hesitante, e honestamente, tanto quanto me preocupo com ela, eu realmente não a quero lá, ouvindo todas as fodidas coisas que eu fiz.

— Callie... Eu não acho que seja uma boa ideia. Eu não quero que você ouça os detalhes.

— Eu vi os detalhes, — ela diz e lágrimas se formam nos cantos dos seus olhos. — Eu posso lidar com isso... a menos que você não queira que eu esteja lá. — Determinação queima em seus olhos.

— Callie, eu realmente não acho que você deveria estar lá, — eu protesto, minhas entranhas se apertam com o pensamento dela saber tudo o que está preso na minha cabeça fodida.

Ela balança a cabeça e pega a minha mão. — Kayden, posso ajudar se você deixar... Por favor, deixe-me ajudá-lo.

É difícil dizer não quando ela está olhando para mim dessa maneira, do mesmo modo que eu quero ir sozinho, eu me ouço dizendo: — Ok, você pode vir comigo... Mas só se você me prometer uma coisa.

Ela balança a cabeça com entusiasmo. — Qualquer coisa.

— Que eu possa estar lá para ajudá-la quando você disser a sua família sobre Caleb.

Ela considera, parecendo em conflito, mas, em seguida, lentamente se inclina e coloca levemente seus lábios contra os meus.

— Ok, — ela sussurra contra a minha boca. — Nós podemos fazer isso, — ela murmura e eu não tenho certeza se ela está falando comigo. — Porque acho que nós somos mais forte quando estamos juntos.

Eu penso sobre a noite passada e como ela conseguiu me acalmar e me impedir de me cortar. Ela pode estar certa. Em muitos níveis.

— Eu acho que nós deveríamos voltar hoje... Acho que eu não deveria provavelmente ter saído, em primeiro lugar... Eu meio que sinto que estou fugindo de tudo.

Ela balança a cabeça em concordância. — Pode ter sido uma má ideia.

— Não tão ruim. — Eu aproximo meus dedos entre suas pernas, fazendo sua respiração vacilar. — O que aconteceu ontem à noite...

Eu abaixo a minha voz, mergulhando meus lábios em direção a sua orelha e corro meus dedos em toda a sua volta. Eu quero obter o máximo de Callie quanto possível, apenas no caso disto não termina bem, porque as minhas coisas em geral não dão certo. É doloroso pensar, mas isso poderia acabar sendo imprudente e prejudicial se eu não visse desta forma.

— O que aconteceu uma e outras vezes... — Eu deslizo meu dedo dentro dela e seu corpo se curva no meu. — Não foi de forma alguma ruim. — Eu beijo sua bochecha enquanto seus olhos se fecham. — Foi incrível.

Eu começo a mover o dedo até levá-la a borda e ela grita meu nome. Então eu tiro minha cueca encharcada e deslizo para dentro dela, querendo cada parte sua, sabendo que a qualquer momento as coisas podem dar errado. Mas, por uma vez na minha vida, espero que elas não deem. Eu espero que tudo corra bem. O que isso significa, eu não tenho certeza, mas quero descobrir.

CAPÍTULO 15

#26 Enfrente o inevitável, o que diabos seja

Callie

Banheiras não são tão nojentas quanto eu pensava. Eu nunca fui de demorar muito no banho. A ideia de ficar sentada na água e mergulhar na própria sujeira me causa arrepios. Mas após o banho com Kayden, eu acho que tive uma mudança de pensamento. Depois de sairmos, nós nos vestimos para ir a cozinha.

É um pouco assustador, sair do quarto. Nós estamos vivendo nesta bolha segura e mágica nas últimas 15 horas e assim que passarmos pela vai estourar, especialmente quando formos dizer a Seth e Luke que temos que ir para casa mais cedo.

Coloco um par de jeans e uma blusa, amarro meu cabelo em um rabo de cavalo, e coloco meus sapatos. Kayden tem uma camisa xadrez, calça jeans, e botas. Seu cabelo está um pouco úmido e ele teve que tirar o curativo porque ficou molhado na banheira. As feridas não estão curadas e uma delas parece fresca. Ele percebe que eu estou encarando-as por isso abaixa a manga para cobri-las.

— Eu estou indo trabalhar com isso, — ele diz, com a cabeça baixa enquanto abotoa a manga da sua camisa. Mechas do seu cabelo caem em seus olhos e, incapaz de me parar, eu afasto-as.

— Eu não posso te perder. — Eu não tenho cem por cento de certeza do por que disse isso, mas não consigo parar de pensar nele deitado no chão e como me sentir quando pensei que ele não iria sobreviver a isso. — Eu preciso de você.

Ele parece ficar desconfortável com a minha declaração, remexendo com o botão inferior da sua camisa. Não importa, embora. Ele precisa saber. Na verdade, eu acho que vou dizer o quanto preciso dele um monte de vezes e o quão maravilhoso ele é, porque acho que ele não ouviu muito isso.

— Você está pronta? — Ele pergunta, finalmente tirando o olhar da sua camisa. Ele pega uma liga de borracha em cima da cômoda e desliza-a em seu pulso.

Concordo com a cabeça e abro a porta. — Seth não vai ficar feliz em ter que ir embora mais cedo.

— Sim, Luke não vai ficar também. — Ele passa em torno de mim.

Eu sigo-o para fora e pelo corredor até a cozinha. Seth e Luke estão sentados à mesa, parecendo exaustos, olheiras sob seus olhos, que estão injetados de sangue, pele pálida, e parecem com náuseas. Seth está usando shorts e uma polo cinza, e seu cabelo está elegantemente despenteado. Luke tem um par de calças de pijama listrado e sem camisa. Eu imediatamente me sinto desconfortável com a visão do seu peitoral nu com tatuagens por todo o lado.

Alguns dos meus velhos sentimentos de vergonha e culpa começam a surgir, então eu engato meu dedo através do cinto de Kayden na parte de trás da sua calça jeans. Eu não sei por que faço isso, exceto que me agarrar a ele parece ter um efeito sereno sobre mim.

Ele olha por cima do ombro para mim, seus olhos esmeralda brilham enquanto me olha com preocupação. — Você está bem?

Eu aceno, evitando olhar na direção de Luke, mordendo as unhas. — Sim, eu estou bem.

Ele olha para os meus dedos em seu cinto, e depois dá de ombros. Eu amo-o ainda mais naquele momento, especialmente quando ele coloca o braço em volta do meu ombro e me puxa para o seu lado quando paramos perto do balcão, que está repleto de garrafas de cerveja, e cinzas e bitucas de cigarro.

Ele se inclina e escova os lábios na minha testa, antes de anunciar: — Então, nós temos que voltar hoje.

Luke começa a cavar na geladeira e, em seguida, ele se move de volta com um galão de leite na mão, chutando a porta com seu pé descalço.

— Você está brincando comigo? Chegamos aqui ontem de manhã.

— Eu sei, — diz Kayden, olhando para mim com uma pitada de medo em seus olhos. — Mas... Mas há algumas coisas que Callie e eu temos que resolver

em casa.

Seth coloca um cigarro na boca, levantando uma mão ao redor da ponta, e acende o isqueiro. — Como o quê? — Ele coloca o isqueiro na mesa e se inclina para trás, dando uma longa tragada e, em seguida, deixando um fino rastro de fumaça escapar da sua boca.

— Como coisas realmente importantes, — eu digo com os olhos prementes, esperando que ele vá entender.

E assim como o bom amigo que ele é, ele entende. — Oh, tudo bem.

Luke atira um olhar duro enquanto torce a tampa do leite. — De jeito nenhum. Eu sou motorista. Por isso fico com a palavra final.

Kayden exala alto e, em seguida, move o braço do meu ombro.

Ele caminha até Luke e coloca a mão no balcão, de pé na frente dele. — Olha, eu sei por que você não quer voltar, e eu realmente não quero fazer você voltar - mas há algo de que eu estive fugindo que preciso voltar.

Eu não sei se Luke entende o significado completo de Kayden, mas acho que ele consegue. Ele acena com a cabeça, com um grunhido, embora pareça irritado. — Tudo bem, se é importante, então é importante.

— Obrigado. — Kayden retorna ao meu lado. — Você quer ir empacotar suas coisas?

Concordo com a cabeça e, em seguida, aceno para Seth vir comigo. Ele põe o cigarro em um cinzeiro em forma de folha que está no centro da mesa e, em seguida, empurra a cadeira para trás. Ele fica de pé, olhando para Kayden quando passa, e, em seguida, entrelaça os braços nos meus. Nós andamos lado a lado de volta para o quarto. Assim que a porta se fecha, ele se vira e coloca as mãos nos quadris.

— Tudo bem, bote para fora, — ele exige. — O que está acontecendo?

Eu balanço minha cabeça e me abaixo para pegar um par de shorts e uma das minhas blusas do chão. — Eu não posso te dizer.

Ele chega até mim com as mãos na sua lateral. — Por quê? — Porque eu não posso ainda. — Eu embolo minhas roupas e encho minha bolsa, que está perto do pé da cama no chão. — Parte disso é porque eu não estou pronta

para dizer, e parte disso é porque não são minhas coisas para contar - e sim de Kayden.

Ele não pressiona mais. Ele começa a embalar suas coisas enquanto eu recolho minhas roupas. Sabendo que, assim que sairmos daqui, Kayden e eu vamos voltar à realidade e tudo o que posso esperar é que vá ser bom para nós dois.

CAPÍTULO 16

#15 Pare de se torturar

Callie

Eu estou com medo de ir para casa e enfrentar minha mãe, mesmo com Kayden ao meu lado. No meio do caminho eu ligo o celular para descobrir que tenho trinta e sete novas mensagens de voz e cinquenta e oito mensagens de texto. Todas são dela, é inacreditável e ainda incrível ao mesmo tempo.

Ela nunca foi boa em lidar com as coisas que não se encaixam em seu mundo. E a rebelde-fugitiva Callie não se encaixa tão bem quanto a solitária-gótica Callie fazia.

— Nós poderíamos obter um quarto de hotel, — Seth sugere quando nós chegamos à Cidade. — E continuar as férias.

— Ou, pelo menos, evitar ir para casa, — Luke murmura, mal-humorado.

É tarde, as árvores do parque estão piscando com luzes cintilantes, e há um enorme Papai Noel inflável de boas vinda na entrada da cidade.

Kayden ficou realmente quieto durante toda a viagem, olhando pela janela, perdido em seus pensamentos e isso me deixa triste. Luke tem estado em silêncio também, fumando todo o caminho e Seth tem estado igualmente tão ruim.

Eu olho para Kayden, me perguntando o que ele pensa sobre a ideia do hotel, mas tudo o que ele faz é olhar para fora da janela.

Sinto que se eu for para hotel, então, eu vou estar fugindo dos meus problemas, — eu digo. — Eu deveria provavelmente ir para casa e enfrentar a ira da minha mãe.

— Por quê? — Seth pergunta, me surpreendendo.

Eu olho para ele, fumaça serpenteia dos seus lábios e ele tira o cigarro e enfia a mão para fora da janela, espalhando cinzas na rua enquanto roça seu polegar sobre a extremidade.

— Callie, eu odeio dizer isso, — seus olhos marrons encaram

Luke, em seguida, Kayden, antes dele se inclinar e sussurrar, — mas até que você consiga dizer a sua mãe, e você-sabe-quem estará oficialmente não aparecendo em sua casa, pode ser bom você ficar longe de lá. Pare de se torturar.

Eu pressiono meus lábios enquanto ele se inclina para trás. — Eu não estou me torturando, — murmuro.

— Você não está? — Seth sacode a ponta do seu cigarro pela janela e em seguida, puxa-o de volta.

A caminhonete de Luke é realmente antiga e não tem janelas automáticas, assim o braço de Seth luta contra a manivela.

Kayden olha para mim com uma expressão estranha em seu rosto. — Seth está certo, — ele concorda em voz baixa.

Eu penso em todas às vezes em que desejei poder simplesmente me encolher em uma bola, talvez tornar-me invisível, talvez desaparecer por completo.

Mas se eu pudesse apenas ter quebrado com preensão de Caleb sobre mim, talvez eu teria escapado dos anos de tortura que passei trancada, vivendo dentro de mim. Eu poderia fazer isso? Apenas me libertar? Eu tenho esse tipo de poder? Eu realmente não tenho que voltar a menos que eu queira. Eu posso voltar quando estiver pronta para confessar.

Tudo bem, vamos alugar um quarto de hotel. — É uma conclusão tão simples, mas levou uma eternidade para mim chegar a ela.

Não tenho que voltar para casa até que eu esteja pronta. Eu tenho escolhas, poder, liberdade. Eu posso cortar os laços com as coisas que me machucam.

Você consegue fazer isso. Não preciso fazer nada se eu não quiser. Eu só tenho que optar por fazê-lo. De repente, eu posso respirar livremente de novo. Eu estou sorrindo e Seth e Luke estão olhando para mim como se eu tivesse perdido minha mente.

Kayden olha para mim, com um sorriso forçado em seus lábios. — Soa bem.

Eu ofereço um sorriso, imaginando por que ele está agindo tão chateado.

Tudo tinha estado bem quando saímos da casa de praia, pelo menos eu pensei isso. Me inclino para ele e sussurro, — Você está bem?

Ele balança a cabeça, dando-me um olhar perplexo. — Sim, por que eu não estaria?

— Eu não sei, — eu digo, olhando para a tristeza em seus olhos. — Você parece triste.

— Bem, eu não estou. Eu prometo. — Ele volta sua atenção para a janela e meu coração afunda no meu peito, sabendo que há algo que ele não está me dizendo. Mas não quero pressioná-lo na frente de Luke e Seth, então fico quieta.

Dez minutos mais tarde estamos em um quarto de motel com duas camas queen-size, uma decoração retro e o ar cheirando a mofo. Seth e Luke começam a discutir sobre o arranjo de dormir e eu levo a oportunidade de falar com Kayden sobre o que está o incomodando.

Você tem certeza que está bem? — Eu pergunto, afundando-me na cama ao seu lado.

Ele balança a cabeça, brincando com o controle remoto, mesmo que a televisão não esteja ligada. — Sim, eu estou bem. Já lhe disse isso.

— Mas você tem estado tão quieto, — eu digo. — Você quase não disse uma palavra desde que saímos da Califórnia.

— Eu só estou cansado. — Ele deixa o controle remoto sobre o criado-mudo e olha fixamente para fora da janela.

Ele parece realmente exausto, mas eu não acho que essa seja a verdadeira razão. Como se sentisse minhas dúvidas, ele coloca a mão no meu joelho e dá um aperto suave.

— Callie, pare de se preocupar. Estou bem.

— Ok, — eu digo em voz baixa e, em seguida, levanto-me da cama para ir ao banheiro. Eu tranco a porta e sento-me na borda da banheira.

Eu realmente não tenho que usar o banheiro; Eu só precisava me recolher de mim mesmo. O desejo de me fazer vomitar está crescendo dentro de mim e eu realmente quero fazer isso, porque tem sido um tempo e estou realmente estressada sobre Kayden e em contar a minha mãe. Eu começo saltando meus

joelhos enquanto respiro pelo nariz e conto até dez, lembrando-me que sou forte. Que posso viver a vida sem fazer-me vomitar.

Leva-me um pouco de tempo, cerca de dez minutos mais tarde, eu me acalmo e caminho para fora do banheiro, surpresa ao encontrar Luke em uma cama e Seth na outra assistindo televisão e Kayden está longe de ser visto.

— Onde Kayden foi? — Eu pergunto, caminhando entre as duas camas.

Ambos olham para mim, piscando os olhos, e então eles olham ao redor do quarto. Seth se senta com as sobrancelhas franzidas. — Huh? Eu não o ouvi sair.

Luke boceja. — Ele foi pegar as bolsas na parte de trás da caminhonete, — ele me diz. — Mas está lá fora por alguns minutos.

Pânico surge através de mim enquanto passo pela cama e puxo a cortina na janela para o lado. O sinal VAGA em néon ilumina o estacionamento onde a caminhonete está estacionada lá em baixo, a neve no capô e no teto. Eu não consigo ver Kayden em qualquer lugar, mas digo a mim mesmo que ele deve estar subindo as escadas, que estão fora da minha vista.

Deslizando sobre meus sapatos, eu corro para fora da porta. — Callie, que diabos? — Eu ouço Seth gritar quando saio pela porta aberta.

Eu não olho para trás, correndo para a parte inferior da escada e saio para o estacionamento. Quando chego à caminhonete de Luke, Kayden não está lá. Eu procuro em todo o estacionamento e até mesmo no hall de entrada, perguntando-me se talvez ele foi para as máquinas de venda automática, mas não consigo encontrá-lo em qualquer lugar. Minha mente está correndo com mil pensamentos sobre o que está acontecendo. Para onde ele iria? Por que ele sairia? Por que ele parece tão triste?

Até o momento eu estou de volta a escada, Seth e Luke estão descendo por ela. Estou prestes a chorar, congelada, sem um casaco.

— Ele se foi, — Eu digo.

Eles me encontram na parte inferior e Luke franze testa, olhando para sua caminhonete. — O que quer dizer com ele se foi?

— Eu procurei em todos os lugares. — Envolver meus braços em volta de mim, tremendo de frio e meus nervos. — Eu não consegui encontrá-lo.

Os braços de Seth me envolvem. — Tenho certeza que ele está bem. Talvez ele só foi para uma caminhada.

— É quase dez e meia da noite e está congelando, — eu digo. — Não há nenhum lugar para caminhar.

— Talvez ele caminhou até um posto de gasolina para conseguir algo para comer. — Mesmo que ele soasse como se não acreditasse. — Eu acho que vi um há poucos quilômetros.

— Espere um segundo, — Luke diz enquanto pega seu celular do bolso de trás. — Vou ligar para ele e ver se posso fazê-lo responder e ver o que está acontecendo.

Ele disca o número, leva o celular até seu ouvido, e se afasta em direção a sua caminhonete, deixando pegadas na neve.

Seth me abraça enquanto assisto Luke andar na neve com um braço descansando em sua barriga. Ele continua andando e caminhando mais longe do motel. Minhas pernas se tornam mais fracas e, finalmente, eu tenho que sentar nos degraus da escada.

Seth fica comigo. — Tenho certeza de que está tudo bem.

Eu balanço minha cabeça. — Ele parecia tão chateado toda a viagem. Eu acho que algo estava realmente o incomodando. — Eu puxo meus joelhos ao meu peito e descanso meu queixo em cima deles. E se ele fizer algo... Algo doloroso para si mesmo?

Eu deslizo meu celular do meu bolso e tento ligar para ele eu mesmo. O celular toca quatro vezes e depois vai para o seu correio de voz. Eu desligo e envio uma mensagem de texto.

Eu: Ei, onde você está... Estou preocupada. Você apenas se foi.

Eu espero, mas não há resposta... Tento prender as lágrimas frenéticas que querem escapar, desejando poder me enrolar em uma bola e chorar até dormir. Eu estou machucada em todos os lugares. E estou com medo. Não por mim, mas por Kayden e o que ele pode estar fazendo. Eu não consigo tirar a imagem dele tentando cortar a si mesmo da minha cabeça. E se ele acabar se machucando muito?

Por fim, Luke caminha de volta em nossa direção com um olhar confuso em seu rosto. Logo antes de chega até nós, meu celular emite um bipe.

Kayden: Eu estou bem.

Ele está bem?

Eu: Onde você está?

— Eu tenho uma mensagem dele, — Luke diz enquanto o meu celular apita novamente. — Ele disse para lhe dizer que está bem, mas que há algo que precisa resolver.

Eu olho para a tela, tentando manter o celular firme em minha mão trêmula.

Kayden: Há alguém que eu preciso falar e não pode aguarda... Com o meu terapeuta... Olha, eu vou explicar tudo mais tarde. Eu vou voltar e depois vamos conversar. E Callie, eu prometo que estou bem.

Eu não entendo. Minhas mãos tremem enquanto digito.

Callie: Eu pensei que eu estava indo com você... E é tarde. O escritório ainda não está aberto.

Quando ele não responder, eu não sei o que pensar. Ele foi realmente vê-lo? Ou está mentindo?

Levanto-me, escovando a neve fora da parte de trás da minha calça jeans. — Nós devemos ir procurá-lo.

Luke balança a cabeça, passando por nós e dirigindo-se para a escada. — Callie, eu tenho certeza que ele está bem... e ele disse que vai estar de volta em breve, então acho que nós devemos apenas esperar aqui por ele.

Olho para Seth, me perguntando o que eu deveria fazer. Suspirando, ele envolve o braço em volta de mim e me leva até a escada. — Tenho certeza que ele está bem, — ele diz em voz baixa.

Eu subo com ele, desejando com tudo o que tenho que ele esteja certo.

Kayden

Eu estou obcecado em contar a verdade e, finalmente, ter os meus segredos revelados durante toda a viagem. Quanto mais eu pensava sobre isso, mais

ansioso ficava até que senti como se eu estivesse indo estourar.

Eu passei minha vida inteira segurando minhas emoções e segredos dentro de mim e de repente precisava levá-los para fora.

Agora.

Mesmo que já fosse tarde, sabia que se eu me deitasse na cama, fechasse os olhos, e fosse dormir, minha mente provavelmente mudaria a manhã. Era apenas uma daquelas coisas em que se eu pensasse sobre isso, eu me convenceria do contrário.

Assim, logo que Callie foi para o banheiro, eu escorreguei para fora do quarto, resmungando algo sobre pegar minha bolsa da parte traseira da caminhonete.

Sabia que ela ficaria chateada por mim ter saído sem dizer nada, mas eu tinha que fazer isso; caso contrário, ela olharia para mim com aqueles olhos tristes de filhote de cachorro, querendo ir comigo, como prometemos, e eu teria dificuldade em dizer não. Apesar do fato de que eu disse a ela que faríamos isso juntos, percebi a caminho de casa que é algo que eu preciso fazer sozinho. Senão, eu iria me segurar, e não quero - preciso deixá-lo ir. Tudo.

Eu saio do quarto e corro para o parque que fica apenas alguns quarteirões, e então paro e tiro meu celular e o cartão que Doug me deu. Quando ele me deu o cartão, disse que eu poderia ligá-lo a qualquer momento e espero que ele quis dizer isso.

É tarde e está mais frio que o inferno, o ar pica na minha pele como agulhas. Deixo o celular chamar, andando para trás e para frente em toda a calçada, pensando sobre o que isso significa.

Tudo o que posso lembrar-me, foi sobre fazer o que meu pai queria, com o esporte, com as regras, com a vida. Eu sempre senti essa obrigação de voltar para aquela casa, não importa o quê. Eu não sei por que e talvez eu nunca saiba. Mas estou esperando que este seja o primeiro passo para cortar os laços com aquela maldita casa que é assombrada por terríveis memórias que o monstro desalmado colocou-as lá. É gratificante pensar assim.

Estou prestes a desligar após chamar pela quinta vez, mas então alguém diz,
— Olá?

— Umm... — Eu não posso dizer se é ele ou não. — Aqui é o Kayden... É o Doug?

— Oh, sim, Kayden. — Há alguma agitação em segundo plano seguido por algumas vozes. Em seguida, ele fica em silêncio. — Você está bem?

— Sim, bem, não. — Eu estou lutando e parece como se alguém tivesse suas mãos ao redor do meu pescoço. Mas eu afasto-as mentalmente, fechando meus olhos e imaginando Callie. — Eu sei que é tarde, mas preciso falar sobre o que aconteceu naquela noite.

Há uma pausa. — O escritório está fechado, mas posso encontrá-lo no restaurante vinte e quatro horas do Larry em cerca de meia hora.

Eu respiro fundo e envio o ar frio para meus pulmões. — Tudo certo.

Nós desligamos e assim eu estou indo em direção a linha da minha recuperação inicial.

O restaurante não é muito longe e eu opto por caminhar até lá mesmo que eu esteja congelando e meus dedos estão ficando azuis. Eu chego lá primeiro que Doug e peço uma xícara de café. É tarde o suficiente para que não haja ninguém lá, exceto alguns caras com bonés e graxa nos seus jeans, a cozinheira e a garçonete. Eu seleciono uma cabine no canto longe deles, do balcão, e da cozinha. Eu não quero que mais ninguém ouça o que vou dizer - vai ser duro o suficiente ouvir as palavras que saírem da minha boca.

Eu começo a puxar rapidamente a liga de borracha, desejando que Callie estivesse aqui segurando minha mão, apenas como nós tínhamos planejado, mas sei que é melhor estar sozinho e a deixar longe dessa bagunça.

A garçonete traz-me o café quando o sino nas portas dianteiras toca. Uma gelada brisa entra quando Doug caminha para dentro, mas está tudo bem. É o tipo que deixa tudo real e obriga-me a sentir tudo.

Eu descanso meus braços sobre a mesa enquanto ele se aproxima ainda mais e perfuro minhas unhas nos meus braços. Ele tem um casaco e um par de jeans, juntamente com um gorro. É um pouco fora do personagem para ele, desde que estou acostumado a vê-lo em ternos, mas depois, novamente é onze horas da noite.

— Olá, Kayden, — ele diz com uma voz exausta enquanto senta-se na cabine em minha frente, tirando seu gorro. Seu cabelo levanta-se em todas as

direções.

— Eu sinto muito por te acordar, — eu digo a ele e tomo um gole de café, sentindo a queimadura por todo o caminho até o meu estômago. — Eu estava apenas preocupado que se eu não ligasse... Eu mudaria de ideia ou algo assim.

— Estou feliz que você me acordou, — ele responde e desliza seus braços para fora da sua jaqueta. — É melhor não esperar por essas coisas.

Me pergunto o que ele vai dizer quando eu lhe contar tudo. Eu defino o copo para baixo e dobro meus braços em cima da mesa, cravando minhas unhas em minha pele.

— Você estava certo, — Me apresso e digo antes que eu amarele. Minhas unhas se afundam ainda mais nos meus braços e cortam minha pele. Sangue escorre para fora.

— Sobre o quê? — Ele pergunta, mas acho que ele realmente sabe. Ele olha o sangue no meu braço, mas não diz uma palavra sobre isso.

Eu flexiono os dedos e deixo a marca de meia-lua sangrenta em meus braços. — Sobre o que aconteceu naquela noite.

Ele estica os braços no topo da mesa. — Não me lembro de alguma vez dizer o que aconteceu naquela noite.

— Sim, mas você... Você pensou que meu pai... — Deus, isso é tão fodidamente difícil. Por que é tão difícil? Meu pai é um maldito idiota. Bateu em mim durante todos esses anos. Basta botar para fora. — Ele foi o único que me machucou naquela noite. Bem, eu quero dizer, eu fiz coisas para mim também, mas ele...

Eu soo como um fodido garotinho. Eu dobro minhas unhas em minhas mãos, perfurando minha pele. Cada parte do meu corpo quer fugir, ficar sozinho, encontrar algo afiado e tirar a dor de dentro de mim. Mas continuo lembrando-me de Callie,

Callie, Callie.

— Ele me esfaqueou. Isso é onde o corte na minha lateral veio. Ele estava chateado porque eu tinha entrado em uma briga com Caleb e teve que me pegar na prisão e todos sabiam. Então, ele me levou para casa e começou a me bater, o que ele faz um monte. Mas eu o acertei de volta, o que eu nunca tinha

feito antes. E então as coisas ficaram fora de controle. Algumas facas acabaram caindo no piso e a próxima coisa que eu sabia era que ele tinha me esfaqueado. Eu nem tenho certeza se ele queria fazer isso ou se aconteceu por acidente.

As palavras derramam para fora de mim como o sangue e, a cada vez que respiro, meus pulmões começam a se expandir mais amplos e poderosos. Eu sinto que estou livre pela primeira vez na minha vida. Livre da minha infância. Livre das minhas cicatrizes. Livre dos cortes, as contusões, as lâminas de barbear, a dor.

Até o momento eu estou acabando, solto os punhos e os meus dedos estão esticados para frente. Eu espero por Doug dizer alguma coisa, mas ao invés disso ele acena para uma garçonete com a mão.

Ela é uma mulher de meia-idade, com cabelos trançados loiros. Ela está usando um vestido azul brilhante e um avental branco. Na mão estão uma caneta e um bloco de notas. — O que eu posso trazer para os dois cavalheiros nesta linda noite? — Ela pergunta, equilibrando a caneta sobre o bloco de notas.

— Eu vou querer algumas panquecas, torradas com geléia de morango, e um copo de leite, — diz Doug e olha para mim com um pequeno sorriso. — Kayden, vá em frente e peça o que quiser. E certifique-se que seja o suficiente para você passar as próximas horas.

— As próximas horas? — Eu questiono. — Isso é realmente necessário?

Ele balança a cabeça. — Sim, eu quero que você me diga tudo o que aconteceu.

— Tudo? — É, uma ideia inacessível, incompreensível para mim. — Como o quê? Você quer que eu derrame a porra do meu coração e alma para você.

A garçonete faz uma carranca pelas minhas palavras e também, provavelmente, porque a conversa sai em uma direção estranha. Eu me pergunto o que ela acha que nós somos. E por que estamos aqui. Estou meio que me perguntando a mesma coisa.

— Tudo. Eu quero que você comece desde o início, — ele diz e define o cardápio na minha frente, dando um toque com o dedo.

Eu peço uma grande pilha de panquecas, bacon, e torradas e a garçonete sorri antes de se afastar. Eu não digo nada no início, mexendo com os saleiros

e pimenteirias para me impedir de arranhar minha pele. Eu continuo esperando e esperando que Doug fale alguma coisa, mas ele apenas fica em silêncio, assistindo à televisão sobre meu ombro.

O silêncio, eventualmente, rasga a minha sanidade mental e eu traço as aberturas da mesa. — Até onde você quer que eu volte?

— Volte para a primeira vez que seu pai te machucou — ele fala calmamente, tirando os olhos da televisão e olhando para mim.

Meus pulmões se expandem quando eu inalo, preparando-me para o que estou prestes a fazer. — Isso foi há cerca de quinze anos atrás. Você realmente quer que eu percorra todo esse caminho de volta?

Ele tem esse sorriso reconfortante no rosto. Um que nunca vi em nenhum dos adultos que conheço. — Eu quero que você me conte tudo. Não se segure. Ponha tudo para fora.

Abro a boca, sabendo que quando eu colocar tudo para fora tudo mudará. E peço a Deus que seja uma boa mudança.

Callie

Seth e eu estamos nos preparando para dormir, sem querer dizer muito um para o outro, e Luke saiu para fumar. Foi cerca de uma hora desde que Kayden saio e eu não posso parar de pensar nele e no que ele está fazendo; se ele está realmente falando com seu terapeuta como me disse, e se assim for, se está indo bem.

Seth sai do banheiro, quando me enfio embaixo do cobertor. Ele está usando uma calça de pijama verde e azul marinho xadrez e uma camisa branca, e está escovando os dentes.

Por um segundo, ele apenas me observa. — Eu liguei para Greyson, — ele anuncia, com a voz um pouco confusa, porque tem um bocado de creme dental na boca.

Eu afofo o travesseiro e, em seguida, fico de lado. — Vocês resolveram tudo? — Digo a partir de debaixo do cobertor, batendo meus dedos na cama, esperando que ele entenda.

Ele balança a cabeça, voltando ao banheiro para cuspir o creme dental. Ele lava sua escova de dente, define-a no balcão, e, em seguida, sobe na cama comigo. Ele rola para o lado, liga a televisão, e fecha a lâmpada.

— Eu disse a ele que o amava, — ele diz baixinho e leva um minuto para mim registrar suas palavras dentro da minha cabeça.

— Você o ama? Você nunca me disse isso?

— Eu amo. Amo-o muito.

Eu descruzo os dedos. — E o que foi que ele disse?

— Eu também te amo, — ele diz e eu posso ouvir o sorriso através da sua voz. Ele está feliz, o que me deixa feliz, mesmo sob as circunstâncias.

Eu estou com um pouco de inveja dele, por ser capaz de dizer a verdade e colocar-se incondicionalmente lá para alguém.

— Seth... Eu estou realmente feliz por você.

Risos fluem dele. — Estou muito feliz por mim também.

O quarto fica silencioso e um pouco mais tarde Luke entra e sobe na sua cama. Fico um pouco desconfortável com ele dormindo no mesmo quarto que eu, mas não pareceu tão mau quando eles mencionaram pela primeira vez em partilhar o quarto para dividir os custos quando estávamos na caminhonete.

Eu me agito e fico assim por mais uma hora ou algo assim. O relógio está brilhando contra a escuridão e os flocos de neve começam a atacar a janela. O aquecedor está fazendo barulho e há alguma TV ligada vindo do quarto próximo a porta. Eu posso ouvir a respiração alta de Seth, posso ouvir tudo.

É quase uma hora da manhã, quando decido que é hora de enfrentar um dos meus medos. Eu nem tenho certeza do que me leva a essa conclusão. Talvez seja a bravura de Seth ou talvez seja que eu realmente preciso tirar isso do meu peito. Eu tenho que resolver isso já e talvez seja hora de limpar completamente a tensão.

Eu vou dizer a Kayden como me sinto. Porque ele merece saber que alguém o ama, mesmo que ele não me ame de volta. Eu pego meu celular e diário da mesa de cabeceira e na ponta dos pés vou para o banheiro. Ligando as luzes e, em seguida, fechando a porta,

Eu disco o número dele e abro o meu diário em sua carta. Vai direto para o seu correio de voz como nos últimos tempos que liguei para ele. Eu respiro fundo e começo a ler em voz alta o que sinto, admitindo a verdade e colocando tudo para fora, mesmo que me aterrorize.

Talvez, se eu tiver sorte, este passo vai me ajudar a chegar na próxima admissão no meu futuro.

Kayden

Doug e eu ainda estamos no restaurante quando o sol começa a subir por trás das montanhas nevadas. A garçonete começa a puxar as cortinas nas janelas para a luz do sol iluminar o restaurante. Ela liga os sinais de néon, tanto dentro como fora, preparando-se para outra manhã.

Continuo em frente a Doug, terminando uma história muito longa, me preparando para deixar o conforto da mesa. Eu não disse tudo, especialmente os períodos mais sombrios que estão bloqueados na parte mais profunda da minha cabeça, do que eu não me deixo pensar.

Doug disse que está tudo bem e que eu tenho tempo. Ele me deixa perplexo. Eu nunca realmente pensei sobre o meu tempo. Eu levei as coisas dia a dia e estava basicamente vivendo a vida que meu pai queria que eu vivesse.

No meio, quando estou dizendo a ele sobre como meu pai me sufocou até que eu desmaiei, comecei a chorar. Ele fez isso porque eu tinha perdido o controle remoto. Depois de horas de busca, eu finalmente desisti. E nunca deveria. Eu nem sequer lutei com ele. Ele só começou a gritar e eu o olhava, o que pareceu irritá-lo ainda mais. Seu rosto estava vermelho brilhante e ele estava gritando e correndo atrás de mim. E eu apenas fiquei lá quando ele me alcançou e passou os braços em volta do meu pescoço.

Lembro-me de olhar para ele e pensar: Por favor, apenas me mate logo e acabe com isso. E quando acordei do meu apagão, fiquei um pouco desapontado.

— Então, o que é o próximo? — Eu pergunto, depois de Doug pagar a conta, tentando limpar meus olhos com a manga da minha camisa o mais discretamente possível.

Ele põe a carteira de volta em sua jaqueta e desliza o prato vazio de lado. — Isso é para você.

Eu empilho meu garfo na pilha de pratos, e então olho para os machucados curados em meus braços com sangue seco sobre eles.

— Este terapeuta em Laramie que você conhece, ele é... Ele é compreensivo como você? — Eu não gosto da ideia de me abrir para qualquer outra pessoa.

— Ele pode até ser melhor. — Doug sorri. — Mas Kayden, você pode me ligar sempre que quiser. E não se esqueça de ir a sua consulta na próxima semana.

Eu aceno, fugindo para a borda da cabine. — Certo.

Doug joga algumas notas em cima da mesa. — Kayden, sinto-me como se eu tivesse que dizer mais uma coisa... Sobre seu pai.

Eu estremeço. Ao longo das últimas horas eu disse um monte de coisas terríveis sobre meu pai e, embora gostaria que não fosse assim, sentimentos de culpa e traição correm dentro de mim. Talvez um dia, no entanto, eles terão ido embora.

— O quê?

Ele leva o seu tempo para responder. — Eu acho que você deve considerar pressionar acusações contra ele. O que ele fez com você naquela noite... Há muita coisa que você pode fazer com isso.

Eu balanço minha cabeça. — Eu não posso... Especialmente desde que eu poderia estar recebendo queixas pressionadas contra mim.

— Você não tem que fazer isso agora, — ele me assegura. — Há um período longo para estas coisas... Talvez seja algo que nós podemos falar na próxima semana. Se você sentir-se a vontade. Mas essa é a chave aqui. Eu não quero empurrá-lo até que esteja pronto.

Pressionar queixas contra o meu pai? Eu quero. A ideia de jogá-lo na cadeia é foddidamente atraente. Mas cada grão de medo que já estive dentro de mim sobe.

— Ok, podemos falar sobre isso na próxima semana.

Ele balança a cabeça e, em seguida, levanta-se da cabine. Eu sigo-o, fechando o zíper da minha jaqueta e puxando o capuz sobre a minha cabeça.

Eu jogo minha mochila por cima do meu ombro enquanto ele entra em seu carro e dirige para longe. Eu estou sob o abrigo da garagem assistindo o nascer do sol e o céu mudando para um laranja rosado brilhante. Cega só de olhar, mas não consigo me afastar. Eu fico olhando até ver manchas na minha visão e, em seguida, deslizo a mão no bolso para ligar para Luke, imaginando pular o frio entorpecente da caminhada em troca de um passeio de carro.

Eu ligo o celular e imediatamente me sinto como um idiota. Callie ligou e mandou várias mensagens, perguntando se eu estava bem. Eu fiquei a noite toda fora e ela provavelmente está preocupada.

A luz do correio de voz está piscando e seguro minha respiração, temendo o que ela tem a dizer, temendo o que ela vai dizer e percebendo que eu não quero que isso acabe, um sentimento se amplia no primeiro som da sua voz.

— Kayden... Então, Seth pensou que seria uma boa ideia que eu escrevesse tudo o que estou sentindo e, por favor, por favor, considere, lembre-se que eu escrevi isso antes da praia, mas tenho certeza que ainda me sinto da mesma maneira.

Ela respira fundo e parece que está prestes a chorar.

— Antes de te conhecer, eu era uma espécie de confusão. Embora Seth tenha me tirado da minha concha, eu ainda me sentia tão feia por dentro e por fora... Tão quebrada tão envergonhada... Às vezes, a dor era tão ruim que eu não podia suportá-la, e é parte da razão do por que eu me fazia vomitar. É parte da razão pela qual eu cortei meu cabelo na sexta série. Por que eu usava roupas largas por tanto tempo.

— Porque andar na multidão me deixava em um ataque de pânico. Porque eu detestava ser tocada. Essa foi basicamente a razão de tudo o que eu fazia. E sempre estava lá o tempo todo... Às vezes eu apenas queria uma pausa disso, mas cada vez que olhava para frente para ver se era possível uma pausa, isso nunca parecia que poderia acontecer. Eu honestamente pensei que seria assim para sempre, o que, por vezes, me fez desejar que fosse por um tempo muito curto.

Ela toma outra respiração profunda e sua voz vacila.

— Eu realmente pensei sobre como encurtar algumas vezes, mas nunca fui muito longe com os pensamentos. Eu estou feliz que fiz isso também, porque apesar de todos os ataques feios e a sensação de peso e de pânico, valeu a pena o sofrimento, porque eu tenho você... Você me salvou de uma vida de auto aversão e tortura. Você me salvou de mim mesma, do meu passado, do meu futuro solitário e doloroso que eu tinha criado para mim. E eu pensei que tudo ficaria bem. Mas então te encontrei no chão... Naquela noite... E percebi o quanto você tinha estado ferido e o quanto você precisava ser salvo também. Não apenas dos machucados, mas da dor que sei que estar presa dentro de você.

— Entendo. Eu realmente entendo. E eu vou fazer de tudo para ajudá-lo. Você só tem que me deixar te ajudar. E eu preciso que você me deixe ajudá-lo, porque eu preciso de você. Eu não posso... Eu não posso...

Ela começa a chorar e faz os meus próprios olhos se encherem de água. As pessoas estão entrando e saindo do café e eu estou de pé debaixo da garagem na frente dos carros chorando como um maldito bebê.

Mas isso não importa. As lágrimas, a dor, o passado, nada disso importar. São apenas as coisas que existem dentro de mim como as cicatrizes em meu corpo. Claro, elas sempre estarão lá, lembrando-me do que eu passei, mas isso não significa que eu tenho que segurar a dor. As cicatrizes desaparecem e tornam-se marcas na minha pele. Elas não eram originalmente e embora alterem a forma como a minha pele parece, elas não mudam a forma como eu vivo e funciono.

Suas lágrimas ficam tranquila e ela funga antes de falar novamente. — Eu não posso fazer isso sem você. Eu... Eu te amo, Kayden. E não espero que você diga de volta. Eu não espero nada. Eu apenas queria que você soubesse, porque você merece saber e merece ser amado.

A linha fica silenciosa. Eu ouço sua respiração por um instante antes que ela desligue. Suas palavras ecoam na minha cabeça. É como se ela soubesse. Soubesse que ninguém nunca tinha me dito isso antes, exceto Daisy e que não era o mesmo. Era falso e fácil de dizer de volta para ela, porque eram apenas palavras para nós dois. Para Callie significa. Eu posso dizer através do som das suas lágrimas.

Eu não sei o que fazer. Meu coração está batendo no meu peito enquanto olho em volta para as pessoas em seus carros e comendo o café da manhã no interior do restaurante. Eu sei o que quero fazer. Eu quero desligá-lo, fazer meu coração relaxar, fugir dos sentimentos beliscando meus calcanhares.

Levanto-me, deslizando meu celular no meu bolso de trás, e então eu começo a correr pelo lado direito da rodovia enquanto o vento me rodeia. Flocos de neve estão caindo na calçada e na estrada, mas eu corro contra eles, me empurrando para frente, sem saber para onde estou indo. E isso é bom.

Às vezes as melhores coisas são as únicas que não são planejadas, as decisões feitas enquanto vivemos o momento.

CAPÍTULO 17

#1 Supere o seu pior medo

Callie

— Você já ouviu falar dele? — Seth me pergunta. Ele está descansando na cama, com o controle remoto apontado para a televisão enquanto passa através dos canais.

Kayden esteve fora a noite toda e estou extremamente preocupada com ele. Eu lhe mandei várias mensagens, mas ele não respondeu. Todo mundo fica me tranquilizando que tudo está bem, mas Luke saiu muito cedo, dizendo que precisava de café, quando na verdade acho que ele foi procurar Kayden. Pelo menos eu espero isso.

Eu balanço minha cabeça e defino minha escova sobre o balcão. — Ainda não.

Eu me pergunto se ele ouviu a minha mensagem de voz, se ele me ouviu derramar o meu coração e alma. Se ele ouviu, provavelmente está chateado ou irritado, ou talvez até mesmo com medo. Mas eu precisava dizer isso. Sem mais me esconder. Eu amo Kayden e ele precisava saber disso.

Deixo meu cabelo solto e caminho de volta para o quarto. Caio na cama, de bruços, e me estico. — Eu preciso de cafeína, — eu digo através de um bocejo. — Eu não dormi muito bem.

Ele joga o controle remoto para o pé da cama. — Talvez seja porque você gastou metade da noite conversando com uma mensagem de voz.

Eu sustento-me em meus cotovelos. — Você ouviu isso?

Ele balança a cabeça. — Eu ouvi o choro também. — Inclinando-se para frente, ele afasta meu cabelo para fora do meu rosto. — Você quer falar sobre isso?

Eu balanço minha cabeça e me inclino para meu lado. — Na verdade, não. Eu meio que já falei sobre isso ontem à noite.

Ele arqueia sua sobrancelha. — Em uma mensagem de voz.

Eu aceno. — Ele vai ouvi-lo e isso é tudo que importa.

— E depois?

— E então ele vai ouvir.

Seth aguarda uma explicação. — E...

Eu traço o padrão floral sobre a colcha desbotada. — E depois nada... Eu não disse a ele porque esperava algo. Eu apenas queria que ele soubesse como me sinto sobre ele... Ele merece isso.

Ele aperta os lábios, contemplando. — Você disse a ele que o ama?

Eu olho para cima da colcha. — Si... Sim.

— Callie, eu... — Há gotas de pena em seus olhos. Ele não acha que isso vai acabar bem.

Sento-me e puxo meus pés debaixo de mim. — Seth, eu prometo que tudo ficará bem. O próprio fato de que eu consegui dizer a ele que o amo significa algo para mim... Isso significa que estou crescendo. Se eu gostaria que ele dissesse de volta? Sim. Mas de qualquer forma, estou feliz que fiz isso.

Ele me dá um sorriso torto e, em seguida, escova a ponta do meu nariz com a ponta do seu dedo. — Isso é bom. — Ele se senta e balança seus pés sobre a borda da cama. — Mas Callie, se ele não disser de volta, como o seu melhor amigo e protetor de caras maus que querem machucá-la, eu vou ter que chutar a bunda dele.

Eu deixo escapar uma risada e cubro minha boca. — Sim, está bem.

Ele fica de pé e pressiona o punho em sua mão, estalando os dedos. — Eu não estou brincando. Eu vou machucá-lo por ferir você.

Risos escapam dos meus lábios com a visão do ato, Seth tentando chutar o traseiro de Kayden. — Bem, obrigado pela proteção. Eu aprecio a sua determinação de chutar o traseiro dele.

Seu nariz se enrugando enquanto ele pega um travesseiro e joga-o em mim. Eu me esquivo e passa acima da minha cabeça, caindo no chão. Eu começo a rir dele, agarrando meu estômago enquanto rolo em minhas costas.

— O que diabos é tão engraçado sobre isso? — Seth soa ofendido e arregança as mangas da sua camisa cinza. Ele flexiona seus músculos e eu quase morro de rir. — Bem, estou feliz que eu possa te entreter.

— Sinto muito, — eu digo, enxugando as lágrimas dos meus olhos. — É tão engraçado imaginar.

Ele olha para mim, mas se vira quando alguém bate na porta. — Oh bem, é o meu café da manhã. — Ele vai até a porta, pegando a carteira do criado-mudo. — E se a imagem é tão engraçada, em seguida, pare de imaginar isso. — Ele sorri para mim enquanto abre a porta. — Você sabe que nós vamos ter de chegar a uma solução para o dilema de ir de carro... — Ele para quando abre a porta e sua mandíbula trava.

Kayden está de pé do outro lado, com uma jaqueta fina, e a sua calça jeans está molhada com água barrenta, assim como as suas botas. Ele tem flocos de neve em seu cabelo, que pingam em sua jaqueta. Seus lábios estão roxos, seus olhos vermelhos como se ele estivesse chorando, e suas mãos em punhos abaixo das mangas.

— Sem café da manhã para mim, — diz ele, olhando para mim. — Eu acho que foi isso o que você pediu.

Ele está fazendo piadas, mas nada disso é engraçado. Kayden está aqui depois de ter fugido e então eu disse a ele que o amava e solucei ao celular enquanto dizia a minha história. Eu não sei o que isso significa ou se estou estável o suficiente para descobrir. Quero acreditar que estou, porém, que não sou a garota fraca que costumava ser. Eu posso lidar com qualquer coisa.

Kayden passa a mão sobre a cabeça, despenteando seu cabelo e enviando flocos de neve ao chão. — Ei.

— Ei, — diz Seth, olhando para mim por cima do seu ombro.

Kayden mantém seu olhar em mim, seus olhos esmeralda cintilando a luz do sol que flui a partir do exterior. Há neve caindo do céu, algo que acontece ocasionalmente quando uma pequena seção do céu está nublada, mas o sol ainda pode ser visto.

Kayden abaixa a mão para sua lateral e eu apenas olho para ele enquanto permaneço deitada na cama, deixando a brisa refrescar meu corpo. Eu não posso dizer se ele ouviu a minha mensagem, mas espero que ele tenha.

— Um... — Seth tosse em sua mão. — Eu acho que estou indo conferir o que está fazendo o serviço de quarto demorar tanto tempo. — Ele passa por Kayden, deixando a porta aberta.

Kayden não cede. Ele continua olhando para mim com um olhar perplexo e intenso em seu rosto, como se estivesse com medo de atravessar a porta. No momento em que continuamos a construção de tijolos em tijolos, enquanto encaramos um ao outro, com medo de nos mover, respirar, ser o primeiro a falar.

Sento-me, meu cabelo soprando no vento. — Você pode entrar, — eu digo e minha voz quase se deixa levar pelo vento e bate no chão em uma pilha de poeira.

Ele não desliga o nosso olhar enquanto dobra o joelho e coloca um pé para dentro do quarto. Ele repete o movimento com o outro pé e, em seguida, fecha a porta. O vento cessa e a cortina está fechada, deixando o quarto predominantemente escuro.

— Eu ouvi sua mensagem, — ele diz, me chocando com a sua franqueza.

— Oh... — Minha garganta parece está fechando enquanto me ajoelho na cama, puxando um travesseiro para o meu colo para abraçá-lo. — Kayden, onde você esteve à noite toda? Você estava com o seu terapeuta?

A respiração facilita a partir dos seus lábios enquanto ele aperta suas mãos em seu cabelo, deslocando seu olhar para a parede a cima do meu ombro. — Eu estava, desculpe, mas não podia fazer isso com você lá.

— Você... você disse a ele sobre o seu pai? — Eu pergunto e ele apenas olha para mim, com um olhar estranho em seu rosto, como se estivesse realmente me estudando.

Eu não sei se isso significa que ele disse ou não. Eu não sei o que isso significa. Eu movo meus pés no chão e levanto-me, inclinando meu queixo para cima para encontrar seus olhos.

— Kayden, você precisa dizer a alguém... Eu pensei que nós... Eu pensei que tínhamos um acordo.

Ele me dá um pequeno sorriso e depois entrelaça os dedos nos meus. Suas mãos estão tão geladas quanto à brisa fora do quarto.

— Eu contei a alguém. Eu só não queria que você estivesse lá quando eu desse... Todos os detalhes.

Meus ombros sacodem para cima, imaginando-o no chão novamente. — Mas você disse a alguém? Sério?

Ele balança a cabeça e força o nódulo em sua garganta quando engole. — Eu não estava mentindo na mensagem de texto. Eu fui falar com meu terapeuta e eu disse a ele.

— E? — Eu não tenho certeza de qual é a pergunta certa ou se há uma. Sinto que eu deveria deixá-lo me dizer o que ele quiser.

Ele suspira e, em seguida, se forma linhas em sua testa enquanto ele aperta uma mão no peito, massageando-o sobre o seu coração. — E parece que foi bem.

Eu estudo a sua expressão e percebo que seus olhos parecem um pouco mais verdes, com os ombros um pouco menos rígidos, como se um pouco da escuridão presa dentro dele tivesse se reduzido e iluminado.

— O que o seu terapeuta disse para você fazer?

Ele olha para o espaço, sua mão tocando meu rosto. Ele começa a girar uma mecha do meu cabelo em torno dos seus dedos e acho que ele não está ciente de que está fazendo isso.

— Ele disse que eu devia pensar em prestar queixa.

— E você vai?

— Pensar nisso?

— Não, prestar a queixa.

— Eu ainda estou pensando nisso, — ele murmura. Ele enrola meu cabelo em seu dedo e me olha com profundidade em seus olhos. — Eu quero, mas é difícil. Eu só preciso de algum tempo, — ele murmura, confuso. — Eu realmente gostaria de ter alguma ajuda... O que eu realmente gostaria é que meus irmãos estivessem do meu lado, pelo menos assim eu não pareceria com um mentiroso completo.

— Talvez eles estarão, — eu digo, encorajando lhe. — Você não disse isso para eles, certo? Talvez uma vez que eles verem que você fez, eles vão querer enfrentá-lo também.

Ele balança a cabeça, seu olhar nunca oscilando do meu.

— Não, Tyler é um viciado em crack alcoólatra, então eu teria que esperar ele estar sóbrio em primeiro lugar, e Dylan sumiu para sempre. Bem, sumiu no sentido de que não vai falar com ninguém da família.

— Você sabe onde ele está? — Eu pergunto, esboçando meu dedo abaixo do seu olho e ao longo das estrias vermelhas em sua pele. Ele estava chorando. Eu posso sentir as lágrimas secas.

Ele dá de ombros, movendo minha mão à sua boca e fechando os olhos. Ele coloca um beijo tentador na palma da minha mão. — Eu nunca tentei encontrá-lo. — Ele abre os olhos e inclina a cabeça. — Talvez, embora... Eu possa tentar.

Eu aceno, saltando para os meus pés, e rodeando meus braços em volta da sua cintura sem qualquer hesitação. — Você deve. Pelo menos eu acho que você deveria.

Ele beija o topo da minha cabeça e inala o meu cheiro. — Eu sei você faz. Eu não esperaria menos de você.

Ele varre os lábios em toda a minha cabeça novamente, então inclina o rosto para o lado e pressiona seus lábios no meu templo. Ele beija-o delicadamente antes de viajar para minha bochecha e depois meu queixo, sugando minha pele. Meu ombro estremece, quando sinto sua respiração contra meu pescoço. Ele beija-me lá também, deslizando sua língua para fora e deixando minha pele um pouco molhada.

— Obrigado, — ele sussurra contra meu pescoço enquanto seus braços se enrolam envolta da minha cintura. Seus dedos pressionam em minhas costas enquanto ele me puxa para mais perto, alinhando nossos corpos.

Eu tento levantar minha cabeça para olhar para ele, mas uma das suas mãos está segurando meu pescoço e me mantendo no lugar.

— Pelo quê? — Eu suspiro quando ele acaricia minha clavícula com os lábios, levemente passando os dentes ao longo da pele.

— Por dizer aquilo. — A voz dele é baixa e continua beijando todo o caminho até meu ombro. Eu estou usando uma regata e calça de pijama e minha pele está sensível do seu toque faminto.

— É a verdade. — A última parte sai mais como um gemido quando ele desliza a alça da minha regata para baixo, enquanto a outra mão desliza para frente, sua pele fria se mistura com o calor radiante do meu corpo.

Ele começa a me levar para a cama com a mão descansando do lado de fora do meu sutiã. Quando minhas pernas atingem a borda da cama, ele me levanta pela cintura e me estabelece em cima dela.

Ele recua por um minuto, olhando para mim e eu me sinto nua sob seu olhar penetrante. Mas não estou nervosa. Eu sei que ele não vai me machucar. E acho que sei que, no fundo, mesmo que não consiga dizer, ele me ama.

Ele abre a boca para falar e eu prendo a respiração em antecipação. — Você é linda. E incrível.

Minhas bochechas se esquentam com seu elogio e a conexão angustiante das minhas memórias pela palavra "*linda*" me levam para baixo, porque o único cara que disse isso para mim foi Caleb.

— Kayden, eu não sou. Eu sou apenas uma garota normal e estou feliz com isso.

Balançando a cabeça, ele traça o dedo no arco do meu pescoço. — Não, você está muito além do normal, Callie.

Eu me contorço sob suas palavras. — Não tão além.

— Não, você é incrível, perfeita, carinhosa e bonita.

Eu ofereço um pequeno sorriso. — Então você é também.

Ele se ajoelha na cama, então está montando em meus quadris. — As coisas que você disse ao telefone... Deve ter sido difícil de dizer.

Pressionando meus lábios, balançando minha cabeça. — Não tão difícil quanto eu pensava.

Seu rosto se contorce e ele parece perplexo, lutando com as palavras que tem medo de dizer, então eu digos para ele.

— Você não tem que dizer de volta. Eu só queria que você soubesse como eu me sinto.

Seus lábios começam a se separar e eu me empurro para cima em meus cotovelos, seguro sua camisa, e esmago sua boca contra a minha, então ele não tem que lidar com isso ainda. Estendendo as mãos para frente, suas palmas

batem contra o colchão e ele segura seu peso em suas mãos, tirando-o de cima de mim.

Sua língua se empurra entre meus lábios e desliza poderosamente em minha boca. Ele tem gosto de xarope e panquecas e cheira a café e flocos de neve. Eu respiro pelo nariz, inalando o cheiro enquanto o beijo. Ele suga meu lábio inferior em sua boca e morde-o, enviando uma onda escaldante para o centro do meu estômago.

Há liberdade em seus movimentos, a forma como ele me beija e a maneira como ele agarra meu seio. Sua felicidade me faz feliz e isso é tudo o que eu preciso no momento.

Ele afasta os lábios, mas antes que eu possa protestar, ele me puxa para sentar-me e agarra a parte inferior da minha regata, puxando-a sobre a minha cabeça, e meu cabelo cai aos meus ombros.

Com um olhar carente em seus olhos que envia uma bobina até as minhas pernas, ele se inclina para trás de mim e abre o fecho do meu sutiã. Eu noto que há uma coleção de faixas de borracha em seu pulso e me pergunto se foi seu terapeuta que as lhe deu a ele.

Ele percebe que eu estou olhando para elas e olha para baixo também. Ele desliza o dedo em uma delas e toca rapidamente, olhando para mim. — Elas deveriam me ajudar a me curar. Concordo com a cabeça, olhando em seus olhos. — Eu sei.

Um momento se passa entre nós e, em seguida, ele está me beijando novamente, dobrando seu corpo forte sobre o meu enquanto me deita contra a cama. Ele empurra seu joelho entre as minhas pernas e desliza os dedos até minha coxa, impulsionando o meu corpo em um frenesi incontrolável. Eu abro minhas pernas e deixo-o esfregar o joelho contra mim, sondando meus dedos em seus ombros enquanto saboreia meu pescoço com a língua. Pequenos gemidos continuam fugindo dos meus lábios enquanto meu corpo se arqueia no seu e inesperadamente ele move as pernas para longe de mim.

— Não pare, — eu imploro, e ele inclina a cabeça para olhar para mim. Eu me sinto mortificada por mendigar. E surpresa comigo mesma. — Me desculpe, — eu peço desculpas, envergonhada.

— Não se desculpe, — ele diz com uma voz rouca. Ele agarra meu quadril e vira-nos para o lado. Levando a mão para o cós da minha calça de pijama, ele desliza os dedos dentro de mim e um gemido escapa dos meus lábios enquanto meu corpo se une ao seu. Ele segura a parte de trás do meu pescoço e leva meus lábios aos dele, me beijando ferozmente enquanto move seus dedos dentro de mim, e eu acabo gritando seu nome.

Uma vez que me acalma, me sinto envergonhada por minha explosão. Minhas bochechas estão se aquecendo e sei que ele pode vê isso.

— Você sabe que fica adorável quando se envergonha? — Ele diz, tocando em minhas bochechas úmidas com o dedo.

Eu mordo meu lábio. — Me desculpe, eu implorei daquele jeito... e gritei.

Ele balança a cabeça e mechas do seu cabelo castanho caem em sua testa. — Não se desculpe por me dizer o que quer. Eu vou te dar o que você quiser, Callie.

O que eu quero? Eu quero que ele diga que me ama, mas eu nunca vou fazer isso. Então, ao invés disso, faço algo que é totalmente fora do personagem para mim, que me choca tanto quanto. Eu levanto meus quadris e começo a deslizar minhas calças para baixo, porque o que eu quero é ele dentro de mim.

Ele observa cada movimento meu com este olhar animalesco em seus olhos, um que eu nunca tinha visto antes e tenho certeza que cada partícula da minha pele é lavada com o calor. Eu tiro minha calcinha também e então apenas fico ali, nua, enquanto ele ainda está totalmente vestido. Apesar do fato de que estou corando, é um grande passo para mim e pelo fato de que fiz isso, diz que estou avançando na minha vida.

Ele começa a traçar seus dedos na minha bochecha, em seguida, desenha uma linha no meu pescoço, sua pele quente quando atinge meu seio. Seus olhos permanecem em mim o tempo inteiro enquanto acaricia meu mamilo e minha respiração acelera instantaneamente. Ele desloca-se para o outro e então se dirige para baixo, deslizando seus dedos por minhas costelas, sentindo cada solavanco até que atinja o meu quadril. Ele faz cócegas, mas em um bom caminho e o interior das minhas coxas estão queimando tão severamente que tenho que emaranhá-las para conter o calor.

Ele mantém seus dedos no meu quadril, levantando a perna, seus olhos nunca deixam os meus. Uma vez que ele tem uma perna à cada lado meu, ele usa a sua mão livre para puxar sua camisa. Eu me sinto um pouco melhor agora que ele não está totalmente vestido e eu não sou a única nua. Logo que meus dedos entrem em contato com as linhas dos seus músculos do seu peitoral magro, seus dedos derivam em todo o meu corpo. Em vez de colocá-los dentro de mim de novo, ele direciona sua mão para a parte superior da minha coxa. Ele sustenta meu olhar, como se estivesse com medo de que, se olhasse para o lado eu poderia entrar em pânico.

— Você pode me dizer se quiser que eu pare. Você sabe disso, certo?

Eu aceno. — Eu sei. Eu confio em você.

Sorrindo, ele move o polegar para trás e meu corpo começa a tremer. Ele continua a fazer a mesma coisa, movendo o polegar em toda a minha coxa, fazendo um caminho através do centro das minhas pernas, e, em seguida, movendo-o para a outra coxa. Vai e volta, os dedos nunca entram dentro de mim, como se ele estivesse me provocando. E isso está me deixando louca, até o ponto que me tornei mortificada deixando escapar ruídos dos meus lábios e a forma como meus dedos dos pés se enrolam cada vez que ele está prestes a deslizar os dedos dentro de mim e, em seguida, se retrai.

Finalmente, ele move os dedos longe da minha pele, e então observa-me, ofegante, e seus olhos estão brilhando com algo que eu nunca vi antes.

Eu não sei o que ele quer de mim, mas não posso aguentar mais. — Kayden, por favor, por favor, não pare.

Aparentemente, isso é o que ele queria que eu dissesse, porque um sorriso aparece em seus lábios. Ele abre o botão da sua calça jeans, sorrindo o tempo todo enquanto a tira. É estranho vê-lo tão feliz, mas muito bom.

Quando ele retorna para cama, coloca seu corpo em cima de mim. Ele estuda o meu rosto por uma eternidade, como se estivesse memorizando-o.

— O quê? — Eu pergunto, envergonhada.

Ele balança a cabeça, ainda me estudando. Estou preocupada que ele vai começar a perceber o quão bela e incrível eu não sou, mas os cantos da sua boca apenas se inclinam.

— Eu só estava pensando no que eu faria para ter chegado aqui se não fosse por você.

Eu movo meu braço livre e passo meu dedo ao longo do contorno da sua mandíbula. — Isso não é verdade. Eu nem sequer fiz qualquer coisa realmente.

Ele vira a cabeça e aperta os lábios contra a palma da minha mão. — Sim, você fez, — ele sussurra contra a minha pele. — Você me salvou incontáveis vezes. Não apenas o meu traseiro chutado ou quando ligou para a ambulância, mas porque você me mostrou que se importava.

Ele encolhe os ombros e move a boca, parecendo um pouco envergonhado.

— Você me mostrou que eu valho à pena. — Suas sobrancelhas se franzem instantaneamente. — Mas eu quero que você saiba que você não tem que ficar aqui. Eu ainda tenho uma tonelada de merdas que tenho que resolver, e você tem os seus próprios problemas. Eu não quero colocar isso em você.

Eu digo a primeira coisa que vem a minha mente. — Kayden, eu te amo.

Então pressiono meus dois dedos sobre sua boca, então ele vai saber que não tem que dizer de volta. O tremor em meu coração é o mesmo da minha mão enquanto movo meus dedos longe da sua boca.

Sua respiração vacila e, em seguida, seus olhos começam a encher de água. Assim como as minhas próprias lágrimas. É incrível como três simples palavras, sete letras, podem ter tanto poder. Em um momento como este, até a respiração se agita a tristeza, a agonia, e a felicidade que tínhamos enterrado em nossos corações, debaixo da imensa dor.

Eu estou olhando em seus olhos e ele está olhando para os meus e pergunto-me se talvez não fosse a coincidência que me levou até ele naquela noite na frente da casa da piscina.

Talvez fosse o destino que me guiou até lá para que eu pudesse salvá-lo e ele pudesse me salvar e, em seguida, poderia trazer-nos até aqui a este momento em que ambos estamos completamente livres e felizes por estarmos vivos.

Ele começa a me beijar e eu sinto suas lágrimas contra as minhas bochechas e se misturarem com minhas próprias lágrimas. Eu abro minhas pernas e ele continua me beijando enquanto se empurra para dentro de mim, devagar e em

perfeito ritmo. Eu enfio meus dedos em seu cabelo macio e úmido e, em seguida movo meus dedos para sua bochecha, sentindo sua barba rala e em seu queixo.

Suas mãos exploram meu corpo também, tocando cada polegada, as palmas das mãos contra a minha pele, mas eu desfruto de cada minuto.

Deslizando a mão para o meu joelho, ele puxa-o para cima enquanto continua balançando dentro de mim. Eu estou subindo mais alto, mais rápido, e minhas mãos agarram-no, segurando-me em seus ombros. Ele me beija com mais paixão do que já estava antes, mergulhando sua língua na minha boca e, em seguida, sugando minha língua na sua.

Ele morde meus lábios, depois mordisca meu pescoço, e agarra meu seio até que um fogo apaixonado arde dentro de mim. Eu grito arqueando contra ele e minha cabeça cai para trás contra o colchão.

Eu suspiro, esperando que ele me acompanhe, e então fecho os olhos e respiro o momento, deixo meu segundo maior medo ir e me preparo para enfrentar meu primeiro.

Kayden

Eu deslizo para fora dela e rolo sobre minhas costas, sentindo-me meu escudo rachar ainda mais. O quão louco quanto parece, eu estou de alguma forma me tornando uma nova pessoa, ou tornando-me inteiro, pela primeira vez na minha vida.

Eu quero seguir em frente, colocar meus pedaços juntos novamente e ajudá-la a se curar também. Eu decido tomar um pequeno passo em frente e levanto-me da cama. Ela me observa atravessar o quarto nu e suas bochechas coram, o que me faz sorrir.

— O que você está fazendo? — Ela pergunta, puxando os lençóis sobre seu corpo enquanto se senta.

Eu abro minha mochila que deixei cair no chão perto da porta e vasculho minhas roupas até encontrar o que estou procurando. As prensas metálicas são frias contra a palma da minha mão enquanto volto para cama e deito-me ao seu lado.

— O que está em sua mão? — Ela pergunta, agarrando meus dedos.

Eu deixo-a abri-los e, em seguida, vejo-a torcer o rosto quando olha para o colar na minha mão. — Eu o comprei quando Luke e eu estávamos andando em San Diego. Isso me fez pensar em você, — eu explico.

Ela espia para mim através dos seus cílios, mastigando seu lábio inferior. — Por quê?

Eu viro minha mão para o lado, balançando o cordão nos meus dedos. No final está um trevo de quatro folhas, metálico e brilhante. — Porque você me trouxe sorte, Callie Lawrence.

Ela imediatamente franze a testa. Sentando-se, puxando seus joelhos para o peito e envolvendo seus braços em volta das suas pernas. — Eu trouxe a você nada além de má sorte. Você quase acabou morto por minha causa.

Eu balanço minha cabeça, em seguida, me inclino atrás dela, colocando uma perna de cada lado da sua cintura e afasto seu cabelo para o ombro. — Cada segundo que eu passei com você tem valido a pena. Além disso, eu provavelmente teria acabado morto de qualquer maneira.

Ela começa a girar a cabeça em choque, mas eu coloco minhas mãos em seus ombros para que ela não possa se virar. Ela não consegue olhar para mim quando eu digo isso.

— Antes, havia apenas dor e vazio e eu realmente não me importava se eu vivesse ou morresse. Eu estava lá, existindo na superfície da água, sem me afogar, mas completamente incapaz de respirar. E depois você apareceu e eu finalmente conseguir respirar. Sem você, eu provavelmente teria apenas continuado me cortando até que não sobrasse mais espaço no meu corpo.

— Mas muitas coisas ruins aconteceram com você desde que eu apareci na sua vida, — ela diz, soando sufocada.

— Essas coisas ruins foram por causa das minhas próprias escolhas e de problemas que existiam bem antes de você aparecer. — Eu coloco meus lábios ao lado da sua orelha. — Mas você me mostrou algo que eu nunca tinha visto antes.

Eu beijo a ponta da sua orelha e ela treme, seu ombro movendo-se para cima contra a minha bochecha.

— Você me mostrou o lado bom... Eu nunca tive o bom antes. — Eu coloco um beijo suave em seu pescoço e sussurro: — Você mostrou-me que estava tudo bem sentir tanto o bom quanto o ruim. Apenas leva um tempo para conseguir equilibrar.

Eu chupo o lóbulo da sua orelha em minha boca, pensando em como ela derramou seu coração e alma para mim no telefone. Eu quero dizer a ela, quero que ela saiba que me sinto da mesma maneira, mas as palavras não vão sair da minha boca, portanto, em vez disso eu digo:

— Eu quero estar com você, Callie, mais do que qualquer coisa.

Sua cabeça cai contra seus joelhos e ela começa a chorar, seu corpo arfando. Eu deslizo meus braços em torno dela e, em seguida, conduzo-a comigo enquanto me inclino contra a cabeceira. Eu escuto seu grito e combina com o ritmo do meu coração. Eu sinto o quanto quero-a - necessito-a.

Eu sinto o quanto ela significa para mim. Eu sinto a dor que combinam com os meus sentimentos por ela. Eu sinto o quanto quero executar uma navalha pelo meu braço, sentir a pele se abrir, e ver o sangue derramar, e então sinto o quanto eu não quero fazer isso por causa dela. Sinto o quanto eu quero viver e ficar com ela.

Meu coração se abre e eu sinto tudo. Cada emoção que já esteve dentro de mim começa bombear em minhas veias: as boas, as más, as difíceis, as mágoas, a solidão, as felicidades, a necessidade, saber que há mais lá fora do que a vida que eu cresci.

E, pela primeira vez na minha vida, eu sinto tudo isso e digo a mim mesmo que, no final, eu ainda vou ficar bem.

Callie

Eu chorei até adormecer e quando acordei, me sentir diferente. Kayden está pressionado contra mim, com o braço ao meu redor, agarrando-se a mim como se eu fosse a coisa mais importante para ele no mundo enquanto dorme depois de um dia esmagador. Eu tenho um colar em volta do meu pescoço que ele me deu, porque pensa que eu lhe trouxe boa sorte.

Seth ainda não voltou e me pergunto se ele tem câmeras espiãs por todo o quarto, porque é como se soubesse o que veria se voltasse para o quarto.

Eu também me sinto mais leve e corajosa. Quero ser livre de uma coisa que ainda me empurra para baixo. Quero dizer a minha família sobre Caleb, não só porque quero que eles saibam, mas porque quero que Kayden fique livre do fardo de deixar seu pai comprar Caleb.

Se eu contar a minha família, então eles vão estar do meu lado e de Kayden - uma vez que eles entenderiam por que ele bateu em Caleb. Pelo menos isso é o que eu espero. Honestamente, eu não tenho nenhuma ideia de como tudo isso vai acabar.

Talvez eles decidam não acreditar em mim. Mas independentemente do resultado, é hora de enfrentar o meu pior medo e não permitir que ele me pertença mais. Então talvez Kayden e eu possamos nos mover para frente, juntos, com menos peso sobre os nossos ombros.

Eu decido verificar meu correio de voz, mas desisto após a quinta mensagem repetitiva e decido checar as mensagens de textos. Deslizo através delas, me deparando com uma que me chama a atenção. Depois de numerosas ameaças da minha mãe, ela finalmente encontra o meu ponto fraco, embora eu não saiba como ela sabe que existe.

Mãe: Callie, eu nem sei mais quem você é. Você fugiu com aqueles garotos que não são nada além de problemas. Eu não vou deixá-los estragar você e nem seu irmão ou Caleb. Todos nós já decidimos que Caleb deve prestar queixa. Você precisa vir pra casa e ficar do lado desta família. E estar lá por ele.

Eu deixo o celular de lado e saio da cama. Visto uma calça jeans, uma camisa de manga comprida, e meu casaco. Escrevo uma nota para Kayden e deixo-a em cima do travesseiro.

Por favor, não surte quando você acordar, mas eu tenho que dizer a eles por mim mesma e sei que você vai entender. Volto em breve. Eu prometo.

Amor,

Callie.

Deslizo meus sapatos e, em seguida, fujo pela porta, deixando o dormindo. Por mais que eu adoraria que ele segurasse minha mão e fosse meu bote de segurança, ele já lidou com o bastante por hoje e vou me esforçar para ser corajosa por minha conta.

Além disso, depois dessa mensagem, eu sei que minha mãe vai atacá-lo no momento em que nos aproximássemos da casa. Eu ando pelas ruas tranquilas sob as nuvens e do sol, na esperança de que, finalmente, elas vão sumir e deixar o sol brilhar livremente.

Isto é tudo culpa sua, Callie. Se você disser a alguém, isso é o que eles vão pensar.

Eu continuo caminhando, rápido e com determinação, um pé na frente do outro até chegar a minha casa. *É melhor você ficar quieta. Juro por Deus, você vai se arrepender se não fizer isso.*

A neve foi removida da entrada de automóveis, a caminhonete do meu pai está estacionada na frente da garagem fechada e as cortinas nas janelas estão abertas. *Um pé na frente do outro. Apenas continue andando.* Abro a porta lateral e paro na porta, quando as memórias esmagadoras aumentam na minha cabeça.

— *Venha comigo por um segundo,* — ele disse. — *Eu tenho um presente para você,* — e eu corri atrás dele, animada.

Minha mãe está na pia. Há um pano de prato sobre seu ombro e seu cabelo está em um coque. Sua pele está nua de maquiagem e ela está usando uma calça e um suéter cor de rosa.

— Callie Lawrence, — ela diz, jogando a toalha em cima do balcão e colocando as mãos nos quadris. — Onde diabos você esteve?

Viro-me para o meu pai sentado à mesa, usando um moletom com capuz e um logotipo de colégio sobre ele. Ele está comendo ovos, torrada e bebendo suco. Meu irmão está ao seu lado, mandando mensagens do seu celular.

— Eu preciso falar com você, — eu digo ao meu pai com uma voz irregular.

Eu não estou muito certa do porque o escolhi, a não ser que nós nos dávamos muito bem quando eu era mais jovem e sei que ele vai ser mais estável do que minha mãe.

— Sozinhos.

Olhando para mim com confusão em seus olhos, ele define o garfo para baixo e sem argumentos ele se levanta da sua cadeira. — Tudo bem, querida.

Meu irmão faz uma carranca para mim, definindo seu celular para baixo da mesa. — Você não vai dizer para a mamãe onde esteve? Ela está preocupada.

— Não é importante onde eu estive, — eu digo. — O importante é o porquê de eu estar aqui.

Ele franze a testa para mim e depois balança a cabeça antes de retornar sua atenção para seu celular. Minha mãe começa a gritar que eu preciso explicar onde estive e fico surpresa quando ela não segue a mim e meu pai à sala de estar.

Uma vez que estou sentada no sofá, e com ele à minha frente em sua poltrona de couro esfarrapada, eu faço uma rápida conversa mental comigo mesma. Eu olho para as fotos ao redor da sala, com fotos da nossa família e algumas até de Caleb.

— Isso foi divertido, certo? — Eu aponto para uma foto de nós dois usando camisetas de futebol e em pé na frente de um estádio com sorrisos em nossos rostos. Eu tinha oito anos e estava feliz.

Ele olha para onde estou apontando e, em seguida, um sorriso aparece em seus lábios. — Foi um ótimo dia. — Sua testa se franze quando ele olha para mim de novo. — Querida, eu e sua mãe ficamos realmente preocupado sobre... O que aconteceu naquela noite e, em seguida, você apenas fugiu com aqueles garotos que você mal conhece.

— Esses garotos são como minha família, pai, — eu digo com sinceridade. — Eles têm realmente estado lá por mim.

Ele brinca com a corda do seu moletom, apertando-a e depois soltando. — Sim, eles pareciam ser boas crianças. — Ele sorri. — Eles arrebentavam no campo também.

Eu sei ali mesmo que fiz a escolha certa em dizer em primeiro lugar. Ele está olhando para além do fato de que Kayden bateu em Caleb e talvez seja porque ele parecia ir um pouco mais fundo na situação.

— Eu tenho que te dizer uma coisa. — Eu limpo minha garganta. — E vai ser meio difícil, não só para mim lhe dizer, mas vai ser difícil de ouvir.

— Tudo bem... — Ele parece perplexo e incerto, o que é compreensível.

Eu tomo algumas respirações profundas e, em seguida, faço um pouco mais, até que eu sinta que estou prestes a desmaiar. E então paro de respirar tudo em conjunto.

É melhor não dizer, ou eu juro que vou te machucar, porra.

Aperto o trevo pendurado no meu pescoço, precisando segurar em uma parte de Kayden para que eu possa ter força e coragem. — Você se lembra do meu décimo segundo aniversário?

Isto parece confundi-lo ainda mais, sua cabeça se inclina ligeiramente para o lado, seus olhos azuis ficando um pouco vesgos e sua testa se franze enquanto ele me avalia. — É... Você teve uma festa?

Pressionando meus lábios, eu aceno. — E havia um monte de pessoas lá.

— Você sabe como sua mãe gosta de um show, — ele diz com um suspiro pesado. — Ela sempre amou essas festas e confraternizações.

Concordo com a cabeça novamente e, em seguida, avanço antes que meu pulso e meus pensamentos possam alcançar a minha voz. — Algo ruim aconteceu comigo... Naquele dia.

Meus pensamentos se dirigem de volta para quando ele me prendeu e eu comecei a tremer. *Por favor, sai de mim. Isso dói. Estou quebrando. Por Favor. Ajude-me. Ajude-me. Socorro...*

Ele senta-se reto e se inclina para frente em sua cadeira, como se estivesse prestes a dar um pontapé em alguém ou alguma coisa. Eu não quero que ele faça isso, no entanto. Eu só quero que ele saiba.

— Pai, por favor, fique calmo quando eu disse isto. — Eu brinco com a ponta do meu casaco, abrindo os bolsos e, em seguida, fechando-os, e depois levo minha mão de volta para o trevo. — Eu preciso que você apenas mantenha a calma.

Cerrando os punhos em seu colo. — Eu vou tentar o meu melhor, mas sem promessas. Callie querida, você realmente está me assustando.

— Eu sinto muito. — Eu corro minha mão pelo meu rosto e, em seguida, até que, tiro o capuz da minha cabeça enquanto lembro de como me senti naquele dia.

Eu gostaria de ser invisível. Eu desejei não existir. Eu queria morrer. A sala se ilumina um pouco por causa do sol do lado de fora da janela. Eu aperto o trevo e me agarro a sensação que Kayden me deu.

— Eu fui estuprada. — É assim que sai, no ar, para ele ouvir, como arrancar um Band-Aid da pele, tudo porque não há nenhuma maneira de preparar qualquer um para isso.

Meu pai me olha por uma eternidade e mil emoções correm através da sua expressão: ira, raiva, frustração, dor. Em seguida, ele faz algo que eu nunca o vi fazer. Ele começa a chorar.

Ele está chorando histericamente, com a cabeça pendurada em suas mãos, e eu não sei o que fazer, então levanto-me, atravesso a sala, e rodeio meus braços em torno dele.

Ele continua chorando, mas meus olhos ficam secos. Eu chorei o suficiente nos últimos anos e realmente não quero derramar nenhuma lágrima por isso mais.

A conversa com minha mãe não vai tão bem como a com meu pai, especialmente quando eu tenho que dizer a ela quem fez isso.

— Não, não, não, — ela continua dizendo, como se repetindo o suficiente a negação seria real. Ela continua tocando seus pés contra o chão enquanto se senta na cadeira em frente à janela. — Isso não pode acontecer... Não há nenhuma maneira...

Mas cada vez que ela olha para mim, eu sei ela sabe que é verdade. Ela provavelmente está passando por todos os detalhes do meu passado, quando eu cortei meu cabelo, comecei a me esconder no meu quarto o tempo todo, quando mudei meu guarda-roupa para "*roupas de pivete*", como ela dizia. Ela provavelmente está pensando sobre quando parei de falar com quase todos. Quando parei de chorar. Quando parei de viver.

Estamos na sala, sentados no sofá. Meu pai ao meu lado, perto, como se achasse que ainda pudesse me proteger de tudo de ruim no mundo. Jackson saiu de casa logo depois que eu levei meu pai para sala de estar, por isso ele não sabe ainda, mas me pergunto o que ele vai fazer quando descobrir - se ele vai acreditar em mim ou ficar ao lado do seu melhor amigo.

— Sim, ele fez, — eu digo, surpresa com a força em minha voz. — Vocês estavam fora e todo mundo estava brincando de esconde-esconde. E ele...

Caleb me disse que tinha um presente. Ele me levou para o meu quarto e então... E então aconteceu.

Ela está balançando a cabeça uma e outra vez e meu pai começa a chorar novamente. — Deve haver algum engano. Eu gostaria que fosse um erro.

— Não é, — eu digo simplesmente. — Foi o que aconteceu e eu estou aqui dizendo a você... Eu realmente gostaria... Eu realmente gostaria de poder dizer que foi um erro, embora. Mas desejos são apenas desejos, mãe. Eu sei disso.

Ela continua enfiando o cabelo no lugar e alisando as rugas de suor, como se precisasse corrigir alguma coisa. — Por que você não nos disse quando isso aconteceu, Callie? Eu não entendo.

Eu tenho certeza que ela nunca entenderá. Minha mãe detesta o escuro, o feio, coisas que existem com essas palavras e na sua defesa sempre foi ignorá-los. E agora sua filha está dizendo a ela que este escuro, essas coisas feias têm vivido em sua casa, comendo sua comida, sorrindo para ela, usando seu charme com ela, e matando lentamente sua filha por dentro.

— Por vergonha... culpa... medo, — eu digo, tentando explicar o melhor que posso, concentrando-me em meu pulso e a sensação do trevo de metal contra meu pescoço. — O simples fato de que dizer isso em voz alta faz com que seja real.

— Droga! — Meu pai bate com o punho no braço do sofá e, em seguida, chuta a parede, assustando minha mãe e me fazendo saltar. Os olhos dele estão vermelhos e sua pele pálida. — Eu vou matar ele!

— Não, você não vai, pai, — eu digo, balançando minha cabeça enquanto toco seu braço, tentando acalmá-lo. — Matá-lo não levará a lugar nenhum, apenas para a cadeia. Eu não quero que você vá para a cadeia.

Lágrimas caem dos seus olhos e é tão estranho ver. Eu assisto-as caírem em seu colo enquanto ele diz, — Foi por isso que ele fez aquilo? Kayden?

Eu aceno com a cabeça uma vez. — Ele queria fazê-lo pagar... Ele fez. E foi... Foi a única maneira que ele poderia pensar em fazer.

Meu pai se levanta e passa por mim. Ele não é tão grande, tem uma altura média, mas agora ele parece enorme. — Oh, ele vai pagar. Eu vou ligar para a polícia.

Eu salto para cima e agarro seu braço, passando os dedos firmemente em torno dos seus cotovelos. — Você não pode... Isso não vai fazer nenhum bem... Tem sido pai muito tempo.

Minha mãe começa a berrar, soltando gritos histéricos enquanto esconde o rosto em suas mãos. — Isso é tão errado... Isso não pode estar acontecendo... Oh meu Deus...

— Mas está, — eu digo, e ela me olha em meio às lágrimas. — Desculpe, mas é a verdade.

— Como você pode estar tão calma? — A voz dela é vacilante.

— Eu não entendo.

— Eu não estou tão calma, — Eu corrijo-a, soltando o braço do meu pai. — Eu só estou... Eu só estou tentando seguir em frente. Além disso... — Minhas sobrancelhas se unem quando percebo o quão forte estou sendo neste momento. — Eu estive fraca por tempo suficiente e não quero desmoronar mais.

Ela tira seu celular do bolso e começa a socar os botões. — Isso é tão ridículo. Isso não está acontecendo. Não, não posso... Não posso...

— Mãe, o que você está fazendo? — Eu pergunto, e quando ela não responde, eu troco um olhar interrogativo com o meu pai.

Ele enxuga as lágrimas dos olhos com a costa da mão. — Querida, eu acho que as mensagens de texto podem ser esperar por um momento.

Ela balança a cabeça e pressiona o último botão. — Eu estou dizendo a Jackson para voltar para casa.

— Por quê? — Eu pergunto cautelosamente.

— Porque ele é parte disto... Isso... Isso... Eu nem sei o que é isso. — As lágrimas fluem dos seus olhos e gotejam em seu colo, manchando sua calça. Seus olhos estão inchados, e se ela continuar chorando, não vai ser capaz de ver.

Olho para o meu pai. — Ela não precisa chorar, pai... Ajude ela a parar.

Ele dá um tapinha no meu braço em um gesto reconfortante. — Ela está chateada. — Sua mandíbula se aperta e ele olha para mim. Eu me pergunto o que ele vê. — Assim como eu estou. Não, eu estou fodidamente chateado. Isso

é besteira. Todo esse tempo... Sob o nosso teto... — Ele começa a murmurar incoerentemente sob sua respiração, as veias do seu pescoço estufadas.

Ele anda pelo chão e eu fico ali na frente do sofá e assisto a loucura se desdobrar como um edifício sendo derrubado.

Finalmente, minha mãe se levanta e atravessa a sala, dirigindo-se até a porta com um olhar determinado em seu rosto. — É isso aí...

— Onde você está indo? — Eu persigo-a. — Mãe?

Ela enxuga os olhos com a parte inferior do seu suéter. — Preciso fazer alguma coisa... Eu preciso corrigir isso de alguma forma... Só preciso de um minuto.

Balançando a cabeça, eu me posiciono na sua frente com as minhas mãos em minha lateral. — Você não pode corrigir isso, mãe. Aconteceu. Não há nada que você possa fazer a respeito, exceto ser minha mãe agora.

Ela analisa o meu rosto por um momento e, em seguida, chora de novo, jogando os braços em volta de mim. Tem sido um tempo desde que ela me abraçou desse jeito e eu fico sem jeito, dizendo que vai ficar tudo bem.

Quando termina, ela volta para a cadeira, com o rosto entre as mãos e seus ombros curvados. A negação e o choro vão até altas horas da noite. Meu pai começa a gritar novamente, sobre como Caleb não vai fugir disto. Não há nenhuma conclusão no final do choro e reclamação.

Caleb me estuprou e seis anos se passaram enquanto ele andava ao redor com isso. Não há nada que irá mudar isso, nem mesmo dizer isso em voz alta. Mas me muda, altera a minha vida de uma forma irreversível. Isso rompe as correntes em torno dos meus pulsos e finalmente estou livre.

Jackson nunca vem para casa e eu não tenho certeza do que isso significa. Eu finalmente levanto-me do sofá para sair de casa, apesar dos protestos da minha mãe. Ela quer que eu fique lá e deixe-a chorar em cima de mim, enquanto descobre tudo. Ela está tão determinada que pode tentar de qualquer forma, mas eu não sou ingênua o suficiente para acreditar que isso seja possível. Além disso, eu tenho outro lugar que preciso estar - que quero estar. Em algum lugar onde eu possa ser feliz.

— Espere Callie, por favor não vá, — ela implora, levantando-se do sofá para me acompanhar até a cozinha. — Podemos ficar aqui e falar sobre isso

um pouco mais.

Eu balanço minha cabeça enquanto ando até a porta. — Mãe, tanto quanto eu sei como você precisa experimentar e lidar com isso, eu já encontrei uma maneira de lidar e meio que preciso disso agora. — Eu realmente preciso muito disso agora. Eu tenho que estar com ele.

Ela continua balançando a cabeça e meu pai me dá as chaves da sua caminhonete, então eu não tenho que caminhar e depois me diz que ainda vai ligar para a polícia, apenas para que eles saibam. Seus olhos estão vermelhos e inchados e seus lábios estão rachados.

Eu digo a ele que tudo bem, porque isso é o que ele precisa ouvir no momento. Quando saio pela porta, me pergunto o que vai acontecer se Caleb vai aparecer novamente, se ele estava com Jackson quando minha mãe lhe contou.

Assim que a porta se fecha atrás de mim e estou sozinha, eu espalho minhas mãos na minha lateral enquanto paro sob a luz da varanda. O céu está claro, as estrelas cintilando contra o plano de fundo preto.

O que vai acontecer com a minha vida? Eu não sei.

Mas estou ansiosa para descobrir, porque pela primeira vez eu estou olhando para o meu futuro, e não o meu passado, e sorrio para as infinitas possibilidades.

CAPÍTULO 18

#65 Assista aos fogos de artifício com alguém que você ama

Kayden

— Eu ainda desejo poder ter estado lá com você, — eu digo.

É um par de dias depois desde que ela contou aos seus pais e ela parece bem, mais forte, mais confiante. Mas mesmo que eu esteja feliz por ela ter feito isso, desejo poder ter estado com ela, para apoiá-la, confortá-la, fazer tudo o que ela precisava.

Estamos sentados sobre o capô da caminhonete do seu pai, que está estacionada perto do lago. Há uma festa da véspera de Ano Novo acontecendo mais abaixo e posso ver a fogueira por entre as árvores. As estrelas estão brilhando e o céu está um pouco vago, mas a lua brilha completamente. A temperatura está abaixo de zero, e a caminhonete está vidrada com a neve, mas nós temos uma manta estendida sobre nós e o calor dos nossos corpos para nos manter aquecidos.

— Eu queria estar lá para você.

— Mas eu tinha que fazer isso sozinha, — ela diz, olhando para o céu. — Além disso, agora acabou e estou pronta para seguir em frente.

Quando eu tinha acordado no quarto do hotel sozinho, eu quase entrei em pânico e a sensação se multiplicou quando li sua nota. Ela tinha ido contar aos seus pais sobre o que aconteceu sozinha. A ideia de Callie lá de pé dizendo-me esmaga. Eu queria estar lá com ela, ajudá-la, confortá-la, mas de uma maneira, acho que entendi por que ela fez isso. Eu acho que Seth sempre esteve certo. Ela é muito mais forte do que aparenta.

— Como você se sente? — Eu pergunto, passando os braços firmemente em torno da cintura enquanto ela pressiona o rosto contra meu peito. Eu sinto o cheiro do seu cabelo, morangos e outra coisa que é único em Callie.

Ela pensa na minha pergunta em silêncio. — Leve.

Eu sorrio. — Eu também.

Eu tive minha consulta na segunda-feira com Doug e me sinto ainda mais leve do que depois do nosso encontro no café. Gostaria de saber quanto vou me sentir mais leve após mais terapias.

— Ainda há tanta coisa para lidar, no entanto, — ela acrescenta, virando a cabeça para que possa olhar para mim. — E eu me preocupo sobre o que Caleb vai fazer quando descobrir que eu disse.

Meus músculos se apertam em nós. — Ele nunca vai te machucar. Eu não vou deixá-lo.

— Eu sei que você não vai, — ela diz, me surpreendendo com o quanto confia em mim. Ela fuça seu rosto contra o meu ombro e sua respiração fria se infiltra através do meu casaco. — Eu acho... Acho que devemos tentar encontrar o seu irmão.

— Dylan? — Eu inclino meu queixo para baixo para olhar para ela. — Por quê?

Ela levanta seu rosto e seus lábios estão perto o suficiente para mim beijá-los e a sensação da sua respiração é reconfortante.

— Porque, eu acho que ele vai te ajudar com seu pai... Quando você decidir prestar queixa.

Tento conter minha respiração enquanto penso sobre ir realmente em frente com isso. E se ele ficar louco? E se nada acontecer e ele me perseguir e se doer? E se ele me matar? A ideia da morte não se estabelece mais, o que me confunde. — Eu não tenho certeza se consigo.

Ela inala e um suspiro escapa dos seus lábios enquanto ela libera uma respiração. — Sim, você consegue... Eu sei que você consegue.

Estou incerto se ela deve estar tão confiante sobre a minha confiança. — E se eu não conseguir? Será que você... — Eu paro, apertando minhas mãos e, em seguida, flexionando os dedos, e então aperto de novo. — Será que você ainda vai me amar?

Ela abaixa a cabeça de volta para o meu peito e gira de volta. — Eu sempre vou amar você.

Eu inspiro o som das palavras e a sua voz, tentando controlar as lágrimas que querem escapar por causa sensação avassaladora que envia através do meu corpo. Eu gostaria de poder dizer de volta para ela. Eu mesmo começo a abrir meus lábios, mas nenhum som sai.

— Eu quero dizer, — eu digo em voz baixa.

Ela balança a cabeça. — Não. Apenas diga quando você realmente quiser dizer. — Ela desliza a mão no meu peito e entrelaça nossos dedos em cima do meu estômago.

Nós respiramos através do ar gelado, sob as estrelas, ouvindo os sons de risos e música da festa.

Minutos mais tarde, o céu se ilumina com uma explosão de cores. Cada ano, esta cidade faz um enorme show pirotécnico sobre o lago. Quando eu era criança costumava vê-lo, perguntando-me o que diabos era o grande negócio. Incêndio no céu. Ok. Não entendi. Mas agora, deitado aqui com ela em meus braços, isso está começando a fazer sentido. Liberdade. As coisas estão começando a fazer sentido.

— Feliz Ano Novo, — eu sussurro para o ar enquanto as faíscas chovem no lago.

Callie

Estou tendo um momento. Eu tenho tido um monte deles recentemente. O tipo onde tudo se conecta: as peças se juntam, estrelas brilham em sincronia, corações batem ritmicamente. Tudo é perfeito e, embora eu não saiba quanto tempo vai durar, eu vou valorizar cada momento para sempre.

— Feliz Ano Novo, — Kayden sussurra debaixo da sua respiração enquanto os fogos de artifício fazem barulho e derivam na água em nossa frente.

— Feliz Ano Novo, — eu respondo, embora tenho certeza que ele estava apenas pensando em voz alta. Eu levanto meu queixo em seu peito enquanto os fogos de artifício se lançam no céu.

— Qual é o seu desejo de Ano Novo?

Ele faz um contorno em volta dos meus lábios enquanto pensa na minha pergunta. Um dos seus braços magros está escondido atrás da sua cabeça e sua mão está na minha. — Não pensar sobre o passado.

— Isso é grande, — eu digo com um sorriso. — Posso fazer esse o meu também?

Forma-se um sorriso em seus lábios e ele move seu braço, tirando-o de trás da sua cabeça. Ele estende o punho na sua frente.

— Bate aqui.

Eu contendo uma risadinha quando removo minha mão da dele e movo-a para esbarrar em seu punho, mas ele puxa sua mão para trás no último segundo e eu franzo a testa.

— O que há de errado?

Ele morde o lábio enquanto se senta e me desliza para seu colo. Seus olhos espelham os fogos de artifício coloridos, ele me levanta do seu peito e, em seguida, empurra meu ombro até que eu esteja deitada de costas, contra o para-brisa. O vidro gelado belisca contra um ponto da minha pele na parte inferior das costas, onde minha camisa levantou, mas eu não me movo, ele se inclina sobre mim, apoiando um braço de cada lado. Trazendo sua boca em direção a minha, eu espero, em antecipação que ele me beije, bem quando os nossos lábios estão prestes a fazer contato, ele faz uma pausa.

— Isso é bom, certo? — Ele pergunta e eu aceno, resistindo à vontade de agarrar o colarinho da sua camisa e puxá-lo para mim. — Deveríamos torná-lo uma tradição para o próximo ano.

Meu estômago vibra com mil borboletas entusiasmadas enquanto penso sobre estar com ele durante um ano inteiro. — Ok.

Eu cruzo meus tornozelos uns sobre os outros, tentando conter a energia nervosa criada pelo rubor dos nossos corpos. — Então, nós vamos estar juntos até o próximo ano? — Ele verifica, e eu aceno, sem qualquer contemplação.

Eu sei o que quero e não tenho medo de dizer isso. Não que mais estar com medo.

— Bom. — Ele diz e depois se inclina para me beijar, sussurrando, — Obrigado por me salvar.

— Obrigado por me salvar também, — eu digo, e segundos depois os seus lábios engolem os meus.

Os fogos de artifício explodem acima de nossas cabeças, vívidos e coloridos contra o céu escuro, mas eu não penso em nada, apenas nele.

CAPÍTULO 19

#11 Diga adeus e siga em frente

Callie

As próximas duas semanas são bastante monótonas. Entre a viagem na estrada, a recuperação, e as confissões, Kayden e eu estamos drenados e passamos o resto da nossa pausa de inverno evitando nossas casas, e saímos do quarto do hotel apenas para ir à lanchonete, ou no café, tanto quanto possível.

Seth e Luke saem com a gente também.

Tem nevado bastante, mas o ar está quente. Minha mãe me liga a cada manhã e toda noite. No começo eu não queria dizer a ela onde eu estava, porque não queria que ela me perseguisse, mas então finalmente confessei que estava hospedada com Kayden e Seth em um quarto de hotel.

Ela não está muito feliz com isso, mas tenho quase dezenove anos de idade, e é o que eu digo a ela.

— *Callie Lawrence*, — ela diz depois que eu finalmente digo a ela.

Estou sentada na cama do quarto de hotel com uma calça de pijama e uma blusa e com Kayden atrás de mim, fazendo formas em minhas costas com os dedos. De vez em quando, ele atinge um ponto delicado e eu rio.

— Isso não é engraçado, — minha mãe diz, parecendo irada.

Eu cubro minha boca com a mão para abafar o riso incontrollável. Uma vez que me acalmo, abaixo a minha mão para o meu colo.

— Eu sei, mãe.

— Você precisa voltar para casa... Nós precisamos falar sobre o que aconteceu. — Ela suspira. — Callie, a polícia disse que eles não podem fazer nada sobre isso e mesmo se pudessem, Caleb... Ele... Ninguém sabe onde ele está. Jackson acha que ele pode ter fugido.

— Eu já sabia que a polícia não podia fazer nada, — eu digo a ela, deitando na cama ao lado de Kayden. Ele está usando boxers e sem camisa, se aconchegando contra mim e a dureza do seu peitoral me acalma. — E eu não estou surpresa sobre Caleb.

— Mas... — Ela está frustrada e eu ouço algo caindo no chão. — Merda, — ela amaldiçoa - ela está xingando muito ultimamente. — Eu quebrei uma xícara de merda.

— Sinto muito, — eu digo, arqueando minhas costas enquanto Kayden desenha corações em minha coluna, a mão derivando para dentro da minha blusa para a área entre as minhas omoplatas.

— Você não precisa sentir, querida, — ela diz e, em seguida, suspira. — É apenas uma xícara.

Por mais que minha mãe e eu nunca fomos tão próximas, eu tenho que dar crédito por o quão boa ela está sendo com tudo isso. Depois da sua explosão, ela tem parado de chorar tanto e nunca tentou colocar a culpa em mim.

Às vezes, meus pensamentos vagueiam de volta para o meu aniversário de doze anos e minha cabeça se enche de "e se". E se eu tivesse dito a ela? E se eu nunca tivesse sofrido em silêncio nos últimos seis anos? E se a minha vida tivesse sido diferente? Mas eu sempre empurro os pensamentos para longe da minha cabeça. Os "e se" não são importantes. Eu não posso voltar no tempo e mudar minhas coisas, mas posso avançar e criar a vida que eu quero.

— Callie, você me ouviu? — Ela pergunta, soando um pouco irritada.

Eu pisco longe dos meus pensamentos. — Sim... Não... Huh?

Kayden bufá uma risada atrás de mim, traçando o dedo na minha espinha. — Você vai entrar em apuros. — Ele faz uma voz boba quando diz isso.

Eu me inclino e aperto seu braço e ele ri ainda mais. — O que, mãe?

Ela suspira exaustivamente. — Eu disse, você já pensou em ir ver minha amiga terapeuta em Laramie quando voltar para a faculdade? Eu acho que vai ser bom para você.

— Eu não tenho certeza... Eu estou preocupada com o que isso pode trazer, se eu fizer.

— Callie, eu acho que é importante... Depois de todas as coisas que você disse... Eu acho que você precisa de alguma ajuda. Eu realmente gostaria que você apenas considerasse ficar aqui com a gente e faltar esse semestre.

— Eu preciso voltar para a faculdade, — eu digo. — Eu preciso seguir em frente.

Ela faz uma pausa longa. — Então, por favor, vá ver a terapeuta... — Ela está prestes a chorar. — Eu preciso saber que você está bem.

Eu olho por cima do meu ombro para Kayden. — Eu estou bem, mãe. Mas se você realmente quiser que eu vá, eu vou.

— Bom. — Ela parece aliviada. — E você pode me ligar todos os dias. E parar por aqui hoje antes de sair.

— Sim mãe.

— E você vai me ligar sempre que precisar de alguma coisa?

— Sim.

Kayden começa a rir histericamente, rolando para longe de mim assim ela não vai ouvi-lo. Eu disse o quão controladora ela é, e aparentemente, vê-la em ação é divertido para ele.

— Quem é esse? — Minha mãe pergunta. — A pessoa no fundo que continua rindo?

Estico meu pescoço, espreitando por cima do ombro para ele e ele sorrir. — Kayden.

— Oh. — Ela faz uma pausa e eu ouço o som de algo por um segundo, como se ela estivesse batucando as unhas em cima do balcão. — Callie... Você está... Você está dormindo com esse garoto?

Calor corre pelo meu corpo. — O quê?

Kayden deve ter ouvido, porque o riso aumenta e preenche o quarto. — Eu tenho que dar crédito, — ele diz entre risos. — Ela é muito divertida.

— Callie, — ela diz. — Eu não vou te julgar... Eu só quero certificar-me de que você está sendo cuidadosa.

Meu Deus. Isto é tão humilhante. Minhas bochechas estão tão quentes como o aquecedor abaixo da janela e eu abaixo minha cabeça com o celular

ainda pressionado na minha orelha para esconder meu rosto corado.

— Sim, mãe.

— "Sim, mãe", você está dormindo com ele? — Ela pergunta. — Ou você está sendo cuidadosa?

— Diga a ela que você está sendo muito cuidadosa agora. — Kayden ri em meu ouvido e faz cócegas no meu pescoço, fazendo com que meus ombros tremam.

Seus braços rodeiam em volta da minha cintura e, em seguida, ele está me puxando para trás, levantando-se da cama com um braço. Ele me enfia debaixo do seu corpo duro e, em seguida, deita-se em cima de mim.

Eu rio ao telefone quando ele começa a fazer cócegas em minha lateral e eu contorço-me, tentando manter o celular ao meu ouvido.

— Mãe, — eu digo através dos risos quando seus dedos trilham nas minhas costelas e, em seguida, param perto dos meus seios.

— Diga a ela que você vai ter certeza de ser cuidadosa a cada dia, — Kayden diz, seus olhos verdes piscando com o desejo indomável.

Ele aperta minha lateral e, em seguida, move as mãos pelos meus braços e, em seguida, para quando atinge meus pulsos. Ele agarra cada um com uma das suas mãos e, em seguida, puxa-os.

— Mãe, eu tenho que ir, — eu digo rapidamente. — E sim, vou passar aí quando eu estiver saindo.

Antes que ela possa responder, o celular cai das minhas mãos e Kayden prende meus pulsos e leva-os para cima da minha cabeça. Por um breve segundo, pânico sobe pela minha garganta quando sou arremessada para o passado, quando estava presa na cama e meu coração bate instável. Ele deve ver isso no meu rosto também.

Seu aperto começa a afrouxar. — Você quer que eu te solte?

Eu balanço minha cabeça. — Apenas me beije, por favor.

Sua boca se abaixa e seus lábios se conectam com os meus enquanto ele inclina as costas e se abaixa. E foi assim que o pânico e as memórias fugiram dos meus pensamentos e é apenas eu e ele. Ninguém mais existe no mundo.

— Então, o que você tem feito? — Seth pergunta enquanto pula alegremente na caminhonete de Luke ao meu lado.

É um banco de três lugares, mas não é tão ruim assim. Na verdade, é meio reconfortante ser esmagada em um carro com três caras fortes que estavam lá por mim em suas próprias maravilhosas maneiras.

— Bem, você saberia, se não tivesse desaparecido. — Eu dou um sorriso brincalhão enquanto ele aperta o cinto de segurança.

Ele sorri com dúvida em seus olhos. — Eu duvido. — Ele coloca seu cinto de segurança e se inclina para trás, puxando as mangas do seu casaco de botão preto para cobrir seus braços. — Além disso, eu queria dar a você e Kayden algum espaço.

— Você não tem. Nós realmente não fizemos nada.

Ele arqueia as sobrancelhas, em um tom acusador ele diz: — Sim, certo. Vocês dois ficaram trancados naquele quarto desde que o ano novo começou. Vocês são como recém-casados ou algo assim, parecem coelhos.

Eu viro meu rosto para longe dele quando sinto o rubor subindo e tento conter meu sorriso. — Seth, pare, — eu digo, e ele ri.

Kayden abre a porta e as dobradiças rangem, ele senta no assento ao meu lado, mas faz uma pausa no meio do caminho, com um dos seus pés ainda no chão, examinando meu rosto avermelhado.

— Ok, Seth, o que você disse a ela dessa vez? — Ele brinca, e escova a ponta do polegar na minha bochecha. Ele sorri para mim enquanto eu me levanto um pouco para que ele possa se sentar.

— Nada que eu não tenha dito antes, — Seth responde com um brilho em seus olhos castanhos. — Ela simplesmente reage da mesma forma cada vez, o que torna muito divertido.

Eu dou um tapa no seu braço e, em seguida, sento-me no colo de Kayden, imediatamente dominada pelo aroma da sua colônia. Colocando um braço em volta dos meus ombros e me puxando para ele, ele se inclina para pegar o cinto de segurança atrás de si e prende-o sobre nós.

Está nevando lá fora e flocos macios estão presos nas mechas marrons do seu cabelo. Passo a mão suavemente ao longo do topo da sua cabeça e escovo-

os. Alguns deles derreteram do calor do meu corpo e seu cabelo acaba molhado e sexy.

— Então, onde é que vamos ainda? — Luke pergunta, jogando sua mochila na parte de trás da caminhonete que ainda tem a motocicleta de Kayden lá, e então ele entra e fecha a porta.

A caminhonete já está em movimento e ele liga o aquecedor e jatos quentes de ar saem dos respiradouros.

— Para minha casa, — eu digo. — E... — Eu olho para Kayden.

Ele não voltou para sua casa desde que decolamos para San Diego e posso dizer que ele não quer voltar. Mas ele tem que voltar e pegar suas roupas e coisas, acho que no fundo pode também querer conversar com seu irmão Tyler.

— E Kayden, eu acho.

A cabine fica em silêncio e, em seguida, Luke suspira e dirige pela estrada principal, ligando os limpadores. As estradas estão um pouco lamacentas e escorregadias, por isso ele empurra a marcha e coloca tração nas quatro rodas. A caminhonete faz um barulho alto e desliza para engrenagem.

— Jesus. — Seth faz uma careta, empurrando as pernas para o lado e ajusta o cinto de segurança, apertando-o. — Parece que vai desmoronar.

Luke dá um tapinha no painel. — Está tudo bem. É apenas velho.

Seth revira os olhos e, em seguida, cruza os braços. Nós todos permanecemos quietos enquanto ele vira para fora da estrada e dirige pelas ruas estreitas. O rádio toca “Wonderwall,” do Oasis, e em seguida “Hands Down,” do Dashboard Confessionals.

Quando para na calçada ao lado da minha casa, Luke murmura, — Andem logo. — Relaxe, — Kayden diz a ele, lançando o punho e abrindo a porta com um empurrão.

Ele coloca os pés no chão e sai, movendo-me com ele. Uma vez que meus pés estão firmemente plantados ao chão, ele intensifica seu aperto em mim e fecha a porta.

Eu não faço perguntas quando ele pega a minha mão e anda para a calçada comigo. Ele nunca disse nada sobre entrar comigo, mas acho que em sua

própria cabeça ele está me protegendo.

Nós caminhamos devagar e eu tento não pensar sobre as memórias que me assombram dentro e fora da casa. Em vez disso, eu penso sobre os bons momentos que passei com Kayden e Seth lá.

No momento em que chego ao topo da escada, minha mãe está abrindo a porta. Ela tem em um avental sobre uma saia creme floral e uma blusa branca enfeitada com rendas. Seu cabelo está enrolado nas extremidades e ela tem um colar de pérolas ao redor do seu pescoço. Ela também tem um prato de biscoitos de chocolate em sua mão e está sorrindo brilhantemente. Eu posso dizer que Kayden está tentando dificilmente não rir da sua aparência dos anos 60.

— Estou tão feliz que você decidiu passar aqui, — ela diz e, em seguida, puxa-me para um abraço, equilibrando os biscoitos em sua mão.

Ela move-se para trás e, em seguida, abraça Kayden também. Ele dá um tapinha nas suas costas, desajeitadamente trocando um olhar atônito comigo. Mas tudo o que posso fazer é sorrir.

Naquele momento, eu amo minha mãe, os biscoitos, e os vestidos dos anos 60 e tudo porque tenho certeza que ninguém abraçou Kayden assim além de mim. Ela estende o prato de biscoitos para nós, e balança a cabeça com um pequeno sorriso, eu pego um para deixá-la feliz. Eu tinha acidentalmente deixado escapar durante o telefonema sobre o meu problema de me fazer vomitar e estou certa de que pelo resto da minha vida, ela provavelmente vai tentar me dar comida.

As despedidas são rápidas e meu pai e Kayden até conversam um pouco sobre futebol. Eles não fazem perguntas sobre o que aconteceu com Caleb ou com seu pai, embora as fofocas estivessem girando em torno da cidade, histórias cheias de suicídio, tentativa de homicídio, e cada acusação que se possa imaginar.

Estamos indo para a caminhonete quando o carro de Jackson para na entrada de automóveis. Minha reação inicial é fugir, porque ele geralmente tem Caleb ligado ao seu lado. Mas não há ninguém sentado no banco do passageiro, então eu relaxo e deixo escapar um suspiro alto.

— Você vem? — Kayden pergunta, e percebo que estou em pé no meio da calçada, olhando para o meu irmão.

Eu levanto o dedo, indicando que preciso de um minuto. — Só um segundo.

Ele me olha com preocupação em seus olhos verdes. — Você tem certeza?

Concordo com a cabeça enquanto meu irmão pula para fora do carro. Ele está olhando para mim e não consigo ler sua expressão.

— Sim, eu só preciso falar com ele.

Kayden balança a cabeça e, em seguida, vai para a caminhonete, passando por Jackson ao longo do caminho. Eles murmuram um Olá e depois Kayden entra na caminhonete. Ele nunca tira os olhos de mim enquanto ando até a escada e sento-me lá, a camada de gelo no cimento escova através da parte de trás da minha calça jeans.

Jackson anda até mim com as mãos enfiadas em sua jaqueta xadrez com capuz. Seu cabelo castanho paira sobre suas orelhas e suas costeletas parecem como se precisassem de um corte. Ele balança nos calcanhares, aparecendo apreensivo enquanto olha para mim.

— Olha, Callie, eu nem sei o que dizer, — ele começa. — Eu acho... Eu acho que sinto muito.

Estou um pouco chocada com a sua declaração e os meus olhos se inclinam para o chão, minha testa franzida. — Você não precisa se desculpar. Não é sua culpa.

Ele se senta ao meu lado e estica as pernas em sua frente e, em seguida, cruza os tornozelos. Ele cheira a cigarro e bebida. Eu nem sabia que ele fumava, mas, novamente, eu realmente não o conheço, não realmente. Mesmo quando éramos crianças, éramos meio competitivos, e depois, quando a coisa aconteceu com Caleb qualquer esperança de uma ligação fraternal foi despedaçada.

— Eu o denunciei, — ele finalmente diz. Suas bochechas se movem quando ele inala e, em seguida, ficam normais quando ele libera uma respiração.

— Obrigado, — eu digo. — Mas a polícia não vai fazer nada. Eles realmente não podem. Tem sido muito tempo e é basicamente a palavra dele contra a minha.

Ele balança a cabeça e esfrega a mão pela sua mandíbula.

— Não por isso... Eu já sabia que não daria em nada. — Sua mão cai para seu colo. — Eu o denunciei pelo cultivo da maconha no porão da casa dos pais dele. Eu até disse a polícia onde ele esconde.

Estou atordoada.

Sem voz.

Incerta.

Feliz.

Espantada.

Grata.

— Então ele está... então ele está na cadeia?

— Não, ainda não. — Ele suspira pesadamente. — Quando a mamãe me contou sobre... — Ele limpa a garganta com inquietação com o assunto. — Sobre o que aconteceu com você, eu estava em uma festa com ele. Então eu o confrontei, ele fodidamente inventou uma desculpa antes de fugir. Ele nem sequer tentou negar. — Seus estão olhos vidrados enquanto ele relembra. — De qualquer forma, pensei em deixá-lo em apuros com alguma coisa. Se ele aparecer vai estar na merda. Ele tinha quantidade o suficiente de maconha escondidas debaixo das tábuas da sua casa para ser considerado tráfico de drogas. — Um sorriso aparece em seu rosto com o pensamento.

— Como você sabia que estava lá? A maconha?

— Vamos apenas dizer que eu tive um palpite de sorte.

— A polícia não questionou?

— Eu fiz uma denúncia anônima.

Estou grata, mas também muito triste. Lágrimas quentes tentam escapar dos meus olhos e eu viro minha cabeça para que ele não me veja chorar.

Kayden começa a abrir a porta, mas eu balanço minha cabeça e, em seguida, fecho meus olhos enquanto as lágrimas escapam. Se Caleb voltar, ele

vai estar em apuros. Se não, ele vai vaguar por aí livre. Independentemente disso, meu irmão fez isso por mim e eu serei eternamente grata.

— Obrigado, — eu sussurro, enxugando minhas lágrimas com a manga do meu casaco.

— Não me agradeça, — ele resmunga e eu detecto um indício de culpa em seu tom de voz. — Isso não resolve nada.

— Não é culpa sua, — eu digo, secando a última das lágrimas e então olho para ele. — Não é.

Ele não responde, em vez disso levanta-se. — Mas meio que é, sabe. Eu sinto que nós tínhamos um tipo de venda que não conseguíamos ver e eu culpei você todo esse tempo por causa todos os estresses nessa família.

Levanto-me e escovo a neve fora da parte de trás da minha calça jeans.

— As pessoas geralmente fazem isso quando não querem ver certas coisas, mas isso não as torna ruins.

Ele aperta os lábios e, em seguida, passa os dedos por meio do seu excessivo cabelo longo. — Sim, acho que sim. — Ele bufa uma respiração e, em seguida, pisca enquanto olha para mim, mudando de assunto. — Então, você está voltando para a faculdade?

Concordo com a cabeça e ando em direção a caminhonete, com cuidado para não afundar na neve. — Sim, as aulas começam na Segunda.

Ele olha para as pessoas na caminhonete. — Você está voltando com eles?

Sorrindo, eu aceno. — Sim.

— Com um bando de caras?

— Sim.

— Isso é seguro?

Meu sorriso se expande e consome meu rosto. — Eu estou mais segura do que em qualquer outro lugar.

Ele franze as sobrancelhas para mim com cinismo. — Bem, tudo bem então. — Eu aceno para ele, começando a me virar, quando ele grita: — Vou deixar você sabe o que vai acontecer.

Olhando por cima do meu ombro, acenando de novo, sabendo que tudo o que posso fazer é ter esperança que tudo vai dar certo, que eu vou conseguir um pouco de justiça e Caleb vai ter que pagar. Mas não importa o que aconteça, eu falei que iria seguir em frente, libertar as lembranças assombrosas que me possuem todos os dias durante os últimos seis anos. Eu encontrei a minha coragem.

Kayden

— Eu não entendo essa merda, — são as primeiras palavras que saem dos meus lábios quando entro na minha casa.

Está vazia. Livre de todos os móveis, quadros, livros, pratos, e os carros não estão na entrada de automóveis. O chão está nu de tapetes e as poucas cômodas que foram deixadas estão vazias, incluindo as minhas roupas. Meus pais as levaram também, provavelmente para me punir por existir.

— Eles até mesmo levaram as persianas, — eu digo, espantado, rodando em um círculo na sala de estar. — Por que eles fariam isso? Quero dizer, não há nenhum sinal de venda, nem nada.

Callie caminha ao meu lado e para em frente à lareira de mármore volumosa e enfia os dedos através dos meus, dando um aperto.

— Eles nunca mencionaram que estavam se mudando?

Eu balanço minha cabeça lentamente, sua mão tão pequena na minha traz tanto conforto. — Eu nem sequer vi meu pai desde que ele bateu a merda fora de mim. — Eu penso sobre os papéis de itinerário na lixeira. — Será que eles apenas fugiram?

— E o seu irmão? — Ela pergunta. — Ele poderia ainda estar aqui? Talvez ele saiba onde eles foram.

Balançando a cabeça, eu puxo-a comigo, enquanto corro em direção a porta da frente. Eu desço as escadas e viro a esquina da casa para o porão. Chutando a neve fora do caminho da porta da frente, eu agarro a maçaneta.

Não é como se eu estivesse chateado se nunca os visse novamente. Estou chateado porque eu estava começando a cogitar à ideia de prestar queixa e agora...

— Eu não tenho ideia do que está acontecendo, — murmuro, abrindo a porta do porão e acho o quarto vazio também.

O sofá de couro que Callie, Luke e eu usamos na última vez é na verdade a única coisa que permaneceu. A mini geladeira, a televisão, e o *futon* sumiram. Eu entro, ainda agarrado a mão de Callie e a acalma, a solidão e o sentimento de abandono sobem no meu corpo.

Eu fico na entrada com o meu queixo caído, apenas olhando para o quarto que passei inúmeros dias escondido. — Mas que porra?

Eu não me movo ou respiro. Eu não posso nem pensar direito enquanto meus pensamentos tornam-se confusos. Há uma rachadura na parede no canto mais distante, onde meu pai bateu minha cabeça uma vez e depois não remendou-a corretamente. Eu fiquei com um hematoma a partir de uma "colisão com outro jogador do meu time de beisebol", foi o que a minha mãe havia dito aos médicos. Há um buraco no tapete que uma vez foi escondido por uma cadeira. Tyler tinha deixado cair sua erva daninha quando estava fumando e tinha feito um buraco. Para esconder do nosso pai, ele colocou a cadeira sobre o buraco.

— Você pode tentar ligar? — Callie pergunta. — Não para os seus pais, mas você pode tentar o seu irmão.

Eu balanço minha cabeça em descrença. Como isso pode estar acontecendo? Como eles poderiam ir embora para Porto Rico, Paris ou onde quer que seja? E por quê? Não é como se ele estivesse em apuros se eu dissesse. Ele poderia facilmente negar.

— Eu não entendo, — murmuro, virando-me para Callie.

Seu cabelo está amarrado em um clipe na parte de trás da sua cabeça e pedaços da sua franja emolduram seu rosto. Seus lábios estão ficando roxos pela baixa temperatura no quarto, que quase coincide com o ar frio do inverno lá fora.

— Devemos ir, — eu digo, balançando minha cabeça enquanto tento pensar através dos rápidos pensamentos desorganizados.

Ela aperta minha mão e me mantém no lugar. — Você tem certeza? Poderíamos olhar em volta e ver se poderíamos encontrar algumas pistas ou algo assim.

Eu suspiro. — Callie, isso é a vida real. Não haverá nenhuma pista, e mesmo se houver, nada disso importa. Para ninguém. É melhor se eu simplesmente me afastar... Seguir em frente. — Eu sinto o buraco dentro do meu peito se desenvolver de novo e a necessidade de tirá-lo está vindo à tona. — Eu realmente só preciso ir.

Ela balança a cabeça rapidamente, entendendo o que está acontecendo dentro de mim, e ela me leva para fora. Eu paro para fechar a porta, observando o quarto desaparecer lentamente, passo a passo até travar o bloqueio e o quarto desaparecer completamente.

Nós caminhamos de volta para a caminhonete e entramos. Callie se senta no meu colo, e mesmo que tudo pareça tão fodido quanto possa ficar, eu sei que não vai. Porque eu não estou deitado no chão sangrando até a morte, desistindo da minha vontade de viver. Eu estou aqui, sentado com ela, e ela é incrível e mantém meu coração batendo. Ela me dá uma razão para viver sem dor, sem tristeza. E me dá esperança de que talvez isso vá funcionar de alguma forma.

CAPÍTULO 20

Um mês depois...

#6 Dê um salto de fé

#38 Chegue a algum lugar com um grande projeto

#44 Coma chocolates, tenha um monte de sexo, e desfrute do dia dos Namorados No dia do AMOR!

Kayden

— Oh meu Deus! Meu Deus! Oh meu Deus! — Seth chega até mim gritando como um psicopata.

A biblioteca está bastante vazia, mas a bibliotecária, uma mulher mais jovem com óculos quadrados e cabelo castanho, fecha a cara para nós por trás do balcão.

O lugar está enfeitado de corações de papel em todas as prateleiras e paredes e até mesmo pendurado no teto. O dia dos Namorados está em poucos dias de distância e eu ainda estou tentando descobrir o que comprar para Callie, porque quero que seja algo especial, algo perfeito, algo que irá representá-la.

— Seth. — Inclinando meu queixo para cima, aceno com a cabeça para o balcão. — Olhe os gritos.

Ele está segurando um papel amassado em sua mão. Eu estou procurando na biblioteca por cerca de uma hora por um livro sobre o darwinismo. Normalmente, eu uso um computador, mas o professor Milany é totalmente das antigas e exige que sempre buscássemos uma referência nos livros.

— Quem se importa? — Ele diz e, em seguida, torce o rosto para a bibliotecária, que lhe dá um olhar sujo em troca. Ele desdobra o papel e agita-

o, tentando se livrar das rugas. — Eu tenho uma notícia foddidamente fantástica.

Eu coloco o livro que estava segurando de volta na prateleira. — Não, não há nenhuma maneira que você encontrou... Foda-se. Você tem... Não... — Não consigo encontrar as foddidas palavras, porque é inacreditável. Não pode ser possível. Mas o olhar em seu rosto diz o contrário. — Merda.

Sorrindo, ele me entrega o papel. Tem sido impresso a partir do computador e tem um artigo abaixo. Acima do artigo há um rosto que se assemelha a uma versão mais velha do meu irmão que saiu a anos atrás de casa: cabelo escuro que está um pouco curto, os mesmos olhos verdes que os meus, e um nariz torto de quando ele quebrou quando bateu em uma parede.

Estou chocado além das palavras enquanto olho para sua foto. Eu não esperava que isso acontecesse tão cedo. Quando voltei do terapeuta, ainda ontem à noite, disse a Callie que achava que estava pronto para iniciar a procura.

Meu terapeuta, Jerry, um cara mais velho que usa um monte de camisas havaianas e sapatos mocassins, sugeriu que poderia ser a hora de começar a procurar Dylan. Dei um bom argumento sobre por que eu não deveria, incluindo o fato de que eu tinha perdido o controle na outra noite e meio que forçado meu punho contra a porta em um acesso de raiva quando recebi um telefonema do antigo patrão do meu pai, que estava procurando por ele.

Ninguém sabe onde eles estão, por que eles saíram, e é surpreendente o quão poucas pessoas se preocupam. O chefe do meu pai estava o procurando apenas por que ele disse que meu pai tinha algo seu. Eu nem sei como ele conseguiu meu número e a ligação me lembrou de tudo de errado, fora do meu novo mundo que inclui Callie-Seth-Luke-faculdade.

Mesmo confuso, eu disse ao terapeuta. E Callie. E de alguma forma Jerry achou que seria uma boa ideia começar a procurar Dylan, mesmo que eu estivesse preocupado de como ele poderia estar, ou como ele não pode estar.

— Você vai ficar bem, — ele disse, mastigando um Altoids^{4}, como sempre. — Vai ser bom ter alguém para conversar sobre o que você está passando e talvez ele possa ajudar com os problemas de abandono que você está lidando.

— Que problemas de abandono? — Eu me finjo de desentendido. — Estou feliz que eles se foram.

— Sim, eu sei que você está, — ele respondeu e anotou algo em um pedaço de papel amarelo. — Mas acho que você também se sente abandonado. Mesmo que eles fizeram coisas terríveis com você, eles ainda são sua família e acho que você se sente ligado a eles.

— Ou preso a eles, — eu murmurei em resposta, caindo de volta na cadeira de couro irregular que eu sempre tinha que me sentar.

Ele escreveu outra coisa e, em seguida, fechou a pasta e empurrou-a para uma pilha no canto da sua mesa.

— Que tal isso? — Ele inclina as mãos em cima da sua mesa.

— Que tal nós apenas tentarmos procurar pelo seu irmão? Não faz mal tentar, certo?

Eu enrolo meu pulso até que estale e dê um tremor em chamas, algo que vem acontecendo desde que eu comecei a cortá-lo. — E se o encontrarmos?

Ele abre a lata de Altoids em sua mesa e colocou um em sua boca, inclinando-se para trás na cadeira. — Bem, isso é realmente com você.

Após ficar em silêncio por cerca de quinze minutos, escutando o tic-tac do relógio na parede e o barulho do tráfego lá fora, eu tinha concordado. Quando saí para jantar naquela noite com Callie, Seth, e Luke, eles decidiram me ajudar a procurá-lo.

Eu só não esperava que Seth fosse encontrá-lo tão rapidamente. — Ele meio que tem a mesma aparência que a sua.

Noto, tendo os olhos verdes que se assemelham aos meus em uma espécie estranha, uma desconfortável forma.

— Ele é casado, — diz Seth, batendo o dedo no topo do papel. — E ele é um professor.

Eu olho para ele. — Um professor? Foda-se, realmente?

As sobrancelhas de Seth se franzem. — Por que você está tão surpreso?

Eu dou de ombros e então caminho para a saída, empurrando o carrinho de livros bloqueando meu caminho. — Eu não sei... Parece tão fodidamente normal.

Pressiono a palma da minha mão contra a porta e abro-a. As áreas ao redor das minhas cicatrizes doem um pouco e eu massajeio meu polegar sobre elas enquanto ando sob à luz do sol com o papel na minha mão. O sol está brilhando e derretendo a neve na grama e nas calçadas. É bom ver, mas faz tudo está meio aguado, uma bagunça lamacenta. As calhas perto das ruas estão inundando as calçadas e a grama parece uma lagoa.

— Então o que você vai fazer? — Ele pergunta, pulando sobre uma poça e, em seguida, chuta uma pedra da calçada.

Eu balanço minha cabeça e contorno um grande buraco na calçada cheio de água turva. — Eu não sei.

— Você não sabe?

— Não.

Ele não entende e eu não esperava que ele fosse. Mas há uma pessoa que vai. — Callie está em seu dormitório? — Pergunto.

Seth balança a cabeça enquanto se virar em torno do edifício e caminha diagonalmente pelo gramado em direção à calçada que faz fronteira com a rua. As árvores estão pingando as gotas de chuva em minha camisa e no papel. Há uma brisa da primavera soprando contra minhas costas.

— Ela está trabalhando em algum papel que precisa ser terminado até o final do ano, mas ela não atingiu... — ele faz aspas no ar enquanto caminha para trás, — zona de escritor.

Eu sorrio para o pensamento dela trancada em seu quarto, rabiscando em seu diário, nua. Embora eu tenho certeza que a última parte não seja verdade. Mas se realmente quisesse que fosse, eu provavelmente poderia pedir e a teria nua escrevendo para mim. Ela confiava muito em mim ultimamente e nosso relacionamento estava esquentando bastante.

Mas eu nunca a pressionaria, eu não quero nunca pressioná-la.

— Eu estou indo até lá para falar com ela. — Eu passo em torno de um corredor que se estende perto de uma árvore. — Você vem?

Ele balança a cabeça, enfiando as mãos nos bolsos da sua calça. — Não, eu tenho um encontro.

Ele se apressa, acelerando seu passo em direção ao estacionamento no lado oposto do escritório principal, as poças espirrando debaixo dele. Quando chega ao seu carro, há um cara esperando por ele com um urso de pelúcia enorme na mão.

Isso me faz sorrir, pensando em Callie e no ursinho de pelúcia no carnaval. Eu aumento o ritmo, permitindo que o vento me leve para onde preciso ir.

Eu bato na sua porta várias vezes até que a sua companheira de quarto, Violet, responda. Ela é meio assustadora, com taxas de metal em suas roupas e um piercing em seu nariz. Seu cabelo é preto com mechas vermelhas e ela tem uma tatuagem de dragão no pescoço. Ela usa um monte de preto e sempre tem esse olhar em seu rosto como se estivesse prestes a começar uma briga.

Violet nos pegou uma vez quando estávamos fazendo sexo. Callie ficou absolutamente mortificada, embora eu pensei que fosse meio engraçado. Violet não pensou assim, porém, ela reclamou dizendo que precisávamos apenas pendurar o maldito lenço na maçaneta da próxima vez. Eu fiquei um pouco surpreso com a sua reação. Violet tem uma reputação em todo o campus e parecia um pouco inconveniente para ela ficar tão envergonhada sobre sexo.

— Você não é o Jesse, — ela diz, com a mão na maçaneta da porta, franzindo a testa. Ela me olha da cabeça aos pés e, em seguida, brinca com o parafuso de diamante acima do seu lábio superior. — Vocês dois nunca dão uma pausa?

Eu enrolo o papel em minha mão, fazendo um cilindro enquanto balanço minha cabeça e ombros. — Não, não realmente.

Ela revira os olhos e, em seguida, dá um passo para trás para me deixar entrar. Eu limpo minhas botas molhadas no tapete na frente da porta e, em seguida, caminho até o centro do quarto estreito, entre suas camas. Em vez de fechar a porta, Violet se inclina, pega seu casaco e a bolsa da cadeira ao lado da sua cama e então se dirige para a porta.

— Você não tem que sair. — Digo a ela. — Eu só preciso falar com ela.

Ela levanta uma sobrancelha, olhando para mim e depois para Callie, que está dormindo em sua cama. — Sim, eu tenho...

Vocês dois são meio entediados para mim. — Ela sai e bate à porta.

A lousa sobre a porta cai no tapete e eu pego-a. É uma lista de coisas que Callie e Seth têm que fazer antes de morrer.

Estou surpreso com quantos foram riscados, especialmente o número onze: fazer uma dança de roupa íntima. Um riso escapa pela minha boca, eu coloco a lousa de volta na porta e em seguida, vou para o lado da cama de Callie. Ela está deitada de costas, com o braço sobre seu estômago e sua camisa dobrada na bacia para que eu possa ver uma porção da sua pele pálida e macia.

Ela está usando o colar que dei a ela, ela sempre usa-o e isso me faz sorrir cada vez que vejo, porque me faz sentir como se ela fosse minha. Seu diário está aberto ao lado da sua cabeça, junto com uma caixa de chocolates. De alguma forma ela conseguiu adormecer com um chocolate em sua mão. Ela ganhou um pouco de peso desde o Natal e parece-me estar melhor. Eu acho que pode ser sua terapeuta. Ela sempre parece um pouco mais feliz quando volta das suas sessões.

Dói, embora, as vezes, pensar sobre o que foi feito a ela e todos esses anos que passou na solidão. É provavelmente o maior arrependimento da minha vida. Que eu não vi quem ela realmente era quando éramos crianças. Talvez se eu tivesse, então sua vida não teria sido tão difícil.

Eu batuco meus dedos no lado da minha perna, decidindo a melhor maneira de acordá-la. Existem toneladas de maneiras, usando meus dedos e a minha língua, mas sei que tenho que ter cuidado. Ela às vezes ainda tem pesadelos e se eu surpreendê-la em seu sono, isso poderia perturbá-la.

Ajoelhando-me na cama, fazendo o colchão abaixar com meu peso. Eu defino o papel na mesa de cabeceira ao lado da cama e me inclino sobre ela, descansando um dos meus braços ao lado da sua cabeça. Com a outra mão, eu traço sua têmpora, aquela com sua marca de nascença, uma pequena marca marrom no local ao lado do seu olho, que a deixa ainda mais perfeita.

Suas pálpebras vibram e ela solta um pequeno gemido bonito que me deixa um pouco animado. Sorrindo, eu me inclino para mais perto e escovo meus lábios em sua testa.

— Kayden, — ela murmura, sem estar completamente acordada, e ainda de alguma forma ela sabe que sou eu.

Estou gostando dessa forma, fodidamente muito, meu pau fica instantaneamente duro. Movendo os lábios para seu templo, eu levemente beijo a marca de nascença que eu tinha acabado traçar com meu dedo, e então passo para o lado e coloco um beijo suave em suas pálpebras. Seu corpo treme debaixo de mim e ela levanta o peito e pressiona-o contra o meu.

Minha boca viaja do seu nariz à sua boca, onde separo seus lábios com a minha língua, abrindo sua boca e lambendo um caminho para o interior. Suas pálpebras se abrem e seus enormes olhos azuis capturam à luz que flui no quarto e eles brilham. Ela suga uma respiração afiada pelo nariz e eu ajusto meu braço, colocando um pouco de distância entre os nossos corpos para que ela possa recuperar o fôlego.

Ela olha ao redor do quarto e, em seguida, dirige a sua atenção de volta para mim e a sonolência em seus olhos começam a se dissipar enquanto pisca para mim. — Como você entrou aqui?

— Violet me deixou entrar, — eu digo e inclino-me para beijá-la. Ela responde instantaneamente, abrindo sua boca e deixando minha língua entrar.

Ela tem gosto de chocolate e cheira a morangos, minha língua explora cada polegada da sua boca. No momento em que me afasto, nós dois estamos ofegantes, com o fogo escaldante em nossos olhos, e eu tenho a minha mão em sua blusa. Manuseando meus dedos perto da parte inferior do sutiã, eu rolo de cima dela e me inclino ao seu lado. Ela olha para o pedaço derretido de chocolate na palma da sua mão e, em seguida, seu rosto se contorce com desgosto. Ela coloca-o na mesa de cabeceira e, em seguida, limpa a palma da mão sobre o lado da sua calça jeans.

— Ok, isso é embaraçoso, — ela diz com um sorriso tímido. Ela pega a caixa de chocolates meia vazia e começa a afastá-la.

Eu agarro seu braço e impeço-a, vendo que cada bombom tem uma mordida. — Ok, eu tenho que perguntar. Você comeu quis comer todos de uma vez ou apenas quis provar o sabor de cada um?

Ela suspira e joga a caixa ao lado da sua lâmpada e, em seguida, pressiona seu corpo no meu peito, com o queixo acima do meu coração.

— Eu não gosto de qualquer um dos sabores, exceto o de morango.

— Eu acho que isso funciona, então. — Eu sorrio para ela. — Quem lhe deu, no entanto? Isso está me deixando mal na fita.

Seus olhos cintilam com uma ligeira arrogância que aparecem em ocasiões extremamente raras. — E se eu disser que foi algum cara? Você ficaria com ciúmes?

— Sim, — eu digo com sinceridade. — Na verdade, acho que eu teria que chutar alguns traseiros.

— Sem chutes.

— Tudo bem, mas só porque você disse isso.

Ela sorri e, em seguida, sua língua desliza para fora da sua boca para molhar seus lábios. — Greyson me deu na noite passada.

Eu fico olhando para seus lábios carnudos, brilhantes da sua língua e então estão deixando meu corpo louco. — Greyson de Seth?

Ela balança a cabeça. — nós três saímos ontem à noite. Ele é realmente bom.

Eu franzo a testa, lembrando-me da razão que vim aqui, em primeiro lugar. — Eu na verdade, estava com Seth agora pouco.

— Onde? — Ela pergunta. — Eu pensei que ele tinha um encontro.

Suspirando, eu alcanço o papel na mesa de cabeceira. Desenrolo-o, entrego-o a ela. Deve haver uma semelhança muito próxima, porque ela sabe de imediato quem ele é.

— Onde você conseguiu isso? — Ela pergunta, se sentando e lendo o papel.

Eu empurro-me e me sento em sua frente, cruzando as pernas. — Seth veio correndo para a biblioteca hoje como um louco que ele é. Eu acho que foi muito fácil para ele encontrar, o que me faz pensar se minha mãe ou pai nunca realmente o procuraram.

Ela morde o lábio enquanto estuda cuidadosamente o papel. — Diz que ele vive na Virginia.

Eu aceno, traçando as cicatrizes esbranquiçadas no meu pulso. Elas estão desaparecendo rapidamente, mas ainda estão lá como pequenos lembretes de tudo o que aconteceu. — Eu sei.

— Isso é muito.

— Eu sei.

Ela abaixa o papel em seu colo e me estuda por um momento. — Você vai tentar entrar em contato com ele?

Eu balanço minha cabeça e encolho os ombros, pensando no passado. Eu nunca tinha tido um relacionamento íntimo com Dylan, e além disso, ele fugiu e nunca tentou vim atrás de mim. — E se ele não quer que eu vá atrás dele? Quero dizer, há uma razão pela qual eu não tenho ouvido falar ou ter o visto em anos. E parece que ele tem uma família e tudo. Pelo menos é o que diz no artigo.

Callie fica em silêncio por um tempo e, em seguida, estende a mão e fixa o dedo embaixo do meu queixo, inclinándolo para cima, assim eu estou olhando para ela. — Mas e se... E se ele quiser te ver? E se ele queria apenas ficar longe dos seus pais e da casa de vocês? Ou se tentou entrar em contato com você e seus pais não o deixaram?

Eu me lembro quando Dylan saiu de casa. Ele tinha acabado de se formar e tinha recusado uma bolsa de futebol, parcialmente para aborrecer meu pai e em parte porque ele não queria jogar futebol. Meu pai ficou fofidamente chateado e lhe disse para nunca mais voltar. Nunca.

— Sim, talvez. — Eu ainda não estou totalmente convencido, mas se eu fosse falar com meu terapeuta agora, ele diria que eu estou duvidando mais de mim do que de Dylan. Ele diz bastante isso. Ele diz que eu tenho baixa estima. Faz-me sentir fraco e como um maldito maricas e meio que prova seu ponto.

— Vou ligar para ele por você, — diz Callie, se inclinando de joelhos em minha direção. — Se você quiser que eu faça.

Eu abro meus dedos em cima das suas pernas e franzo a testa para ela.

— Você faria isso por mim? Ligaria para um completo estranho?

— Eu faria qualquer coisa por você. — Ela posiciona as mãos em cima da minha. — Porque eu te amo.

— Eu sei que você faria, — eu respondo, odiando e amando que ela disse que me ama. Eu ainda não disse a ela. Não sei por quê.

Eu tentei mil fodidas vezes, mas não consigo fazer as palavras saírem da minha boca. Ela nunca diz nada sobre isso, o que me faz sentir ainda mais como um idiota.

— Eu deveria ser o único a ligar para ele.

Seus ombros se elevam em ansiedade. — Então você vai ligar?

Eu aceno, tomando a decisão de dar um salto de fé e ver o que acontece.

— Sim, eu vou ligar para ele hoje à noite depois que eu terminar o que quero fazer com você.

Ela leva o lábio inferior entre os dentes, mordendo-o nervosamente. — Quando você terminar o que quer fazer comigo?

Balançando a cabeça, eu me inclino para sua boca, mas, em seguida, viro à esquerda e respiro seu pescoço. — Sim, eu realmente quero trabalhar o número quarenta e seis da sua lista.

— Quarenta... E seis... — Sua respiração fica ofegante quando minha boca faz uma trilha molhada para o lado do seu pescoço. Com cada varredura da minha língua, eu mordo suavemente sobre sua pele, puxando-a em meus dentes e em seguida, lambendo o local.

— Comer chocolates... Ter um monte de sexo, — eu digo, lembrando o que estava escrito enquanto chego em sua clavícula e deslizo minha mão por baixo do seu sutiã.

Ela solta um gemido ofegante. — Esse é para o dia dos namorados...

Eu executo meu polegar sobre seu mamilo e endurece instantaneamente. Dando um aperto suave, eu começo a massagear seu seio. — E daí? Nós vamos celebrar mais cedo...

Eu paro quando sua cabeça se inclina para trás e ela torna-se consumida por meu toque. Eu deslizo meu braço em volta da sua cintura e guio-nos contra a cama, deitando-a debaixo de mim.

— E depois vamos celebrá-lo de novo no Dia dos Namorados.

— Tudo bem, — ela diz com um olhar de êxtase em seu rosto e, em seguida seus olhos se fecham. — O que você quiser.

E ela quer dizer isso. Ela faria qualquer coisa por mim, já tem feito. Ela desistiu do seu segredo, me deu a si mesma, me deu seu amor. E mesmo que

eu não possa dizer, no entanto, eu me sinto da mesma forma. Ela me tem completamente, incontrolavelmente, irreversivelmente.

Callie

Estou tão feliz por ele, e ainda com medo, ao mesmo tempo. Ele encontrou seu irmão e eu só peço a Deus que dê tudo certo, que seu irmão seja uma pessoa melhor do que o resto da sua família.

As coisas estão indo muito bem entre nós. Ambos temos visto um terapeuta e eu não me fiz vomitar desde o incidente no hospital há mais de três meses atrás. Estou feliz. E o sentimento é maravilhoso, surpreendente e assustador.

Nem sempre é fácil. Às vezes tenho pesadelos, especialmente quando minha terapeuta faz-me realmente cavar fundo nos meus pensamentos escondidos.

Há também um momento que surtei quando Kayden decidiu tentar algo novo em mim enquanto estávamos fazendo sexo e momentaneamente meus pensamentos voltaram para aquele dia horrível. E eu surtei, mas ele me segurou enquanto eu chorava.

Eu também estive conversando com minha mãe mais, o que não foi muito ruim. Meu pai e Jackson até me ligam. Caleb ainda está sumido e eu tenho uma sensação de que ele pode estar para sempre. Eu ainda não tenho certeza de como me sinto sobre isso. Há um monte de incompatibilidade. Parte de mim quer que ele sofra na prisão, mas uma parte de mim está feliz que ele não está na minha vida mais.

Depois de Kayden me disse sobre seu irmão, falamos um pouco sobre o que ele vai fazer, e então ele começou a me despir.

Depois de dirigir sua língua sobre quase todos os pontos do meu corpo enquanto eu agarro-me a ele, ele entra em mim e balança seus quadris contra o meu.

— Eu te amo, — eu continuo sussurrando através dos meus gemidos enquanto meus dedos puxam seu cabelo macio.

Ele morde meu pescoço e massageia meu seio com a mão, se movendo dentro de mim. — Eu sei.

É tudo o que ele diz. Ou, às vezes não diz nada.

É uma conversa unilateral por agora, mas continuo dizendo isso porque ele precisa ouvir - precisa saber que é amado. Eu ouço isso a partir dos meus pais, meus avós, Seth, e às vezes até mesmo de Jackson.

Tenho sorte e quero que ele se sinta com essa sorte também.

Os nossos quadris se contorcem harmoniosamente juntos até que estamos caindo sobre a borda. Nós dois gememos e eu deixo escapar um gemido, que sempre deixa-o animado. Depois de nos acalmarmos, ele cai em cima de mim, com os braços descansando ao lado da minha cabeça. Nossos corpos suados estão pressionados juntos e nossos corações acelerados com a adrenalina.

Eventualmente, ele abaixa a cabeça no meu peito e descansa a bochecha contra meu seio enquanto eu traço seu pescoço com meu dedo.

— O que você estava escrevendo? — Ele pergunta, olhando para o meu diário empurrado para o lado da cama.

— Nada, — eu digo. — Bem, nada fantástico. Eu estava realmente escrevendo um papel para o clube de escrita criativa. É suposto para ser uma não-ficção e eu não sou muito boa nisso.

Ele se empurra para cima e sai de dentro de mim. Ficando de lado, ele estende os dedos para pegar o diário. Sento-me rapidamente e puxo-o da sua mão, abraçando-o contra meu peito nu. — Nem pensar. É privado.

Ele senta-se, sua pele brilhando de suor. Seu peito nu coberto de cicatrizes irregulares, pequenas e grandes, claras e escuras.

Às vezes eu olho para elas, enquanto ele está dormindo, querendo saber de onde cada uma veio. É como uma espécie de pintura horrível das suas memórias que sempre existirão, não importa o que aconteça.

Ele cruza os braços sobre o peito, flexionando seus músculos, e franze a testa. — Oh, vamos lá, Callie. Apenas deixe-me ler uma página. Eu estou curioso para ver o que você escreve o tempo todo.

— É privado. Algumas das coisas... Você poderia pensar que eu sou louca.

— Eu já acho que você é louca, — ele brinca, abaixando os braços para o seu colo. Ele desliza sobre a cama até que esteja na minha frente, e seu rosto amolece. — Por favor, apenas uma página.

Ele está usando a sua voz sexy em mim, a que eu tenho dificuldade em dizer não.

Suspirando, folheio as páginas até me deparar com a história não-ficção. Venho lutando para tirar da minha cabeça e em frases coerentes. — Esta é a história que eu venho trabalhando. Eu não fui muito longe e nem tenho certeza se faz sentido ainda.

Ele pega o diário das minhas mãos trêmulas. É a primeira vez que eu deixo alguém ler qualquer coisa que eu tenha escrito e parece que vou deixá-lo ter uma visão completa da minha cabeça. Segurando-o em suas mãos, ele limpa a garganta e começa a ler em voz alta.

— Aonde as folhas vão. — Ele olha para mim e sorri. — Bom título.

Eu balanço minha cabeça e deito-me de costas, olhando para as rachaduras no teto e tentando acalmar as batidas aceleradas do meu coração.

— Por favor, apenas se apresse. Você está me deixando nervosa.

Ele ri debaixo da sua respiração e, em seguida, começa a ler.

— Me lembro que quando eu era uma criança tinha uma fascinação pelas folhas. Elas estavam sempre mudando: rosa, verde, laranja, amarelo, marrom. E em seguida, eventualmente, quando o ar mudava e ficava frio, elas se transformavam em nada. Elas caíam dos galhos das árvores ou se desintegravam e tornavam-se uma parte do solo ou sopravam ao vento. Elas nunca realmente tinham qualquer poder sobre seus movimentos. Elas acabavam indo com o tempo e onde o vento as levava, impotentes, fracas, incapazes de controle.

— Eu me lembro que quando era jovem, cerca de treze anos. Foi em um dia chuvoso e as gotas de chuva espirravam ferozmente contra a terra e o vento estava uivando. Eu estava sentada na minha janela, observando o dilúvio na rua e as folhas flutuando com a fúria da chuva. Elas estavam todas em um verde fluorescente, no auge da vida, apenas florescendo, mas a chuva e o vento estavam as destruindo.

— Mas havia duas folhas coladas na janela do meu quarto que não se mexiam. Elas permaneceram no mesmo local no meio do vendaval e a chuva furiosa, mesmo quando a água caía tão fortemente que eu não conseguia ver através do vidro. Eu fiquei olhando para as folhas, incapaz de tirar os olhos delas, fascinada por sua determinação, mesmo quando o céu escureceu e a chuva caía com tanta violência que sacudia o vidro da janela. Eu fiquei pensando sobre o quão forte elas eram e ao mesmo tempo tão frágeis. Pedacos de árvore, uma planta, essas pequenas coisas que não podiam pensar, fazer escolhas, fazer qualquer coisa de livre-arbítrio, mas não quiseram ceder ao vento e a chuva e deixar a maldita janela. De uma forma estranha, eu as invejava, a determinação, a paixão, a pura garra de não ceder e deixar que outra coisa levassem-as até o fim das sua vida.

— No fim da tempestade, eu adormeci na minha cama.

Quando acordei, o sol tinha voltado e a terra estava secando. As folhas que estavam ligadas aos galhos de árvores estavam verdes e úmidas. Para a minha surpresa as folhas tinham desaparecido da janela e isso me deixou meio triste e comecei a me sentir sem esperança. A ideia de que elas poderiam sobreviver contra a tempestade estava trazendo-me uma sensação de conforto. No entanto, enquanto procuro ao redor, me pergunto onde elas foram. Talvez elas desistiram e se deixaram levar pelo vento e a chuva. Talvez elas de alguma forma encontraram seu caminho de volta para as árvores. Talvez elas se reconectaram aos ramos e continuaram a crescer e florescer, mesmo após a sua interrupção temporária. Talvez elas fossem fortes o suficiente para assumir o controle das suas vidas novamente, reviverem da morte, forçando-se a respirar de novo...

Kayden termina de ler e olha para mim com um olhar indecifrável. Eu pego meu diário das suas mãos e abraço-o contra meu peito.

— Eu sei que não é realmente uma história, apenas os meus pensamentos. Mas é tudo o que eu consegui fazer no momento.

Ele balança a cabeça e não diz uma palavra. Ele enrola um braço ao redor do meu ombro e me orienta para ele, se deitando na minha cama e repousando a cabeça no meu travesseiro. Eu acaricio meu rosto contra seu peitoral, respirando o seu cheiro, abraçando meu diário. Eu ouço o seu coração em seu peito e fecho os olhos e inspiro e expiro com o seu som.

— Callie, — ele diz depois de um longo trecho de silêncio se passou.

Eu inclino meu rosto para mais perto dele e coloco um beijo em seu peitoral.

— Sim?

— Eu acho que as folhas conseguiram voltar para as árvores.

EPÍLOGO

Três semanas mais tarde...

Kayden

Virginia é um lugar muito agradável, verde, com muitas árvores e animais selvagens. É um pouco mais quente do que em Wyoming. Ao menos é isso o que posso dizer. Eu só estive aqui por cerca de uma hora e na maioria do tempo estive preso no aeroporto.

Eu viajei sozinho, mesmo que Callie quisesse vir comigo. Por mais que eu quisesse que ela viesse, eu não tinha necessidade de interromper sua vida e seu progresso.

— Eu só vou ficar fora por uma semana, — eu disse a ela. — E acho que pode ser algo que eu preciso fazer sozinho. — Ela parecia um pouco magoada, mas entendeu e me deixou ir sem mais discussão sobre o assunto.

Após um encontro muito estranho com meu irmão no setor de bagagens, entramos em seu SUV de tamanho médio e dirigimos para fora da rodovia. Ele parece muito comigo, só que com cabelos mais curtos e menos cicatrizes em seu rosto. Ele está usando uma calça jeans e uma camisa polo e o interior do seu carro cheira a fast-food.

Nós mantemos a conversa leve por cerca dos primeiros minutos, falando sobre a escola e sua família, e então de repente eu tenho que saber.

— Por que você nunca ligou? — Eu pergunto, segurando a alça da porta por apoio.

Ele me olha com os mesmos olhos verdes que os meus. — Eu tentei, mas a mãe e o pai mudaram o número quando eu saí. E então, quando eu consegui entrar em contato, eles nunca responderam e se faziam desligavam. Eu queria entrar em contato depois que você foi para faculdade... Mas eu não sei... A vida meio que ficou no caminho.

Ele faz uma pausa e suas mãos agarram o volante e engole em seco. — Foi muito ruim?

Eu dou de ombros, olhando para o armazém no lado da autoestrada. — Eu não sei.

Ele não me pressiona pelos detalhes, mas pode dizer que pelo meu tom que foi ruim. E ele sabe sobre o que aconteceu na cozinha, quando meu pai me apunhalou, e essa história já diz muito.

— Você já ouviu falar deles em tudo desde que eles se foram?

Eu balanço minha cabeça e coloco minha mão sobre minha lateral, sobre a última cicatriz que meu pai me deu. — Não, mas me pergunto por que... E onde eles foram. É como se eles estivessem fugindo de alguma coisa.

Ele balança a cabeça, com um olhar pensativo no rosto. — Sim, eu sei... Acho que podem ter ficado preocupados se você contasse.

— Qual a importância se eu contasse? — Eu questiono. — Mesmo que eu contasse, não há muito que eu pudesse fazer. Mesmo se a polícia acreditasse em mim, e eu pudesse prestar a queixa de agressão, ele poderia sair pagando a fiança. E provavelmente ele iria, conhecendo-o como conheço.

Dylan balança a cabeça enquanto vira o carro para uma rampa de saída.

— Tente tentativa de homicídio ou mesmo homicídio. Ele esfaqueou você, Kayden - bateu a merda fora de você. Ele bateu a merda fora de todos nós.

Ele toca a maçã do rosto e passa o dedo sobre uma pequena cicatriz em sua bochecha.

— Alguém deveria ter dito há muito tempo atrás e não deixá-lo fugir com isso.

O silêncio toma posse enquanto nós voltamos para nossa infância. É estranho estar em torno de alguém que entende como é.

— Estávamos todos com medo, — eu digo em voz baixa e ele acena com a cabeça em concordância, seus olhos focados na estrada. — Como você superou isso? Como fez para seguir em frente com sua vida?

Ele balança a cabeça e para em um semáforo. — Eu não tinha, mas ficou mais fácil quanto mais tempo fiquei longe dele. O fodido poder estúpido que ele tem sobre você vai embora.

Eu chupo uma respiração profunda e, em seguida, deixo-a sair. Eu batuco meus dedos na porta, observando as casas se moverem em um borrão e sei que a sua casa será semelhante. Sei que ele é casado e não tem filhos. Sua esposa é uma professora também. Parece tão normal e estranho para mim, considerando como Tyler acabou. Mas acho que essa é a vida. Nem todo mundo acaba da mesma forma, mesmo que as circunstâncias sejam as mesmas, porque nem todo mundo pensa e reage da mesma forma.

Finalmente, ele vira o veículo para o lado da estrada para frente de um campo e empurra marcha. Estou surpreso embora por onde estamos, não pelas casas, mas por ser uma prisão escondida atrás de uma cerca de arame alta com rolos de arame farpado.

— Ummm... — Eu olho para Dylan, perplexo. — O que estamos fazendo aqui?

Ele se vira desliga o aparelho de som e tira o cinto de segurança. Ele olha para o edifício por um longo tempo antes de falar. — Você se lembra do papai falando sobre seu pai às vezes e soava como se seu pai praticamente o tratava da mesma forma que ele fazia com nós?

Concordo com a cabeça, olhando para os guardas do lado de fora. — Sim, eu acho.

— Bem, você quer saber a verdade? — Ele pergunta e olha para mim.

Seus olhos estão um pouco brilhantes e eu me pergunto se ele está prestes a chorar ou algo assim.

— Eu acho.

— Ele era, na verdade, pior, se você pode acreditar. Papai tinha um irmão e seu pai - nosso avô - o espancou até a morte.

Meu coração para de bater dentro do meu peito e por um momento estou sendo jogado de volta na noite na cozinha de casa. A faca entrando na minha lateral. Isso dói. Não apenas a dor. Dói porque ele é meu pai. Ele não deveria fazer isso comigo. Ele deveria me proteger, não me destruir.

— E agora ele está aqui, — meu irmão diz, acenando com a cabeça para a cadeia.

Faço uma pausa enquanto olho para o edifício e a cerca em torno dele.

— Como você descobrir isso?

— Eu queria saber... de onde viemos. Por que nós tivemos uma vida de merda. Foi apenas uma coincidência bizarra fodida que nascemos em uma casa de alta qualidade com pais de baixa qualidade? Ou era inevitável? — Ele faz uma pausa, olhando para a cerca e o arame farpado afiado. Então, finalmente, gira a roda para o lado e faz uma meia-volta, os pneus girando enquanto ele pressiona o pedal e conduz para baixo da estrada.

Eu não tenho certeza do que fazer com o que ele disse ou se há algo para fazer, mas eu tenho que saber se vou acabar como o meu pai, como ele acabou como o dele. Eu me pergunto se Dylan pensa a mesma coisa. Eu me pergunto se ele prefere a dor física ao sentir emoções. Eu pergunto-me se o meu pai prefere. Gostaria de saber um monte de coisas no momento e tudo começa a se acumular no meu peito. Tudo o que eu trabalhei tão duro para me livrar ao longo dos últimos meses está retornando, a agitação da tempestade silenciosa.

Mas então eu me pergunto se o meu pai poderia ter mudado sua vida, sabendo o resultado. Ele poderia ter se deixado sentir as coisas e ser uma pessoa melhor, assim como eu posso. Eu não sei por que escolhi esse momento para fazer isso. É provavelmente um pouco fodido e torcido, mas a necessidade de tirá-lo de mim é mais avassalador do que qualquer outra coisa. Em vez de pegar um objeto afiado, eu alcanço meu celular. Disco o número de Callie e quando ouço a sua voz a tempestade no meu peito se acalma.

— Vocês estão se divertindo? — Ela pergunta com esperança em seu tom de voz, querendo que eu estivesse feliz.

Eu respiro fundo e digo com toda a emoção que tenho em mim. — Eu te amo.

Ela fica quieta por um momento e eu posso ouvir sua respiração, dentro e fora. — Eu também te amo.

Por um momento, tudo faz sentido no mundo. No momento, a escuridão na minha vida se ilumina. No momento, tudo é perfeito.

Callie

Eu tenho um sorriso bobo no meu rosto quando volto para os assentos. Acabei de desligar a ligação com Kayden e ele disse que me ama.

Eu não estava muito feliz sobre ele ir sozinho para Virginia. Eu estava preocupada que um encontro com outro membro da sua família fosse deixá-lo para baixo e machucado. Mas tem que estar indo bem. Porque ele disse que me ama.

Me ama.

Estou praticamente saltitando.

Greyson, Seth, Luke e eu estamos em um jogo de basquete. A multidão é muito barulhenta, assobios e gritos enchem o estádio, juntamente com os sons do tênis no solo. O ar cheira a amendoim, pipoca e suor.

— Onde estão Greyson e Luke? — Eu pergunto, quando me sento no meu assento ao lado de Seth.

Seth aponta para baixo na parte inferior onde Luke e Greyson estão em pé perto da grade, conversando sobre alguma coisa. Greyson mantém agitando os braços animadamente e Luke se mantém balançando a cabeça em desacordo.

Os olhos castanhos de Seth examinam meu rosto enquanto enfia a mão no balde de pipoca. — O que há com esse sorriso bobo, minha querida Callie?

Meu sorriso cresce à medida que eu pego um punhado de pipoca. — Kayden acabou de dizer que me ama.

Ele quase joga o balde de pipoca no chão quando envolve seus braços em volta de mim. — Estou tão feliz por você, — ele diz, me abraçando.

Eu abraço-o de volta, rindo enquanto esmagamos o balde de pipoca entre nossos corpos. — Estou muito feliz por mim também.

Ele se afasta com um sorriso no seu rosto enquanto varre a pipoca derramada do seu colo. — Eu sei que você está, o que é bom. Eu realmente não preciso chutar o traseiro de Kayden.

Eu rio baixinho com a ideia. — Tenho certeza que Kayden está grato também.

Um grande homem atrás de nós começa a gritar com Luke e Greyson que estão na sua frente. — Sentem-se, porra!

— Cala a boca, — Seth entra na conversa, dando um olhar sujo sobre seu ombro enquanto Luke mostra o dedo médio.

Eu prendo a respiração até a tensão diminuir e, em seguida, Luke e Greyson começam a falar novamente. Luke tem saído bastante com a gente nos últimos dias e sempre parece confortável, nunca fora do lugar.

— Às vezes... Eu me pergunto se Luke... — Eu me inclino para Seth e abaixo minha voz. — Se Luke... Gosta... De caras.

Seth fica lá por um momento, esmagando a pipoca enquanto mastiga ruidosamente. Então ele começa a rir tão alto que quase se afoga. Em seguida, ele para e diz em voz baixa, — Luke não é gay, Callie.

— Você tem certeza? Talvez ele tenha apenas medo de sair do armário, como Braiden tinha.

— Sim, eu tenho certeza. — Os ombros de Seth caem com seu suspiro e ele sacode a cabeça. — Você quer saber o que eu acho?

Concordo com a cabeça e pego um punhado de pipoca. — Sim, por favor, partilhe seus pensamentos de sabedoria.

Ele me oferece um sorriso enquanto se inclina para mim e sussurra: — Eu acho que Luke já passou por algo que o fez ser mais compreensivo e aceitar as pessoas como elas são. E acho que às vezes as pessoas interpretam mal a sua aceitação e compreensão, tornando-o algo que ele não é.

Ele está completamente certo e eu me sinto terrível. — Você está certo e eu sinto muito. Eu nunca deveria tentar adivinhar coisas sobre as pessoas.

— Você não precisa pedir desculpas, — ele diz, me cutucando de brincadeira com o cotovelo. — Além disso, você é uma dessas pessoas.

— O quê? Compreensiva? — Eu enfio um punhado de pipoca em minha boca.

Seu sorriso se ilumina em todo o seu rosto. — O tipo de pessoa que pode ver as coisas sob uma forma diferente, que foi ao inferno e voltou. O tipo que teve e deu redenção.

Devolvo seu sorriso com igual felicidade, enquanto a multidão fica selvagem ao nosso redor, gritando, batendo palmas e pulando para cima a partir dos seus assentos quando o time marca mais de uma cesta de três pontos. Seth começa a bater palmas e eu movo minha mãos, mas, em seguida, meu celular toca dentro do meu bolso. “*Cumbersome,*” do Seven Mary Three.

— É meu irmão! — Grito sobre o ruído da multidão enquanto me levanto.
— Eu já volto. Ele me ligou a noite toda.

Corro para baixo das escadas, certificando-me de passar para o outro lado, quando um grupo de rapazes sobem. Mesmo através de toda a recuperação, multidões e caras desconhecidos ainda me deixam nervosa. Mas a parte importante é que estou aqui e não me escondendo.

Eu atendo rapidamente quando entro na área de alimentação e os gritos da multidão desaparecem.

— Ei, — eu digo.

— Ei. — Ele não parece feliz, mas normalmente não está.

Eu tenho notado que meu irmão tem um tom muito mal-humorado, mas que é algo dele e não deve ser tomado como algo pessoal.

— Desculpe por não ter atendido mais cedo. — Eu caminho até uma das mesas de metal vazia no meio do parque, sento-me em um banco, e descanso o braço em cima da mesa. — Estou em um jogo e é muito barulhento.

— Está tudo bem. — Ele fica quieto e, em seguida, suspira. — Callie, eu não sei como te dizer isso, e a mamãe acha que eu não deveria, mas você é amiga de Luke e vai acabar descobrindo.

Um nó começa a se formar na minha garganta e eu engulo em seco. — O que há de errado?

Ele respira alto e depois suspira. — Bem, depois que polícia revistou a casa de Caleb, eles encontraram algumas coisas... Notas, um diário e outras coisas... E, bem... Você se lembra de Amy Price? A irmã de Luke? Ela era apenas um par de anos mais velha que você e cometeu suicídio quando tinha dezesseis anos.

— Eu não conhecia ela... Eu não sabia disso. — Meu peito começa a apertar quando me lembro de um tempo atrás quando Luke mencionou sobre sua irmã.

— Bem, ela fez e ninguém sabia realmente o porquê, — ele diz. — Eu lembro-me de algumas crianças da minha classe dizendo que ela era uma vagabunda, super-estranha e drogada, mas ninguém realmente sabia o motivo.

Alterando algumas palavras e a história de Amy se corresponde com a minha. — Jackson, o que encontraram nessa revista?

Ele continua respirando alto e me pergunto se ele está fumando ou alguma coisa assim. — Notas sobre pessoas, você, ela... e as coisas que ele fez com você... Ela... Outras meninas.

Sento-me lá, congelada no tempo, como uma estátua feita de rocha e pedra lascada. — Como você sabe disso?

— O amigo do meu pai, Denny, o policial, veio jantar aqui em casa na outra noite, disse ao papai, mesmo que não devesse falar sobre isso até a investigação ser mais aprofundada. Ele pensou que o papai deveria saber desde que havia coisas sobre... Você em um diário.

Ele continua falando, mas eu mal posso ouvi-lo. Eu mal consigo ouvir qualquer coisa sobre o som do meu coração. Eu nem tenho certeza do que está golpeando o nervo. Se é os sentimentos que se manifestam dentro de mim, porque Caleb realmente escreveu sobre mim, que ele fez coisas com outras garotas, ou que a irmã de Luke se matou... E que talvez... E que talvez ela fez isso por causa do seu sofrimento interno. Talvez ela simplesmente não conseguia mais aguentar.

Eu desligo a ligação e volto para o estádio. Eu caminho de volta para o banco e meus olhos vão instantaneamente para Luke. Ele olha para mim e sua sobrancelha se arqueia em interesse e eu sinto meu coração doer por ele. Eu não sei o que pensar ou como me sinto. Porque mesmo que eu tenha a minha redenção, a irmã de Luke não teve tanta sorte.

Agarro o trevo pendurado no meu pescoço e me apego a ele com cada partícula de esperança que tenho em mim e digo a mim mesma o quão sortuda eu sou. Sim, eu passei por um monte de dor, mágoa, solidão. Mas estou aqui, respirando e meu coração está batendo. Eu estou progredindo. Eu não estou sozinha. E eu sou amada.

^{1} Stereo 8: Cartucho ou Stereo 8 é uma tecnologia de armazenamento de áudio baseada em fita magnética. Um cartucho é semelhante a uma cassete, mas apresenta um tamanho ligeiramente superior. Possui 4 programas estereofônicos, cada um com duas pistas de áudio, daí o nome Stereo 8, aludindo ao fator de existirem 8 pistas de áudio na fita magnética. Foi popular nos Estados Unidos entre a segunda metade da década de 1960 e início da década de 1980.

^{2} Pop-Tarts é um biscoito pré-cozido recheado, produzido pela Kellogg. Criado em 1964, a Pop-Tarts é a marca mais popular da Kellogg nos Estados Unidos.

^{3} Tie-dye ou tie and dye (em inglês, 'amarrar e tingir') é uma técnica de tingimento artístico de tecidos.

^{4} Altoids é uma marca de balas que existe desde o século XIX.